

CÁTIA ALMEIDA CARO

MEMÓRIAS MUSICAIS EM PESSOAS IDOSAS



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

2019

CÁTIA ALMEIDA CARO

MEMÓRIAS MUSICAIS EM PESSOAS IDOSAS

Mestrado em Gerontologia Social

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof.^a Doutora Aurízia Anica



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

2019

MEMÓRIAS MUSICAIS EM PESSOAS IDOSAS

Mestrado em Gerontologia Social

Declaração de autoria do Trabalho de Investigação

Eu, Cátia Almeida Caro, declaro ser a autora deste trabalho de investigação, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências bibliográficas incluída.



(Cátia Almeida Caro)

Direito de cópia ou *Copyright*®

Copyright®: (Cátia Almeida Caro)

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho apenas foi possível graças ao apoio incondicional de algumas pessoas ao longo deste percurso, às quais gostaria de agradecer:

- À Professora Doutora Aurízia Anica, pela sua disponibilidade e colaboração ao longo do desenvolvimento deste trabalho;
- À Universidade do Algarve para a Terceira Idade, sua Direção técnica e alunos, que prontamente abriram as portas da instituição e colaboraram neste estudo;
- Ao meu marido, Igor Glória, por acreditar nas minhas capacidades, motivando-me a nunca desistir;
- À minha mãe, Caetana Almeida Caro, por todo o carinho e apoio prestado.

RESUMO

O envelhecimento é um processo que implica mudanças bio-psico-sociais. Atuar na prevenção da doença e promoção da saúde é fundamental, sendo que a idade não é o único determinante do envelhecimento. A música está fortemente interligada com a memória e relaciona-se com as operações cognitivas e perceptivas dos mecanismos cerebrais. Estas memórias musicais, repletas de aspetos emocionais e afetivos, influenciam o percurso de vida das pessoas idosas.

O desafio de investigação é estudar a problemática em torno da seguinte questão de partida: “Quais as memórias musicais do percurso de vida das pessoas idosas e que significados assumem?”. Este estudo incide nas memórias musicais de pessoas com mais de 64 anos de idade, que frequentam a Universidade do Algarve para a Terceira Idade (UATI).

O paradigma de investigação em que se insere este estudo é de carácter predominantemente qualitativo. Aplicou-se o método etnográfico e desenvolveu-se uma estratégia metodológica que assumiram um carácter exploratório, descritivo e interpretativo. As técnicas e instrumentos utilizados para a recolha de dados foram: questionários, entrevista semiestruturada em vídeo-gravação e análise documental. Na análise estatística recorreu-se ao programa *Excel*[®] e o método fenomenológico de *Max Van Manen* foi utilizado na interpretação das entrevistas. O estudo contemplou vinte seis participantes, dos quais vinte participaram nos questionários e seis nas entrevistas. A recolha de dados decorreu durante seis meses, no espaço físico da UATI.

Resultados: As memórias musicais apresentam significados diferentes de acordo com o percurso de vida dos participantes. Fatores como a educação, a cultura, as tradições e as vivências pessoais são determinantes nesta questão. As recordações são marcadas positiva ou negativamente, de acordo com os acontecimentos de vida às quais as memórias musicais estão associadas. O processo de recolha de dados funcionou como um estímulo cognitivo para os participantes, ao permitir resgatar memórias e reviver o passado.

Palavras-chave: Idosos, Memórias, Música, Memórias Musicais.

ABSTRACT

Aging is a process that involves bio-psycho-social changes. Acting in disease prevention and health promotion is essential, because age is not the only determinant of aging. Music is strongly intertwined with memory and its related to the cognitive and perceptual operations of brain mechanisms. These musical memories, filled with emotional and affective aspects, influence the way of life of the elderly.

The research challenge is to study the problem around the following question: "Which are the musical memoirs in the life course of the elderly and what meanings do they assume?" This study focuses on the musical memories of people over 64 years old who attend the University of Algarve for the Elderly (UATI).

The research paradigm of this study is predominantly qualitative. We applied the ethnographic method and a methodological strategy, that assumed an exploratory, descriptive and interpretative character. The techniques and instruments used for the data collection were: questionnaires, semi structured interview in video-recording and documentary analysis. For the statistical analysis we used the Excel® program, and the phenomenological method of Max Van Manen was used in the interpretation of the interviews. The study included twenty-six participants, of whom twenty participated in the questionnaires and six in the interviews. The data collection took place during six months in the physical space of the UATI.

Results: The musical memories present different meanings according to the life course of the participants. Factors such as education, culture, traditions and personal experiences are decisive in this matter. Memories are marked positively or negatively, according to the life events to which the musical memories are associated. The data collection process worked as a cognitive stimulus for the participants, allowing them to rescue memories and relive the past.

Keywords: Elderly, Memoirs, Music, Musical Memoirs.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL.....	5
1.1. ENVELHECIMENTO POPULACIONAL.....	5
1.2. CONCEITO DE IDOSO	5
1.3. PROCESSO DE ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL VS PATOLÓGICO.....	7
1.4. MEIO SOCIAL E O ENVELHECIMENTO	10
1.5. MEMÓRIA E O ENVELHECIMENTO.....	11
1.6. CULTURA MUSICAL E MUSICOTERAPIA	13
1.7. MEMÓRIA MUSICAL	14
1.8. MEMÓRIA, MÚSICA E EMOÇÃO	18
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
2.1. TEMA	19
2.2. QUESTÃO DE PARTIDA	19
2.3. OBJETIVOS	19
2.3.1. <i>Objetivo geral</i>	20
2.3.2. <i>Objetivos específicos</i>	20
2.4. DESENHO DE INVESTIGAÇÃO.....	20
2.5. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.....	21
2.5.1. <i>Pesquisa bibliográfica</i>	21
2.5.2. <i>Observação participante</i>	22
2.5.3. <i>Inquérito por questionário</i>	23
2.5.4. <i>Método fenomenológico</i>	23
2.6. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	25
2.6.1. <i>Notas de observação de campo</i>	26
2.6.2. <i>Aplicação de questionários</i>	26
2.6.3. <i>Entrevista fenomenológica</i>	26
2.6.3.1. <i>Realização e transcrição das entrevistas</i>	28
2.6.3.2. <i>Participantes nas entrevistas</i>	29
3. PROCEDIMENTOS ÉTICOS	31
4. SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES	33
4.1. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO.....	33
4.2. CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO.....	33
4.3. PARTICIPANTES NO ESTUDO	33
5. UNIVERSIDADE DO ALGARVE PARA A TERCEIRA IDADE	35
5.1. ÂMBITO, NATUREZA E FINALIDADES DA UATI.....	35

5.2. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA UATI.....	35
5.3. OBJETIVOS DA UATI	35
5.3.1. <i>Objetivos gerais</i>	35
5.3.2. <i>Objetivos específicos</i>	36
5.3.3. <i>Condições para ser sócio da UATI</i>	36
6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	37
6.1. CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS PARTICIPANTES.....	37
6.1.1. <i>Caracterização dos participantes quanto à idade</i>	37
6.1.2. <i>Caracterização dos participantes quanto ao gênero</i>	38
6.1.3. <i>Caracterização dos participantes quanto ao estado civil</i>	38
6.1.4. <i>Caracterização dos participantes quanto ao número de coabitantes e parentes</i>	39
6.1.5. <i>Caracterização dos participantes quanto à atividade profissional</i>	40
6.1.6. <i>Caracterização dos participantes quanto à escolaridade</i>	41
6.2. ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS OBTIDOS NOS QUESTIONÁRIOS	42
6.2.1. <i>Local de residência anterior</i>	42
6.2.2. <i>Relação com a família e os amigos</i>	43
6.2.3. <i>Papel da escola e da família</i>	44
6.2.4. <i>Percepção do trabalho infantil</i>	45
6.2.5. <i>Memórias musicais relacionadas com a escola e a família</i>	47
6.2.6. <i>Sentimentos relacionados com o local onde viveu a infância</i>	49
6.2.7. <i>Percepção sobre a família das décadas 30, 40 e 50</i>	50
6.2.8. <i>Memórias musicais relacionadas com as “famílias de antigamente”</i>	52
6.2.9. <i>Memórias musicais associadas às mudanças sociais</i>	53
6.2.10. <i>Memórias musicais associadas aos momentos de vida mais significativos</i>	55
6.2.11. <i>Ocupação dos tempos livres</i>	57
6.2.12. <i>Diferenças na ocupação dos tempos livres entre o passado e o presente</i>	58
6.2.13. <i>Memórias musicais relativas aos tempos livres do passado</i>	59
6.2.14. <i>Memórias musicais relativas aos tempos livres no presente</i>	61
6.3. RESUMO DAS ENTREVISTAS	63
6.3.1. <i>Resumo da entrevista 1</i>	63
6.3.2. <i>Resumo da entrevista 2</i>	64
6.3.3. <i>Resumo da entrevista 3</i>	66
6.3.4. <i>Resumo da entrevista 4</i>	67
6.3.5. <i>Resumo da entrevista 5</i>	68
6.3.6. <i>Resumo da entrevista 6</i>	70
6.4. INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DAS ENTREVISTAS	72
6.4.1. <i>Rede social dos idosos (Família/amigos)</i>	72
6.4.2. <i>Percurso educacional (educação escolar, educação familiar e trabalho infantil)</i>	74
6.4.3. <i>Memórias musicais sobre o percurso educacional</i>	77
6.4.4. <i>Percurso de vida (histórias, tradições e cultura)</i>	78
6.4.5. <i>Ligação afetiva</i>	82
6.4.6. <i>Suporte familiar como rede de apoio</i>	83
6.4.7. <i>Memórias musicais sobre a dinâmica familiar</i>	86
6.4.8. <i>Mudanças socioculturais</i>	88
6.4.9. <i>Memórias musicais sobre mudanças sociais</i>	89
6.4.10. <i>Momentos do percurso de vida</i>	90

6.4.10.1. Momentos de fracasso e superação	90
6.4.10.2. Memórias musicais do pior momento	91
6.4.10.3. Momentos de Vitórias	92
6.4.10.4. Memórias musicais do melhor momento	93
6.4.11. <i>Entretenimento e Lazer</i>	94
6.4.11.1. Memórias musicais associadas à ocupação dos tempos livres	97
CONCLUSÕES E SUGESTÕES	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
APÊNDICES	112
APÊNDICE I – CALENDARIZAÇÃO PREVISTA NO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO	113
APÊNDICE II – DECLARAÇÃO DA INVESTIGADORA	115
APÊNDICE III – CARTAS DE AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO NA UATI	117
APÊNDICE IV – CONSENTIMENTO INFORMADO PARA A REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS	119
APÊNDICE V – CONSENTIMENTO INFORMADO ASSINADO PELOS PARTICIPANTES	121
APÊNDICE VI – GUIÃO DA ENTREVISTA	129
APÊNDICE VII – QUESTIONÁRIO: MEMÓRIAS MUSICAIS NAS PESSOAS IDOSAS	133
APÊNDICE VIII – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	139
APÊNDICE IX – LISTAGEM DE MEMÓRIAS MUSICAIS DE TODOS OS PARTICIPANTES	215
ANEXOS	226
ANEXO I – GUIÃO DE ENTREVISTA APLICADO NO ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO EM ANDALUZIA	227
ANEXO II – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO DE JEFFERSON, TRADUZIDO E ADAPTADO POR SCHNACK, PISONI E OSTERMANN	231
ANEXO III – CERTIFICADOS DE FORMAÇÕES REALIZADAS	233

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 6.1.1. Idade dos Participantes	37
Gráfico 6.1.2. Género dos Participantes	38
Gráfico 6.1.3. Estado Civil dos Participantes	39
Gráfico 6.1.4. Número de Coabitantes e Relação de Parentesco por Participante	39
Gráfico 6.1.5. Atividade Profissional dos Participantes	40
Gráfico 6.1.6. Escolaridade dos Participantes	41

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 6.2.1. Localização de residência dos participantes	42
Tabela 6.2.2. Caracterização da relação familiar e de amizade dos participantes	43
Tabela 6.2.3. Papel da escola e da família, segundo os participantes	44
Tabela 6.2.4. Percepção dos participantes face ao tema ao trabalho infantil	46
Tabela 6.2.5. Memórias musicais e sentimentos relativos a escola/família	48
Tabela 6.2.6. Sentimentos relativos ao local onde cresceu	49
Tabela 6.2.7. Caracterização das famílias do antigamente.....	50
Tabela 6.2.8. Memórias musicais associadas às famílias do antigamente	53
Tabela 6.2.9. Memórias musicais associadas às mudanças sociais.....	54
Tabela 6.2.10. Memórias musicais associadas aos momentos de vida significativos	55
Tabela 6.2.11. Ocupação de tempos livre dos participantes.....	57
Tabela 6.2.12. Diferenças na ocupação dos tempos livres entre passado e presente	58
Tabela 6.2.13. Memórias musicais relativas aos tempos livres no passado	60
Tabela 6.2.14. Memórias musicais relativas aos tempos livres atuais	61

LISTA DE ABREVIATURAS

INE - Instituto Nacional de Estatística

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

UALG - Universidade do Algarve

UATI - Universidade do Algarve para a Terceira Idade

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu marido e aos meus pais por todo o amor, atenção, dedicação e principalmente por me ajudarem a superar os obstáculos durante este longo percurso, acreditando nas minhas capacidades e motivando-me a continuar. Agradeço, também, à Professora Doutora Aurízia Anica pela excelente orientação na dissertação, tornando possível a sua conclusão.

A todos vós, obrigado por percorrem comigo este caminho...

Memórias Musicais

“Eu não sinto, eu estou vivendo, eu estou vendo todas as árvores, todas as pedras, todas as portas, todas as casas, todas as caras...” (C., 71 anos)

(Entrevista 6; transcrição no apêndice VIII, pág.79)

INTRODUÇÃO

Após a II Guerra Mundial, verificou-se a intensificação do envelhecimento da população, sendo a evolução científica um grande contributo neste sentido. A melhoria dos cuidados de saúde e conseqüentemente a melhoria das condições de vida da população contribuíram para o aumento da esperança média de vida. No entanto, com o envelhecimento, aumentou a probabilidade de os indivíduos virem a sofrer ou desenvolver doenças, sendo crucial, neste contexto, o acompanhamento e a adoção de estilos de vida saudáveis (Fontaine, 2000).

O desenvolvimento da Gerontologia Social explica-se pela necessidade de conhecer o impacto das condições socioculturais e ambientais no processo de envelhecimento, e de estudar as conseqüências sociais desse processo e as ações que o podem otimizar (Fernández-Ballesteros, 2000, citado por Paúl & Fonseca, 2005).

A ausência de saúde provoca nos indivíduos um conjunto de alterações bio-psico-sociais, causando sofrimento e interferindo na qualidade de vida das pessoas, especialmente nas de maior idade. Como prevenção de um processo de envelhecimento patológico é necessário atuar na promoção de um envelhecimento positivo (Fontaine, 2000). Promover diversas atividades sociais, cognitivas e motoras com as pessoas idosas contribui para um melhor relacionamento entre pares, facilitando a sua integração na sociedade ao mesmo tempo que proporciona estímulos fundamentais para manter estas pessoas ativas.

A presente pesquisa enquadra-se na compreensão do envelhecimento como uma experiência humana, abrangente e dinâmica, em toda a sua complexidade e subjetividade, sublinhando a importância do meio envolvente onde os indivíduos nasceram e evoluíram ao longo do seu percurso de vida. Neste sentido, há que ter em conta alguns fatores como os agentes dinâmicos que interagem com os elementos demográficos, físico-naturais, sociais e culturais de uma comunidade, e que influenciam as vivências de cada indivíduo.

O objetivo principal desta investigação é compreender as memórias musicais das pessoas idosas ao longo do seu percurso de vida, bem como os significados que essas memórias musicais apresentam. A recolha de dados permite, não só conhecer as vivências destas pessoas como, também, as emoções que podem emergir da partilha destas memórias.

O método de investigação utilizado é de cariz etnográfico, dado que implicou uma inserção da investigadora no terreno, e a estratégia metodológica utilizada é

fundamentalmente descritiva, interpretativa e exploratória. As técnicas e instrumentos utilizados para a recolha de dados foram: observação participante; entrevista semiestruturada com vídeo gravação e questionários. As técnicas e instrumentos utilizados para a análise de dados foram: a análise de notas de campo, o método fenomenológico e o tratamento estatístico dos dados quantificáveis com recurso ao programa informático *Excel*[®].

O Método Fenomenológico Hermenêutico de Max Van Manen (1990) permite uma análise descritiva da experiência humana e interpretativa das expressões dessa experiência. Pretende-se conhecer as memórias musicais associadas à infância, à adolescência e à fase adulta, bem como identificar os significados dessas memórias na vida dos participantes. O indispensável exercício de ativação das memórias musicais representou um estímulo cognitivo na vida dos participantes, contribuindo para a promoção e manutenção da saúde mental, para além da concretização da recolha de dados. Esta investigação enquadra-se num projeto de maior abrangência que inclui a recolha de memórias musicais no Algarve - Portugal, e em Andaluzia - Espanha.

O local escolhido para desenvolver a recolha de narrativas autobiográficas relativas ao tema Memórias Musicais, foi a UATI, em Faro. Para alcançar os objetivos deste estudo, foi necessário promover contactos informais com pessoas com idades igual ou superior a 65 anos que se encontravam a frequentar a UATI. A principal finalidade destes “encontros” foi, inicialmente, a apresentação da investigadora, e posteriormente, apresentar aos alunos o estudo, os seus objetivos e a metodologia a utilizar. Neste contexto, a investigadora teve a possibilidade de assistir a aulas na UATI e de interagir com os alunos, surgindo mais tarde a oportunidade de planear e executar seminários cujos temas foram selecionados de acordo com as necessidades e interesse do público desta instituição. (Anexo II). A este conjunto de seminários foi atribuído o nome “Oficina da Memória”, dado o seu cariz teórico-prático. Cada sessão terminava com uma dinâmica que permitiu à formadora (investigadora) validar os conteúdos da sessão e esclarecer dúvidas sobre o tema, promovendo desta forma a aquisição de conhecimentos, o esclarecimento de dúvidas e o estímulo cognitivo. Foram também realizadas “tertúlias” com a temática principal: as memórias e a cultura musical. Este momento de partilha contribuiu para facilitar a recolha de dados, fundamental para conhecer as memórias e preferências musicais do grupo.

Relativamente à organização do trabalho de investigação, este divide-se em seis partes fundamentais. Na primeira parte, apresenta-se o enquadramento teórico-conceitual do estudo, sendo abordado oito temas fundamentais. Na segunda parte, são apresentados os

procedimentos metodológicos, incluindo o tema de estudo, os objetivos, geral e específicos, a questão de partida, o desenho de investigação, a estratégia metodológica e os instrumentos de recolha de dados. Na terceira parte são apresentados os procedimentos éticos. Na quarta parte encontra-se a seleção dos participantes no estudo, tendo em conta os critérios de inclusão e de exclusão. Na quinta parte faz-se uma breve caracterização da UATI, e na sexta apresenta-se a análise e interpretação dos dados, nomeadamente com a caracterização sociodemográfica dos participantes, a análise descritiva dos dados obtidos nos questionários e a interpretação fenomenológica das entrevistas. Para finalizar, apresentam-se as conclusões, limitações e sugestões de novos estudos.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

1.1. Envelhecimento Populacional

A população Portuguesa sofreu, nas últimas cinco décadas, profundas alterações demográficas, sendo notório um aumento da proporção de pessoas idosas na população total, comparativamente ao número de jovens e população em idade ativa. Os principais fatores devem-se a uma melhoria das condições de vida, de onde se destacam a alimentação, o saneamento básico, as infraestruturas, a prática de atividade física e a evolução da medicina, que proporcionou cuidados de saúde mais adequados (Teles, 2008).

Este fenómeno traduziu-se num incremento de 14% da população idosa no período de 1960 a 2001. De acordo com os censos 2011, a população idosa em Portugal (65 ou mais anos), é de 2,023 milhões de pessoas, o que representa cerca de 19% da população total. Destes, 4,4% reside na região do Algarve. A projeção realizada pelo INE (2011) prevê um aumento da população idosa residente em Portugal, sendo previsível que nos próximos 25 anos o seu número ultrapasse o dobro dos jovens. Segundo o anuário estatístico do INE (2016), o peso da população idosa manteve uma trajetória continuamente ascendente.

Desde 1990 que o índice de envelhecimento (proporção de indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos por 100 residentes com menos de 15 anos), apresenta uma tendência sistemática de crescimento, tendo passado de 72,1% em 1991 para 150,9% em 2016. O envelhecimento da população é, também, avaliado pela proporção entre a população com 65 e mais anos e a população ativa, entre os 15-65 anos (índice de dependência dos idosos). Em 2016 por cada 100 indivíduos ativos existiam 33 indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos; em 2000 esta relação era de 100 para 24, e em 1990 de 100 para 21, sendo evidente o aumento contínuo de indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos.

1.2. Conceito de Idoso

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), foi convencionado que idoso é o indivíduo com idade igual ou superior a 65 anos nos países desenvolvidos e 60 anos nos países em desenvolvimento, independentemente do sexo ou estado de saúde. Também, a Organização das Nações Unidas (ONU), definiu o início da velhice aos 65 anos nos países desenvolvidos e aos 60 anos nos países em desenvolvimento.

Apesar das convenções acima definidas, os gerontólogos defendem que a idade cronológica vulgarmente utilizada, não constitui um critério preciso para determinar o início da velhice; não é suficiente por si para definir quando se é ou não idoso, até porque nem todas as pessoas envelhecem da mesma maneira (Paúl, 2005). Considera-se que a idade deve ser analisada em três dimensões: a idade biológica, relacionada com o funcionamento orgânico dos sistemas vitais; a idade psicológica, representando o controlo pessoal, a autoestima e a capacidade de adaptação às mudanças; e a idade social, onde incluímos um conjunto de papéis sociais que os indivíduos adotam numa sociedade (Fontaine, 2000 cit. por Cancela, 2007). Ainda, o conceito de idade funcional apresenta o envelhecimento como resultado de um equilíbrio entre estabilidade e mudança, onde o crescimento e o declínio podem estar envolvidos. Ao longo do envelhecimento as funções de natureza física e biológica, tendem a diminuir, embora a experiência e a sabedoria tendam a aumentar, como resultado de crescimento ao longo da vida (Fernández-Ballesteros, 2000).

O ciclo de vida do indivíduo encontrava-se, tradicionalmente, estruturado pela infância ou 1.^a idade, seguindo-se a fase adulta, e por último, a “terceira idade” ou velhice. À medida que a esperança média de vida aumenta, esta categorização deixa de fazer sentido. Muitos autores, na década de 60, definem a “terceira idade” como um patamar intermédio entre a fase adulta e a velhice, uma etapa de transição, marcada pela entrada na reforma. Por sua vez, começa a ser feita referência à existência de uma “quarta idade”, sendo que esta nova categoria fica restrita às idades mais avançadas. Alguns autores sugerem uma distinção entre a ‘terceira idade’ e a ‘quarta idade’ baseada na idade funcional e fundamentada por um critério de natureza demográfico-populacional e de natureza individual. A maioria dos aspetos positivos associados ao envelhecimento encontram-se na terceira idade, durante a qual os indivíduos mantêm a sua autonomia, enquanto a transição para a quarta idade dá lugar ao aparecimento de perda de capacidades e consequentemente de dependência (Baltes & Smith, 2003).

As tendências demográficas, que se mantêm há várias décadas, são caracterizadas pela combinação de: aumento continuado da esperança média de vida, redução da mortalidade infantil, aumento da emigração, queda acentuada da fecundidade e consequente envelhecimento da população. Associado à progressão do decréscimo populacional, é expectável que nos próximos anos se aprofundem as alterações da estrutura etária da população portuguesa, em resultado da combinação do decréscimo da população jovem e

do aumento da população idosa (Carvalho, 2013; Jiménez, 2004; Osório & Pinto, 2007). De acordo com Carvalho (2013, p.3), o envelhecimento demográfico é definido: “a partir do momento em que a proporção de pessoas idosas na população total aumenta, quer como resultado da perda de importância relativa da população jovem, da população em idade ativa, ou ambas (...)”

1.3. Processo de Envelhecimento Saudável Vs Patológico

O processo de envelhecimento afeta todos os seres humanos de forma individual, sendo o fim do processo, inevitavelmente, a morte (Almeida, 2008 & Cancela, 2007). Este processo está relacionado com os meios físico e social, e é um trajeto de degradação progressiva e diferencial, com diversos agentes que o influenciam. Desta forma, o envelhecimento conduz a alterações a nível psicológico, nomeadamente no desempenho cognitivo, afetivo e social (Gonçalves, 2012). Ao longo do envelhecimento ocorre um declínio físico e funcional, sendo visível uma diminuição da vitalidade e da capacidade de adaptação do organismo face às mudanças vivenciadas (Castro, 2011). Este processo, que ocorre de forma individual, é designado por envelhecimento diferencial (Berger & Mailloux-Poirier, 1995).

A faixa etária é um fator a ter em conta pois os idosos são vulneráveis ao *stress* físico e psicológico, podendo as mudanças inerentes à idade fragiliza-los ainda mais. Nesta linha de pensamento, foram identificadas algumas alterações que podem vir a dificultar ou limitar o dia-a-dia dos idosos, nomeadamente episódios de maior lentificação, quer ao nível do pensamento quer ao nível da execução de tarefas. Esta situação ocorre devido ao aparecimento de limitações físicas, motoras e sensoriais características da idade (Ermida, 2001; citado por Reis, 2001). É possível distinguir dois tipos de envelhecimento: o envelhecimento primário ou normal, que se caracteriza pelo avançar da idade com ausência de doença; e o envelhecimento secundário ou patológico, que se caracteriza pelas mudanças causadas face à presença de doenças (Papália, Olds & Fieldman, 2006; Fonseca, 2006; Zimmerman, 2000). Contudo, a presença de doença pode mobilizar as capacidades de *coping* das pessoas idosas com vista à recuperação/readaptação do idoso face às dificuldades (Fonseca, 2006).

O envelhecimento físico está associado a mudanças físicas, nomeadamente alterações capilares e da coloração e elasticidade da pele, entre outras. (Papália, Olds & Fieldman, 2006; Zimmerman, 2000). Ocorrem também mudanças biológicas e fisiológicas nos órgãos

internos e no funcionamento sensorial e psicomotor (visão, audição, olfato, paladar, força, resistência, equilíbrio e tempo de reação). Estas perdas são associadas ao declínio da funcionalidade nas atividades básicas e instrumentais do quotidiano dos indivíduos (Fontaine, 2000). No domínio social, o envelhecimento conduz a uma diminuição na frequência e duração dos contactos, causada pelas perdas físicas e cognitivas que impossibilitam ou dificultam a socialização entre os mais velhos (Papália, Olds & Fieldman; 2006).

O envelhecimento vem, muitas vezes, acompanhado por uma diminuição da eficiência cognitiva no que se refere à velocidade de processamento de informação e dos processos de atenção e memória de trabalho, dado que ocorre uma desaceleração no domínio perceptivo e cognitivo (Miranda, 2012). Em termos de transtornos mentais e comportamentais ocorre um declínio da capacidade de recordar acontecimentos específicos ou informações recentes, sendo notável o declínio ao nível da memória de operação. Porém, a memória semântica e a memória de procedimentos continuam eficientes na velhice (Papália, Olds & Fieldman; 2006). Com o envelhecimento ocorrem alterações estruturais, funcionais, necrobióticas e químicas sobre as quais atuam fatores ambientais e socioculturais que podem caracterizar o tipo de envelhecimento vivido pelo idoso, normal ou patológico (Santos, Andrade & Buenos, 2009).

A demência de *Alzheimer*, os enfartes múltiplos, a doença de *Parkinson* e o transtorno depressivo estão associados à idade, sendo possível retardar a deterioração e reduzir a sua ocorrência através da gestão terapêutica adequada aliada a terapias comportamentais, interpessoais e cognitivo-comportamentais (Papália, Olds & Fieldman, 2006). Das várias demências estudadas, a de *Alzheimer*, com maior prevalência no sexo feminino, parece ser a que mais se relaciona com o envelhecimento cerebral; representa cerca de 50 a 60% de todos os casos de demência, e tem uma apresentação clínica e patológica bem definida (Nunes, 2011). A sintomatologia pode ser dividida em três fases: leve, moderada e avançada, sendo que fatores como a idade, o género ou a formação académica podem influenciar a atuação face à doença. Através de um estudo realizado em 2012 foi possível analisar idosos com *Alzheimer* e perceber o impacto desta patologia na memória autobiográfica dos idosos. Os resultados demonstraram que idosos com alterações da memória (leve a moderada) apresentam dificuldade em recordar situações passadas, ficando assim provado que o declínio cognitivo está diretamente relacionado com a incapacidade de recordar eventos específicos (Lemos, Hazin & Falcão, 2012).

Relativamente à audição, o impacto das limitações cognitivas na capacidade de processar sons sequenciais com rapidez parece ser mais elevado em adultos idosos, com ou sem perda auditiva (Magalhães & Iório, 2011; Miranda, 2012). O processamento da informação auditiva é crucial na forma como a informação é recebida; a informação sensorial fica armazenada durante curtos períodos de tempo, de modo a que seja possível agregá-la. A diminuição da percepção auditiva ao longo do processo de envelhecimento afeta a comunicação e o desempenho cognitivo dos idosos (Pinto, 2011; Lopes, 2011; Mirandela, 2012). Contudo, a música pode ser uma terapia facilitadora da memória, contribuindo para que recordações do passado sejam recuperadas; esta memória advém de um trabalho em que o prazer da música suscita o inconsciente a trazer o material ao consciente. (Figueiredo, 1996).

A qualidade de vida e a satisfação com a vida na velhice têm sido muitas vezes associada a questões de dependência/autonomia (Donalísio, Joial & Ruiz, 2007). A dependência é definida como uma inaptidão do indivíduo para adotar comportamentos, ou efetuar por si mesmo, sem a ajuda de terceiros, ações que lhe possibilitem alcançar um nível aceitável de satisfação das suas carências (Ribeirinho, 2005). Existem fatores externos como as relações sociais, as crenças pessoais e as características do meio envolvente, que determinam a forma como a sociedade encara o envelhecimento. Porém, outros fatores internos ao indivíduo influenciam igualmente a visão do envelhecimento, nomeadamente a autonomia/independência que o idoso apresenta face à realização das suas atividades de vida diárias, e a sua qualidade de vida (Ribeiro & Paúl, 2011). Não existe uma definição consensual sobre o que constitui um envelhecimento bem-sucedido (Glass, 2003; Depp & Jeste, 2006). Segundo o modelo multidimensional e positivo, o envelhecimento bem-sucedido implica três componentes essenciais: o evitamento da doença e de incapacidade; a maximização das funções cognitivas e físicas e o envolvimento e compromisso com a vida (Rowe & Kahn, 1997). Outros autores entendem o envelhecimento bem-sucedido como um processo adaptativo que, através de uma estratégia de otimização seletiva com compensação, permite ao idoso gerir o balanço de perdas e ganhos inerentes a esta fase da vida (Baltes & Baltes, 1990).

A criação de uma política de desenvolvimento ativo, apoia uma perspetiva que visa a promoção da saúde, a prevenção de doenças e o acesso equitativo a cuidados de qualidade, promovendo assim o envelhecimento ativo (OMS, 2005). Fonseca (2006) citando Lazarus (1998), defende que o envelhecimento saudável é definido como um percurso individual,

onde estão presentes determinantes biológicas, psicológicas e sociais. O envelhecimento bem-sucedido está dependente da aquisição de atitudes e de processos de *coping* que permitem à pessoa idosa, permanecer independente e socialmente ativa pelo máximo de tempo possível. Neste sentido, é fundamental que o idoso apresente uma visão otimista da vida, onde seja possível adotar estilos de vida saudável e incentivar a realização de atividades enriquecedoras sob o ponto de vista cognitivo e social.

Preservar a capacidade funcional do indivíduo, significa valorizar a sua autonomia, tornando a sua autoestima mais elevada e possibilitando uma senescência proveitosa. Isso pode ser proporcionado pelo estímulo mental e físico constante, pelas atividades que retardam um possível declínio cognitivo e/ou preservam habilidades cerebrais presentes (Mello *et al.*, 2011). Segundo Magalhães (2011, p. 15)

qualquer programa que pretenda incrementar o envelhecimento ativo ou com êxito deverá prevenir a doença e a incapacidade associada, otimizar o funcionamento psicológico e em especial o funcionamento cognitivo, o ajuste físico e maximizar o compromisso com a vida, o que implica a participação social.

1.4. Meio Social e o Envelhecimento

A vinculação ao lugar diz respeito à ligação emocional que é estabelecida entre um indivíduo e um determinado ambiente físico, atendendo ao sentido que o indivíduo atribui a esse ambiente e que pode ser efetivado através de pensamentos, crenças, atitudes, comportamentos e sentimentos; está associada a uma rede de emoções e cognições referentes a um determinado lugar (Fonseca *et al.*, 2008). Essa vinculação ao lugar implica uma ligação emocional entre a pessoa e o ambiente, que pode ser positiva ou negativa, sendo que a não-ligação não significa obrigatoriamente uma má adaptação ao meio. A reflexão teórica associada a este paradigma evidencia “o lugar” como um fator emocional muito importante no processo de envelhecimento. A familiaridade com o ambiente físico onde se vive permite compensar o declínio das capacidades sensoriais e da mobilidade que se verificam no envelhecimento, permitindo às pessoas idosas continuarem a deslocar-se com autonomia e confiança por espaços que já conhecem, mantendo um sentido de competência no domínio do lugar (Smith, 2009).

1.5. Memória e o Envelhecimento

A gerontologia, a partir da década de 60, teve um foco importante no envelhecimento bem-sucedido, que é o resultado de uma nova visão do envelhecimento. Este processo deixa de ser visto como um sinónimo de declínio, inatividade, perdas, doenças e incapacidades e passa a ser encarado como tendo aspetos positivos e possibilidades de desenvolvimento até aí ignoradas (Fonseca, 2005).

A pessoa idosa preocupa-se bastante com o seu estado de saúde, tendo sido desenvolvidos estudos sobre a dicotomia saúde/doença no processo de envelhecimento, ao longo do qual é espectável que ocorra degradação ao nível da memória, com repercussões relevantes no seu dia-a-dia (Fonseca, 2006). A prevalência do défice de memória associado à idade está estimada em 85% em indivíduos com mais de 80 anos, podendo existir idosos cujas capacidades cognitivas estejam ligeiramente mais degradadas do que o esperado para a idade, tratando-se nestes casos de declínio cognitivo ligeiro (Cancela, 2007).

A memória é definida como um sistema que permite obter a informação necessária, sempre que for preciso e durante um período de tempo variável (Fernández & Fluente, 2005). As funções cognitivas são os processos pelos quais o indivíduo recebe, armazena e processa a informação relativa a si e aos outros. De entre as várias funções destacam-se a atenção, a perceção, a memória, a orientação e o juízo. A memória é a função cognitiva mais importante, pois está relacionada com as mudanças globais e intelectuais das pessoas idosas, sendo fundamental para a resolução de problemas e para a adaptação ao meio. (Yanguas, Leturia & Leturia, 2002).

A psicologia do envelhecimento destaca três tipos de memória: a primária, aquela que é efémera ou de curto prazo; a secundária, aquela que é responsável pela retenção ilimitada a longo prazo; e a terciária, aquela que retém episódios de vida marcantes, relativamente à infância e à adolescência (Belsky, 2001).

Belsky (2001) estudou a memória para que fosse analisada a atividade mnésica, recorrendo a um protocolo experimental. Os indivíduos em estudo foram sujeitos a situações controladas para avaliar as atividades mnésicas recorrendo a três fases: fase de aquisição, fase de elaboração e fase de recuperação. Na fase de aquisição, devem ter-se em conta algumas variáveis como as modalidades sensoriais, onde a informação é recolhida através de estímulos sensoriais, auditivos, olfativos e gustativos. Na fase de elaboração podem existir variáveis que interferem diretamente, tais como o período de tempo em que

se solicita ao indivíduo que recorde um determinado episódio, e a utilização de “exercícios” (ex. ouvir música), que facilitem ou dificultem a elaboração de uma recordação. Na fase de recuperação a informação é resgatada e facultada, muito embora possam existir variadas interferências.

De acordo com Marchand (2001), a distinção entre os sistemas de memória baseia-se na duração da informação armazenada e na capacidade de armazenamento. Segundo outros autores existem três grandes divisões da memória: sensorial, a curto prazo e a longo prazo. A memória sensorial registra o estímulo do exterior, durante frações de segundos. A memória de curto prazo está relacionada com a retenção consciente de pequenas quantidades de informação; a memória a longo prazo é a responsável por reter novas memórias e integrá-las nas antigas (Pousada & Fluente, 2007). A memória a longo prazo pode ainda ser caracterizada como implícita e explícita. A memória implícita representa a capacidade de aprender sem esforço consciente, sendo responsável pela aprendizagem adquirida através de atividades artísticas de expressão plástica e corporal, representando tudo aquilo que exige o “saber fazer”. A memória explícita representa a capacidade de memorização consciente. Neste caso o indivíduo memoriza determinada informação como acontecimentos, fatos ou situações particulares quando, por alguma razão, necessita que essa informação esteja disponível. Esta última, pode ainda subdividir-se em memória explícita episódica, na qual a informação datada no tempo e num espaço particular permite ser recordada; e memória explícita semântica, que representa as memórias retidas de forma consciente onde os acontecimentos de uma vida vão ficando armazenados, embora não datados (Baddeley, 2009).

A memória de trabalho é responsável por reter informação nova, durante minutos ou segundos, e é utilizada na necessidade de manipular uma informação para resolver um problema ou tomar uma decisão. Quanto à memória prospetiva, é aquela a que se recorre diariamente para que as atividades previamente planeadas possam ser executadas, sem que ocorram falhas por ausência de planificação. Na generalidade dos casos, este tipo de memória é considerado como uma forma de memória de trabalho (Nunes, 2011).

Em termos gerais, a memória é a função superior mais estudada no âmbito do envelhecimento. O envelhecimento cognitivo é caracterizado por modificações cerebrais, estruturais e funcionais; o volume encefálico diminui, sendo o córtex frontal a região mais afetada (Haug & Eggers, 1991; Lopes, 2011). Os estudos sobre a plasticidade cognitiva demonstram que o cérebro tem capacidade de modificação e de adaptação. Daniel Levetin

(2010), tem explorado a utilização da música na área da reabilitação. Defende que o cérebro apresenta neuro-plasticidade, sendo capaz de substituir regiões responsáveis por determinadas funções em outras áreas com funções distintas, quando lesadas.

Programas desenvolvidos para o treino cognitivo permitem preservar a eficiência nas pessoas idosas, possibilitando a recuperação dos processos cognitivos (Garcia, 2008). A prevenção do declínio das capacidades cognitivas e funcionais deste tipo de população pode ser alcançada através da implementação de programas de estimulação cognitiva, essencialmente em lares e centros de dia, assegurando um aumento da autoestima, maior nível de independência e consequentemente da qualidade de vida e saúde mental destas pessoas. Estes programas em contexto comunitário, aliados à medicação, permitem uma boa relação custo-benefício (Fiske, Wetherell & Gatz, 2009; Castro 2011; Lopes, 2011).

A integração dos idosos numa entidade como a UATI possibilita a aquisição e manutenção de capacidades físicas e cognitivas proporcionando o convívio e a interação social. O estímulo cognitivo desencadeado com a realização das atividades promove o envelhecimento ativo e contribui para a prevenção de problemas do foro mental.

1.6. Cultura Musical e Musicoterapia

A música tem acompanhado o homem desde a sua origem, apresentando um significado diferente para cada indivíduo, pois está relacionada com a identidade cultural de cada um (Jacob, 2007). A música desempenha um papel importante em diferentes atividades cerebrais, nomeadamente na comunicação, na interação, na memória, na emoção e no raciocínio. Através da música, o idoso pode ativar as suas recordações e emoções, compreendendo e manifestando essas memórias dentro da sua capacidade cognitiva e/ou motora. A música expressa ainda crenças religiosas e políticas, podendo ao mesmo tempo descrever histórias que são passadas de geração em geração, por meio da oralidade. Nas pessoas idosas as narrativas biográficas constituem fontes ricas de informação, geralmente relacionadas com o seu vasto percurso. Desta forma, a musicalidade transporta a cultura e informação, traduz a história e faz parte da memória dos idosos (Scherer, 2010; Nunes, 2011).

A música é responsável por despoletar sentimentos e emoções nas pessoas que a escutam. As atividades musicais tendem a facilitar a interação social, particularmente entre grupos que de outra forma não interagiriam (Wood, 2004). Através da música torna-se possível reconstituir o passado, registando momentos marcantes da vida. A pessoa idosa

reconstrói experiências do presente e do passado, sendo a música uma representação não-verbal da emoção, atuando como um veículo de comunicação direta (Al-Assal, 2008).

A musicoterapia influencia a atividade sensorial e motora, atuando também ao nível do metabolismo e da percepção da dor. Os estímulos musicais podem ser usados como uma ferramenta na prática médica pelo forte impacto que têm sobre o indivíduo, nomeadamente ao nível dos efeitos no córtex auditivo e na ampla conexão deste com outras regiões do cérebro (Quintero-Moreno, C., Cuspoca-Orduz, A. & Siabato-Barrios, J., 2015). A musicoterapia promove as funções físicas e psíquicas, conduzindo a um maior relaxamento e, conseqüentemente, à sensação de bem-estar, potencia a autonomia e a autoestima do ouvinte, contribuindo para um menor isolamento social e afetivo (Padilha, 2008).

A musicoterapia possibilita ao sujeito resgatar a sua identidade pessoal e social. A evidência aponta para os benefícios da combinação da música e da reminiscência, a fim de produzir resultados de bem-estar para populações mais velhas, com e sem défices cognitivos. Uma revisão sistemática da literatura sobre o tema demonstrou os efeitos positivos da terapia da música sobre o bem-estar mental, especialmente na gestão do stress, da ansiedade e da depressão (Istvandy, 2017).

1.7. Memória Musical

A relação entre música e cognição foi estudada pela neurociência cognitiva com a finalidade de conhecer a organização neural para a música e o comportamento musical. Pederiva & Tristão (2006), procurou compreender as bases neuroanatômicas e neurofisiológicas da *performance* musical de modo a permitir o conhecimento dos substratos neurais que fazem parte do processo de percepção da música.

A memória faz de nós aquilo que somos e o que podem vir a ser, pois cada lembrança recordada ou esquecida faz com que sejamos sujeitos únicos, uma vez que, para duas pessoas, vivenciando a mesma situação, a forma como este momento será armazenado será distinta levando a pontos de vista diferentes que, por sua vez, terão recordações diferentes. (Sousa e Salgado, 2005, p.142).

A audição de uma determinada música exige processos complexos e difíceis de explicar. As operações cognitivas e perceptivas que envolvem este processo são representativas do sistema nervoso central que, independentemente da conexão entre estas operações, estão ligadas ao sistema de memória responsável pelo significado que uma experiência musical adquire. Deste modo, a percepção musical envolve áreas primárias e

secundárias do sistema auditivo: o lado esquerdo do córtex auditivo primário é responsável pela rápida análise das estruturas do tempo e pela distinção de diferentes timbres de voz; o lado direito é o responsável pela análise da decomposição de sons (Pederiva & Tristão, 2006). O processamento auditivo central depende de um conjunto de aptidões específicas, sem as quais não seria possível a compreensão do que é ouvido. Este processo é uma atividade mental, ou seja, uma função cerebral (Buss, Graciolli & Rossi, 2010).

A música está intimamente ligada à memória, sendo que ambas possuem aspetos em comum, pois estão repletas de aspetos emocionais, afetivos e sentimentais. A música tem a capacidade de estimular as diferentes partes do cérebro, contribuindo para que ele se reorganize. É através da audição de uma música que as estruturas subcorticais e o córtex auditivo, de ambas as partes do cérebro, são estimuladas (Levetin, 2010). É possível estabelecer uma relação entre a memória e a emoção, contribuindo para novas estratégias de reabilitação cognitiva, com os benefícios de usar estímulos como a música na reabilitação de pacientes com danos cerebrais (Samson, S., Dellacherie, D. & Platelc, H., 2009). Assim sendo, a música pode ser considerada como uma terapia aliada à prática clínica, que possibilita a promoção da saúde, a prevenção da doença e a reabilitação da saúde mental. O uso da música pode contribuir para melhorar o bem-estar das pessoas com vista ao envelhecimento bem-sucedido (Gomes & Amaral, 2012).

Por outro lado, a exposição à música em determinadas tarefas pode ter efeitos adversos tendo em conta o tipo de memória. A música pode apresentar uma influência positiva no auto processamento e uma influência negativa sobre uma informação lembrada (El Haj et al., 2012). A exposição à música, em indivíduos mais velhos, contribui para a diminuição do desempenho cognitivo, em particular, nas atividades como a condução (Mohamad El Haj, Diana Omigie & Sylvain Clément, 2014).

A ativação de Memórias Musicais funcionam como uma atividade de estimulação cognitiva, permitindo estimular diferentes funções, nomeadamente: a memória, a atenção, a concentração, a perceção, o raciocínio, o pensamento, a imaginação, a linguagem, a capacidades viso espacial e a associação de ideias. Estas atividades pretendem melhorar as capacidades cognitivas e a interação social, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida (Castro, 2011). Um estudo no qual os participantes foram expostos à audição de várias músicas, à leitura das respetivas letras e à visualização dos artistas, com a finalidade de recuperar memórias, mostraram que a música contribui efetivamente para evocar a memória autobiográfica (Cady, ET, Harris, RJ, & Knappenberger, JB, 2007). Apóstolo et

al. (2011) apresentaram resultados promissores em idosos sujeitos a um programa de estimulação cognitiva através da música. O estudo pré-experimental foi realizado com dois tipos de amostras, uma com pessoas da comunidade e outra com pessoas institucionalizadas. Também Castro (2011), obteve resultados expressivos ao nível das capacidades cognitivas, após desenvolver uma investigação em idosos institucionalizados. Pires (2008) verificou que os idosos sujeitos a sessões de estimulação cognitiva apresentavam melhorias na qualidade de vida e no funcionamento cognitivo em geral. Uma revisão sistemática da literatura, mostrou que existem efeitos moderados da terapia musical na redução de problemas comportamentais, estimulando habilidades e melhorando o funcionamento social e emocional (Vink AC, Bruinsma MS & Scholten RJPM, 2003).

Relativamente à demência, esta possui uma estreita relação com o envelhecimento cerebral, sendo frequentemente associada a problemas emocionais e comportamentais, podendo levar a uma diminuição na qualidade de vida. A demência começa a ser aparente quando existem falhas no decorrer das atividades de vida diárias das pessoas idosas. Esta situação afeta o seu quotidiano e define-se como uma deterioração presente ao nível da memória em múltiplos domínios cognitivos. (Nunes, 2011). O principal objetivo do tratamento nesta patologia é retardar a deterioração cognitiva, através de medidas farmacológicas e não-farmacológicas, as quais mostram também resultados encorajadores na melhoria da cognição e do comportamento. Entre estas, a musicoterapia é uma modalidade que usa a música e os seus elementos para melhorar a comunicação, aprendizagem, mobilidade e outras funções físicas e mentais (Gómez Gallego, M., & Gómez García, J., 2017).

Existe evidência científica dos efeitos positivos que a música pode ter na qualidade de vida, no humor, na cognição e nos problemas comportamentais em pessoas diagnosticadas com demência. Um estudo realizado com o objetivo de examinar os efeitos do exercício aeróbio combinado com a musicoterapia, e do exercício da memória em pessoas que sofrem de uma forma moderada de *Alzheimer*, concluiu que a musicoterapia tem uma influência positiva sobre pessoas que sofrem desta doença. A musicoterapia é caracterizada como uma terapia não farmacológica, segura e eficaz, que contribui para minimizar os níveis de ansiedade e de agressividade característicos nos pacientes com esta doença (Kampragkou, C., Iakovidis, P., Kampragkou & Kellis, 2017). Outros estudos concluíram que a terapia pela música apresenta benefícios, salientando o facto de ser uma terapia de baixo custo que potencialmente pode ser aplicada por enfermeiros e outros profissionais

que trabalham em ambientes residenciais (Blackburn & T. Bradshaw, 2014). Na mesma linha, um estudo sobre os efeitos da aplicação da musicoterapia a quarenta e dois utentes com doença de *Alzheimer*, permitiu observar melhorias cognitivas e psicológicas, nomeadamente na orientação, memória, depressão e ansiedade, em utentes com demência leve a moderada. Adicionalmente foi evidente uma melhoria nos delírios, alucinações, agitação, irritabilidade e transtornos da linguagem no grupo com demência moderada. (Gómez Gallego, M., & Gómez García, J., 2017).

Existem diversas formas de abordar a música e isso faz-nos refletir sobre a sua influência na ativação da memória. A utilização da música, individualmente ou em grupo, num processo estruturado, pode promover a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e a organização (física, emocional, mental, social e cognitiva), permitindo a recuperação de funções no indivíduo e facilitando a integração intra e interpessoal (Backes et al, 2003). Daí a importância de recomendar, às pessoas idosas, exercício físico com atividades de estímulo cognitivo, uma vez que os primeiros contribuem para a saúde física e os segundos para a manutenção da saúde mental. Recorrer a exercícios que exigem atenção, concentração e pensamento lógico contribuí para o aumento da densidade sináptica cerebral, sendo a rede de transmissão a responsável pela dinâmica e plasticidade do cérebro (Souza & Chaves, 2005).

A terapia musical está associada à redução nos níveis de ansiedade, no stress e na depressão (Irish, M. et al., 2006; Istvandy, 2017). A música faz parte da memória e das vivências das pessoas, uma vez que se relaciona com os episódios de vida, e pode ser usada como terapia no tratamento não farmacológico de pessoas com demência, possibilitando uma melhoria no humor e promovendo o seu relaxamento (Van der Steen JT. et al., 2017). A música interfere de forma direta na recuperação da memória, tornando-se uma terapia auto expressiva e de atuação, relevante tanto na prevenção da saúde mental das pessoas idosas, como na sua reabilitação. A memória musical e a memória auditiva fazem parte da cultura, devendo ser divulgadas, disseminadas e socializadas (Gomes & Amaral, 2012).

Preservar a capacidade funcional do indivíduo, significa valorizar a sua autonomia, tornando a sua autoestima mais elevada, possibilitando uma senescência proveitosa. Isso pode ser proporcionado pelo estímulo mental e físico constante, pelas atividades que retardam um possível declínio cognitivo e/ou preservam habilidades cerebrais presentes (Mello *et al.*, 2011). Segundo Magalhães (2011, p. 15)

qualquer programa que pretenda incrementar o envelhecimento ativo ou com êxito deverá prevenir a doença e a incapacidade associada, otimizar o funcionamento psicológico e em especial o funcionamento cognitivo, o ajuste físico e maximizar o compromisso com a vida, o que implica a participação social.

1.8. Memória, Música e Emoção

A música está fortemente interligada com a memória, fazendo-nos “viajar” no tempo, recordando imagens, pessoas, sons e sentimentos associados a um evento específico. Um estudo realizado com o objetivo de comparar as memórias evocadas pela música e as memórias evocadas por rostos famosos permitiu concluir que a música evoca memórias autobiográficas, sendo as memórias musicais mais evidentes do que as evocadas pelos rostos de famosos. Estes autores destacam, ainda, que as mulheres recuperam melhor as suas memórias relativamente aos homens (Belfi, AM. & Karlan, B., 2016). Uma “recordação intensa” pode estar relacionada com a música, uma vez que a emoção implica um componente cognitivo, uma resposta física, uma sensação subjetiva e uma tendência para a ação (Mauss, Llevenson, McCarter, Wilhelm & Gross, 2005)

Juslin (2016), resume em cinco pontos fundamentais as evidências sobre a música e as emoções: 1) A música pode conduzir a um conjunto de emoções. 2) A música induz maioritariamente emoções positivas. 3) A música pode despoletar emoções básicas e complexas. 4) A maioria dos estudos sobre a música e as emoções incluem algumas categorias emocionais como: a calma, a felicidade, a nostalgia, a tristeza, a energia, o interesse, o prazer, o amor e o orgulho. 5) A música pode induzir uma mistura de emoções, embora seja pouco frequente. Outros estudos sugerem que as experiências emotivas de maior intensidade ocorrem em concertos, o que se explica pela interação coletiva e componente social intensa (Lamont, 2011). Investigadores falam de uma emoção coletiva desencadeada a partir de um estímulo social comum (Von Scheve y Salmela, 2014).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1. Tema

O tema foi escolhido após uma longa reflexão sobre todo o percurso académico realizado no 1.º ano do Mestrado em Gerontologia Social. Outro fator que contribuiu para a seleção deste tema esteve relacionado com a preferência pelo estudo da memória e da musicoterapia. Ao longo do meu percurso académico e profissional foram desenvolvidos alguns trabalhos nesta área, despertando maior interesse sobre a temática em questão. Também, o fato de ser enfermeira e de trabalhar há nove anos com pessoas idosas permitiu perceber a relevância da manutenção da memória para a perseveração da identidade, da autonomia e da liberdade do indivíduo na sociedade. Acresce aos fatores atrás referidos, o facto de ter tido a oportunidade de conhecer um projeto desenvolvido em parceria com investigadores da Universidade do Algarve (UALG) e da Universidade de Málaga, o qual incide sobre as histórias de vida e as memórias musicais, surgindo então a motivação para desenhar um projeto de investigação no âmbito desta temática. Assim sendo, o principal foco desta investigação são as Memórias Musicais nas pessoas Idosas. Com este estudo, pretende-se estimular a memória dos participantes no processo de investigação através da recolha de dados acerca do tema das memórias musicais, tal como conhecer as memórias musicais e o que representam no percurso de vida dessas pessoas.

2.2. Questão de Partida

A questão de partida é a que exprime “o mais exatamente possível aquilo que procura saber, elucidar, compreender melhor.” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 44). No sentido de definir desde logo, o caminho a percorrer neste projeto de investigação definiu-se a seguinte pergunta de partida: **“Quais são as memórias musicais do percurso de vida das pessoas idosas e que significados assumem?”**

2.3. Objetivos

Os objetivos gerais da investigação, segundo Serrano (2008, p. 24) são “os propósitos que se pretendem alcançar com a execução de uma ação. Os objetivos devem ser claros, realistas e pertinentes.” Os objetivos específicos, são “os que exprimem os resultados que se pretendem atingir e que detalham os objetivos gerais, funcionando como a sua

operacionalização” (Guerra, 2002, p.164). Após uma pesquisa bibliográfica inicial e depois de ouvir algumas narrativas autobiográficas de pessoas idosas definiram-se os objetivos deste estudo.

2.3.1. Objetivo geral

- Conhecer as memórias musicais de pessoas idosas ao longo do percurso de vida e os seus significados.

2.3.2. Objetivos específicos

- Identificar as memórias musicais associadas à infância e o seu significado;
- Identificar as memórias musicais associadas à juventude e o seu significado;
- Identificar as memórias musicais associadas à idade adulta e o seu significado;
- Identificar as músicas associadas a momentos que marcaram positiva ou negativamente o seu percurso de vida.
- Identificar emoções despoletados no decurso das narrativas autobiográficas.

2.4. Desenho de Investigação

O desenho de investigação é um conjunto flexível de orientações, de modo a poder relacionar os paradigmas teóricos com estratégias de intervenção e métodos de recolha e de análise de dados (Denzin & Lincoln, 2006).

No presente estudo, o desenho de investigação é de carácter exploratório, descritivo e interpretativo, possibilitando um estudo aprofundado sobre as memórias musicais e os significados que estas apresentam em relação ao percurso de vida dos participantes. A pesquisa é, maioritariamente, de carácter qualitativo, o que permite considerar aspetos subjetivos que não podem ser traduzidos em dados quantificáveis, tais como os significados que os participantes atribuem às memórias musicais.

Neste estudo, a investigadora interpretou os fenómenos com base nos significados que os próprios participantes atribuíram. Este paradigma é frequente nas ciências sociais e humanas, permitindo à investigadora descrever e interpretar os significados das ações e das representações humanas. Segundo Pacheco (1993), citado por Coutinho (2014), o conhecimento é uma construção que se realiza através dos significados e símbolos que os seres humanos partilham em interação. É uma realidade subjetiva que implica significados e a sua compreensão.

2.5. Estratégia Metodológica

Segundo, Quivy e Campenhoudt (1992, p.29) “o investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um primeiro fio condutor tão claro quanto possível, de forma a que o seu trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência”

2.5.1. Pesquisa bibliográfica

A estratégia desenhada para este estudo é de índole essencialmente qualitativa, exigindo um conjunto de métodos e técnicas usuais na área das ciências sociais. Neste tipo de investigação é fundamental selecionar métodos de recolha e de análise de dados que consigam atender aos objetivos do estudo. Numa investigação qualitativa é importante recolher uma grande variedade de dados, sendo essencial estudar o ambiente e a pessoa inserida nele. Segundo Pacheco (1993), citado por Coutinho (2014, p.2), “numa investigação qualitativa não se aceita a uniformização dos comportamentos, mas a riqueza da diversidade individual”.

Para Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa apresenta uma fonte de informação que é o resultado da recolha de dados em contexto natural, necessitando que a investigadora se desloque ao ambiente. Este tipo de investigação é descritivo, registando-se tudo o que poderá constituir instrumentos de recolha de dados.

Para Loureiro (2006), os três critérios de rigor científico fundamentais na investigação qualitativa são a credibilidade, a transferibilidade e a confirmabilidade. Quanto ao primeiro critério, a investigadora assegurou que a informação recolhida era credível, através da preparação do guião de perguntas de resposta aberta, colocadas tanto nas entrevistas como nos questionários, ou até mesmo através de conversas informais que contribuíram para a recolha de diversas memórias narradas pelos participantes. Relativamente ao segundo critério, a amostra é limitada pelo que os resultados finais não podem ser generalizados nem aplicados a outros contextos. Por último, ao disponibilizar os instrumentos utilizados, pretende-se assegurar que outros investigadores, ao seguir a mesma metodologia em investigações semelhantes, possam chegar a resultados similares e desta forma validar as conclusões obtidas neste estudo.

A metodologia utilizada na pesquisa bibliográfica privilegiou os artigos publicados nos últimos 7 anos, utilizando-se as principais palavras chave: Idoso; Música; Memória e Demência. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica mais detalhada segundo três grupos de palavras-chave: grupo I: Idoso, Música e Memória, grupo II: Demência,

Alzheimer e Memórias e no grupo III: Idoso, Atenção, Memória, Audição e Memórias Musicais. Esta pesquisa foi realizada nos seguintes motores de busca: *EBSCO* (que agrega bases de dados como o *Cinahl*, *Medline*, *Cochrane*, *MedicLatina*, *Nursing & Allied Health Collection*); *SCIELO* e *RCAAP*. A pesquisa foi efetuada nos idiomas Português e Inglês, entre Maio de 2017 e Janeiro de 2018. Foram ainda incluídos artigos relacionados com o tema das Memórias Musicais nas Pessoas Idosas, provenientes de uma busca livre no motor de busca “Google Académico” entre 2017 e 2018. Dos artigos encontrados, foram excluídos aqueles sem conteúdo de interesse para o presente estudo. A bibliografia foi complementada com livros impressos publicados entre 2000-2009, que abordam a temática do envelhecimento em geral. A revisão desta bibliografia foi fundamental para complementar e articular conceitos, facultando uma visão sobre a evolução científica no estudo desta temática.

2.5.2. Observação participante

A observação participante é, um tipo de investigação que se caracteriza por um período de interações sociais intensas entre o investigador e os sujeitos, no ambiente destes, sendo os dados recolhidos sistematicamente durante esse período de tempo, e mergulhando o observador pessoalmente na vida dos participantes, de modo a partilhar as suas experiências (Bogdan & Taylor, 1975).

Neste estudo a investigadora teve a oportunidade de inserir-se no contexto da UATI, onde participou nas atividades aí desenvolvidas, como formadora e dinamizadora de seminários sobre temas escolhidos pelos participantes. Esta experiência foi bastante enriquecedora permitindo contactar intimamente com os participantes do estudo, no seu próprio ambiente. Esta situação permitiu à investigadora, dinamizar atividades e observar atentamente os comportamentos e preferências dos participantes.

O método de observação participante realizada no terreno possibilitou assim conhecer a cultura do grupo, entendida como um sistema de normas, de valores e de modelos de comportamento, contribuindo para melhor compreender a relação que os participantes apresentam entre a sua trajetória de vida e as memórias musicais. Este método constituiu uma fonte rica de informação, facilitando a interpretação dos acontecimentos relatados pelos participantes relativamente às memórias musicais e aos significados que essas memórias representam.

2.5.3. Inquérito por questionário

Os questionários foram elaborados segundo os objetivos do estudo (Apêndice VII) e aplicado aos alunos da UATI que voluntariamente aceitaram participar. A caracterização dos participantes foi realizada em *Excel*[®] e as respostas às perguntas abertas do questionário analisadas de forma descritiva quanto aos pontos convergentes e divergentes entre os participantes.

2.5.4. Método fenomenológico

Segundo Moreira (2002), os métodos de pesquisa mais comuns provêm principalmente das ciências sociais, como a psicologia e a antropologia, e de uma forma mais indireta da filosofia. A contribuição da filosofia nesse campo corresponde ao que é chamado de fenomenologia ou método fenomenológico, um método de estudo que surgiu no final do séc. XIX, e que se tornou um dos movimentos filosóficos mais importantes do século XX, permitindo responder a questões de significado através da descrição e compreensão de uma experiência, tal como os indivíduos a experienciam.

Esta abordagem é fundamental no presente estudo de investigação, uma vez que o seu objetivo principal é o conhecimento e a compreensão das memórias musicais de pessoas idosas relacionadas com diferentes momentos do seu percurso de vida. Por outro lado, este estudo pretende ainda descrever as experiências tal como vivenciadas pelos participantes, e compreender os significados associados às memórias musicais na sua infância, juventude e idade adulta.

Utilizou-se o método fenomenológico hermenêutico ou perspectiva interpretativa do pedagogo norte americano Max Van Manen, uma vez que visa a descrição das experiências relatadas, permitindo à investigadora interpretar essas experiências. Segundo este autor, a pesquisa fenomenológica constitui uma tentativa sistemática de descobrir e descrever a natureza da experiência vivida, através das estruturas de significado interno, possibilitando a compreensão do estudo e da descrição dos fenómenos da maneira como eles se manifestam à consciência. Centra-se na descrição dos significados da experiência vivida, visando interpretar e descrever os significados da experiência tal como a vivemos com todos os seus elementos, no nosso mundo e na nossa existência diária. Este método desenvolve-se à medida que a investigação prossegue, tendo em conta as respostas fornecidas pelos participantes (Van Manen, 1990).

A investigadora teve em conta as seguintes etapas na pesquisa fenomenológica: 1) O tópico de investigação deve partir da experiência pessoal e profissional da investigadora, após estabelecer uma aproximação à natureza da experiência vivida; 2) A investigadora deve estudar a experiência vivida tal como aconteceu, numa perspetiva global; 3) A reflexão fenomenológica reflete sobre os temas essenciais que caracterizam os fenómenos, sendo na análise reflexiva que se vai basear a descrição fenomenológica final; 4) A escrita fenomenológica pretende descrever o fenómeno através da arte de reescrever os elementos necessários para o interpretar (Van Manen, 1990).

Os processos de análise e de escrita são indissociáveis, sugerindo alguns procedimentos que devem ser tidos em conta quando aplicado o método fenomenológico. Em primeiro lugar, a interpretação de um fenómeno surge da informação recolhida, sendo a entrevista um método importante na recolha de dados. Em segundo lugar, na análise das experiências vividas, a investigadora deve isolar aspetos temáticos que atribuem significado ao fenómeno que se pretende estudar. A este nível, deve ser dada relevância a aspetos linguísticos nas entrevistas e à comunicação não verbal dos participantes. Em terceiro lugar, este método estimula a criatividade da investigadora sendo possível transformações linguísticas ao longo da interpretação que a investigadora atribui. Por último, a reflexão fenomenológica permite recuperar os temas expostos ou ocultos no texto e vai determinar a estrutura experiencial que caracteriza o fenómeno (Van Manen, 1990).

Na análise das experiências vividas, a abordagem das narrativas pode ser realizada segundo três formas: Abordagem Holística / Sentenciosa - o texto é apreendido como um todo e pretendemos procurar a frase que capta o sentido fundamental do texto. A abordagem Seletiva / Realce - em que se pretende uma leitura repetida do texto onde as declarações e frases que parecem ser essenciais devem ser questionadas e descritas. A abordagem detalhada ou Linha a Linha - destacando as frases ou grupos de frases reveladoras de aspetos importantes do fenómeno (Van Manen, 1990).

Desta forma, a fenomenologia direciona-nos para uma investigação de cariz qualitativa, permitindo realizar reflexões sobre as vivências humanas. Permite maior liberdade à investigadora no que concerne à interpretação de significados. A interpretação dos fenómenos constitui uma transformação das próprias experiências que ocorre de acordo com a sensibilidade e com o conhecimento de quem investiga. Este método, foi testado e validado de acordo com as tradições fenomenológicas (Maggs Rapport, 2001).

2.6. Instrumentos de Recolha de Dados

De acordo com Guerra (2002, p.145), a escolha das técnicas a utilizar “depende do contexto em que se realiza o diagnóstico, sendo de considerar a existência ou não de informações já recolhidas, as características da população, do tempo e financiamento disponível, etc.”

Os instrumentos de colheita de dados em investigação são meios concebidos para obter informação necessária e pertinente. Desta forma, a seleção do instrumento de colheita de dados deve estar diretamente associada com o problema em estudo, de forma a permitir a avaliação das variáveis em causa (Lakatos & Marconi, 2001).

Nesta investigação utilizámos os questionários, as notas de campo e a vídeo gravação de entrevistas semi-diretivas. A utilização de diferentes instrumentos é uma mais valia, permitindo a recolha de dados de diferentes tipos, proporcionando o cruzamento de informação.

A entrevista vídeo gravada é um instrumento valioso na recolha de dados neste estudo de carater qualitativo. A entrevista é semiestruturada e foi realizada com base num guião (Anexo I) utilizado no projeto sobre as Memórias Musicais nas pessoas idosas, desenvolvido por docentes da UALG e da Universidade de Málaga. Porém, houve necessidade de adaptar esse guião (Apêndice VI), tendo em conta os objetivos do estudo, as características da população portuguesa e as características dos participantes.

O questionário (Apêndice VII) foi o instrumento alternativo à entrevista, visto que a maioria dos alunos da UATI não manifestaram interesse em colaborar nas entrevistas. O questionário procurou respeitar as questões do guião da entrevista, com o intuito de obter dados sobreponíveis. O principal objetivo da inclusão deste instrumento foi o de suprimir a lacuna existente face à menor adesão dos participantes às entrevistas.

As notas de campo foram redigidas anotando o comportamento dos alunos face à presença e atuação da investigadora na UATI, tanto enquanto investigadora deste estudo, como enquanto formadora convidada na instituição. Ao nível da investigação os alunos participaram voluntariamente no estudo, embora com uma menor adesão às entrevistas por serem vídeo-gravadas. Ao nível da formação, os alunos sugeriam os temas, sendo que a sua participação foi exemplar nos seminários realizados.

2.6.1. Notas de observação de campo

A investigadora optou por fazer um diário de campo relatando tudo aquilo que observou a nível de comportamento verbal e não-verbal dos alunos da UATI. Estes momentos de partilha entre a investigadora e os alunos promoveram uma relação de confiança fundamental para que os alunos colaborassem ativamente nesta investigação.

As notas de campo foram realizadas após cada seminário dinamizado pela investigadora, enquanto os alunos respondiam aos questionários. São relatos minuciosos sobre o comportamento dos alunos face à presença da investigadora, a sua reação face aos temas abordados e o *feedback* sobre a investigação, elementos importantes a ter em conta em estudos de investigação predominantemente qualitativa. Este método permite uma recolha de dados que de outra forma poderia ser desvalorizada e/ou esquecida.

2.6.2. Aplicação de questionários

Os questionários (Apêndice VII) foram entregues pessoalmente pela investigadora aos alunos da UATI. O objetivo principal foi dar a conhecer o estudo de investigação, de modo a cativar os alunos. Para tal, os questionários foram sempre aplicados após o término de cada seminário lecionado na UATI. O balanço foi positivo, sendo que todas as pessoas em sala de aula colaboraram na resposta aos questionários.

2.6.3. Entrevista fenomenológica

A entrevista fenomenológica é um dos instrumentos de recolha de dados que permite uma recolha mais detalhada. Segundo Van Manen (1990), é um recurso que permite compreender e explorar, com maior profundidade, os significados da experiência vivida. Este método, permite também estabelecer uma relação de proximidade e empatia entre o entrevistador e o entrevistado, possibilitando o diálogo entre ambos e o envolvimento/interesse do entrevistador pelas narrativas autobiográficas dos participantes.

A entrevista fenomenológica hermenêutica foi orientada consoante um guião (Anexo I), e adaptada pela investigadora, tornando-a menos formal (Apêndice VI). Este tipo de entrevista é designado como semiestruturada (ou semi-diretiva) e caracteriza-se por uma interação mais direta entre a investigadora (entrevistadora) e o entrevistado, permitindo uma relativa flexibilidade, sendo que as questões colocadas ao entrevistado podem ou não seguir a ordem prevista no guião, sendo que se reconhece que pode surgir a necessidade de

outras questões no decurso da entrevista. A ambiguidade é menor, embora possa estar presente. (Barañano, 2004; Foddy, 1999).

Segundo Quivy e Campenhoudt (1992, p.192),

A entrevista semi-diretiva é certamente a mais utilizada em investigação social. É semi-diretiva no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. Tanto quanto possível, «deixará andar» o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier. O investigador esforçar-se-á simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objetivos cada vez que o entrevistado deles se afastar e por colocar as perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível.

A vídeo-gravação foi o método escolhido para registar a entrevista e a recolha detalhada dos dados, uma vez que o vídeo permite a recolha de imagens aliada ao áudio. Este método permite captar aspetos como a expressão corporal e facial, bem como registar a reação dos indivíduos face à audição ou canto de uma determinada música, para além do registo verbal do participante (Honorato et al., 2006; Sadalla & Larocca, 2004; Carvalho, 2004; Pinheiro; Kakehashi & Angelo 2005).

Apenas 7% da expressão do indivíduo se faz com palavras e o restante com gestos, movimentos corporais, entoação de voz e velocidade da pronúncia, entre outros (Pinheiro, Kakehashi & Angelo, 2005). A vídeo-gravação pode também servir como *feedback* para a investigadora ao longo do processo de pesquisa. Este instrumento possibilita a realização minuciosa de registos e de codificação de dados, produzidos por mais de um observador. Permite maior fiabilidade, fidedignidade e riqueza na produção e na análise de material empírico, tornando-se mais relevante em pesquisas que lidam com questões e temáticas difíceis de serem apreendidas empiricamente (Garcez, Duarte & Heisenberg 2011).

A investigadora optou por transcrever as gravações, transformando o audiovisual em texto escrito para analisá-lo segundo os pressupostos empregues na análise desse tipo de material.

2.6.3.1. Realização e transcrição das entrevistas

A entrevista é “um processo planejado, (...) frequentemente utilizado nos estudos exploratórios descritivos, se bem que seja também utilizado nos outros tipos de investigação” (Fortin, 2003, p.245). A entrevista é um instrumento robusto na recolha de informação, permitindo colher dados que de outra forma não seria possível. É a técnica que mais potencia a interação entre o entrevistador e o entrevistado. Contudo, as características do entrevistador são fundamentais para o sucesso ou insucesso na condução da entrevista, sendo fundamental estabelecer uma relação empática, ter uma atitude flexível, ser bom ouvinte e persuasivo, permitindo ao entrevistado “maior à vontade” (Coutinho, 2014). Fatores como a idade, género ou classe social do entrevistador podem desencadear no entrevistado ideias pré-concebidas e influenciar na forma como a pessoa vai participar na entrevista (Ghiglione & Matalon, 1992).

As entrevistas decorreram no mês de Maio, cinco delas num gabinete da UATI e uma na residência do entrevistado. Nas entrevistas realizadas na UATI, a sala foi escolhida tendo em conta a luminosidade, o isolamento acústico e a privacidade. Na entrevista realizada em ambiente doméstico, foi necessário testar o ângulo adequado à colocação da câmara, de modo a garantir uma boa imagem naquele espaço desconhecido. Todas as entrevistas foram agendadas previamente com os participantes; foram respeitadas a data e a hora definidas, e ainda, cumpridos os pressupostos do anonimato e da confidencialidade.

O equipamento audiovisual foi facultado pelo serviço de audiovisuais da Escola Superior de Educação e Comunicação da UALG. Foi requisitado o seguinte equipamento: câmara de filmar; tripé, microfone; auscultadores e cartão SD para descarregar o ficheiro de vídeo no computador pessoal da investigadora. Este procedimento foi testado antes de cada entrevista para garantir que o equipamento estaria a funcionar na perfeição.

Quanto às características dos entrevistados, as idades variaram entre 71 e 78 anos, sendo 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino. As durações das entrevistas variaram entre 15 minutos a 1 hora e 30 minutos. A investigadora, antes do início de cada entrevista, apresentou-se, referiu a pertinência do estudo, e solicitou autorização verbal e escrita, através da assinatura do consentimento informado. Neste documento constavam os objetivos do estudo de investigação, a garantia de anonimato do entrevistado e a confidencialidade dos dados, fundamental na proteção dos direitos dos participantes.

No decorrer da entrevista foi solicitado aos participantes a partilha de experiências pessoais, apelando à sua memória musical. As questões foram bem compreendidas pelos participantes e embora a presença da câmara tivesse causado um constrangimento inicial o mesmo foi posteriormente ultrapassado. A transcrição das entrevistas permitiu à investigadora auto avaliar-se quanto ao seu desempenho. Segundo Duarte (2002), esta situação permite melhorar a atuação do investigador em relação ao posicionamento e interação com os entrevistados.

Neste estudo, a entrevistadora percebeu que estabelecer uma relação de confiança e empatia com o entrevistado é fundamental para o sucesso da entrevista. As questões foram colocadas de forma pausada e esclarecidas sempre que necessário. Segundo Carmo (1998), o entrevistador deve ser imparcial e cuidadoso na forma como conduz a entrevista e na forma como coloca as questões, e sempre que possível deve manter um discurso claro e objetivo, usando vocabulário de fácil perceção.

A transcrição das entrevistas (Apêndice VIII) foi realizada de acordo com a norma “Convenções de Transcrição” (anexo II).

2.6.3.2. Participantes nas entrevistas

Foram realizadas seis entrevistas, sendo designado o entrevistador com a letra “E” e os entrevistados com a letra “e” e numeradas as entrevistas de 1 a 6 de acordo com a ordem em que foram realizadas. Assim sendo, tivemos 6 entrevistados que designamos de e1, e2, e3, e4, e5, e6.

A investigadora não sentiu necessidade de realizar um pré-teste do guião da entrevista, dada a constatação de alguns pressupostos: a existência de empatia entre a entrevistadora e entrevistados; o conhecimento das experiências de vida; o conhecimento das suas preferências (constatadas em contactos anteriores), e por último, o facto de haver um número reduzido de interessados em participar nas entrevistas.

3. PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Foi, inicialmente, solicitada uma autorização para a realização do estudo de investigação na UATI, a qual foi aceite (Apêndice III). Foi facultado aos participantes um termo de Consentimento Livre e Informado, para que todos tomassem conhecimento da finalidade do estudo e desta forma fosse dado o seu consentimento explícito (Apêndice IV). Os participantes foram informados do direito de retirar o consentimento livre e informado a qualquer momento, sem qualquer penalização ou prejuízo. Assegurou-se a privacidade e confidencialidade dos dados obtidos. Seguiu-se uma primeira fase de execução de pedidos e uma outra de organização de tarefas.

3.1. Execução dos Pedidos

- ✓ Foi apresentado o desenho de Projeto de Investigação à Professora Doutora Aurízia Anica, diretora do curso de Mestrado em Gerontologia Social e responsável na UALG pelo Projeto Memórias Musicais, desenvolvido em colaboração com o docente da Universidade de Málaga, nomeadamente o Professor Doutor António Matasterrón.
- ✓ Foi registado o tema da presente dissertação na UALG;
- ✓ Foi dirigido um pedido formal à UATI para que fosse autorizada a recolha de dados referentes às memórias musicais das pessoas idosas a frequentar a instituição;
- ✓ Foi solicitada autorização à UATI para que a investigadora do estudo realizasse atividades de formação nesta instituição.

3.2. Organização de Tarefas

- ✓ Foi agendada uma reunião entre os responsáveis da UATI e a investigadora, com a finalidade de apresentar o desenho de projeto de investigação;
- ✓ Foi apresentado o projeto de investigação aos alunos que frequentam a instituição;
- ✓ Foi assegurado que a participação era voluntária, sendo cada participante livre de poder desistir a qualquer momento do processo;
- ✓ Foram instruídos os alunos a assinar o consentimento livre e informado;
- ✓ Foi garantido o anonimato.

4. SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

4.1. Critérios de Inclusão

Os critérios de inclusão neste estudo são: pessoas com idade igual ou superior a sessenta e cinco anos, de ambos os sexos, a frequentar a UATI, com capacidade de comunicar de forma clara, concisa e objetiva, sem alterações significativas ao nível da cognição. Os participantes devem aceitar participar voluntariamente no estudo, depois de devidamente informados acerca da metodologia a utilizar.

4.2. Critérios de Exclusão

Os critérios de exclusão neste estudo são: pessoas com menos de sessenta e cinco anos de idade, sem frequência na UATI, que apresentassem distúrbios neurológicos (afasia) ou de comunicação (surdez, mudez) ou que não manifestassem interesse em participar.

4.3. Participantes no Estudo

Os participantes no estudo cumpriram os critérios de inclusão, com representatividade de ambos os sexos e a frequentar a UATI. Todos participaram de forma voluntária e informada, após tomarem conhecimento dos objetivos e metodologia do estudo. Foram recrutados vinte participantes nos questionários e seis participantes nas entrevistas.

Os questionários foram fornecidos em sala de aula, ao longo dos seminários realizados pela investigadora. Inicialmente, oito alunos manifestaram interesse e disponibilidade em participar na vídeo gravação, porém, alegando motivos pessoais, dois deles desistiram, embora viessem a colaborar com os questionários. A investigadora verificou que ocorria repetição da informação, considerando que foi alcançada a saturação dos dados para o tema em estudo. Os participantes definiram de que forma desejavam colaborar no estudo, quando à disponibilidade (dia e hora), ao local (domicílio ou UATI) e de que forma (entrevistas e/ou questionários).

No texto do consentimento informado, apresentou-se o tipo de estudo de investigação, os objetivos e todos os aspetos relacionados com a dimensão ética do estudo. A finalidade de um consentimento informado é obter a autorização consentida dos participantes que colaboram voluntariamente no estudo e simplificar as deliberações dos investigadores (Fortin, 2003).

5. UNIVERSIDADE DO ALGARVE PARA A TERCEIRA IDADE

5.1. Âmbito, Natureza e Finalidades da UATI

A UATI é uma entidade coletiva de direito privado, sem fins lucrativos, criada por escritura pública, publicada na III série do Diário da República n.º 263, de 13/11/1992. A associação goza de autonomia administrativa, financeira e patrimonial nos termos dos seus Estatutos e tem um regulamento geral aprovado em Assembleia Geral.

A Associação tem âmbito regional e é formada por todas as entidades individuais ou coletivas privadas ou públicas, que nela queiram integrar-se nos termos os Estatutos que durará por tempo indeterminado. A UATI apresenta sede em Faro, podendo criar outras delegações ou forma de representação em qualquer parte do território da Região do Algarve e junto das comunidades Portuguesas no estrangeiro.

5.2. Princípios Fundamentais da UATI

A UATI rege-se pelos princípios de independência face ao poder político, tem representatividade democrática, com participação dos seus membros no seu funcionamento e interação entre todos os associados na prossecução dos seus objetivos.

5.3. Objetivos da UATI

5.3.1. Objetivos gerais

Os principais objetivos consistem em promover atividades culturais, desportivas e recreativas que proporcionem harmonia e bem-estar, permitindo estabelecer e reforçar laços de amizade e conhecimentos mútuos e fraternos entre os associados. Consiste, também, em incentivar o interesse dos associados pelo saber, pela pesquisa e pela investigação científica com a finalidade de adquirir, atualizar e desenvolver conhecimentos. Outro objetivo da UATI consiste em colaborar com os órgãos de administração pública, central, regional, local e outras Entidades como a Fundação INATEL, a UALG, a Câmara Municipal de Faro, a Associação de Municípios do Algarve e a Associação para o Desenvolvimento do Algarve.

Por último, a UATI pretende promover e divulgar os estudos e os pareceres do interesse dos associados, tendo em conta os direitos sociais e culturais que lhes assistem. A

Associação poderá praticar todos os atos necessários à prossecução dos fins Sociais decorrentes da Lei e dos Estatutos. A prossecução destes fins poderá ser transferida para associações de objetivos comuns da mais ampla representatividade, podendo a Associação integrar-se em Uniões e Federações de carácter científico-cultural.

5.3.2. Objetivos específicos

São objetivos específicos da instituição criar e manter estruturas adequadas às aprendizagens, proporcionar aprendizagens através de aulas teórico-práticas e organizar atividades extracurriculares como visitas de trabalho e de lazer.

5.3.3. Condições para ser sócio da UATI

Todos os indivíduos com mais de 65 anos podem frequentar a instituição desde que cumpram os estatutos da UATI e mantenham a sua inscrição ativa com o devido pagamento das propinas.

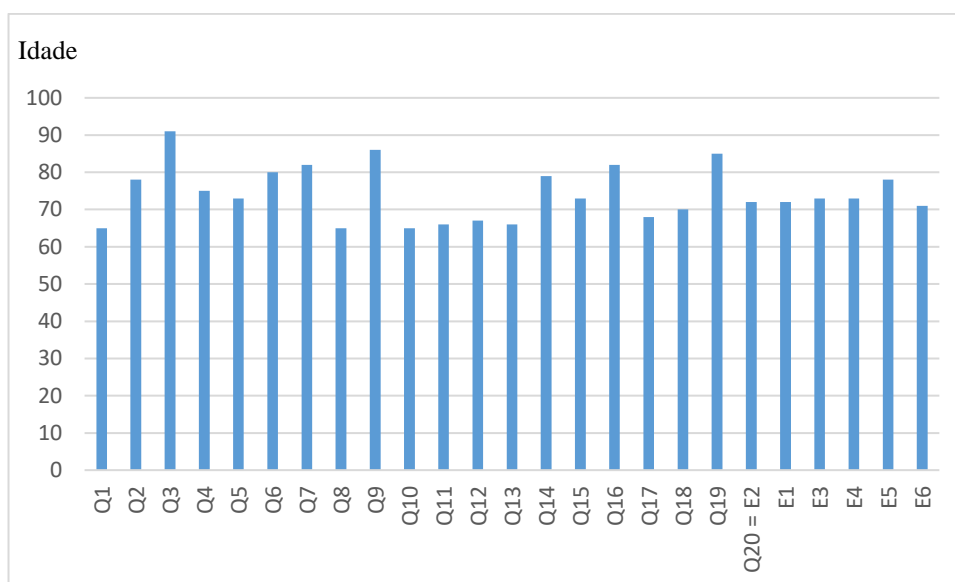
6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

6.1. Caracterização Sociodemográfica dos Participantes

6.1.1. Caracterização dos participantes quanto à idade

Neste estudo participaram no total 25 pessoas idosas: 20 colaboraram no questionário e 6 na entrevista, sendo que um dos participantes colaborou tanto na entrevista (E2) como no questionário (Q20). As suas idades variam entre os 65 e os 91 anos, (dados colhidos no ano 2018) sendo que a média é de 73,8 anos de idade. Os participantes nasceram entre o ano 1927 e 1953, tendo vivido a infância nas décadas de 30, 40 e 50 do século XX.

Gráfico 6.1.1. – Idade dos participantes



Legenda:

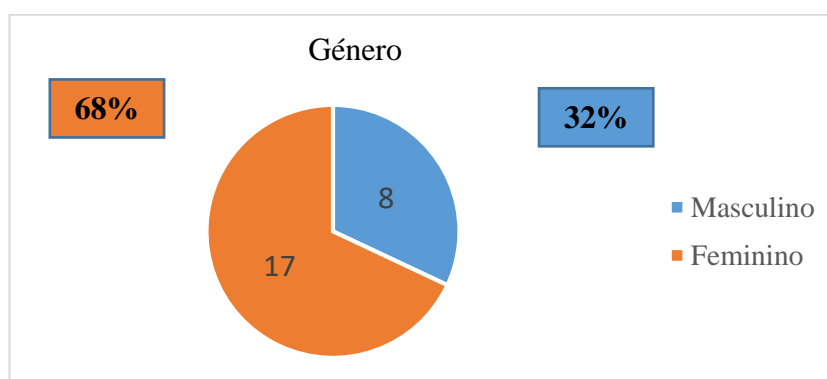
Q1-Q20 – N.º de questionários de 1-20

E1-E6 – Entrevistas de 1-6

6.1.2. Caracterização dos participantes quanto ao género

Dos 25 participantes, 8 (32%) são do género masculino e 17 (68%) do género feminino. Isto poderá significar que os participantes do género feminino acima dos 65 anos de idade são mais dinâmicos e pró-ativos que os de género masculino da mesma faixa etária. É necessário referir que o número de alunos a frequentar a UATI é maioritariamente do género feminino. Segundo as alunas, esta realidade está relacionada com o facto de as mulheres sentirem maior necessidade de manter o convívio social e o estímulo cognitivo.

Gráfico 6.1.2. – Género dos participantes



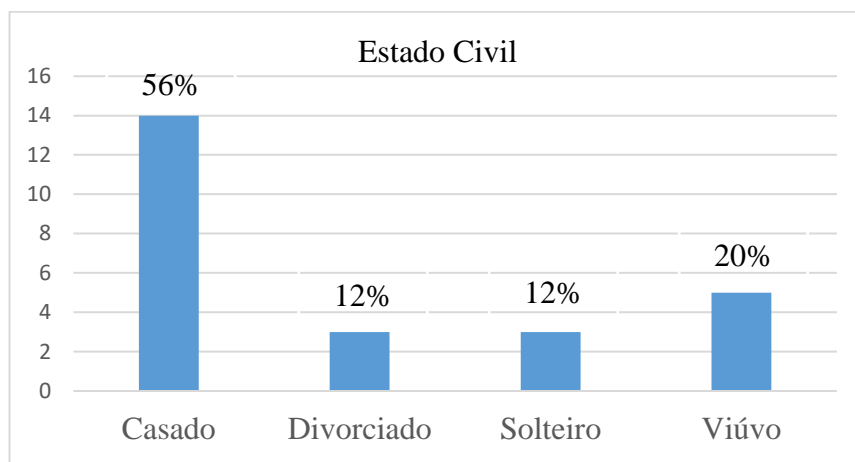
6.1.3. Caracterização dos participantes quanto ao estado civil

Dos 25 participantes, 14 (56%) são casados, 3 (12%) divorciados, 5 (20%) viúvos e 3 (12%) solteiros. É interessante verificar que mais de metade dos participantes são casados, o que exige uma melhor gestão do tempo para conciliar a vida conjugal e familiar com as atividades desenvolvidas na UATI, sendo revelador da motivação que estes participantes demonstram em permanecerem ocupados. A investigadora realça o facto da maioria dos participantes ser do género feminino, o que destaca maior capacidade na gestão de tempo no que concerne às tarefas domésticas e às responsabilidades que as mesmas assumem na educação dos netos, não sendo estas tarefas impedimento de frequentarem a UATI.

Os restantes participantes (divorciados, solteiros e viúvos), são em menor número, e embora reformados e a viver sozinhos, não são os que mais frequentam a UATI comparativamente aos casados. Ainda assim, deste grupo, são os viúvos os mais assíduos na UATI, o que poderá estar relacionado com o convívio que a instituição promove e que muitos referem como positivo. Tal como alguns participantes

verbalizavam em momentos informais: “estar na UATI ajuda a combater a solidão e a ultrapassar a dor do luto, uma vez que permite manter a mente ocupada”.

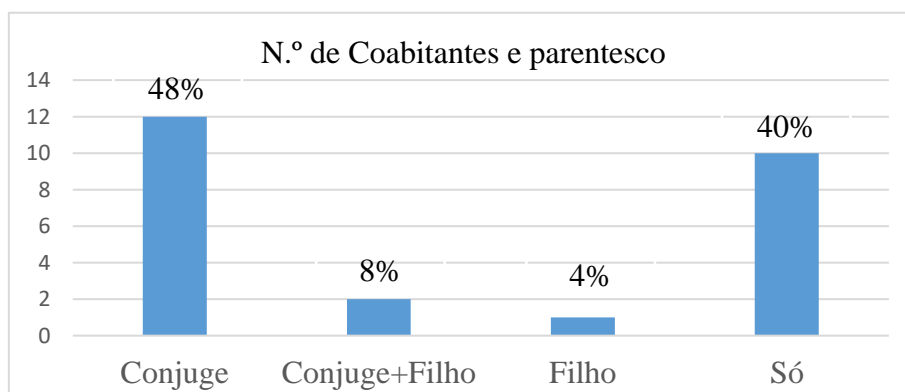
Gráfico 6.1.3. – Estado civil dos participantes



6.1.4. Caracterização dos participantes quanto ao número de coabitantes e parentesco

Dos 25 participantes, 12 (48%) vivem com o cônjuge, 10 (40%) vivem sozinhos, 2 (8%) vivem com o cônjuge e um filho, e 1 vive apenas com o filho. Esta recolha de dados permite concluir que mais de metade dos participantes (15) vivem acompanhados, e que o número de coabitantes está diretamente relacionado com o estado civil, ou seja, o fato de ser casado implica maior número de pessoas a coabitar com o participante.

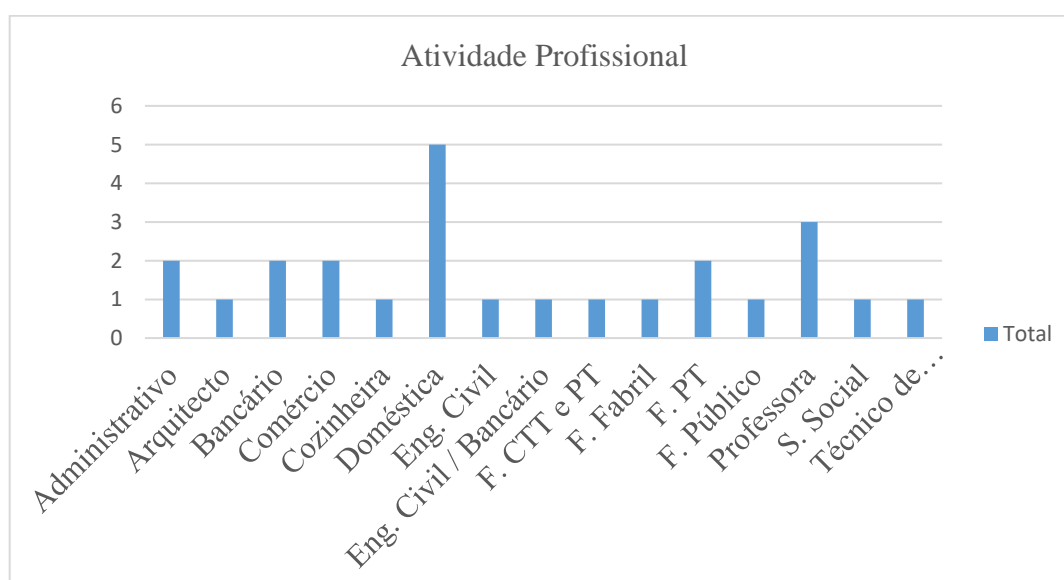
Gráfico 6.1.4. – Número de coabitantes e relação de parentesco por participante



6.1.5. Caracterização dos participantes quanto à atividade profissional

A atividade profissional dos participantes é bastante heterogénea, e intrinsecamente relacionada com a sua escolaridade. Dos participantes, apenas 5 (20%) desempenharam trabalho não remunerado, nomeadamente trabalho doméstico. Os restantes 20 (80%) participantes desempenharam uma atividade profissional remunerada. Tal como representado no gráfico 6, é possível observar que todos os participantes frequentaram algum grau de ensino escolar, à exceção de uma participante analfabeta (uma das cinco que desempenham trabalho doméstico). Nos participantes com trabalho remunerado, verificaram-se as seguintes atividades profissionais: uma cozinheira; um funcionário fabril; um funcionário público; um funcionário dos CTT; um técnico de comunicação e eletrónica; um técnico de segurança social; um arquiteto; um engenheiro civil; um participante que exerceu atividade como engenheiro civil e como bancário; dois trabalhadores na área do comércio; dois administrativos; dois funcionários da PT; dois bancários e três professoras. Tanto a atividade profissional como a escolaridade destes participantes parecem justificar o facto de continuarem a ser indivíduos ativos na sociedade e bastante motivados em participar tanto nas atividades da UATI, como nos desafios propostos pela investigadora.

Gráfico 6.1.5. – Atividade profissional dos participantes



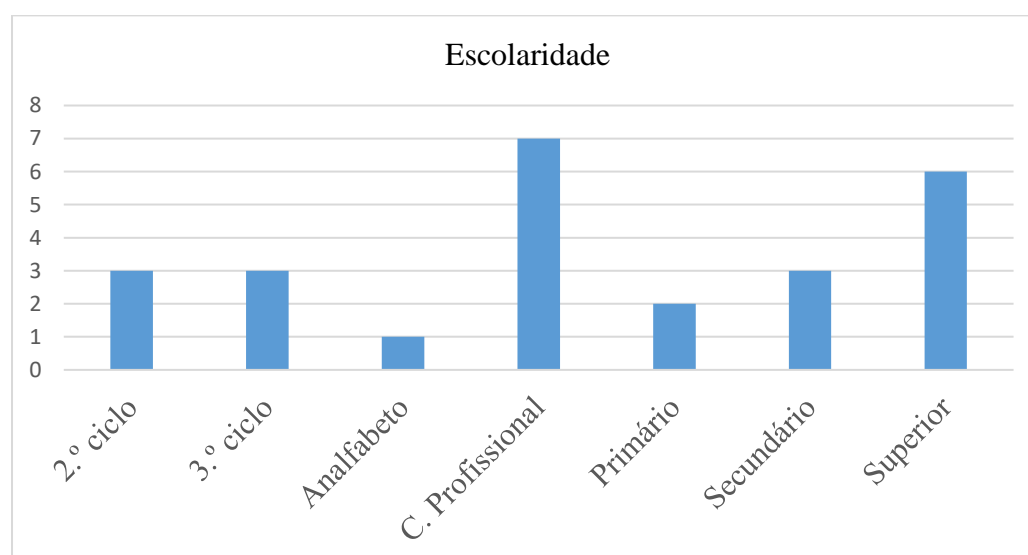
6.1.6. Caracterização dos participantes quanto à escolaridade

Os participantes neste estudo apresentam níveis de escolaridade distintos. Após a análise das respostas dos participantes optou-se por dividir o nível de escolaridade dos mesmos em 6 níveis de ensino: ensino primário (8%); 2.º ciclo (12%); 3.º ciclo (12%), ensino secundário (12%), ensino profissional (28%) e ensino superior (24%).

Dos 25 participantes no estudo: um é analfabeto; dois (8%) frequentaram o ensino primário; três (12%) concluíram o 2.º ciclo; três concluíram o 3.º ciclo; três frequentaram o ensino secundário; sete (28%) concluíram o ensino profissional; e seis (24%) concluíram o ensino superior. Face aos dados apresentados conclui-se que mais de metade dos participantes possuem formação superior e/ou profissional, sendo que o ensino superior representa o nível de escolaridade mais frequente entre os participantes neste estudo, o que será relativamente incomum, tendo em conta a faixa etária dos participantes e as dificuldades socioeconómicas da época em que foram estudantes.

Foi possível perceber que os participantes, independentemente do nível de escolaridade, encaravam os estudos como um privilégio que tiveram ao longo do seu percurso de vida, algo que não era acessível a todos.

Gráfico 6.1.6. – Escolaridade dos Participantes



6.2. Análise Descritiva dos Dados Obtidos nos Questionários

6.2.1. Local de residência anterior

Todos os participantes, atualmente, habitam em Faro. Quanto ao local de residência anterior, à exceção de 7, todos residiram noutros locais referindo diferentes motivos da deslocação: familiar (4); profissional (4); pessoal (2); educacional (2), e um participante que fez várias deslocações por motivos tanto profissionais como educacionais (Tabela 6.2.1.).

Tabela 6.2.1.

Local de residência dos participantes

Questionário	Em que local residiu anteriormente?	O que o motivou a deixar esse local?
Q1	Não respondeu	Não respondeu
Q2	Não respondeu	Não respondeu
Q3	Porto	Familiar
Q4	S. Brás Alportel	Profissional
Q5	Vila Conde	Familiar
Q6	S. Brás Alportel	Familiar
Q7	Porto	Profissional
Q8	Não respondeu	Não respondeu
Q9	Beja	Pessoal
Q10	Não respondeu	Não respondeu
Q11	Olhão	Profissional
Q12	Moçambique	Pessoal
Q13	Não respondeu	Não respondeu
Q14	Não respondeu	Não respondeu
Q15	S. Brás Alportel	Profissional
Q16	Tavira	Familiar
Q17	Messines	Educacional
Q18	Lagos + Loulé	Educacional
Q19	Não respondeu	Não respondeu
Q20	Vidigueira + Almodôvar + Évora	Profissional + Educacional

6.2.2. Relação com a família e os amigos

Todos os participantes referiram ter uma boa relação familiar à exceção de 1 que caracterizou a relação como razoável. Relativamente à relação com os amigos, 18 referiram que a relação é boa e 2 classificaram-na como razoável. É possível concluir que todos eles mantêm o contacto tanto com a família como com os amigos, sendo que esta relação se mantém positiva na vida de todos os participantes. Não houve ninguém que classificasse a relação como negativa, o que permite concluir que os laços estabelecidos ao longo da vida destes participantes assumem uma representatividade positiva (Tabela 6.2.2).

Tabela 6.2.2.

Caraterização da relação familiar e de amizade dos participantes

Questionário	Como é a relação com a sua Família?	Como é a relação com os seus amigos?
Q1	Boa	Razoável
Q2	Boa	Boa
Q3	Razoável	Razoável
Q4	Boa	Boa
Q5	Boa	Boa
Q6	Boa	Boa
Q7	Boa	Boa
Q8	Boa	Boa
Q9	Boa	Boa
Q10	Boa	Boa
Q11	Boa	Boa
Q12	Boa	Boa
Q13	Boa	Boa
Q14	Boa	Boa
Q15	Boa	Boa
Q16	Boa	Boa
Q17	Boa	Boa
Q18	Boa	Boa
Q19	Boa	Boa
Q20	Boa	Boa

6.2.3. Papel da escola e da família

A maioria dos participantes faz referência ao facto de haver distinção entre o papel da escola e o papel da família na educação. É referido que, na infância, a escola teria a responsabilidade de formar as crianças, transmitindo conhecimentos e valores. Por outro lado, alguns participantes destacam o papel fundamental da família na partilha cultural e na transmissão de valores aos elementos da família logo desde a infância.

Tanto na educação escolar como na educação familiar, os participantes referem que antigamente havia maior rigidez na educação das crianças comparativamente com aos sistemas de educação atuais. Os participantes referem que a educação que tiveram na infância era baseada nos princípios da igreja católica, bastante conservadora e disciplinadora, conceitos predominantes do Estado Novo. Em 20 questionários, 1 participante não respondeu, 2 não se manifestaram em relação à educação escolar e 1 em relação à educação familiar (Tabela 6.2.3.).

Tabela 6.2.3.

Papel da escola e da família, segundo os participantes

Questionário	Poderia dizer-nos, no seu tempo, como eram educadas as crianças? Qual era o papel da escola e da família na educação?
Q1	Escola: Princípios da honestidade e do respeito. Família: Princípios da honestidade e do respeito.
Q2	Escola: Papel primário. Família: Papel complementar.
Q3	Escola: Papel educativo. Família: Papel educativo.
Q4	Escola: Valores de honestidade, solidariedade e respeito. Família: Valores de honestidade, solidariedade e respeito.
Q5	Escola: Princípios de liberdade, convívio e honestidade. Família: Princípios de liberdade, convívio e honestidade.
Q6	Escola: Educação religiosa e rígida. Família: Educação limitadora e rígida.
Q7	Escola: Não respondeu. Família: Não respondeu.
Q8	Escola: Conhecimento e formação. Família: Valores.
Q9	Escola: Educação rígida e eficaz. Família: Educação rígida e eficaz.
Q10	Escola: Não respondeu. Família: Educação doméstica e rígida.

Q11	Escola: Ensino em áreas diversificadas, Família: Transmissão de valores.
Q12	Escola: Ensino rígido; Transmissão de conhecimentos. Família: Ensino de um ofício; Transmissão de valores.
Q13	Escola: Ensino rígido de conhecimentos. Família: Ensino rígido de valores.
Q14	Escola: Ensino rígido de conhecimentos. Família: Ensino rígido de valores.
Q15	Escola: Ensino rígido; Transmissão de conhecimentos. Família: Ensino de um ofício; Transmissão de valores.
Q16	Escola: Ensino fundamental na educação da criança Família: Não respondeu
Q17	Escola: Formação e conhecimento. Família: Princípios e valores.
Q18	Escola: Não respondeu. Família: Crianças educadas em casa com rigidez pelos mais velhos.
Q19	Escola: Educação rígida. Família: Educação rígida.
Q20	Escola/ Família: Educação complementar entre a escola e a família

6.2.4. Perceção do trabalho infantil

Dos 20 participantes nos questionários, 5 referiram não ter conhecimento da existência de trabalho infantil, no entanto, 3 participantes referiram que no tempo da sua infância era habitual as crianças, desde muito jovens, auxiliarem os pais nas lides domésticas, trabalho agrícola e não só. Esta perceção, nos anos 30, 40 e 50 do século XX, está relacionada com o facto de serem tempos de grande dificuldade económica para a maioria das famílias, sendo portanto normal e aceitável as crianças ajudarem os pais nas mais diversas tarefas.

Em contraponto, 15 participantes referiram ter conhecimento da existência de trabalho infantil, relacionando esta questão com o facto de as crianças não terem oportunidade de prosseguir nos estudos, devido às condições socioeconómicas da época.

Segundo Rosas (1992), Portugal enfrentou os efeitos da guerra a partir de meados de 1941, sendo necessário reagir com políticas típicas de uma economia de guerra para superar as adversidades. Ocorreu escassez de géneros essenciais e, consequentemente, inflação com níveis preocupantes, revelando-se tempos de grandes dificuldades em garantir a autossuficiência alimentar, tornando necessária a permanência de crianças em variados trabalhos como forma de auxiliar os pais a garantir o sustento do lar.

O trabalho infantil mencionado pelos participantes refere-se principalmente a tarefas ao nível do trabalho doméstico, agrícola e marítimo, embora as áreas da indústria, da restauração e do comércio também sejam indicadas. Os participantes referem mesmo que as crianças trabalhavam nas áreas onde havia falta de mão de obra ou naquelas áreas onde os pais já trabalhavam (Tabela 6.2.4.).

Tabela 6.2.4.

Perceção dos participantes face ao tema ao trabalho infantil

Questionário	Hoje em dia, fala-se de trabalho infantil. Acha que havia trabalho infantil no seu tempo?
Q1	Não. Refere ser habitual as crianças ajudarem nas lides domésticas.
Q2	Não. Refere ser habitual as crianças ajudarem nas lides domésticas.
Q3	Não.
Q4	Sim. Trabalho agrícola, doméstico e na restauração.
Q5	Sim. Trabalho marítimo, na pesca.
Q6	Sim. Trabalho agrícola e doméstico.
Q7	Sim. Trabalho agrícola e doméstico.
Q8	Não.
Q9	Sim. Trabalho agrícola e doméstico.
Q10	Sim. Trabalho agrícola e doméstico.
Q11	Não.
Q12	Sim. Trabalho agrícola.
Q13	Sim. Trabalho agrícola.
Q14	Sim. Trabalho agrícola e marítimo.
Q15	Sim. Trabalho agrícola.
Q16	Sim. Trabalho agrícola.
Q17	Sim. Trabalho agrícola e doméstico.
Q18	Sim. Trabalho agrícola e doméstico.
Q19	Sim. Trabalho doméstico e comércio.
Q20	Sim. Trabalho doméstico e indústria.

6.2.5. Memórias musicais relacionadas com a escola e a família

Todos os participantes referem recordar-se de músicas que marcaram determinado momento do seu percurso de vida, e que essas memórias musicais que marcaram a sua vida de forma significativa são responsáveis por despoletar vários sentimentos, nomeadamente: a saudade (11), a felicidade (3), a alegria (6), o divertimento (1), a nostalgia (1), a emoção (1) e o orgulho (1), sendo que alguns participantes referiram mais do que um sentimento.

Em relação às memórias musicais foram referidas músicas distintas, podendo este facto estar relacionado com as preferências musicais e/ou com as experiências de vida de cada um dos participantes. No geral, foram referidas músicas populares infantis que marcaram momentos da infância. Existe ainda referência à música popular com origem em certas regiões do continente, tais como o folclore algarvio, o fado de Coimbra e o cante alentejano. Estes estilos musicais são referidos por alguns participantes, transportando memórias relacionadas com a cultura, a tradição e os seus percursos de vida.

A música clássica e a música ligeira são mencionadas várias vezes, estando relacionadas com a oferta musical disponível na época. Por fim, os participantes destacaram que a música espanhola, a música brasileira e músicas de filmes emblemáticos dessa época, marcaram não só a infância como toda a sua juventude.

O Hino Nacional, que se aprendia na escola, é referido por dois participantes como memória musical alusiva à educação transmitida, essencialmente, na escola (Tabela 6.2.5.).

Tabela 6.2.5.

Memórias musicais e sentimentos relativos ao percurso educacional (escolar/família)

Questionário	Quando falamos de <u>educação</u>: da escola, família e amigos, isso lembra-lhe alguma canção ou música desse tempo? Refira quais eram essas músicas e que sentimentos lhe causam?
Q1	Sim. Música Popular; Cante Alentejano (no geral). Sentimento – Saudade
Q2	Sim. Hino Nacional: “A Portuguesa”, 1890. Sentimento – Orgulho
Q3	Sim. Fado de Coimbra, de Alberto Ribeiro, 1952; Cantigas do Pátio das Cantigas, filme de 1942. Sentimento - Felicidade / Saudade
Q4	Sim. Músicas infantis e românticas (no geral). Sentimento - Nostalgia / Saudade

Q5	Sim. Música popular (no geral). Música folclórica (no geral). Sentimento – Alegria
Q6	Sim. Fado: “Vou dar de beber à alegria” de Hermínia Silva, 1981 Sentimento – Saudade / Felicidade
Q7	Sim. Música clássica/erudita (Séc. IX, no geral). Música ligeira (em geral). Música - “Canção de embalar” de José Afonso, 1968 Sentimento – Alegria
Q8	Sim. Música ligeira (no geral); Música Folclórica (corridinho do Algarve). Músicas de danças de salão. Sentimento – Alegria
Q9	Sim. Música popular: “Apita o comboio”. Sentimento – Alegria
Q10	Sim. “Música no coração”, do filme de <i>Robert Wise</i> , 1965. Sentimento – Saudade
Q11	Sim. Música popular para crianças: “Fui ao jardim da celeste...”. Sentimento - Alegria / Divertimento
Q12	Sim. Música popular para crianças (em geral). Música espanhola (em geral). Música brasileira (em geral). Sentimento – Saudade
Q13	Sim. Hino Nacional, “A Portuguesa”, 1890. Sentimento – Emoção
Q14	Sim. Música popular para crianças: “A loja do mestre André...”. Sentimento – Saudade
Q15	Sim. Música: “Canção de embalar” de José Afonso, 1968. Sentimento – Saudade
Q16	Sim. Música popular para crianças: “Mora à beirinha do charco, Num Palácio encantado...”. Sentimento – Felicidade
Q17	Sim. Músicas popular para crianças: “A loja do mestre André...”. Sentimento – Saudade
Q18	Sim. Música: “Gaivota voava, voava...”, também conhecida por “Somos livres”, de Ermelinda Duarte, 1974. Sentimento – Saudade
Q19	Sim. Música popular para crianças: “A loja do mestre André”. Sentimento – Alegria
Q20	Sim. Música: “Pomba Branca”, de Beatriz Conceição e Max, 1973. Sentimento – Saudade

6.2.6. Sentimentos relacionados com o local onde viveu a infância

Todos os participantes manifestam ter recordações do local onde cresceram, sendo esses momentos condicionantes do seu desenvolvimento. A maioria (11), referem saudade do local onde cresceram e dos tempos que lá passaram, manifestando vontade de regressar às origens. A alegria foi referida por 5 participantes, o que demonstra que o local onde cresceram apresenta um impacto positivo na infância. Dos restantes participantes, 3 referem indiferença, pois não têm ligação afetiva ao local. Pontualmente são mencionados outros sentimentos, nomeadamente a tristeza, referida por 1 participante que associa este sentimento aos locais que marcaram negativamente a sua infância. Os sentimentos despoletados quando recordam o local da infância, estão diretamente relacionados com as suas experiências de vida relativamente ao local onde cresceram (Tabela 6.2.6.).

Tabela 6.2.6.

Sentimentos relativos ao local onde cresceu

Questionário	Lembra-se como era a vida no local onde cresceu? O que sente quando se fala desse local?
Q1	Sim. Saudade
Q2	Sim. Alegria
Q3	Sim. Saudade
Q4	Sim. Alegria
Q5	Sim. Saudade
Q6	Sim. Indiferença
Q7	Sim. Saudade
Q8	Sim. Saudade
Q9	Sim. Saudade
Q10	Sim. Saudade
Q11	Sim. Indiferença
Q12	Sim. Saudade
Q13	Sim. Alegria
Q14	Sim. Alegria
Q15	Sim. Saudade
Q16	Sim. Saudade
Q17	Sim. Alegria
Q18	Sim. Indiferença
Q19	Sim. Saudade
Q20	Sim. Tristeza.

6.2.7. Percepção sobre a família das décadas 30, 40 e 50

Existem diferenças referidas pelos participantes entre as famílias do seu tempo e as da atualidade, porém existe concordância relativamente a alguns aspetos. Dos 20 participantes, 19 referiram que na sua infância as famílias eram muito conservadoras, o que se prende com a cultura dominante do Estado Novo nas décadas 30-40-50. Relativamente à escolaridade, 17 participantes referiram que, anteriormente, o nível era inferior, tanto pela falta de incentivo para que as crianças frequentassem a escola, como pelas dificuldades das famílias em mantê-las na escola. 13 participantes destacaram o maior respeito pelos adultos, muito devido ao papel da família na educação das crianças, referindo que, na sua infância, era notória a maior responsabilização dos elementos mais velhos na educação dos mais novos. 10 participantes referiram haver maior responsabilidade de todos os elementos da família no geral, referindo a educação rígida da época e o facto de as crianças assumirem, desde muito cedo, responsabilidades que hoje em dia seriam impensáveis atribuir a uma criança.

Ainda, 16 participantes referiram que antigamente havia maior dependência financeira dos cônjuges, o que se relaciona com o fraco nível de participação das mulheres no mercado de trabalho. A independência financeira tardia dos filhos é uma característica referida por 8 participantes, provavelmente relacionado com o facto dos filhos trabalharem com os pais, permanecendo em suas casas até muito tarde. Em alguns casos, era frequente os filhos após o casamento constituírem família mantendo-se em casa dos pais. Em contrapartida, 1 participante referiu haver maior independência financeira dos filhos, o que segundo o próprio se deve ao facto de os jovens iniciarem muito cedo a sua atividade laboral, ao invés de prosseguirem com os estudos, permitindo aos mesmos uma autonomia que de outra forma não seria possível alcançar (Tabela 6.2.7.).

Tabela 6.2.7.

Caraterização das famílias das décadas de 30-40-50

Questionário	Existem diferenças entre as famílias que conheceu no passado e as do presente? Assinale caraterísticas das <u>famílias de antigamente</u> .
Q1	Famílias conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior respeito das crianças pelos adultos.
Q2	Famílias conservadoras; Menor nível de escolaridade; Dependência financeira dos cônjuges.
Q3	Famílias conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior respeito das crianças pelos adultos; Dependência financeira dos cônjuges;

	Independência financeira tardia dos filhos.
Q4	Famílias conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior responsabilidade dos seus elementos; Dependência financeira dos cônjuges e independência tardia dos filhos.
Q5	Famílias conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior respeito das crianças pelos adultos; Maior responsabilidade dos seus elementos; Dependência financeira dos cônjuges.
Q6	Famílias conservadoras; Menor nível de escolaridade; Independência financeira tardia dos filhos.
Q7	Famílias liberais; Maior nível de escolaridade; Dependência financeira dos cônjuges, Maior responsabilidade dos seus elementos.
Q8	Famílias conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior respeito das crianças pelos adultos; Maior responsabilidade dos seus elementos; Dependência financeira dos cônjuges.
Q9	Famílias conservadoras; Menor nível de escolaridade; Dependência financeira dos cônjuges.
Q10	Famílias conservadoras.
Q11	Famílias conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior respeito das crianças pelos adultos; Maior responsabilidade dos seus elementos; Dependência financeira dos cônjuges.
Q12	Famílias conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior respeito das crianças pelos adultos; Maior responsabilidade dos seus elementos; Dependência financeira dos cônjuges e independência tardia dos filhos.
Q13	Famílias Conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior respeito das crianças pelos adultos; Maior responsabilidade dos seus elementos; Dependência financeira dos cônjuges.
Q14	Famílias Conservadoras; Menor nível de escolaridade; Dependência financeira dos cônjuges.
Q15	Famílias Conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior respeito das crianças pelos adultos; Maior responsabilidade dos seus elementos; Dependência financeira dos cônjuges e independência tardia dos filhos.
Q16	Famílias Conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior respeito das crianças pelos adultos; Dependência financeira dos cônjuges; Independência financeira tardia dos filhos.
Q17	Famílias Conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior respeito das crianças pelos adultos; Dependência financeira dos cônjuges; Independência financeira tardia dos filhos.
Q18	Famílias Conservadoras; Maior respeito das crianças pelos adultos.
Q19	Famílias Conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior respeito das crianças pelos adultos; Maior responsabilidade dos seus elementos; Dependência financeira dos cônjuges e independência tardia dos filhos.
Q20	Famílias Conservadoras; Menor nível de escolaridade; Maior respeito das crianças pelos adultos; Maior responsabilidade dos seus elementos; Dependência financeira dos cônjuges e independência tardia dos filhos.

6.2.8. Memórias musicais relacionadas com as “famílias de antigamente”

Relativamente às memórias musicais associadas às “famílias de antigamente”, observou-se que o fado representa uma memória bastante significativa, sendo referida por 7 participantes. Esta escolha poderá estar relacionada com o facto de ser um estilo musical muito difundido na sua infância, representando momentos significativos em família.

A música popular em geral, referida por 3 participantes, e o cante alentejano, referido por 1, são memórias musicais que exprimem tanto a cultura como a tradição local do meio onde estes participantes se encontravam inseridos.

A música: *Água fria da Ribeira*, do filme “Aldeia da Roupa Branca”, estava geralmente associada às lides domésticas que as participantes executavam. 1 participante fez a descrição de um momento relativo a esta música, revelando os momentos de sociabilidade feminina característicos daquele tempo, onde as mulheres iam em grupos até à ribeira lavar as roupas da família e levavam as suas filhas para aprenderem e auxiliarem nesta tarefa doméstica. Já a música popular: *O vira* é uma memória musical muito representativa de momentos em festas e romarias, estando este estilo musical associado às tradições populares e ao convívio na comunidade.

O Hino Nacional, referido por 3 participantes, representa o sentimento de nacionalismo e patriotismo inculcado nesse tempo. Esta memória musical está muito relacionada com o ambiente social em que estes participantes cresceram, marcado pelo nacionalismo cultivado no Estado Novo, em especial na escola e nas famílias mais envolvidas nas questões políticas e sociais.

Músicas nacionais e internacionais (música espanhola, francesa, inglesa), independentemente do estilo musical (ligeiro, pop ou rock), referidas por alguns participantes, poderão estar associadas à experiência social e cultural de cada um, ou apenas à preferência musical e/ou influência de estilos musicais mais difundidos nessa época pelas rádios (Tabela 6.2.8.).

Tabela 6.2.8.

Memórias musicais associadas às “famílias do antigamente”

Questionário	Quando se fala destas questões, relativas às famílias de outro tempo, recorda-se de alguma música em particular? Se sim, qual?
Q1	Música Popular. Cante Alentejano (no geral).
Q2	Fado: “Uma casa Portuguesa” de Amália Rodrigues, 1953.
Q3	Hino Nacional, “A Portuguesa”, 1890.
Q4	Fado: “Casa da mariquinhas” de Amália Rodrigues, 1968.
Q5	Fados: (no geral).
Q6	Música Clássica (no geral). Tango (Estilo musical e de dança argentina). Música brasileira (no geral). Música espanhola (no geral).
Q7	Hino Nacional, “A Portuguesa”, 1890.
Q8	Música Rock, “ <i>Lets twist again</i> ”, de <i>Chubby Checker</i> , 1961.
Q9	Músicas do cantor Luís Piçarra (1917-1999).
Q10	Música do filme - A Aldeia da Roupa Branca: “Água fria da ribeira” de Beatriz Costa, 1938.
Q11	Música ligeira: “Os teus olhos castanhos” de Francisco José, 1951.
Q12	Música Popular: “O mar enrola na areia” e “O vira”. Música Britânica: “ <i>Yellow submarine</i> ” dos <i>Beatles</i> , 1969. Todas as músicas dos <i>Rolling Stones</i> (de 1962, até ao presente).
Q13	Música do filme - A Aldeia da Roupa Branca, “Água fria da ribeira” de Beatriz Costa, 1938.
Q14	Fado: “Uma casa Portuguesa” de Amália Rodrigues, 1953.
Q15	Fado: “Casa da Mariquinhas” de Amália Rodrigues, 1968.
Q16	Fado: “Uma casa Portuguesa” de Amália Rodrigues, 1953.
Q17	Hino Nacional, “A Portuguesa”, 1890.
Q18	Não respondeu.
Q19	Fado: “Uma casa Portuguesa” de Amália Rodrigues, 1953.
Q20	Música italiana, “ <i>Volare</i> ” de <i>Domenico Modugno</i> , 1958 (Festival Eurovisão da Canção). Música popular americana do filme: <i>The Man Who Knew Too Much</i> , “ <i>Whatever will be, will be</i> ” referida pelo participante como “ <i>Qui será, será</i> ” de <i>Doris Day</i> e <i>James Stewart</i> , 1956.

6.2.9. Memórias musicais associadas às mudanças sociais

Todos os participantes partilharam memórias musicais que marcaram de forma significativa mudanças profundas da sociedade. Foi possível constatar que as memórias musicais refletem a abertura da sociedade a novos movimentos sociais nos anos 60, como a

contestação interna ao Estado Novo, sendo as músicas *Vampiros* e *Grândola Vila Morena*, de José Afonso, as mais marcadas na memória musical dos participantes quando se aborda o tema acerca das mudanças sociais da época. A história da música portuguesa da segunda metade do século XX revela-se inovadora, destacando-se o grande contributo do cantor e autor, José Afonso.

Por outro lado, um participante destaca o contributo do movimento externo *hippie*, como reflexo de novas realidades e de novos estilos musicais, referindo como memórias musicais, as músicas “*Yellow Submarine*” ou “*Let’s Twist Again*” (Tabela 6.2.9.).

Tabela 6.2.9.

Memórias musicais associadas às mudanças sociais

Questionário	Concorda com a ideia de que tem havido grandes mudanças sociais relativamente a mudanças na política, na tecnologia, na mentalidade das pessoas e no papel das mulheres na sociedade? Quando falamos de mudanças sociais, será que se recorda de alguma música que represente estas mudanças? Se sim, qual?
Q1	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q2	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q3	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q4	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963. Hino Nacional, “A Portuguesa”, 1890.
Q5	Música: “ <i>Yellow Submarine</i> ” dos <i>Beatles – Rock and Roll</i> , 1969.
Q6	Música: “Grândola Vila Morena” de José Afonso, 1971.
Q7	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q8	Música: “Vampiros” de José Afonso 1963.
Q9	Música: “Grândola Vila Morena” de José Afonso, 1971.
Q10	Música: “Grândola Vila Morena” de José Afonso, 1971.
Q11	Música: “ <i>Let’s Twist Again</i> ” de <i>Chubby Checker – Rock and Roll</i> , 1961.
Q12	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q13	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q14	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q15	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q16	Música: “Grândola Vila Morena” de José Afonso, 1971.
Q17	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q18	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q19	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q20	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.

6.2.10. Memórias musicais associadas aos momentos de vida mais significativos

Relativamente às memórias musicais associadas a momentos de vida significativos, dos 20 participantes, 7 não responderam. Este facto poderá estar relacionado com a ausência de memórias musicais, ou com o carácter demasiado pessoal da questão.

A música romântica, referida por 5 participantes, marcou momentos significativos associados ao namoro (4) e momentos passados entre mãe e filho, relacionado com fortes laços afetivos maternos (1). 1 participante referiu a música popular, destacando momentos que marcaram de forma positiva a infância. 2 participantes referiram as músicas de intervenção, relacionadas com a fase pré e pós 25 de Abril, como memórias musicais agradáveis que marcaram momentos de grandes mudanças sociais. Através da música foi celebrada a liberdade conquistada após a queda da ditadura do Estado Novo.

Os restantes participantes referiram vários estilos musicais, nomeadamente música ligeira, popular e *Rock and Roll*. Estas memórias musicais estão associadas aos tempos de juventude, onde destacam momentos de convívios entre os pares, amigos e paixões que se desenvolveram naquela época.

A investigadora recorda que antes de ser aplicado o questionário foi retirada, a pedido dos participantes, a pergunta relativa às memórias musicais associadas a momentos de fracasso. Esta decisão foi tomada pela investigadora, em primeiro lugar, por respeito ao pedido dos participantes, que voluntariamente participaram no questionário, e também porque seria uma pergunta que não iria obter respostas, dado os constrangimentos que os participantes apresentavam em expor momentos que marcaram negativamente as suas vidas (Tabela 6.2.10.).

Tabela 6.2.10.

Memórias musicais associadas aos momentos de vida significativos

Questionário	Ao longo da vida, certamente teve bons e maus momentos, momentos de sucesso e momentos de fracasso. Recordar-se de alguma música associada a um bom momento? Se sim, qual é a música e a que momento específico está associada?
Q1	Não respondeu.
Q2	Música: “Cartas de Amor” de Tony de Matos, 1950. Música romântica associada aos tempos de namoro.
Q3	Não respondeu.
Q4	Música: “Rosinha dos Limões” de Francisco José, 1962.

	Música: “ <i>Yellow Submarine</i> ” dos <i>Beatles</i> , 1969. Música Popular e <i>Rock and Roll</i> no geral, associada à juventude.
Q5	Não respondeu.
Q6	Músicas dos anos 50 (no geral). Músicas associadas aos tempos de juventude.
Q7	Músicas de José Afonso (no geral). Músicas de revolução alusivas ao 25 de Abril.
Q8	Música Clássica (no geral); Valsas (no geral); Tangos (no geral); Música Rock, “ <i>Let’s twist again</i> ”, <i>Twist and Rock and Roll</i> de Chubby Checker, 1961. Músicas associadas à juventude e convívios.
Q9	Música: “Grândola Vila Morena” de José Afonso, 1971. Músicas de intervenção associadas a grandes conquistas e vitórias.
Q10	Música: “Eu tenho dois amores” de Marco Paulo, 1980. Música romântica associadas à juventude.
Q11	Não respondeu.
Q12	Músicas de filmes de “Joselito” de José Fernandez, 1943. Músicas associadas aos tempos de juventude.
Q13	Não respondeu.
Q14	Música: “Cartas de Amor” de Tony de Matos, 1950. Músicas romântica associada aos tempos de namoro.
Q15	Música: “Maravilhoso Coração” de Marco Paulo, 1991. Música romântica associada a momento da sua infância. Recorda com saudade o amor pela mãe.
Q16	Não respondeu.
Q17	Não respondeu.
Q18	Música: “Oh tempo volta para trás” de António Mourão, 1965. Música ligeira associadas aos tempos de juventude.
Q19	Música: “Gaivota voava, voava...”, também conhecida por “Somos livres” de Ermelinda Duarte, 1974. Músicas Popular associadas à infância e ao pós 25 de Abril.
Q20	Música: “ <i>Je t’aime moi non plus</i> ” de <i>Jane Birkin</i> e <i>Serge Gainsbourg</i> , 1976. Músicas romântica francesas.

6.2.11. Ocupação dos tempos livres

Quanto à forma de ocupação dos tempos livres, os participantes referiram as seguintes atividades: leitura (16), convívio com amigos (12), uso das tecnologias (9), prática de exercício físico (7), renda/crochet (5), pintura (2), escrita (2), voluntariado (2). A resposta aberta “outros”, reuniu as restantes preferências: UATI (2), caminhadas (1), dança (1), arquitetura (1). Apenas 2 participantes (Q9 e Q15) referiram exclusivamente uma atividade, tecnologia e convívio com amigos, respetivamente. Todos os outros seleccionaram duas ou mais atividades conjugadas (Tabela 6.2.11.).

Tabela 6.2.11.

Ocupação dos tempos livre dos participantes

Questionário	Como ocupa o seu tempo livre? Conte-nos algumas atividades de que se ocupa no seu dia-a-dia?
Q1	Leitura, Pintura, Renda/Crochet
Q2	Leitura, Voluntariado
Q3	Leitura, Pintura, Convívio com amigos
Q4	Leitura, Voluntariado, Exercício físico, Convívio com amigos
Q5	Leitura, Exercício físico, Convívio com amigos, Outro: UATI
Q6	Leitura, Exercício físico, Convívio com amigos, Tecnologia
Q7	Leitura, Tecnologia, Outro: Arquitetura
Q8	Leitura, Renda/Crochet, Exercício, Convívio com amigos, Voluntariado
Q9	Tecnologia
Q10	Renda/ Crochet
Q11	Leitura, Exercício físico, Tecnologia
Q12	Leitura, Exercício físico, Convívio com amigos, Tecnologia, Outro: Dança
Q13	Leitura, Escrita, Tecnologia, Exercício físico, Convívio com amigos
Q14	Renda/ Crochet
Q15	Convívio com amigos
Q16	Leitura, Convívio com amigos, Outro: Caminhar
Q17	Leitura, Convívio com amigos, Tecnologia
Q18	Leitura, Exercício físico, Convívio com amigos
Q19	Leitura, Convívio com amigos, Voluntariado, Tecnologia
Q20	Leitura, Escrita, Renda/ Crochet, Tecnologia, Outro: UATI

6.2.12. Diferenças na ocupação dos tempos livres entre o passado e o presente

Apenas 1 participante refere que não é possível comparar a forma como os jovens ocupam os tempos livres no presente, relativamente ao passado. Entre os restantes, 16 referiram que brincar na rua era a atividade mais usual como ocupação de tempos livres no passado; 1 referiu ser a leitura e a escrita, e outro participante destacou atividades como a leitura, bordar e passear.

Relativamente às atividades realizadas nos dias de hoje, 18 participantes referiram o uso das novas tecnologias de informação e comunicação e 1 participante referiu as discotecas (para além do uso de tecnologia). Outro participante referiu que os jovens hoje em dia ocupam os seus tempos livres com maus hábitos, adquirindo vícios desde muito cedo e contribuindo para os maus tratos contra as pessoas idosas. Este testemunho não faz referência à forma como eram ocupados os tempos livres no passado (Tabela 6.2.12.).

Tabela 6.2.12.

Diferenças na ocupação dos tempos livres entre o passado e o presente

Questionário	Nomeie uma grande diferença entre a maneira de usar o tempo livre no seu passado de jovem e no presente dos jovens de hoje?
Q1	Passado: Brincar na rua Presente: Tecnologias
Q2	Passado: Ler, bordar, passear Presente: Tecnologias, Discotecas
Q3	Passado: Não responde Presente: Maus vícios e desrespeito pelos idosos
Q4	Passado: Brincar na rua – Fase real Presente: Tecnologias – Fase virtual
Q5	Passado: Brincar na rua – Convívio Presente: Tecnologias (computador)
Q6	Refere não ser comparável
Q7	Passado: Brincar na rua – Convívio Presente: Tecnologias
Q8	Passado: Trabalhos manuais Presente: Tecnologias - Atividades virtuais
Q9	Passado: Brincar na rua Presente: Tecnologias
Q10	Passado: Brincar na rua Presente: Tecnologias
Q11	Passado: Brincar na rua – Atividades de rua Presente: Tecnologias – Atividades de casa

Q12	Passado: Brincar na rua Presente: Tecnologias
Q13	Passado: Brincar na rua Presente: Tecnologias – Redes sociais
Q14	Passado: Brincar na rua – Convívio Presente: Tecnologias
Q15	Passado: Brincar na rua Presente: Tecnologias
Q16	Passado: Brincar na rua Presente: Tecnologias
Q17	Passado: Brincar na rua Presente: Tecnologias
Q18	Passado: Brincar na rua Presente: Tecnologias
Q19	Passado: Brincar na rua Presente: Tecnologias
Q20	Passado: Leitura, escrita, convívio na rua Presente: Tecnologias – redes sociais, telefone

6.2.13. Memórias musicais relativas aos tempos livres do passado

A presença de memórias musicais relacionadas com a ocupação de tempos livres no passado é vasta. Após a análise dos questionários, 3 participantes referiram recordar as músicas populares, sendo destacada a música *apita o comboio* por um participante que frequentava festas locais, nomeadamente bailes. O folclore foi referido por 2 participantes, apreciadores da música e da dança folclórica da região do Algarve. A música romântica foi referida por 2 participantes, sendo a música *Oh tempo volta para trás* (referida por um), e a música *Beija-me muito* (referida pelos dois), memórias musicais associadas a momentos de grandes paixões que marcaram a juventude.

Um dos participantes optou por apresentar mais do que uma memória musical, sendo a música *Beija-me muito* referida juntamente com o fado. Este estilo musical, o fado, foi referido por 2 participantes, sendo mencionadas as seguintes músicas: *Lisboa menina e moça* e *Nem às paredes confesso*, músicas ouvidas e cantadas nos tempos livres e em momentos de introspeção, uma vez que o fado é geralmente melancólico e suscita a saudade dos tempos passados, ou a saudade de um amor perdido, entre outras. 1 participante referiu duas músicas populares infantis: *Indo eu, indo eu, a caminho de Viseu* e *As pombinhas da Catrina*, memórias que a faziam recordar os tempos livres da infância.

Por último 4 participantes referiram a música ligeira *Rosinha dos limões* e 1 participante referiu o *Rock and Roll*, nomeadamente as músicas dos Beatles, como as memórias musicais mais representativas dos tempos livres. Ainda assim, 5 participantes não responderam a esta questão, sendo identificados na tabela como “Não respondeu”. (Tabela 6.2.13.).

Tabela 6.2.13.

Memórias musicais relativas aos tempos livres no passado

Questionário	Recorda-se de alguma música que gostava de ouvir durante o seu tempo livre de jovem? Por exemplo: Quando brincava na rua com as outras crianças, quando ajudava a sua mãe nas lides domésticas, quando ia aos bailes com os pais e amigos?
Q1	Música: “Rosinha dos limões”, de Francisco José, 1962.
Q2	Música: “Lisboa menina e moça” de Carlos do Carmo, 1976.
Q3	Música: “Oh tempo volta para trás” de António Mourão, 1965.
Q4	Música: “Nem às paredes confesso”; de Amália Rodrigues, 1954. Música: “Barco negro” de Amália Rodrigues, 1954. Música: “Beija-me muito” de Francisco José, 1962.
Q5	Música popular (em geral).
Q6	Não respondeu.
Q7	Não respondeu.
Q8	Folclore (em geral).
Q9	Música: “Rosinha dos limões”, de Francisco José, 1962.
Q10	Não respondeu.
Q11	<i>Rock and Roll</i> , nomeadamente os <i>Beatles</i> , 1960.
Q12	Música popular (em geral).
Q13	Música popular: Dançar nos bailes a música “Apita o comboio”.
Q14	Música: “Rosinha dos limões”, de Francisco José, 1962.
Q15	Música: “Rosinha dos limões”, de Francisco José, 1962.
Q16	Não respondeu.
Q17	Não respondeu.
Q18	Música: “Beija-me muito” de Francisco José, 1962.
Q19	Folclore (em geral).
Q20	Música popular infantil: “indo eu, indo eu a caminho de Viseu...”, “As pombinhas da Catrina”

6.2.14. Memórias musicais relativas aos tempos livres no presente

Portugal é conhecido pela sua tradição musical, sendo o fado o estilo musical que mais nos distingue, motivo pelo qual foi referido várias vezes pelos participantes. Porém, a música romântica, por estar relacionada com momentos emocionais marcantes, constitui uma memória musical muito presente na vida dos participantes. Quanto às memórias musicais relativas à ocupação de tempos livres atuais, podemos concluir que a música está presente no dia-a-dia destas pessoas, sendo referidas por 19 dos 20 participantes.

A música clássica foi referida por 3 participantes, sendo a música ligeira e o *Rock and Roll* referidos por 2 cada. O folclore, o tango e a valsa foram referidos apenas por 1 participante cada, provavelmente por serem memórias musicais com particularidades muito específicas que implicam não só gostar de ouvir, como de dançar.

A música popular do Sul dos Estados Unidos, conhecida como *Country*, foi referida por 2 participantes, estilo musical que ainda hoje apreciam por estar relacionado com momentos passados num determinado contexto e numa época específica que marcaram de forma positiva o trajeto das suas vidas. A variedade das referências musicais reflete assim a diversidade das experiências de vida dos participantes. As músicas do século passado e do presente combinam-se para preencher o tempo livre dos participantes na atualidade: a *Desfolhada Portuguesa* de Simone de Oliveira e a música *Amar pelos Dois* de Salvador Sobral são exemplos desta situação (Tabela 6.2.14.).

Tabela 6.2.14.

Memórias musicais relativas aos tempos livres atuais

Questionário	Recorda-se de alguma música que gosta de ouvir no seu tempo livre, hoje em dia?
Q1	Música: “Desfolhada Portuguesa” de Simone de Oliveira, 1969.
Q2	Música Clássica. Fado.
Q3	Fado de Coimbra (Coimbra, Início do Séc. XIX)
Q4	Música: “Uma casa Portuguesa” de Amália Rodrigues, 1953.
Q5	Música Clássica. Música <i>Country</i> (Música popular do Sul dos Estados Unidos, 1920).
Q6	Tango (Estilo musical e de dança Argentina, sec. XIX); Música espanhola.
Q7	Música Clássica.

Q8	Tango (Estilo musical e de dança Argentino, séc. XIX); Valsa (Estilo musical e de dança na Áustria e Alemanha, séc. XIX).
Q9	Música: “Amar pelos dois” de Salvador Sobral, 2017.
Q10	Música Ligeira.
Q11	Música <i>Rock and Roll</i> : <i>Beatles</i> , 1960.
Q12	Fado (em geral). Música: “Amar pelos dois” de Salvador Sobral, 2017. Música <i>Country</i> (Música popular do Sul dos Estados Unidos, 1920).
Q13	Não respondeu.
Q14	Música: “Desfolhada Portuguesa” de Simone de Oliveira, 1969.
Q15	Música: “Oh tempo volta para trás” de Tony de Matos, 1965.
Q16	Música: “Eu tenho dois amores” de Marco Paulo, 1980.
Q17	Música: “Amar pelos dois” de Salvador Sobral, 2017.
Q18	Música Ligeira.
Q19	Folclore.
Q20	Música em geral dos anos 60 Música Pop / <i>Rock and Roll</i> : (<i>Beatles</i> , 1960 e <i>Abba</i> , 1972).

6.3. Resumo das Entrevistas

A transcrição das entrevistas (Apêndice VIII) foi realizada de forma integral, segundo a norma (Anexo II). A investigadora procedeu à descrição minuciosa nos dias imediatamente após a sua realização, com a finalidade de facilitar o registo verbal e não verbal com a maior precisão possível. Este processo exigiu que, numa primeira fase, as vídeo gravações fossem revistas e analisadas várias vezes, de modo a garantir a fiabilidade da transcrição. Posteriormente, procedeu-se ao resumo das entrevistas com o intuito de identificar os pontos chave reveladores da trajetória de vida dos entrevistados e relevantes para o estudo. Por último, foi realizada a análise do seu conteúdo que procura não só interpretar, mas, também compreender o fenómeno em estudo.

6.3.1. Resumo da entrevista 1

O 1.º entrevistado é do sexo masculino, tem 72 anos de idade, é casado, natural de Santiago do Escoural (Alentejo), atualmente residente em Faro, no Inverno, e em Monte Gordo, no Verão. Anteriormente residiu no Minho, em Vila Real de Santo António, nas Ilhas e no Continente Africano. Trabalhou inicialmente na área do comércio juntamente com a família, auxiliava o pai como correspondente bancário, e dedicou a maior parte da sua vida à área das telecomunicações, onde fez formação e ficou com equivalência a técnico de telecomunicações.

Tem uma boa relação com a família e amigos. Ainda hoje mantém contacto com alguns desses amigos de infância. Descreve a escola como muito dura e exigente, no seu tempo. Refere que a educação era ministrada em casa e destaca que se respeitavam bastante os mais velhos. Sente-se grato pela educação que teve. Refere que antigamente não havia tanta liberdade, mas que os jovens interagiam mais uns com os outros e eram mais criativos. Brincavam na rua, apanhavam grilos e ninhos, brincavam na ribeira, e criavam os seus próprios brinquedos. Refere que havia crianças que trabalhavam porque não estudavam, outras não estudavam porque tinham de ir trabalhar.

Partilha algumas das suas histórias e tradições de criança. Na Páscoa, iam levar os assados de borrego ou porco ao forno da padaria da vila, e matavam um galo na Páscoa ou no Carnaval, momento em que era tradicional fazer também as filhoses. Refere sentir saudade desses tempos, e destaca que hoje em dia as famílias dispersam muito. Refere conhecer alguns casos de solidão nos idosos, mas não especifica. Gosta bastante de música,

porque o distrai e faz reviver momentos passados. Destaca o 25 de Abril como um marco social importante, mas não especifica nenhuma música relacionada com essa mudança social (referindo ter tido um bloqueio).

Dos momentos menos bons, destaca o falecimento da irmã, com 32 anos, recordando músicas da Madalena Iglésias, que ambos gostavam imenso de cantar juntos. Recorda como bom momento a experiência de viajar de avião, pela 1.^a vez, com destino a Moçambique. Destaca desse momento a música Africana, que lhe trás boas recordações e o faz recordar essa experiência.

Ocupa os seus tempos livres na UATI e gosta de frequentar aulas de canto, de guitarra, Português e Geografia. Pertence ao grupo coral da UATI e dedica-se à escrita e à leitura, referindo que faz algum esforço para manter as leituras em dia. Relata que as tecnologias vieram alterar muito a forma como os jovens ocupam o seu tempo livre junto dos pares. Recorda que, em jovem, gostava de ouvir música popular e fado, e de dançar música popular, valsa e tango. Hoje em dia, continua a gostar muito de fado, que por vezes até canta. Termina a entrevista com a sua música favorita “é tão bom ser pequenino”, de Marco Rodrigo.

6.3.2. Resumo da entrevista 2

A 2.^a entrevistada é do sexo feminino, tem 72 anos de idade, é divorciada e vive sozinha. Atualmente reside em Montenegro, Faro, mas é natural de Selmes, no Alentejo. Já residiu anteriormente na Vidigueira e em Évora. Teve oportunidade de estudar até ao 5.^o ano e dedicou a maior parte da sua vida à atividade profissional de operadora dos CTT, onde foi funcionária quase toda a vida. Refere que antigamente era bastante dispendioso estudar, motivo pelo qual a maior parte da sua geração não estudou.

Mantém uma boa relação com a família e os amigos, tanto de infância como da idade adulta. Refere ter recuperado recentemente muitos contactos de amigos de infância com a ajuda da internet. A educação que lhe foi transmitida foi dada na escola, pois em casa eram vários irmãos e os pais trabalhavam bastante na área do comércio, não tendo tempo para os educar. Da escola recorda a professora da 1.^a classe que, embora fosse má para os alunos, era muito pobre sendo ajudada pelos pais dela. Recorda que as crianças começavam a trabalhar com 12, 13 ou 14 anos em vários trabalhos (pastoreio, ferreiros, sapateiros, carpinteiros). Destaca que estes trabalhos eram muito importantes para aprenderem um ofício, de modo a garantir o sustento de uma casa futuramente. Da infância recorda uma

música infantil: “*As pombinhas da Catrina*”. Recorda o local onde cresceu com muita saudade e partilha histórias e tradições locais. Conta que, durante a infância, sentavam-se à porta em cadeiras pequenas a contar histórias uns aos outros, e no Inverno faziam o mesmo junto da lareira.

Na Páscoa havia uma tradição chamada “chocalhadas”, onde os rapazes andavam com chocalhos a tocar à porta das pessoas para receber doces. Quanto às famílias, antigamente, havia maior união entre os elementos, realçando que até a relação com os vizinhos era mais próxima. Desconhece pessoalmente casos de solidão ou de abandono nos idosos, mas sabe que infelizmente existem. Perante situações relatadas na televisão demonstra-se chocada. Relativamente ao tema da solidão nos idosos recorda uma música “*Abalei para Lisboa, porque a vida cá é má*”, memória musical muito presente devido a ser muito ouvida e cantada quando vivia no Alentejo.

O momento menos bom da sua vida foi o divórcio e teve dificuldade em superar este acontecimento devido a ter sido algo inesperado, sem um motivo óbvio. Recorda-se, de nessa altura ouvir muita música clássica, memória musical que ficou associada a esse momento de maior sofrimento e necessidade de reflexão. Relativamente ao melhor momento da sua vida, recorda a fase do namoro e o casamento. As memórias musicais que associa a esta fase são relacionadas com música popular que ouvia nos bailes. Destaca a orquestra Pax Júlia de Beja e uma outra de Portel que cantavam as músicas do Marine, Marine. Refere que o tipo de música que ouve está relacionado com o seu estado de espírito: quando está triste ouve música clássica e quando está alegre ouve música popular. Refere que as músicas dos *Abba*, constituem memórias musicais associadas a bons momentos, para além de que também gostava muito de ouvir a música “*l’amour c’est l’amour*” de *Dean Martin*.

Recorda os cinemas ambulantes e os anúncios que faziam através dos megafones. Conta que adorava as músicas do António Mourão e da Amália Rodrigues. Das músicas dos discos pedidos recorda músicas solicitadas pelos namorados e dedicadas às namoradas, tais como, “*o arroz está cru*” e “*barco negro*”. Refere não ter tempo livre porque o ocupa todo com atividades. Frequenta a UATI todas as tardes, e de manhã tem as lides domésticas; faz ginástica e já fez parte do grupo coral da UATI. Destaca que, antigamente, as crianças brincavam muito na rua entre elas, contrariamente ao que acontece hoje em dia, preferindo ficar por casa. Acrescenta que antes aprendiam a fazer bordados e qualquer tipo de costura e agora estão só à frente ao computador. Refere que nessa altura gostava muito

da música “*os olhos castanhos*” e uma música que ela própria escreveu chamada “*Saudade*”.

6.3.3. Resumo da entrevista 3

O 3.º entrevistado é do sexo masculino, tem 73 anos de idade, é casado e reside com a esposa há 15 anos, em Faro. Residiu inicialmente em Lisboa, local onde nasceu e viveu até aos 43 anos de idade. Posteriormente mudou-se para o Algarve, tendo residido 11 anos em Olhão, e os restantes em Faro. Estas mudanças foram motivadas por razões pessoais. Em relação aos estudos, teve oportunidade de fazer formação nos Estados Unidos, que viria a revelar-se equivalente a uma licenciatura em Portugal.

Refere ter uma relação normal com a família. Destaca que nunca se inseriu muito na sociedade devido ao facto de ter estudado num colégio interno e não ter muito contacto com o exterior, para além de ter ido estudar para o estrangeiro. Refere não ter daqueles amigos de infância que vão crescendo juntos e ao longo da vida mantêm o contacto. Porém, acrescenta que embora possua poucos amigos, conserva um bom relacionamento com os que mantém. Caracteriza a educação do colégio como muito disciplinadora. Refere que as crianças jovens iam trabalhar no campo e em oficinas, começando como aprendizes, uma vez que apenas as crianças da classe média prosseguiam os estudos. Lembra-se da música *Rock* dos Xutos e Pontapés, nomeadamente “*a minha alegre casinha*”, quando recorda a sua educação e juventude.

Refere não se recordar como era a vida no local onde nasceu, devido a ter crescido num colégio interno e grande parte das férias serem passadas numa colónia do colégio, no Estoril. Não tem memórias de histórias dessa época, mas recorda as praxes que se faziam aos novos alunos do colégio e as festas de Natal, embora destaque que não eram nada de especial. Refere entusiasmo e emoção face a um reencontro que teve recentemente com colegas do colégio. Destaca que alguns se reconheceram de imediato, outros nem por isso. Destaca esse momento como especial referindo que era como se o tempo não tivesse passado.

Quanto à diferença das famílias de hoje relativamente às do antigamente, refere haver bastante diferença ao nível parental e ao tipo de educação. Refere que os pais são mais amigos do que pais. Nega ter conhecido pessoalmente histórias de solidão e abandono nos idosos, mas ouviu falar de um caso na UATI, o qual reprovava totalmente. Associa a este tema da solidão memórias musicais, referindo o fado como o estilo musical que mais se

relaciona com este tema. Conta haver umas “figuras”, normalmente pessoas cegas, que tocavam na rua acompanhados por outra pessoa que cantava músicas dramáticas para ganharem esmola, e isso faz-lhe recordar a questão da solidão.

Em relação a mudanças sociais destaca o aparecimento da pílula e a emancipação da mulher, como maiores destaques da sua geração. Recorda a sua cantora favorita, *Joan Baez*, por ser uma cantora de intervenção. Refere que a música mudou bastante com o aparecimento do *Rock and Roll* e depois com o aparecimento do *Elvis*. Como mau momento destaca os dois divórcios que viveu, acerca dos quais não quis falar muito. Recorda, nesses momentos, a música do 25 de Abril, “*Depois do adeus*”.

O melhor momento da sua vida está relacionado com o período em que esteve nos Estados Unidos, onde recorda o *Disco Sound*, músicas da editora de *Chicago Mountain*, *Gloria Gerner*, os *Queen*, os *Abba* e os *Beatles*. Refere, também, que a música americana era a sua favorita. Quanto ao tema dos tempos-livres, refere ocupá-los na UATI e a fazer desporto, embora tenha feito uma pausa por motivos de saúde. Embora na infância o contacto com o exterior tivesse sido pouco, conta que, antigamente, as crianças ocupavam muito o seu tempo livre a brincar na rua, mas que hoje as crianças passam mais tempo ao computador e em jogos de consola, relacionando este facto à problemática atual da obesidade infantil. Nomeia as músicas do Tony de Matos, de Maria de Lurdes Resende e de *Joan Baez* como músicas do tempo, que embora fossem mais para adultos, associa à sua juventude. A sua música favorita dessa altura era “*Diamonds and rust*” de *Joan Baez* e uma outra chamada “*Nos braços de minha mãe*” de Camané e Pedro Abrunhosa. Recordase, no final da entrevista, que as músicas de *Tina Turner* eram o expoente máximo da *Disco Sound*.

6.3.4. Resumo da entrevista 4

O 4.º entrevistado é do sexo masculino, tem 73 anos de idade e reside com a companheira e um enteado, em Faro, há cerca de 15 anos. Residiu anteriormente em Vila do Conde, Matosinhos e em Lisboa. Após a reforma decidiu fixar-se em Faro, devido ao clima da região. Teve oportunidade de estudar, e trabalhou inicialmente como bancário e posteriormente como engenheiro civil. Mantém uma boa relação tanto com os amigos como com a família. Refere que no seu tempo a educação era rígida na escola e que havia agressões dos professores aos alunos. No seu tempo, presenciou crianças a trabalhar com 7, 8, 9 anos, mas considera que era uma honra poderem aprender um ofício. Recorda com

saudade, histórias e tradições do local onde nasceu e cresceu. Refere haver uma grande diversidade entre as famílias de hoje e as do antigamente, destacando uma evolução positiva, embora sem especificar. Desconhece casos de solidão ou abandono nos idosos. O fado e a música popular fazem recordar a questão da solidão, porque se recorda dos tempos de juventude em que cantava essas músicas com a sua mãe. Menciona também a influência, nesta altura, da música francesa, americana e inglesa, de onde destaca a cantora *Françoise Hardy*. Quanto a mudanças sociais, inicialmente não faz nenhuma referência em particular, posteriormente, refere o 25 de Abril como um marco importante e que se refletiu na música daquele tempo. Destaca o José Afonso e José Mário Branco quando recorda mudanças sociais, salientando que as suas letras eram censuradas.

Refere que a estrutura familiar se mantém, e que na família dele a mulher é que gere a casa, tal como na casa dos seus pais era a mãe que tinha essa responsabilidade. Em relação a este tema da dinâmica familiar, destaca como memória musical a música norte-americana – *country*. Quanto ao acontecimento menos bom, recorda a falta de reconhecimento no trabalho quando existe esforço e dedicação por parte do trabalhador, identificando-se com músicas revolucionárias portuguesas, neste momento da sua vida. Como momento bom, recorda com saudade quando conheceu o padre da sua terra que lhe transmitiu imensos conhecimentos de música. Foi nesta fase que aprendeu a gostar de música clássica, referindo que a música impulsiona as pessoas. Ocupa os tempos livres na internet, falando com os amigos através das redes sociais, para além de ler, ouvir música e frequentar a UATI. Refere desconhecer de que forma os jovens hoje em dia ocupam os seus tempos livres, porém, relata que no seu tempo de jovem brincava bastante na rua com os amigos. Nesse tempo recorda ouvir e dançar música popular, como é o caso das músicas do rancho folclórico da sua terra. Recorda músicas de *Nelson Ned* quando se fala na solidão e abandono dos idosos. Hoje em dia gosta bastante de ouvir música clássica, embora não se recorde de nenhuma em particular.

6.3.5. Resumo da entrevista 5

A 5.^a entrevistada é do sexo feminino, tem 78 anos de idade, é casada e reside com o esposo. É natural da Póvoa de São Miguel, Moura, onde sempre residiu, embora atualmente passe mais tempo em Faro. O motivo principal da sua mudança para o Algarve esteve relacionado com questões familiares. Estudou até à 4.^a classe e dedicou toda a sua vida à casa e aos filhos. Tem uma boa relação com a família e amigos, mantendo ainda

alguns convívios com os mesmos. Antigamente, a educação era muito exigente, havia muito respeito pelos professores e pelos mais velhos. Refere haver diferenças no papel da família e da escola na educação, referindo que na escola aprendiam a ler e a escrever, e em casa os diferentes ofícios. As raparigas aprendiam com as mães as lides domésticas e os rapazes aprendiam com os pais as lides do campo. Refere que as crianças começavam a trabalhar muito cedo e que aos 9-10 anos já ajudavam nestas tarefas. Quando recorda estes tempo, partilha memórias musicais, nomeadamente música popular que gostava de cantar enquanto executava as tarefas domésticas, destacando uma em particular: *“Dá-me uma gotinha de água”*. Dos momentos passados na escola, recorda a música *“Oh pavão, lindo pavão”*, referindo que enquanto cantavam, faziam uma roda onde uma criança ficava no meio, que seria chamado de “pavão”.

Relata a infância com imensas brincadeiras de rua, recordando com saudade uma tarde em que está na rua, de bicicleta e com óculos de sol, objetos modernos para a época. Este episódio ficou marcado pela passagem de um retratista, tendo registado o momento com uma fotografia, que ainda hoje guarda com carinho.

Recorda tradições relacionadas com a Páscoa, porque era a única época do ano em que se faziam e comiam bolos. Recorda com saudade histórias que ocorreram ao longo do seu percurso de vida e tradições que se faziam cumprir antigamente. Destaca o facto de gostar de partilhar estas memórias, embora não desejasse que o tempo voltasse para trás. Refere que, antigamente, havia mais respeito pelos mais velhos, algo que hoje em dia não se verifica. Tem conhecimento de situações de solidão entre os idosos e manifesta imensa tristeza ao abordar o assunto. Partilha uma memória musical quando se fala destes assuntos, nomeadamente a música: *“Oh tempo volta para trás”*, tentando cantar um segmento.

Destaca o Estado Novo e o 25 de Abril como uma grande mudança social, sendo as músicas de José Afonso representativas das alterações sociais na época. Acerca do 25 de Abril, destaca músicas como *“Grândola Vila Morena”* e *“Os Cravos Vermelhos”*.

O momento mais difícil da sua vida está relacionado com a perda do seu avô materno, tendo sido apenas superada de forma gradual ao longo do tempo. Inicialmente referiu não associar a este momento nenhuma memória musical, embora mencione a música: *“Nem às paredes confesso”* como uma música que relaciona com esta perda.

Quanto aos bons momentos, realça o tempo da mocidade, em específico os momentos de namoro. Em relação a este momento, refere ter sorte com o casamento, partilhando algumas memórias musicais, nomeadamente: “*O meu lírio roxo do campo*”, “*O manjerico da janela*” e a “*Camponesa, camponesa*”.

Atualmente ocupa o seu tempo livre na costura/crochê, na hidroginástica e a brincar com os netos. Refere que sempre gostou de cantar e dançar. Diz que, antigamente, os jovens ocupavam os seus tempos livre a brincar na rua com os amigos, mas que hoje em dia os tempos livres são passados em casa, sozinhos, e ao computador. Desses tempos partilha algumas memórias musicais: “*Dá-me uma gotinha de água*”, “*Rosa branca desmaiada*” e “*O meu lírio roxo do campo*”, terminando a entrevista a cantar esta última, de que tanto gosta.

6.3.6. Resumo da entrevista 6

A 6.^a entrevistada, de sexo feminino, tem 71 anos de idade, é casada e reside com o esposo na cidade de Faro. Residiu em primeiro lugar em Campo Maior, no Alentejo, posteriormente em Cabeceira de Bastos, no Minho, e ainda no Barreiro. A mudança para Faro esteve relacionada com a atividade profissional do marido.

Ao longo da vida dedicou-se à atividade do comércio, embora trabalhasse por conta própria fazendo bordados. Em criança só teve oportunidade de estudar até aos 12 anos, embora tivesse estado num convento onde permaneceu até aos 16 anos. Com 22 anos teve oportunidade de retomar os estudos à noite, pois gostava muito de frequentar a escola e sempre gostou de aprender coisas novas.

Tem uma boa relação com a família e amigos, com os quais ainda mantém contacto. Tem boas recordações do tempo de escola, pelo facto de ter tido uma excelente professora que lhe ensinou a ler e a escrever; nunca presenciou maus tratos dos professores para com os alunos. Quanto ao papel da escola e da família na educação, a sua experiência diz-lhe que a escola era responsável pelos ensinamentos escolares (ler e escrever), e a família pela transmissão dos valores e princípios.

Quanto ao tema do trabalho infantil, refere ter conhecimento de que havia crianças que trabalhavam desde muito cedo, no entanto os casos que conhece eram relativos a jovens com os seus 16-17 anos. Relativamente às suas memórias musicais refere que as vivências da infância e da juventude fazem recordar a música da sua terra: “*As saias de Campo Maior*”. Recorda com saudade a vida no bairro onde cresceu e partilha a recordação que

tem das viagens de autocarro entre Campo Maior e Elvas, a 18km. Refere ainda que estes momentos eram dias de festa, uma vez que naquele tempo não era habitual as pessoas deslocarem-se. Quanto às tradições, recorda as tradicionais festas das flores de Campo Maior, como se lá estivesse neste momento.

Enuncia diferença entre as famílias de hoje as famílias de antigamente referindo que os elementos da família se dispersam mais agora e isso faz com que as pessoas não tenham tempo umas para as outras, afirmando: “Hoje, o tempo acabou”

Desconhece pessoalmente casos de solidão, abandono ou maus tratos aos idosos, embora saiba que estes casos existem, referindo não suportar essas notícias. Quanto às memórias musicais relativas à temática da solidão recorda o “*fado do desgraçadinho*” que era cantado pelas ruas para que as pessoas se juntassem. Eram músicas que contavam histórias trágicas, com o objetivo de transmitir uma mensagem, muito embora antes do 25 de Abril as letras frequentemente fossem censuradas e alteradas.

Quanto às mudanças sociais que marcaram o seu percurso de vida, destaca o 25 de Abril e o direito de voto concedido à mulher. As memórias musicais associadas a este marco passam pelas músicas de José Afonso, como por exemplo “*Grândola Vila Morena*” e as músicas sobre Catarina Eufémia.

Relativamente aos momentos menos bons refere que a separação foi um acontecimento inesperado e difícil de ultrapassar, o qual superou ao longo do tempo, dedicando-se ao trabalho e aos filhos. Quanto ao melhor momento, recorda as festas que frequentava na sua juventude e a sua participação no teatro do convento onde permaneceu alguns anos, referindo que se tivesse tido oportunidade de estudar tinha seguido a área das artes. Recordas estes momentos ao som do Hino de Santa Beatriz da Silva.

Em relação à ocupação dos tempos livres refere que atualmente continua a fazer variadas flores de papel. Diferencia o modo como os jovens antigamente ocupavam o tempo livre, relativamente aos jovens de hoje, acrescentando que as crianças antes brincavam pela rua uns com os outros e hoje passam o tempo no sofá com os telemóveis e as consolas de jogos. Refere que as crianças hoje não têm tempo nem para dar um beijo à avó ou à tia. Na sua juventude, gostava de ouvir nos seus tempos livres a música: “*As saias de Campo Maior*” e atualmente gosta muito de ouvir a música “*Nossa Senhora*”, de Marco Paulo, terminando a entrevista a cantar um o refrão da mesma.

6.4. Interpretação Fenomenológica das Entrevistas

6.4.1. Rede social dos idosos (Família/amigos)

A rede social dos idosos inclui o suporte familiar e a rede de amigos que este ainda mantém. Sobre este tema foram colocadas as seguintes questões:

- ❖ Como se dá atualmente com a sua família?
- ❖ Mantém, ainda, contactos com os seus amigos?

Todos os entrevistados, à exceção do e3, referem que mantêm uma boa relação tanto familiar quanto de amizade.

Quanto à 1.^a questão existem testemunhos que destacam uma ligação mais intensa ou menos intensa em relação à família. Na 6.^a entrevista (e6) é referido o seguinte: “Sim, sim, sim⁵. Muito boa relação. Pena é estarmos longe, porque a minha família vive toda em Campo Maior e Portalegre - alto Alentejo e eu estou aqui... Mas de qualquer das maneiras estamos sempre presentes na vida uns dos outros (.)⁴”. Neste testemunho é notória uma ligação forte e contínua com os familiares e, embora a distância impossibilite uma presença física, tal não impede a partilha diária de momentos, o que permite manter e fortalecer essa relação. Na 3.^a entrevista, o entrevistado (e3) responde de forma sucinta à 1.^a questão, referindo o seguinte: “Sim, normalmente”, sendo evidente que a relação entre o entrevistado e a família, embora presente, não apresenta laços emocionais muito fortes,. Porém, o conceito de normal é por si muito subjetivo, sendo que quando aplicado ao conceito de normalidade na relação familiar, ainda maior carga de subjetividade tem. Não foi possível perceber melhor esta relação, uma vez que não houve abertura para que a entrevistadora/ investigadora explorasse esta questão com o entrevistado.

Quanto à 2.^a questão, o 3.^o entrevistado (e3) partilha o seguinte:

(e3) “Ahhh⁶, sobre esse tema.... (.)⁵ Ao longo da minha vida, por determinadas circunstâncias, depois mais à frente falo disso... (.)⁵ Nunca, digamos me inseri porque estive inicialmente...(.)⁵ Fui nos primeiros anos de vida, até aos 17 anos, estive no colégio interno. Portanto, tinha muito pouco contato com o mundo exterior, só na altura das férias. E, depois disso, enfim o grupo de pessoas e de amigos que que⁷ estavam no mesmo colégio, depois, cada um foi para seu lado e ao longo da vida nunca me inseri. Não tive aquele grupo de amigos normal da escolinha primária.”

Possivelmente, o percurso de vida do 3.º entrevistado (e3) poderá ter influenciado o tipo de relação que estabeleceu com os amigos de infância, determinando a relação que hoje estabelece com os mesmos. Segundo este testemunho, a infância e a adolescência passaram-se num colégio, sendo o contacto com o mundo exterior mais limitado, não havendo uma ligação de amizade tão forte como aquela que se desenvolve entre amigos de infância que nascem, crescem e vivem sempre no mesmo local e inseridos na família. Porém, a ligação poderia ser diferente entre o entrevistado e as pessoas que cresceram com ele no colégio, se o contacto com essas crianças se tivesse mantido. Segundo o testemunho da 6.ª entrevistada (e6), embora as pessoas sigam rumos distintos, a distância pode não ser um entrave para manter uma boa relação.

O 1.º entrevistado (e1) quanto à questão da relação que mantém com os amigos refere que: “Ohh¹¹, sim. Portanto, vamos lá ver... (.)² Há amigos de infância e esses, praticamente, esses amigos nunca se esquecem.” Esta narrativa apresenta memórias positivas acerca da infância, com fortes laços de afeto, o que contribuiu para manter a relação sólida entre amigos. Tal como o mesmo refere: “Os amigos mantêm-se; quando me reformei, eles também se foram reformando e foram regressando à terra, Santiago do Escoural. Eu vivo aqui no Algarve, mas vou lá e encontro-me com eles e fazemos uns jantares ou almoços de convívio. Era com aqueles que nós jogávamos ao berlinde ou jogamos ao pião”. É possível observar que há uma preocupação em manter o contacto, sendo a organização de convívios importante para manter essa forte relação de amizade.

O 2.º entrevistado (e2) refere manter contacto com alguns amigos e demonstra interesse em recuperar alguns contactos entretanto perdidos, referindo: “Tenho muitos amigos... Das localidades onde nasci tenho poucos, porque saí de lá cedo. Da localidade onde estudei, portanto da Vidigueira, e depois onde me empreguei, tenho alguns (...). Ainda fui recuperar esses contatos agora com a internet.” As relações de amizade desenvolvidas durante o período da infância perduram no tempo, sendo as novas tecnologias uma ferramenta fundamental na comunicação e recuperação de contactos perdidos, como é evidenciado nestas entrevistas.

O 4.º entrevistado (e4), manifesta felicidade quando se abordou o assunto, partilhando connosco que o contacto estabelecido com os amigos de infância é forte, e que ainda hoje mantém esse contacto, referindo: “Ahhh⁶ sim, sim, sim, sim⁴. Muitas boas recordações⁷. Há pouco tempo fiz, organizei um jantar dos meus amigos da 4.ª classe. A 4.ª classe foi no tempo do Dom Afonso Henrique, isso já há muito tempo e apareceram lá bastantes (.)⁵

(...)”. Parece que, manter o convívio entre amigos de infância favorece as relações de amizade, uma vez que permite retomar ou fortalecer os laços anteriormente estabelecidos.

6.4.2. Percurso educacional (educação escolar, educação familiar e trabalho infantil)

Pretendeu-se recolher as narrativas dos participantes relativamente à sua educação, tanto ao nível escolar como familiar. Neste sentido, foi colocada a seguinte questão:

- ❖ Poderia dizer-nos, no seu tempo, como eram educadas as crianças? Ou seja, qual era o papel da escola e da família na educação?

Na 5.^a entrevista (e5), existe a ideia clara de uma educação partilhada entre a escola e a família, embora com um papel distinto como se pode observar pelas respostas:

e5: (...) “Aprender a ler e a escrever na escola. Em casa, a gente já começava a aprender coisas de casa com os... com a mãe. O serviço de casa... lavava chão, caiava paredes, embora fosse mal feito.”

Existe um conceito distinto do que é a educação, excluindo o ensino escolar e incluindo apenas os princípios éticos e morais que deveriam ser ensinados pela família, como se pode observar na primeira entrevista seguinte (e1).

e1: “As crianças eram educadas em casa. A escola era para aprender, porque educação, acho eu e acha toda a gente, deve ser dada em casa”.

Na 6.^a entrevista (e6), embora o conceito anterior de educação fosse o mais predominante, a narrativa autobiográfica transmite a ideia de que não foi essa a experiência da entrevistada. Como se pode observar, foi reconhecido mérito à professora que permitiu um percurso educacional escolar diferente do anterior:

e6: (...) “O lema principal, na verdade, como se costuma dizer e sei que era verdade, era só para nos ensinarem na escola, mas eu não tive essa, essa⁵ má sorte. Tive uma boa sorte em ter uma professora que (...) nos ensinava a ler e a escrever e nos dava educação, porque ela era também muito educada. Ela era muito querida!”

A educação familiar, designada de informal, era transmitida pelos pais e “em casa”, onde se partilhavam os valores e princípios da família. Geralmente as crianças eram integradas, desde pequenas, nas lides e tarefas dos adultos.

Na educação escolar, designada de educação formal, o ensino era caracterizado por ser bastante rígido e disciplinador. Os professores ensinavam as crianças a ler e a escrever, sob

regras estritas e por vezes com violência, tal como podemos constatar nos seguintes testemunhos:

e2: “Com muito pouco tempo livre dos meus pais para mim (...) porque tinha vários irmãos e os meus pais tinham uma mercearia, onde se vendia tudo. A mercearia não tinha horário, portanto, podia fechar à meia-noite. Recorda-me. (.)² Recorda-me⁵ de levar reguadas na 3.^a classe. A professora era de Beja e era muito mazinha (...)” ((Sorri))³

e4: (...) “Na minha terra era o seguinte, as crianças educavam-se na rua. (...) A escola era uma chatice, (.)⁵ levávamos pancada da professora. Portanto, a nossa educação era familiar e era na rua (...)”

Na 2.^a e 4.^a entrevista (e2, e4), os entrevistados destacam o facto de a escola ser complementar à educação familiar, no que diz respeito ao percurso educacional das crianças. Contudo, é referido que as crianças eram obrigadas a aprender sob pressão e violência física, considerada uma conduta normal e frequente nos professores.

Na 6.^a entrevista (e6), é partilhada uma experiência diferente com a professora que acompanhou na escola a entrevistada, referindo: “(...) Ela era muito querida!”. A entrevistada admirava imenso a professora, enquanto profissional e enquanto pessoa, sendo esta situação vista como exceção, a realçar naquele tempo.

O 3.^o entrevistado (e3), dado que viveu a sua infância num colégio interno, não faz esta distinção entre percurso educacional escolar e familiar. Atribuí ao colégio a função de educação no seu todo, visto que foi lá que a sua educação foi ministrada na íntegra:

e3: “Como referi, anteriormente, fui educado num colégio, mas num colégio interno. Processavam mais ou menos os mesmos princípios que eram os valores éticos e morais da sociedade (...) vigente, sobre os princípios judaico-cristãos que influenciam a nossa sociedade. E que influenciam Portugal.”

Ainda relativamente ao tema sobre o percurso educacional foi abordada a questão acerca do trabalho infantil. Como tal, foi colocada a seguinte questão:

❖ Hoje em dia, fala-se de trabalho infantil. Acha que havia trabalho infantil no seu tempo?

Dos 6 entrevistados, 5 referiram que existia trabalho infantil o qual seria realizado consoante as tarefas que os adultos faziam no seu dia-a-dia. São relevantes os seguintes excertos das entrevistas:

e1: “(...) as pessoas que faziam a 4.^a classe, ou que não faziam mas andaram algum tempo na escola, iam trabalhar ou para sapateiros com 12 ou 13 anos ou para, para⁵ o campo mondar”.

e2: “Havia. (...). Nos ofícios que tinham de aprender. Os que não estudavam, acabavam a 4.^a classe e o que iam fazer? Iam aprender a ferreiros, iam aprender a... alguns a guardar gado, sei lá...várias profissões. Sapateiros, carpinteiros e começavam logo a seguir à 4.^a classe.”

e3: “Sim e muito (...). Nesse tempo as crianças terminavam, as que terminavam, a 4.^a classe, a instrução primária (...) se pertenciam ao mundo rural iam ajudar nos trabalhos do campo. Se viviam nas cidades, normalmente, iam trabalhar para oficinas, começando como aprendizes e, fundamentalmente, era isso”.

e6: “Havia, eu sei que havia, embora eu não tivesse vivido.”

Através das narrativas autobiográficas, é fácil perceber que o tipo de trabalho era desenvolvido, desde muito cedo, tendo em conta o sexo das crianças e as tarefas que normalmente os seus pais desempenhavam. Na 5.^a entrevista (e5), esta divisão de tarefas é evidente, sendo referido: “Sim. As raparigas aprendiam a fazer os serviços de casa com as suas mães. Os rapazes os do campo com os pais”.

Em contrapartida, o 4.^o entrevistado (e4) refere haver efetivamente crianças a trabalhar em diversos ofícios, embora não considere tal atividade como trabalho infantil. Na sua perspetiva, essas tarefas eram vistas como parte integrante do percurso educacional da criança, referindo: “Naquele tempo não era considerado trabalho infantil. O trabalho era uma honra. (...)”. Este testemunho destacou a necessidade de se aprender um ofício, desde cedo, como forma de garantia de futuro. Neste contexto, a realização destas tarefas era aceite pela sociedade como atividade fundamental no crescimento pessoal e profissional da criança.

6.4.3. Memórias musicais sobre o percurso educacional

As memórias musicais sobre o percurso educacional representam as vivências dos participantes em momentos significativos na escola, entre amigos ou em casa, entre os elementos da família. Para tal, foi colocada a seguinte questão:

1. Quando falamos de educação, escola, família e amigos, isso lembra-lhe alguma canção ou música desse tempo? Pode falar um pouco sobre essas músicas?

Nas respostas, foi possível recolher memórias musicais relacionadas com o percurso educacional dos participantes:

e1: (...) “ouvira o António Mourão que cantava: *Oh tempo volta para trás ...* Madalena Iglésias, também. Mas mais para trás, ainda mais de meninice, o que é que nós cantávamos na escola?! Era o... *Trevo*, era...era...aquelas cantigas infantis que se cantavam na escola e depois havia a parte da Mocidade Portuguesa, também, e eles nos ensinavam. (...) mas cantava lá o Hino da Mocidade Portuguesa... *lá vamos cantando e rindo, levados, levados, levados sim, pela voz do S. tremendo, das tubas clamor sem fim... lá vamos, que o sonho é lindo, torres e torres erguendo (...)*”

e2: “*As pombinhas da Catrina, que andavam de mão em mão (...); lá vai o comboio, lá vai, lá vai (...); “Indo eu, indo eu a caminho de Viseu (...)*”.

e3: “O título da canção: *A minha casinha...* Era uma música do regime, podemos dizer como já referi, que enaltecia a pobreza, a sobriedade. Bastava ter uma casinha! (...) *que saudades que eu já tenho da minha alegre casinha tão modesta quanto eu...* Logo aí... tão modesta quanto eu, e é isso. Portanto, acho que esta música, *a minha casinha*, caracteriza isso perfeitamente”.

e4: “Sim (...). Eu vivi à base de quê? De fado, a minha mãe cantava muito bem, da música popular dos ranchos, que eu dançava com a minha mãe era eu menino pequeno”.

e5: “Ainda me recordo de algumas. Gostava muito de cantar, por exemplo certas músicas... (.)³ chamava-lhe a gente cantigas nesse tempo. ((Sorri))⁴ *Dá-me uma gotinha de água, dessa que eu ouço correr. E a rosa branca desmaiada* e outras assim... *O manjerico da janela (...)*. Fazíamos à porta da escola rodas de bailes, umas com as outras. E era *o pavão...* ((Sorri))⁴ uma ia para o meio e as outras cantava: *oh pavão, lindo pavão... e era assim*”.

e6: “*As saias de Campo Maior*, que a professora nos ensinava e fazíamos umas quadras alusivas à professora por nos ter passado de classe”.

Existe um conjunto de memórias musicais que marcaram o percurso educacional dos participantes, representando as vivências da infância e marcando de forma positiva esses momentos, onde a saudade desse tempo é evidente com a música: “*Oh tempo volta para trás*”, referida na 1.^a entrevista (e1).

A música *o Trevo* e o Hino da Mocidade Portuguesa (e1) são recordados por serem músicas que os alunos da época cantavam e por vezes aprendiam em contexto escolar. Outras músicas da infância são referidas (e2) *As pombinhas da Catrina*, *A caminho de Viseu*, *Lá vai o comboio lá vai*, refletindo a memória musical referente a momentos em que as crianças se reuniam para cantar e dançar.

Na infância dos participantes, as crianças ocupavam bastante tempo a brincar entre si, sendo o canto e a dança uma atividade muito frequente na infância. Esta realidade é confirmada pela narrativa autobiográfica de uma participante (e5), que refere a presença da música ao longo do seu percurso educacional, recordando que faziam rodas à porta da escola e cantavam as seguintes músicas: *Rosa branca desmaiada*, *Manjerico da Janela* e a música *Ó pavão, lindo pavão*.

As memórias musicais, também, estão presentes na educação informal transmitida pelos elementos mais velhos da família. O fado e a música folclórica são estilos musicais distintos referidos na 4.^a entrevista (e4), que representam não só momentos marcantes em família, como também, a cultura musical nacional (Fado) e regional (Folclore Algarvio). Na 6.^a entrevista (e6) é referida uma música característica de Campo Maior que define a cultura do local onde um dos participantes viveu toda a sua infância. Desta forma, foi possível perceber que as memórias musicais de infância estão muito presentes na vida dos participantes. Recordar essas músicas contribuiu para que os participantes revivessem momentos significativos do seu percurso educacional, manifestando emoções positivas responsáveis por sentimentos de felicidade e bem-estar. Na vídeo gravação é visível a alegria e satisfação presente no rosto dos participantes ao longo da narrativa.

6.4.4. Percurso de vida (histórias, tradições e cultura)

Tendo em conta que o contexto do percurso de vida de cada pessoa determina a construção de memórias musicais, foram colocadas as seguintes questões:

- ❖ Lembra-se como era a vida no seu bairro ou freguesia onde cresceu? Tem alguma história desse tempo para partilhar connosco?

Após a colocação destas questões, os participantes partilharam histórias ocorridas na infância, no local onde cresceram, tal como evidente nos seguintes excertos das entrevistas:

e1: (...) “Nós é que tínhamos de fazer praticamente os nossos divertimentos. Apesar de eu entrar num grupo de teatro que fizemos e, portanto, apresentámos nessa coletividade, esse... (.)² essa récita, digamos assim e divertíamo-nos. Como lhe disse, sabe que no Alentejo nós íamos, por exemplo, aos grilos, aos ninhos de passarinhos, que hoje acho que não se deve tirar, mas naquela altura achávamos graça aos ninhos dos passarinhos e íamos tirar os ninhos (...)”.

e2: “No verão sentávamo-nos em cadeirinhas baixas à porta e íamos contando histórias umas para as outras. No inverno era à lareira”.

e4: “Eu tenho! Tenho várias histórias. Eu, pelo Natal, fazíamos brincadeiras de rapazes, a tal ginástica para ter fome no Natal.” (...)

e5: “Lembro-me de uma muito engraçada. ((Risadas))⁴ Por exemplo, fui eu mesmo que quis aprender a andar de bicicleta e havia um primo meu que tinha nesse tempo uma bicicleta e uns óculos de sol. (...) fui montar-me na bicicleta, mas cáí logo, não consegui. Mas, na altura, chamava-lhe a gente, passou à rua um retratista ((Risadas)).⁴ Daqueles que metiam a cabeça num pano escuro e nós aproveitamos e chamámos o retratista e tirámos uma foto...” (.)³.

e6: (...) “Havia um autocarro que fazia ali várias viagens Campo Maior-Elvas e vice-versa e se tínhamos algum problema para resolver em Elvas era já um dia de festa, como se fosse hoje quando vão de avião a França ou à Bélgica. Nós íamos a Elvas a 18 km num autocarro era um dia de festa. Era um dia de festa!”⁹”

Sobre o local onde os participantes cresceram, foram narrados episódios relacionados com atividades desenvolvidas em família, como por exemplo: contar histórias no verão à porta ou no inverno à lareira. Na 1.ª entrevista (e1), o participante evidencia o elevado grau de autonomia de que as crianças dispunham na gestão do seu tempo. Numa época sem televisão, contar histórias era a atividade lúdica recorrente (e2). Outras atividades relatadas, na comunidade e entre amigos, foram: apanhar ninhos pelos campos, fazer ginástica ou andar de bicicleta (e1, e4, e5). Por fim, são referidas pequenas viagens a

localidades vizinhas, as quais constituíam uma oportunidade para se quebrar a monotonia do quotidiano; eram momentos excepcionais, vividos como um dia de festa (e6).

No geral, todos os entrevistados partilham histórias de vida que guardam na memória, recordando com carinho. Porém, a 3.^a entrevista (e3), é a única onde o entrevistado refere não se recordar de histórias que marcaram a sua infância. Destaca que, possivelmente, ocorreram episódios em colónias de férias, relativizando ao referir que essas experiências não o marcaram nem positiva nem negativamente.

e3: “Não, não há nem pela negativa nem pela positiva. Mas não, não me recordo assim... (.)⁵ Como digo, nós íamos depois nós íamos⁷ depois para essa colónia de férias e não me recordo assim de nenhum... é natural que tenha havido, mas não me recordo. Não houve nada que marcasse, nem pela negativa nem pela positiva. As vezes há nestes grupos de crianças... (.)⁵ Por vezes há acidentes, alguns até trágicos, mas no meu caso felizmente não aconteceu nada disso.”

As narrativas autobiográficas dos participantes fornecem informações fundamentais acerca do percurso de vida de cada um deles. Através desses relatos foi possível ter acesso a histórias ocorridas numa infância longínqua, agora partilhadas entre sorrisos e emoções.

A cultura, sendo um conjunto de manifestações artísticas, sociais e comportamentais inclui atividades como a música, a dança, rituais religiosos, entre outros. Posto isso, foi colocada a seguinte questão:

❖ Lembra-se de algumas tradições?

Após a colocação desta questão, os participantes partilharam tradições que caracterizam a cultura do local onde cresceram, tal como explícito nos seguintes excertos:

e1: “A tradição era a feira, a feira anual⁵, onde havia ...(.)² onde havia⁵ um carrossel e depois começou a vir uma pista de carros. Eram as festas da igreja, uma tradição.” (...) “Na Páscoa, por exemplo, os meus pais tinham padaria e as pessoas pela Páscoa iam lá pôr os assados, porque os fornos que haviam eram as padarias”.

e2: “Na Páscoa, (.)² no sábado de aleluia, as chocalhadas que se faziam. Vinham os rapazes todos com chocalhos ao peito e depois chegavam ao pé das portas, mexiam os chocalhos e as pessoas repartiam com eles. Repartiam⁵ bolos, filhoses, ou atiravam amêndoas, rebuçados para a rua... E eles apanhavam. Era uma tradição muito comum no Alentejo”.

e5: “Olhe, por exemplo, na Páscoa, a gente, rapazes, estávamos desejando que chegasse a Páscoa para se fazerem os bolos da Páscoa que era só quando se comiam bolos, era na Páscoa. Durante o ano não se comiam bolos, a não ser em algum casamento”.

e4: “(...) Pelo Natal, fazíamos brincadeiras de rapazes (...)”

e6: “A principal de todas, a nossa Festa das Flores (...) hoje, chamam-se as festas do povo e que são conhecidas em já todo o mundo”.

e3: “Tínhamos algumas brincadeiras como mandar aos caloiros medir o campo de futebol com pau de fósforo, mas nada que envolvesse violência física. (...) Na Páscoa não tenho ideia que houvesse alguma coisa, mas no Natal havia, havia⁷ sempre uma festa com aquelas peças infantis (...). Portanto, fazíamos assim umas festinhas, mas dentro daquele contexto normal, que existia em outros lados ... das festinhas com o Pai Natal. Eram essas coisas, nada de especial”.

Os hábitos e as tradições vividas num determinado local e no seio familiar são meios facilitadores de memórias sobre determinadas vivências. As narrativas autobiográficas de cada participante revelam que a cultura e as tradições fazem parte da sua memória, como foi possível ler em excertos de algumas entrevistas (e1, e2, e4, e5, e6).

Na 3.^a entrevista (e3), a festa de Natal constituí o momento mais relevante relativamente às tradições que recorda da infância, talvez por ser uma época festiva alusiva à família, sendo por ele vivenciada no colégio. Porém, acrescenta ser uma tradição normal, como tantas outras realizadas nessa altura do ano.

Relativamente às tradições das chocalhadas e após uma pesquisa bibliográfica acerca da cultura e tradição local, foi possível perceber que as tradições antigas se mantêm ao longo do tempo, em determinados contextos. O 2.^o entrevistado (e2) referiu que na Páscoa, no sábado de Aleluia, faziam chocalhadas. Como ao longo desta narrativa autobiográfica ocorreu uma pausa no discurso descrita desta forma (.)², segundo as normas de transcrição, pode significar uma confusão em relação às tradições, quanto ao espaço temporal em que as mesmas ocorriam. Na Páscoa, os rituais estão associados à Primavera, à renovação da natureza, ao renascimento e à fertilidade, envolvendo os manjares que eram partilhados pelos grupos, pelas famílias ou pelos padres, na altura da bênção pascal.

As chocalhadas estão associadas a rituais de Inverno, em várias regiões, embora com diferentes particularidades. No norte de Portugal existe a tradição milenar, celebrada no

entrudo, designada por “caretos”, rapazes de máscara que usam vestes coloridas e chocalhos. No sul de Portugal, nomeadamente no Algarve, os caretos não estavam associados a rituais de Inverno. Nesta região, o ritual podia ocorrer em qualquer altura do ano, dependendo das circunstâncias. Esta tradição estava associada à crítica social e à censura de comportamentos cotados negativamente na cultura local. Os rituais são sincréticos, implicando aspetos pré-cristãos, politeístas e aspetos próprios do cristianismo, como acontece no dia de Páscoa na festa das tochas de S. Brás de Alportel, na atualidade.

6.4.5. Ligação afetiva

No sentido de se perceber as ligações afetivas estabelecidas ao longo da vida dos participantes, foi colocada a seguinte questão:

- ❖ Poderia descrever o que sente quando se fala da sua cidade/vila/freguesia?

Os participantes referem sentir saudade quando se fala do local onde cresceram. Porém, cada um expressa essa ligação às suas origens com diferente intensidade, como se pode verificar nos seguintes excertos das transcrições:

e1: “Sim, tenho sentimentos e lembro-me muito dos tempos que lá passei e felizmente tive uma boa vida, normal, depois de sair de lá, mas que (...) ² recordo muito. (...) A nossa terra é sempre a nossa terra e quando estamos muito tempo fora é quando parece que sentimos mais saudades”.

e2: “Saudades dessas tradições. Saudades dessas tradições^{5,6} que já não existem, praticamente. Mesmo na aldeia acho que metade dessas coisas já não fazem”.

e3: “Tenho boas, como em tudo na vida. Tenho umas boas, algumas menos boas.” (...) “quando revi os meus colegas, que não via há 40 anos, foi como se o tempo tivesse parado e acabasse de os ter visto no dia anterior com a idade que tínhamos há 40 e tal anos. Parecia que o tempo não tinha passado. Tivemos, tivemos⁷ conversas e brincadeiras que tínhamos quando eramos miúdos. Portanto, é assim...”.

e4: “Eu sinto muita falta, transporta-me para esse lado da minha juventude e daquelas traquinices que agente fazia. (...) “apesar de isso tudo, sinto saudade”.

e5: “Olhe, sinto saudades desse tempo e dessas coisas porque era as festas que a gente, por acaso, tinha. Era isso... Hoje recorda e gosta de falar nelas, mas não gosta que voltem muito as coisas para trás.”

e6: “Pois, o que eu sinto... Eu não sinto, eu estou vivendo, eu estou vendo todas as árvores, todas as pedras, todas as portas, todas as casas, todas as caras (...) Igual... Não sei, (.)⁴ emoção?! Não, não⁵ é de emoção, porque eu graças a Deus tenho a oportunidade de ir lá sempre que me apetece e de de⁵ ir lá... que não tenho problemas. Ahh⁸, mas, pronto... eu não posso descrever o que é que sinto. Mas de qualquer das maneiras sinto-me muito bem, não é?!”

Os dados recolhidos a partir das entrevistas representam momentos que marcaram positivamente o percurso de vida dos participantes. Recordar esses locais despoletou emoções, por vezes difíceis de descrever.

O sentimento de “saudade” esteve presente em todas as entrevistas, à exceção de uma (e3), sendo evidente uma forte ligação dos participantes pelo local onde cresceram. Na 3.^a entrevista (e3), o participante refere ter boas e más memórias, embora manifeste um carinho especial pelas amizades que permanecem até hoje. Na 6.^a entrevista (e6), o local onde o entrevistado cresceu é referido como um lugar que proporciona bem-estar. O participante refere ser difícil de exprimir ou descrever as emoções, sendo evidente que recordar esse local, ou lá regressar, representam momentos com uma carga emocional bastante significativa.

As narrativas autobiográficas estão associadas a vários acontecimentos e vivências da pessoa idosa, de acordo com a sua história de vida, reforçando a sua identidade cultural. A vinculação ao local implica uma ligação emocional entre a pessoa e o ambiente, podendo essa ligação ser positiva ou negativa, sendo que a não ligação não significa uma má adaptação ao meio. A reflexão teórica associada a este paradigma evidencia “o lugar” como um fator emocional muito importante no processo de envelhecimento (Smith, 2009).

A ligação emocional que o indivíduo estabelece com um local está relacionado com as vivências ao longo da vida nesse ambiente físico, podendo influenciar as crenças, tradições, cultura entre outros (Fonseca et al., 2008). Os testemunhos recolhidos são um indício de que a ligação estabelecida entre o indivíduo e um determinado local depende das experiências vividas nesse local, sendo essa ligação a responsável por determinados sentimentos vivenciados no momento de partilhar essas memórias.

6.4.6. Suporte familiar como rede de apoio

A família, quando estruturada, constitui um alicerce estável no percurso de vida dos seus elementos, permitindo que fortes ligações emocionais perdurem. No sentido de

conhecer a perspectiva dos participantes acerca deste tema, foi colocada a seguinte questão, que apela a uma comparação entre passado e presente.

- ❖ Que diferenças podem existir entre as famílias que conheceu no passado e as famílias do presente?

Tendo em conta que a dinâmica familiar tem vindo a sofrer alterações ao longo do tempo foi possível recolher as seguintes narrativas:

e1: “As famílias dispersam-se. As famílias atuais dispersam-se um pouco”.

e2: “No passado eram mais unidas do que agora, no presente. Agora as pessoas até nem é só nas famílias, até mesmo na vizinhança. (...) Hoje ninguém se cumprimenta. As pessoas vivem num prédio e não se falam, não conhecem as pessoas do prédio. Não falam umas para as outras”.

e3: “Hoje em dia tenho a sensação, não interprete mal o que vou dizer, que os pais comportam-se mais, em relação aos filhos, como amigos do que como pais. E um pai é pai”.

e4: “Tenho que aceitar a diversidade. Tenho que conseguir adaptar-me à nova situação. O que há hoje é uma evolução muito grande, positivamente”.

e5: “Antigamente, a gente tinha muito respeito pelas pessoas mais velhas, respeitávamos muito e fazíamos tudo o que elas mandavam. Hoje, já não é assim, cada um faz o que quer. E mesmo que os pais os mandem fazer outra coisa eles fazem como querem, não obedecem. E nesse tempo, a gente não faltava ao respeito dos pais”.

e6: “Pois, as diferenças aqui... antigamente as pessoas, primeiro que tudo, não se espalhavam como se espalham agora. Ficavam! Os filhos ficavam trabalhando junto dos pais ou muito perto dos pais, isto até ao 25 de Abril. Depois, daí tudo mudou e hoje já não digo os filhos, já falo nos netos que já não têm tempo, acabou o tempo... Nós tínhamos tempo, eu tive os meus pais comigo até Deus os levar e hoje não há tempo, nem tão pouco para os ir levar ao lar. Já não digo de os ir lá visitar, de os ir lá levar. Pegam no telemóvel e chamam a ambulância (olhe)⁶ (.)⁴ vão levar os meus pais ao lar que eu quando puder vou lá vê-los, e isso marca-me muito...”.

No geral, todos os entrevistados referem uma diferença que marca negativamente as famílias de hoje, ao referir que os seus elementos vivem mais distantes uns dos outros, havendo menos tempo para momentos em família. No geral, os participantes associam este

facto a um maior número de casos de abandono dos idosos e, portanto, de maior solidão ao longo do processo de envelhecimento. O fenómeno de globalização contribuiu, por outro lado, para o desenvolvimento de cidades mais heterogêneas com alterações a vários níveis: político, social, económico, cultural e religioso.

Na 6.^a entrevista (e6), ficou patente a ideia de não haver tempo para a família, pelo facto dos elementos se dispersarem, em consequência da maior mobilidade e do ritmo frenético em que as pessoas vivem atualmente. Na 5.^a entrevista (e5), é levantada a questão da falta de respeito dos mais novos para com os mais velhos, algo que era impensável acontecer antigamente.

Na 3.^a entrevista (e3), é feita uma análise sobre a relação que se estabelece entre pais e filhos hoje em dia. É referido que a relação estabelecida tem vindo a sofrer alterações evoluindo no sentido de uma relação de amizade (de igual para igual), o que poderá colocar em causa a autoridade enquanto pais e possivelmente o respeito pelos mesmos. Na 4.^a entrevista (e4), é feita referência ao facto de haver uma evolução positiva da família ao longo do tempo, havendo por parte do participante motivação para de adaptar às mudanças. Enquanto uns entrevistados orientam as suas respostas para os aspetos positivos das transformações da família contemporânea, outros preferem realçar os aspetos negativos, diferenças que resultam das experiências de vida de cada um.

Em relação ao tema da solidão nas pessoas idosas, sabe-se que é um problema recorrente, o qual merece toda a atenção. Atualmente, existem histórias de solidão entre as pessoas mais velhas e é recorrente notícias de filhos que não obedecem aos pais ou que os maltratam. Posto isto, foi necessário colocar a seguinte questão:

❖ Conhece algum caso deste tipo?

Perante esta questão, as respostas obtidas foram do seguinte teor:

e1: “Bom está um pouco diferente, diferente⁵. Está diferente e porquê? A Cátia hoje está aqui e o seu trabalho hoje está aqui, mas se não houver tem de ir para outro lado”.

e2: “Não, mas sei que há. Eu de perto não conheço. (...) Choca-me. Choca-me muito⁵. Antigamente, mesmo que fossem pobres, dava-se sempre valor aos mais velhos de uma maneira diferente que hoje não se dá, era o avô e respeitava-se. Hoje, não há grande respeito dos mais novos para com os mais velhos”.

e3: “Eu, pessoalmente, nunca conheci nenhum...”.

e4: “Não. Nem lá e nem cá (...). É muito mau, muito mau^{4,7}. Infelizmente é... acho que é verdade. Não tenho dúvidas que isso acontece, mas é muito mau”.

e5: “É triste haver este... (.)³ certas solidões. É triste! Agente tem pena...”.

e6: “Não, felizmente, não conheço. Ainda bem que não conheço... porque eu não suportava”.

Nenhum entrevistado declarou conhecer pessoalmente casos de solidão, abandono ou maus tratos a pessoas idosas. Porém, confirmam ter ouvido falar deste tipo de casos, manifestando tristeza e revolta face a estes acontecimentos. Devido à maior vulnerabilidade das pessoas idosas é mais provável que venham a experienciar a solidão. O aparecimento de limitações físicas e psíquicas conduz a uma maior pré-disposição ao isolamento social, sendo a perda de alguém próximo, a distância física da família ou a ausência de amigos fatores que contribuem para que a pessoa idosa se sinta cada vez mais sozinha, devido a ausência de uma rede de suporte.

6.4.7. Memórias musicais sobre a dinâmica familiar

No sentido de recolher as memórias musicais relativas a momentos familiares foi colocada aos participantes a seguinte questão:

- ❖ Quando se fala destas questões [familiares], recorda-se de alguma música em particular?

As narrativas autobiográficas recolhidas através das entrevistas representam memórias musicais dos participantes relativamente a momentos passados em família.

e1: “A música? A mim distrai-me muito, a música. (.)² Eu penso que para as outras pessoas é a mesma coisa, distrai. As pessoas entram em casa, ligam o rádio e a televisão e a música faz reviver aqueles tempos antigos.

O participante refere algumas músicas: “*Oh tempo volta para trás*; outras de António Mourão: *Quem eu quero, não me quer...* há muitos casos destes, não é?! (Risadas) *Dá tempo ao tempo, quando, vou para o Ribatejo*”.

e2: “Há uma... até cantavam muito no Alentejo. Recorda um pouco a solidão. *Abalei para Lisboa, porque a vida cá é má, à busca de coisa boa, por muito não encontro cá (...)* Esta música recorda a solidão”. A solidão dos elementos da família que partem em busca de melhores condições de vida”.

e3: “Tinha uma expressão muito grande no chamado Fado, porque havia letras de fado que eram absolutamente dramáticas. (...) O cego tocava... normalmente era um acordeãozinho, toca acordeão ou uma guitarrita. O acompanhante ou a acompanhante cantava os tais fados da desgraça e depois tinha as folhinhas com o fado que vendia. A troco de uma esmola. (...) O título da canção: *A minha casinha (...) que saudades que eu já tenho da minha alegre casinha tão modesta quanto eu (...).*”

e4: “(...) O fado, recorda-me da minha mãe. (...) Ahh⁶, fora isso, no liceu havia influência da da⁴ Literatura, da música Francesa, antes... (.)⁴ Depois, foi a norte americana, inglesa... Mas primeiramente era francesa e, portanto, havia aqueles cantores franceses Françoise Hardy e outros”.

e5: “Recordo. (.)³ Olhe, por exemplo, havia uma que eu gostava muito. Era *ó tempo volta para trás*”.

e6: “Cantavam nos cruzamentos das ruas que eram para as pessoas se juntarem. Começavam a cantar e as pessoas ouviam e ia tudo ouvir a cantar o fado. Mas o engraçado é que eles cantavam fado, mas cantavam sempre dando uma notícia”.

As memórias musicais destacadas nas entrevistas remetem para memórias intensas sobre o Fado (e3, e4, e6) cantado nas ruas, geralmente por cegos, acompanhados de crianças ou mulheres, apoiado em letras manuscritas e distribuídas aos ouvintes da ocasião. Apesar de o fado ser o género musical mais referido, surgem referências a outros, como a música popular regional (música do Ribatejo (e1) e música do Alentejo (e2)), música ligeira (e1), música francesa (e4) música anglo-americana (e4), entre outras referências.

Uma outra música designada *A minha casinha* dos Xutos e Pontapés representa uma memória musical muito presente ao longo da 4.^a entrevista (e4), devido a ser uma música que o entrevistado associa ao seu percurso educacional e, aos princípios e ideais familiares e da sociedade daquela época.

Através da música é possível reviver o passado, recordando momentos marcantes do percurso de vida de uma pessoa. As memórias associadas à família transportam o fado, a música tradicional portuguesa e de outras regiões do mundo (onde os participantes viveram), e até a música ligeira. A música é uma representação da emoção que atua como um veículo de comunicação direta com o exterior (Al-Assal, 2008).

6.4.8. Mudanças socioculturais

As mudanças sociais referem-se a alterações de ordem social, onde se incluem mudanças nas instituições, comportamentos e relações, determinantes na sociedade. Neste sentido, foi colocada uma questão orientada para permitir a análise de quais os momentos de mudança com mais significado na vida dos entrevistados.

- ❖ Concorda com a ideia de que têm havido grandes mudanças sociais relativamente a mudanças na política, na tecnologia, na mentalidade das pessoas e no papel das mulheres na sociedade?

As respostas obtidas permitem identificar uma revolução política e um movimento social como os mais significativos:

e1: “O 25 Abril foi uma mudança muito grande”.

e2: “Recordo-me de duas. A seguir ao industrialismo na Europa, as mulheres adquiriram o direito ao voto. Recordo-me do 25 de Abril que foi o que mais marcou o nosso País. Foram dois grandes marcos sociais!”.

e3: (...)” acho que teve uma uma⁷ importância muito forte na alteração de mentalidades aliada depois ao aparecimento da pílula que permitiu, digamos, a libertação da mulher em todos os sentidos”.

e4: (...) “Eu acho que sim, eu acho que sim⁴. Mas, na minha terra mantém-se a mesma situação. (...) “Estou a recordar-me dos meus irmãos em que é a mulher que controla isso tudo. Uma boa casa, se não tiver uma boa mulher vai ao charco! (...) Portanto, logo após o 25 de Abril houve uma mudança enorme”.

e5: “Olhe, no meu tempo de rapariga, quando andava na escola recordo-me do Estado Novo e agora mais tarde o 25 de Abril”.

e6: “Olhe foi dar um bocadinho mais de poder às mulheres porque, nós estávamos nessa altura, antes do 25 de Abril nem votar se podia votar. E quando se falava em política era tudo em silêncio. Em certos sítios, nem entravam em repartições públicas”.

A transformação política e social decorrente da derrocada do Estado Novo, na sequência do golpe de estado do 25 de Abril de 1974, foi um momento marcante para todos os participantes. Na 6.^a entrevista (e6) é feita referência ao facto da mulher poder exercer o direito ao voto, e na 3.^a entrevista (e3) é referido o advento da pílula contraceptiva como um marco importante e libertador na vida da mulher. A revolução portuguesa iniciada

a 25 de Abril de 1974 e o movimento de emancipação da mulher, constituem-se portanto como os mais marcantes na vida dos participantes.

6.4.9. Memórias musicais sobre mudanças sociais

Para conhecer as memórias musicais que se relacionam com mudanças sociais marcantes foi colocada a seguinte questão:

- ❖ Quando falamos de mudanças sociais, será que se recorda de alguma música que represente estas mudanças?

As respostas obtidas convergem na música portuguesa de intervenção, com uma exceção:

e1: “A partir do 25 de Abril é mais aquelas músicas de intervenção”.

e2: “Do 25 Abril, as de Zeca Afonso e as do Fausto. Era tudo música de revolução”.

e3: “Lembro-me das músicas, acho... acho⁷ que a cultura hippie-americana (...) acho que foi um marco e a todas essas músicas do... da Joan Baez. Que é a minha cantora de eleição.”.

e4: “Esse [José Afonso] e do José Mário Branco (...) A música popular, a música de fado e tal... Depois voltou tudo ao mesmo, voltou outra vez ao que é hoje a música que nós temos como Portuguesa. Essa música depois do 25 de Abril foi muito importante, marcante na nossa sociedade e isso, também, acompanhou a música inglesa e a música norte-americana”.

e5: “No Estado Novo não me recordo de músicas, só me lembro de se ouvir falar do Estado Novo. Agora desta mais nova que foi o 25 de Abril é a música do Zeca Afonso: “Grândola Vila Morena e assim”.

e6: “Ah⁸ pois, eu para mim, eu para mim⁵ foi a Grândola Vila Morena. Ainda hoje aquilo foi um passaporte, como digo, foi um passaporte⁹. (...) Sim, e a Catarina Eufémia que foi uma vencedora”.

As memórias musicais associadas a mudanças sociais foram destacadas por praticamente todos os participantes, sendo referidas músicas de intervenção relacionadas com o 25 de Abril, evidenciando a música de José Afonso, Fausto e José Mário Branco.

Na 3.^a entrevista (e3), a música destacada é a de Joan Baez, que integra, no mundo ocidental, a cultura Hippie americana prevalente após os anos 60. Contudo, em todos os

testemunhos foi possível perceber a importância da música em mudanças sociais que marcaram a sociedade. A música permitiu expressar crenças religiosas e políticas, podendo ao mesmo tempo descrever histórias que foram transmitidas de geração em geração, por meio da oralidade (Scherer, 2010).

Neste estudo, a investigadora constatou que as pessoas idosas se referem ao acontecimento do 25 de Abril de 1974 como uma “emoção coletiva”, devido à vivência de um acontecimento histórico, marcado profundamente por memórias musicais.

6.4.10. Momentos do percurso de vida

Ao longo do percurso de vida dos participantes ocorreram momentos de fracasso e momentos de superação, sendo necessário perceber que momentos foram esses e o que representam na vida dos mesmos.

6.4.10.1. Momentos de fracasso e superação

Em relação aos momentos de fracasso, foi colocada a seguinte questão:

❖ Consegue descrever um desses momentos menos bons e que estratégias arranjou para superar esse acontecimento?

e1: (...) “Tive uma irmã que faleceu aos 32 anos e não é fácil ultrapassar essa situação”.

e2: “Menos bom... do meu divórcio. Porque, sempre me dei muito bem com o meu marido e nunca esperei ter um divórcio ao fim de 4 anos”.

e3: “Isto tem a ver com... (.)⁵ não com a minha vida digamos, no geral, num contexto muito particular que... teve a ver com relacionamentos que eu tive. Tive dois e só para abreviar a coisa, eu casei muito jovem no primeiro casamento em que me divorciei. Depois voltei-me a casar e voltei-me a divorciar, porque das duas vezes o casamento não foi por vocação foi por obrigação e a coisa, obviamente, não correu bem. E eu não guardo, não guardo⁷ bons... Não tive a oportunidade de ter grandes vivências, porque fiz sempre vidas paralelas e por aqui me fico”.

e4: “Quando a gente aplica todos os esforços e não é reconhecido o esforço é um desconsolo. Depois pergunto: "o que estou aqui a fazer?" (...). Olha, pedi a demissão, vim-me embora...”.

e5: “Olhe, nesse tempo eu ainda era novinha, mas a perda do meu avô materno que vivia em casa conosco... (...). Pronto e com o tempo, com os anos, tudo vai passando (...)”.

e6: “Ah⁹, sim. Assim menos bom, mas, também, não foi das piores... (.)⁴ Foi a separação do pai dos meus filhos (...), mas segui em frente e ele seguiu em frente e ele continuou sempre a ser um bom pai, até hoje, e eu uma boa mãe”.

Todos os participantes das entrevistas, à exceção de um entrevistado, relatam momentos difíceis relacionados com processos de luto. Os acontecimentos relatam perdas de elementos da família, bem como o corte nos laços conjugais, exigindo uma readaptação face a esse acontecimento de vida, embora os participantes demonstrem, pelos seus relatos, capacidade de superação e de resiliência, face aos contratemplos que surgiram ao longo do seu percurso de vida.

6.4.10.2. Memórias musicais do pior momento

No sentido de se fazer uma recolha de memórias musicais sobre o momento que marcou negativamente a vida dos participantes, foi colocada a seguinte questão:

❖Relativamente aos momentos menos bons, recorda-se de alguma música associada a estes acontecimentos?

Os dados recolhidos das entrevistas permitiu reunir um conjunto de músicas, tal como se pode observar pelos seguintes excertos:

e1: “Ela [a mãe] (.)² cantava-se muito músicas desta Madalena Iglésias”.

e2: “Nessa altura fui mais para música clássica. Eu separo um pouco as músicas consoante o estado de espírito. Se estou mais para o triste, sou capaz de ouvir mais música clássica. Se estiver mais alegre, é mais música popular ou música normal”.

e3: “Havia... Havia⁷ uma música que ((risos))¹ ao fim e ao cabo uma música que faz parte do 25 de Abril que é *Depois do adeus*”.

e4: “Não, acima de tudo música revolucionária Portuguesa. (.)⁵ Acima de tudo...”.

e5: “Ora as músicas desse tempo... (...) recordo-me de uma que era: *Nem às paredes confesso*, gostava muito dessa música”.

e6: “Não, não⁵... porque eu nessa altura, digamos, dediquei-me ao trabalho”.

As músicas que os participantes ouviam nessa fase das suas vidas e que ainda hoje associam a esses momentos de superação, transmitem não só o seu estado de espírito, como também a sua personalidade, face às adversidades da vida. A 2.^a entrevista (e2) relata de forma clara esta questão ao referir (...) “Eu separo um pouco as músicas consoante o estado de espírito” (...).

No geral, a música clássica e a música romântica são estilos musicais preferidos pelos participantes em momentos de superação. Na 4.^a entrevista (e4) a participante parece evidenciar uma característica mais lutadora, optando essencialmente por músicas revolucionárias e de intervenção. Na 6.^a entrevista (e6) não existem relatos acerca de memórias musicais relativas ao momento menos bom, pois a entrevistada refere que nesses momentos se “refugiou” no trabalho e nas lides domésticas, o que parece corresponder a uma característica pragmática e ativa.

6.4.10.3. Momentos de Vitórias

Ao longo das entrevistas, os participantes partilharam experiências de vida acerca do momento que marcou positivamente o seu percurso de vida. No sentido de recolher essas narrativas autobiográfica foi colocada a seguinte questão:

❖ Relativamente aos bons momentos, consegue descrever um dos melhores momentos da sua vida?

Face à questão apresentada foi possível recolher algumas narrativas autobiográficas, tal como é possível constatar:

e1: “Olhe da primeira vez que andei de avião (...) Nunca tinha andado de avião, quando entrei no avião pensei: “mas para onde é que tu vais, pá, para Moçambique?! Ia lá em trabalho e foi isso que alterou um pouco a minha vida, em termos monetários”.

e2: “Um bom momento, todo o tempo de namoro e do casamento”.

e3: “Olhe ah... Um dos melhores momentos da minha vida foi talvez o período que tive nos Estados Unidos (...)”.

e4: “Eu, olhe... um momento que eu, que eu⁴ recordo com saudade foi... (.)⁵ na altura em que andava no Liceu e conheci o padre lá da minha terra. Um moço jovem e ele ensinou-me música, deu-me ehhh⁶ não era CD's eram aqueles...”.

e5: “Ora os meus tempos da mocidade. Os tempos em que eu namorava com o meu marido e ainda hoje estamos juntos”.

e6: “Olhe, um dos momentos bons, mesmo bons, da vida,⁹ quando eu era mais nova... (.)⁴ ahh⁸, eram as festas. O teatro que fazíamos todos os anos lá no convento com as freiras, isso, para mim, foi para aí logo o pouquinho que eu tinha do teatro, do cantar”.

Dos participantes entrevistados, 2 referiram a fase do namoro como o momento positivo mais marcante ao longo do seu percurso de vida. Os restantes participantes associaram o melhor momento a outras experiências de vida, nomeadamente a carreiras profissionais, viagens, festas entre outros momentos de convívio. Essas memórias desencadeiam nos participantes bastante satisfação e realização tanto pessoal como profissional, incluindo tanto o domínio cultural como o domínio lúdico.

6.4.10.4. Memórias musicais do melhor momento

No sentido de fazer uma recolha de memórias musicais acerca do momento que marcou positivamente a vida dos participantes, foi colocada a seguinte questão:

❖Relativamente aos bons momentos, recorda-se de alguma música associada a esses acontecimentos?

Perante a realização das entrevistas foi possível recolher algumas músicas que estão associadas a bons momentos, tais como:

e1: “Músicas Africanas”.

e2: “Do namoro recordo os bailes (que ia)⁷ em que estava a orquestra Pax Júlia, não é do seu tempo, muito conhecida. Havia uma outra de Portel muito conhecida e tocavam as músicas do Marine Marine⁵. Essas músicas recordam a minha juventude, o meu namoro... (...) Em bons momentos gostava muito de ouvir as músicas dos Abba. Gostava muito de uma música francesa *l’amour, c’est l’amour*. Eu gostava muito dessa música⁶, era muito conhecida. Recorda-me *os olhos castanhos*, recorda-me⁵ quando era mais miúda. (...) porque aí chegava o som que vinha dos megafones que eles tinham para anunciar o cinema. Sabe o que eu ia ouvir? ((Questiona com fácies de entusiasmo e alegria))³. O António Mourão. O António Mourão⁵ e a Amália. Eu ia para a praia no verão para Sines e havia na praia uma casinha pequenina onde havia discos pedidos. Depois ouvia-se... foi pedido pelo senhor tal para a sua namorada e depois diziam o nome, *o arroz está cru, barco negro*, essas músicas assim”.

e3: “Não, não. (.)⁵ Era música Disco Sound, as músicas daquela editora Mountain, era uma editora de Chicago que lançou aquelas grandes cantoras (como)⁹ Gloria Gerner (...) os Queen, os Abba. (...) No princípio dos anos 60, os Beatles vão beber à música americana”.

e4: “Vinil grande com música clássica”.

e5: “Sim, tenho. Olha tenho: *O meu lírio roxo do campo, O manjerico da janela, Camponesa camponesa*, e músicas assim, que eram mesmo da minha mocidade”.

e6: “Tínhamos o Hino de Santa Beatriz da Silva, que a Santa Beatriz da Silva nasceu em Campo Maior (...)”.

As memórias musicais marcaram positivamente o percurso de vida dos participantes, estando diretamente relacionados com as experiências de momentos de vida positivos relatados nas entrevistas. Alguns fatores podem ser determinantes na escolha do estilo musical, tais como a preferência musical, a tendência musical da época e, também, as condições socioculturais em que o participante se encontra inserido.

6.4.11. Entretenimento e Lazer

A forma como cada participante ocupa o seu tempo livre permitiu conhecer as atividades de entretenimento e lazer que cada um mais gosta. Para tal, foi necessário colocar uma questão que permitisse recolher narrativas autobiográficas acerca deste tema:

❖ Como ocupa atualmente o seu tempo livre? Conte-nos algumas atividades de que se ocupa no seu dia-a-dia?

Os excertos das entrevistas que se seguem resumem as atividades preferidas por cada um dos participantes:

e1: “(...) É de canto e vou a lições: à lição de Português, lição de Geografia que gosto muito. Depois vou à lição de guitarra, andamos a aprender... (...) eu gosto muito de música⁶. E então estou no grupo coral e estou na guitarra. (...) para ler sou um pouco preguiçoso⁵. Gosto de escrever (...)”.

e2: “De manhã, só tenho um dia em que venho aqui para a Universidade da Terceira Idade que é o dia de fazermos ginástica (...). Venho todas as tardes para aqui e de manhã é para fazer as minhas coisas em casa. Quando saio daqui. Se o tempo permitir vou ainda caminhar”.

e3: “No meu dia-a-dia faço algum exercício físico (...)”.

e4: “Vou ao facebook e tal... mensagens para os meus amigos e as minhas amigas e tal. Fora disso, procuro desviar-me disso...”.

e5: “Costura, crochê, ando na hidroginástica que também adoro. Comecei nesta idade e gosto muito. Cantava, dançava e ensinava jogos aos filhos e aos netos, jogos do meu tempo”.

e6: “Onde ocupo as minhas horas vagas é a fazer flores de papel, não há dúvida nenhuma”.

Todos os participantes procuram manter-se ativos, ocupando os seus tempo-livres com diversas atividades físicas, intelectuais e/ou criativas. Embora todos eles frequentem a UATI, cada um frequenta as aulas que lhe despertam mais interesse, consoante as preferências e aptidões pessoais.

A prática de atividade física é referida pelos entrevistados (e2, e3, e5) como uma atividade preferencial na ocupação de tempos livres, a qual permite não só estímulo a nível físico, como também, promover o convívio e consequentemente o bem-estar individual.

As atividades manuais e criativas são referidas também por 3 entrevistados (e1, e5, e6), as quais permitem não só o estímulo físico, como também o estímulo cognitivo, fundamental na promoção da saúde e prevenção de doenças mentais nas pessoas idosas. Para além disso, na última entrevista (e6), é possível perceber que a realização de flores de papel é uma atividade de grande paixão para a entrevistada, a qual permite, ao mesmo tempo, ocupar os tempos livres e contribuir para a festas tradicional anual de Campo Maior, onde a decoração em flores de papel é o foco da festa. Este envolvimento e participação numa tradição tão antiga e com tanto significado, representa para a entrevistada uma enorme satisfação pessoal, contribuindo para o seu bem-estar.

A ligação à música é referida na 1.^a e 5.^a entrevistas (e1, e5), como uma atividade ainda presente no dia-a-dia dos participantes. Outro participante refere, no decorrer da entrevista, já ter integrado o grupo coral da UATI, embora de momento já não o faça. O uso de redes sociais, hoje em dia, é uma ferramenta acessível a todos e nas pessoas idosas não é exceção. Porém, ficou evidente na 4.^o entrevista (e4), haver uma preocupação em não tornar esta atividade como a única forma de ocupação de tempos livres, tentando de forma consciente limitar o tempo de utilização.

A ocupação de tempos livres permite não só prevenir e combater o isolamento e sentimentos de solidão na pessoa idosa, como também, estimular a dimensão física e cognitiva, contribuindo para a sua autoestima e para que se mantenham integradas na sociedade. Contudo, a forma como os jovens ocupam o seu tempo livre no presente é diferente da forma como os jovens do passado os ocupavam. De modo a perceber a opinião dos participantes acerca deste tema, foi colocada a seguinte questão:

- ❖ Encontra diferenças na maneira de usar o tempo livre no seu passado de jovem e no presente dos jovens de hoje?

Os participantes no estudo partilharam o seguinte nas entrevistas:

e1: “Estas tecnologias [da comunicação e comunicação] vieram alterar um pouco a vivência das pessoas de certa maneira”.

e2: “Ocupávamos em conversas uns com os outros e com brincadeira. Hoje, não sei se eles são mais culturais. Hoje, têm os computadores e é tudo só computadores”.

e3: “Ahh⁶ antigamente, o que se fazia tinha tudo a ver com ação e movimento, quer dizer havia uma atividade permanente. Havia jogos de rua e havia jogos de futebol, eu sei isso pelos meus amigos que não estavam no colégio”.

e4: “O filho da minha companheira, esse está sempre no quarto sozinho no telemóvel.”

e5: “No passado, brincar era na rua, fazíamos jogos e coisas assim do género... Ahh⁵, os jovens hoje não sabem brincar nem na rua e nem uns com os outros. É só computador, escola e... estão em casa, e na rua não se vê crianças a brincar, nem sabem...”.

e6: “No passado, havia tempo livre para brincarmos, passearmos e irmos ao jardim com os colegas. Agora não. Passam no sofá com os telemóveis e as consolas. Não há tempo nem para dar um beijo, à tia ou à avó, não há tempo”.

Todos os participantes privilegiam a forma como antigamente as crianças ocupavam os tempos livres, contrariamente ao que hoje em dia acontece. O principal motivo está relacionado com o facto de as crianças antigamente conviverem de forma mais ativa e dinâmica entre elas, optando por brincar ao ar livre e de forma mais criativa ao desenvolverem as suas brincadeiras e criarem os seus próprios brinquedos.

Por outro lado, o facto das famílias antigamente terem em média mais filhos do que atualmente, permitia que houvesse mais convívio entre as crianças, tanto em casa como na rua, com outras crianças da vizinhança ou amigos da escola.

6.4.11.1. Memórias musicais associadas à ocupação dos tempos livres

As memórias musicais estão associadas a atividades de ocupação de tempos livres, sendo a música por vezes uma forma de ocupar o tempo livre e de combater a solidão, neste sentido foi colocada a seguinte questão:

- ❖ Recorda-se de alguma música que gostava de ouvir durante o seu tempo livre de jovem e outra música que gosta de ouvir no seu tempo livre de hoje? Se sim, quais?

Todos os participantes apresentam memórias musicais associadas à ocupação dos tempos livres. No sentido de facilitar a análise das narrativas autobiográficas foi dividida a questão em duas partes:

- Memórias Musicais dos participantes relativamente a músicas que ouviam ou cantavam no seu tempo de juventude;

- Memórias Musicais dos participantes relativamente a músicas que ouvem ou cantam hoje em dia.

Em relação à primeira parte da questão:

- ❖ Recorda-se de alguma **música** que gostava de ouvir durante o seu tempo livre de jovem?

Foi possível recolher as seguintes respostas:

e1: “Havia música já de baile, dançava-se o tango, dançava-se a valsa e havia o baile da pinha”.

e2: “Talvez... *os olhos Castanhos*”.

e3: “Era a música portuguesa (...) (.)⁵ não era dirigida ao nosso escalão etário, havia uma serie de cantores românticos como o Tony de Matos, a Maria de Lurdes Resende, mas já era mais para os adultos (...)”.

e4: “Eu gostava de ouvir música do meu rancho, da minha terra, música popular...e dançar. (...) Numa linha um bocado romântica (...). Olha uma música que me marcou muito naquele momento de solidão, naquela altura ... era do (...) Nelson Ned. *O que você vai fazer, Domingo à tarde. Passear por aí, Numa rua qualquer da cidade (...)*”

e5: “Olhe: *Dá-me uma gotinha d'água; Rosa branca desmaiada; O meu Lírio roxo do campo*, essa... era umas das músicas que eu cantava muito. (...) Ahh⁵, posso cantar o *Lírio roxo do campo*”.

e6: “*As saias de campo Maior* estão sempre presentes⁹”.

Relativamente à preferência musical, a generalidade dos entrevistados apresentam um especial carinho pela música tradicional portuguesa. Segundo Raimundo (1999, p.45) “*se as condições objetivas que permitiram o aparecimento e a maturação da música tradicional, no nosso país, estão a desintegrar-se e com elas a própria prática da cante e da dança populares, é ainda possível encontrar alguns laivos de sobrevivência*”.

Através das narrativas autobiográficas foi possível constatar que existe relação entre o percurso de vida dos participantes e as suas memórias musicais. Em relação a estas últimas, o estilo musical mais referido nas entrevistas foi especificamente a música tradicional portuguesa e o folclore algarvio; estilos musicais intimamente ligados à dança, sendo esta uma atividade presente na forma como estes entrevistados (e1, e4), ocupavam o seu tempo livre. Como foi possível perceber ao longo deste estudo, a música acompanha o homem desde a sua origem, apresentando um significado para cada indivíduo, pois está relacionada com a identidade cultural e pessoal de cada um.

Em relação à segunda parte da questão:

❖ Recorda-se de alguma música que gosta de ouvir no seu tempo livre de hoje?

Foi possível recolher as seguintes respostas:

e1: “Gosto... Gosto⁵ de fados. (...)”. Termina a entrevista cantando a sua música favorita de Marco Rodrigo: *É tão bom ser pequenino, ter pai, ter mãe, ter avós, ter esperança no destino e ter quem goste de nós...*”.

e2: “A canção chamava-se *Saudade*. [canta a música que a própria escreveu]: *Saudade era palavra nossa, palavra de português, palavra que nós sentimos, cada hora e em cada mês, palavra que nós sentimos, cada hora e em cada mês*”.

e3: “Exatamente. Depois, a minha música preferida era era⁷ e é como já disse as da Joan Baez, ela tem várias boas, mas gosto de uma que é ... *Diamonds and rust*, diamantes e ferrugem traduzido assim à letra”. [Canta a sua música favorita]:
No teu poema existe a esperança acesa atrás do muro,

*Existe tudo mais que ainda me escapa,
E um verso em branco à espera do futuro”.*

e4: “Também gosto de ouvir música clássica. Refrão não me estou a recordar. (...)”.

Durante a 5.^a entrevista (e5) são referidas várias músicas, que termina com a entrevistada a cantar a sua favorita:

*e5: “Meu Lírio roxo do Campo,
Criado na primavera,
Desejávamos saber, aí aí,
A tua intenção qual era,
A tua intenção qual era,
Desejávamos saber,
Criados na primavera, aí, aí,
Quem te pudesse escolher (...)”.*

e6: “Olhe eu sou muito fã do Marco Paulo. (...) Gosto muito da, [canção] da Nossa Senhora: *Nossa senhora nos dê, do meu destino a mão, cuida do meu coração, da minha vida, do meu destino, do meu destino, cuida de mim (...)*”.

O fado, referido pelo primeiro entrevistado (e1), é o estilo musical mais ouvido, devendo-se às fortes lembranças que acarreta e pelas emoções que provoca.

A segunda entrevistada (e2) refere duas músicas, sendo uma delas com o nome “Saudade”, a que mais gosta de cantar no seu tempo livre, devido a ter sido escrita por si, simbolizando uma etapa importante da sua vida.

O terceiro entrevistado (e3) faz referência a músicas de Joan Baez, como músicas que ouvia no passado e que ainda hoje gosta bastante de ouvir. Estas memórias musicais representam momentos únicos positivos e significativos na vida deste participante e, por isso, tão presente na sua vida hoje em dia.

A audição de música clássica é referida pela quarta entrevistada (e4) como forma de ocupação dos tempos livres. Este participante acrescenta que é um estilo musical que impulsiona as pessoas, embora, de momento, não se recorde de nenhuma letra musical.

A quinta entrevistada (e5), refere gostar de ouvir e cantar música popular, por vezes alusivas ao campo, sendo este o estilo musical preferido. A participante recorda músicas

que marcaram significativamente o percurso de vida, sendo essas memórias musicais ainda muito presentes no seu dia-a-dia.

Por último, a sexta entrevistada (e6), refere as músicas de Marco Paulo, nomeadamente a música da *Nossa senhora*, como a que mais gosta de ouvir. Esta escolha poderá ser determinada pela forte mensagem que a letra da música transmite e consequentemente pelas emoções que a sua audição despoleta.

Segundo as narrativas autobiográficas, a música está presente na vida dos participantes desempenhando um papel fundamental na forma como ocupam os seus tempos livres. Existem vários estilos musicais preferidos pelos participantes, que dependem da sua preferência musical e, essencialmente, do percurso de vida de cada um. Tal como se constatou, a música expressa mundivisões, crenças religiosas e políticas, podendo ao mesmo tempo descrever histórias do passado, transmitidas de geração em geração, por meio da oralidade (Scherer, 2010).

No sentido de sistematizar as memórias musicais dos participantes no estudo, quer nos questionários, quer nas entrevistas, foi elaborado uma tabela com as músicas que representam vários momentos do percurso de vida de cada um, disponível no apêndice IX.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

A música está intimamente ligada à memória, tendo a capacidade de estimular diferentes partes do cérebro, permitindo que ele se reorganize ao mesmo tempo que constituiu um estímulo cognitivo. Através da música, os participantes entraram em contacto com as suas recordações e emoções, descrevendo acontecimentos da vida.

A investigadora integrou-se no quotidiano da UATI, na qualidade de formadora, trabalhando sobre temas escolhidos pelos participantes. Esta estratégia foi desenvolvida ao longo de meio ano, permitindo-lhe conhecer a individualidade e o percurso de vida de cada participante e, também, facilitando a relação com os alunos da instituição.

Pretendia-se, com a realização deste estudo, recolher memórias musicais representativas do percurso de vida dos participantes. Tendo em vista o desenho de um futuro programa de ativação cognitiva, socio-afetiva e motora com recurso às memórias musicais, foram recolhidas narrativas autobiográficas relativamente à infância, juventude e idade adulta de cada participante. Pretendia-se também, identificar os significados dessas memórias e os sentimentos associados. Seria expectável que essas memórias musicais estivessem associadas a momentos que marcaram positiva ou negativamente o percurso de vida de cada um deles, o que veio a verificar-se.

A análise de dados permitiu concluir que a música faz parte da memória e das vivências de cada um dos participantes. As narrativas autobiográficas relatadas possibilitaram a reconstituição de experiências anteriores, permitindo resgatar a identidade pessoal e social de cada participante. A informação recolhida neste estudo revelou que a ligação estabelecida entre os indivíduos e um determinado espaço-tempo depende das experiências vivenciadas.

A investigadora teve acesso às memórias musicais dos participantes, percebendo que a música marca momentos de vida tanto positivos como negativos, embora as memórias musicais estejam maioritariamente associadas a momentos de vida que expressam emoções positivas. Por sua vez, os participantes revelaram que recordar músicas facilita o acesso a memórias antigas e que a música influencia o seu estado de espírito. Este processo acontece de forma automática e inconsciente, uma vez que as memórias musicais estão muito presentes na vida das pessoas idosas e estão intrinsecamente relacionadas com os seus episódios de vida. Tal como a revisão da literatura revelou, a música apresenta-se

como uma terapia auto expressiva que pode ser utilizada, também, na manutenção e recuperação da memória.

As narrativas autobiográficas despertaram nos participantes diversos sentimentos como nostalgia, saudade, alegria, tristeza, angústia, entre outras. Esta realidade deve-se ao facto de a música ser um “meio facilitador” que transporta e ativa emoções, cultura e tradições. Algumas narrativas autobiográficas revelaram que a música é uma forma de ajudar a superar a solidão, mantendo a “mente ocupada” e dessa forma minimiza os desafios inerentes ao envelhecimento. O contacto com as pessoas idosas permitiu conhecer a importância da música na vida de cada um, bem como distinguir alguns estilos musicais preferenciais, nomeadamente: a música tradicional portuguesa, o cante alentejano; o folclore; a música popular em geral, incluindo músicas para crianças.

Os dados recolhidos permitiram fazer uma interligação entre a música que era ouvida numa determinada época e os eventos característicos desse tempo (brincadeiras de criança, quotidiano na escola, bailes tradicionais, matinés realizadas na juventude, trabalhos domésticos e trabalhos no campo). O canto está ligado a rituais de trabalho do campo, a expressões lenitivas e acalentadoras do esforço físico, dando origem ao canto enquanto prática funcional das tarefas agrícolas.

A música é representativa do percurso de vida das pessoas, podendo estar associada a diferentes momentos e emoções. Sentimentos de tristeza são relatados pelos participantes neste estudo e estão geralmente associados a episódios de vida que os marcaram negativamente. Momentos designados como “menos bons” estão relacionados com acontecimentos de vida como desemprego, divórcio, luto, reforma, entre outros. Por outro lado, a música está maioritariamente associada a “bons momentos”, relacionados com acontecimentos da vida referentes a viagens, festas, nascimento de um novo membro da família, fase da juventude, do namoro, do casamento, ou à conclusão de uma formação. Neste sentido, sentimentos de felicidade e saudade estão relacionados com momentos do percurso de vida que marcaram positivamente a vida dessas pessoas idosas.

Memórias musicais associadas a bons momentos despoletavam nos participantes vontade de voltar a reviver esses acontecimentos que marcaram o seu percurso de vida de forma positiva. Deste modo, foi possível perceber que a música desempenha um papel determinante no estado de espírito da pessoa que a ouve, que a canta ou que a recorda.

Assim sendo, a recolha de narrativas autobiográfica possibilita a promoção e a manutenção das capacidades funcionais e cognitivas, bem como prevenção da deterioração cognitiva.

A evidência tem confirmado que o treino continuado nas áreas funcionais e cognitivas melhora a qualidade de vida das pessoas idosas. Neste contexto, a musicoterapia pode ser utilizada com vista a promover um estímulo cognitivo nos indivíduos; conduz à promoção do bem-estar físico e psicológico e, conseqüentemente, ao envelhecimento bem-sucedido. Porém, a eficácia da terapia musical na manutenção e reabilitação da cognição continua, ainda, a ser debatida na literatura científica.

As memórias musicais nas pessoas idosas estão presentes ao longo do percurso de vida e estão associadas a acontecimentos pessoais, profissionais e sociais. Definem a cultura, as tradições e os valores bem enraizados de cada um. A música expressa crenças religiosas e políticas podendo ao mesmo tempo descrever histórias que são passadas de geração em geração por meio da oralidade.

Tomar conhecimento das memórias musicais dos participantes permitiu à investigadora conhecer não só a pessoa, como o seu percurso de vida e, também, o significado que as memórias musicais apresentam na vida de cada um. A sistematização dos dados recolhidos (Apêndice IX) constituiu um dos principais contributos deste estudo para o planeamento fundamentado de um programa de melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas no respeito pela sua personalidade e cultura.

As limitações sentidas ao longo do percurso investigativo relacionaram-se com a dificuldade em realizar as entrevistas, quer pela incompatibilidade de horário, quer pela questão de as entrevistas serem vídeo gravadas. Esta questão limitou o número de participantes que voluntariamente optaram por participar. A generalidade dos casos de não participação nas entrevistas deveu-se à presença da câmara, sendo a mesma descrita como um instrumento intimidante e inibidor.

Contudo, a realização da entrevista possibilitou o registo audiovisual da narrativa autobiográfica, permitindo à investigadora rever a gravação as vezes que fossem necessárias ao longo do processo de investigação. Este método possibilitou uma recolha de dados mais rica, uma vez que foi possível registar tanto a comunicação verbal como a não-verbal dos participantes, contribuindo para uma transcrição fidedigna (Apêndice VIII) da entrevista e, conseqüentemente, uma análise mais detalhada. Relativamente à comunicação não verbal, a gravação permitiu à investigadora recordar determinados gestos e expressões

significativas para o estudo. Por exemplo, sorrisos e risadas dos participantes enquanto partilhavam as suas memórias musicais e que constam ao longo da transcrição integral das entrevistas.

Em relação aos resultados obtidos, a validade das conclusões torna-se limitada; os resultados não podem ser generalizados, pelo fato do estudo incidir apenas nas memórias musicais de um grupo de 25 participantes. No entanto, estamos convictos de que os resultados constituem um contributo indispensável à elaboração de um plano de ativação cognitiva, sócio afetiva e motora, quer do ponto de vista da replicação da metodologia utilizada, quer da aplicação adequada dos dados em novas atividades, de oficinas da memória, a desenvolver futuramente no mesmo contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Al-Assal, C.T. (2008) *Música lugar de Memória e morada do Ser*. Instituto Psicologia da Universidade São Paulo. Dissertação Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. S. Paulo.
- Almeida, A. (2008). *A Pessoa Idosa institucionalizada em Lares: Aspetos e contextos da Qualidade de Vida*. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar. Dissertação de Mestrado em Ciências Biomédicas. Porto.
- Anica, A. (2001). *A Transformação da Violência no Século XIX: O caso da comarca de Tavira*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Apóstolo, J., Cardoso, D., Marta, L. & Amaral, T. (2011). Efeito da estimulação cognitiva em Idosos. *Revista de Enfermagem*, Vol.III, 1-9. DOI: 10.12707/RIII11104.
- Apóstolo, J., Rosa, A., Castro, I. (2011). Cognitive Stimulation in elderly. *The Journal of the Alzheimer's Association*, 4 (7), 440-441. DOI:10.1016/j.jalz.2011.05.1289.
- Backes, D.S. et al. (Nov. 2003). Música: terapia complementar no processo de humanização de uma CTI. *Revista Nursing*, 66 (6), 37-42.
- Baddeley, A., Eysenck, M. W. & Anderson, M. C. (2009). *Memory*. Brasil: Artmed.
- Baltes, P. B., & Baltes, M. M. (1990). Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In P. B. Baltes & M. M. Baltes (Eds.), *Successful aging: Perspectives from the behavioral sciences* (pp. 1-34). New York, NY, US: Cambridge University Press. DOI:10.1017/CBO9780511665684.003.
- Baltes, P.B., & Smith, J. (2003) New frontiers in the future of aging: From successful aging of the young old to the dilemmas of the fourth age, *Gerontology*, 49 (2), 123-135. DOI:10.1159/000067946.
- Barañano, A.M. (2004) *Métodos e Técnicas de Investigação em Gestão – Manual de Apoio à realização de trabalhos de investigação*. Lisboa: Edições Silabo.
- Belfi, AM. E Karlan, B. (2016). Music evokes vivid autobiographical memories. *Journal Article*. Publication: Sussex: Psychology Press. 24 (7), 979-89. DOI:10.1080/09658211.2015.1061012.
- Belsky, J. (2001). *Psicologia del Envejecimiento*. Madrid: Thomson.
- Berger, L. (1995). Aspetos Psicológicos e Cognitivos do Envelhecimento. In Louise M.; Berger, M. & Mailloux-Poirier, D. *Pessoas Idosas Uma abordagem Global Processo de Enfermagem por Necessidades* (pp. 157-196). Lisboa: Lusodidacta.
- Blackburn & T. Bradshaw (2014). Music therapy for service users with dementia: a critical review of the literature. *Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing*, 21(10), 879-88. DOI:10.1111/jpm.12165/abstract.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R. & Taylor, S. (1975). Introduction to qualitative research methods: A phenomenological approach to the social sciences. New York: J. Wiley
- Buss, L.H., Gracioli, L. & Rossi, A. (2010). Processamento Auditivo em Idosos: Implicações e Soluções. *Revista CEFAC*, 1, 146-151.
- Cady, E.T, Harris, R.J, & Knappenberger, J.B (2007). *Using music to cue autobiographical memories of different lifetime periods*. *Psychology of Music*, 36 (2), 157-177. DOI: 10.1177 / 0305735607085010.
- Cancela, D. M. G. (2007 Jul/Sep). O Processo de Envelhecimento. *Portal dos psicólogos*, 1-3 Acedido em 26-12-2017. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>

- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologias de Investigação – Guião para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, A.M. (2004). *Metodologia de pesquisa em ensino de física: Uma proposta para educar os processos de ensino e aprendizagem*. In: Encontro de pesquisa em ensino da física, 9., 2004, Jaboticatubas, MG. Anais Jaboticatubas, MG: Sociedade Brasileira de Física.
- Carvalho, M.I. (Coord.) (2013). *Serviço Social no envelhecimento*. Lisboa: Factor-Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Castro, A.E. (2011). *Programa de estimulação cognitiva em idosos institucionalizados*. Dissertação de Mestrado da Universidade de Aveiro, 1-74.
- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teorias e Prática*. (2.^a ed.). Coimbra: Almedina.
- Denzin, N. & Lincoln Y. (2006) *O planeamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*, Porto Alegre: Ambar.
- Depp, C. & Jeste D.V. (2006), Definitions and predictors of successful aging: a comprehensive review of larger quantitative studies, *American Journal of Geriatric Psychiatry*, 14 (1), 6-20.
- Direção Geral de Saúde (Ed.) (2014) *Portugal - idade maior em números - 2014. A Saúde da População Portuguesa com 65 ou mais anos de idade*. Lisboa: DGS: Acedido a 2-10-2017. Disponível em: <https://www.dgs.pt/estatisticas-de-saude/estatisticas-de-saude/publicacoes/portugal-idade-maior-em-numeros-2014.aspx>
- Donalísio, M.R.; JoiaI, L.C. & Ruiz, T. (2007). *Condições associadas ao grau de satisfação com a vida entre a população de idosos*. 41(1):131-8. Acedido a 3-05-2017, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102007000100018&script=sci_abstract&tlng=pt
- Duarte, R. (2002). Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de pesquisa*, 115, 139-154.
- El Haj, M., Postal, V., & Allain, P. (2012). Music enhances autobiographical memory in mild Alzheimer’s disease. *Educational Gerontology*, 38(1), 30–41.
- Ermida, J.G. (2001), no capítulo VII, *Hospitalização do Idoso. Riscos e prevenção* in Reis, P. (2001), em *Temas em Geriatria: Tomo V – A Medicina Geriatria em expansão no terceiro milénio*. Lisboa: Bayer.
- Fernandez-Ballesteros, R. (Dir.) (2000). *Gerontología Social*. Madrid: Pirâmide. ISBN:9788436814378
- Fernandez-Ballesteros, R. (2011). Positive aging: objective, subjective and combined outcomes. *E-Journal of Applied Psychology*, 7, 22-30. DOI:10.7790/ejap.v7i1.238.
- Fernandez, M.P. & Fluente, J.D. (2005). Envejecimento e Cambio Cognitivo. In Hernandis, S.P. & Martinez, M.S. (Dirs) *Gerontologia. Actualización, innovación e propuestas* (pp. 205-213). Madrid: Pearson Educacion.
- Figueiredo, E.L. (1996) *Evolução do pensamento criador em situação musical*. Faculdade de Educação da Universidade Estadual, Tese de Doutoramento. Campinas.
- Fiske, A., Wetherell, J. & Gatz, M. (2009). Depression in older adults. *Annual Review of Clinical Psychology*, 5, 363-389.
- Fonseca, A., Gonçalves, D. & Azevedo, M. (2008) “A ligação à terra dos idosos rurais da raia portuguesa”. In *VII Congresso Ibérico de Estudos Rurais*, Universidade Católica Portuguesa. Acedido a 2-02-2017. Disponível em: http://sper.pt/oldsite/actas7cier/PFD/Tema%20I/1_2.pdf
- Fonseca, A.M. (2006). *O envelhecimento - Uma abordagem psicológica*. (2.^a ed.). Lisboa: Campus do Saber.

- Fonseca, A.M. (2005) Envelhecimento bem-sucedido, in C. Paúl & A. Fonseca (Eds). *Envelhecer em Portugal: Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados*, (pp.285-311). Lisboa: Climepsi.
- Fonseca, A.M. & Paúl, C. (Coords.) (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fontaine, R., (Ed.) (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editora.
- Fortin, MF. (2003) *O processo de investigação da Concepção à Realização*. (3.^a ed.). Loures: Lusociência- Edições técnicas e científicas Lda.
- Garcez, A., Duarte, R. & Heisenberg, Z. (2011 Mai./Ago). *Produção e análise de vídeo-gravação em pesquisas qualitativas*. 37, (2), 249-262. Acedido a 22/06/2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n2/v37n2a03.pdf>
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora
- Glass, T. (2003) Assessing the success of successful aging, *Annals Internal Medicine*, 139, 382-383.
- DOI:**10.7326/0003-4819-139-5_Part_1-200309020-00015.
- Gómez Gallego M, Gómez García J. (2017). *Musicoterapia en la enfermedad de Alzheimer: efectos cognitivos, psicológicos y conductuales*. *Neurología*, 32, 300—308. **DOI:**10.1016/j.nrl.2015.12.003.
- Gomes, L. & Amaral, J. (2012). Os efeitos da utilização da música para os idosos: Revisão sistemática. Salvador: *Revista enfermagem contemporânea*. 1(1), 1-15. **DOI:**10.17267/2317-3378rec.v1i1.46.
- Gonçalves, C. (2012 Mai). Programa de Estimulação Cognitiva em Idosos Institucionalizados. *O portal dos psicólogos*, 1-18. Acedido em 2.06.2017. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0623.pdf>
- Gonçalves, C. (2007). *Estimulação e promoção de memórias autobiográficas específicas como metodologia de diminuição de sintomatologia depressiva em pessoas idosas*. Universidade do Minho. Dissertação de Mestrado. Braga.
- Gondim, S. (2013). *Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos*. Universidade Federal de Bahia, *Paidéia*, 12(24), 149-161. *SCIELO*. Acedido a 22-06-2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>
- Guerra, I.C. (Ed.) (2002). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Ação – O Planeamento em Ciências Sociais*. (2.^a ed.). Cascais: Principia.
- Haug, H. & Eggers, R. (1991). Morphometry of the human cortex cerebri and corpus striatum during aging. *Neurobiol Aging*, 12 (4), 336-338. **DOI:**10.1016/0197-4580(91)90013-A.
- Honorato, A. et al. (2006). A vídeo-gravação como registo, a devolutiva como procedimento: pensando sobre estratégias metodológicas na pesquisa com crianças. In: *Reunião Anual da Associação Nacional de Pós- graduação e pesquisa de educação*, 29. 1-16. Caxambu. Anais: ANPED. Acedido a 5:07:2017. Disponível em: http://www.irece.faced.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2006/a_video_gravacao_como_registro.pdf
- Instituto Nacional de Estatística. (2016). *Anuário Estatístico 2016*. Lisboa: INE. Acedido a 11.11.2018. Disponível em: https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=313752493&att_display=n&att_download=y
- Instituto Nacional de Estatística. (2011). *Censos 2011. Resultados Definitivos –Portugal*. Lisboa: INE. Acedido a 5:07:2017. Disponível em: https://censos.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=148313382&att_display=n&att_download=y

- Instituto Nacional de Estatística (2002) O envelhecimento em Portugal: situação demográfica e socioeconómica recente das pessoas idosas, *Revista de Estudos Demográficos* 32, 185-208.
- Irish, M., Cunningham, C., Walsh, J.B., Lawlor, B., Robertson, I. & Coen, R. (2006). Investigating the Enhancing Effect of Music on Autobiographical Memory in Mild Alzheimer's Disease. Original Research Article. *Dement Geriatr Cogn Disord*, 22 (1), 108–120. **DOI:**10.1159/000093487.
- Istvandity, L. (2017). Combining music and reminiscence therapy interventions for wellbeing in elderly populations: A systematic review. *Complementary Therapies in Clinical Practice*, 28, 18-25. **DOI:**10.1016/j.ctcp.2017.03.003.
- Jacob, L. (2007). *Animação de idosos*. (1.^a ed.). Porto: Âmbar.
- Jiménez, S.B. (Coord.) (2004): *Gerontología. Un saber multidisciplinar*. Madrid: Universitas y Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED).
- Juslin, P.N. (2016). Emotional reactions to music. EnS. Hallam, I. Cross, & M. Thaut, Eds.), *The Oxford Handbook of Music Psychology* (2.^a ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Kampragkou, C., Iakovidis, P., Kampragkou, E. & Kellis, E. (2017). Effects of a 12-week aerobic exercise program combined with music therapy and memory exercises on cognitive and functional ability in people with middle type of Alzheimer's disease. *International journal of physiotherapy*, 4(5), 262-268. **DOI:**10.15621/ijphy/2017/v4i5/159420.
- Lakatos, E.M.A. & Marconi, M.A. (2001). *Metodologia do trabalho científico* (6.^a ed.). São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Lamont, A. (2011). University students strong experiences of music: Pleasure, engagement and meaning. *Musicae Scientiae*, 15, 229-249. **DOI:**doi.org/10.1177%2F1029864911403368.
- Lazarus, R. (1998). Coping with aging: Individuality as a key to understanding, in I. Nordhus, G. Vanderbos, S. Berg & P.Fromholt (eds), *Clinical geropsychology*, Washington, American Psychological Association.
- Lemos, C.; Hazin, I. & Falcão, J. (2012). Investigação da memória autobiográfica em idosos com demência de Alzheimer nas fases leves e moderada. *Estudos em psicologia* 17 (1), 135-144. **DOI:**doi.org/10.1590/S1413-294X2012000100017.
- Levetin, J.D. (2010). *A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.
- Lopes, L.C. (2011). *Análise do processamento auditivo central em idosos portadores de comprometimento cognitivo leve*. Dissertação de Doutorado, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Consultado a 2-10-2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5166/tde-27102011-102129/publico/LeonardoCostaLopes.pdf>
- Loureiro; L. (2006). Adequação e Rigor na Investigação Fenomenológica em Enfermagem – *Crítica, Estratégias e Possibilidades*. *Revista de Enfermagem*. Referência, II (2), 22-32. Consultado a 11.11.2018. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388242124001>
- Magalhães, E. (2011). O Envelhecimento Activo: Uma Perspectiva Psicossocial. In Jacob, Luís; Fernandes, Hélder (coord) – *Ideias para um envelhecimento ativo* (pp. 11-39). Almeirim: Edição Rutis.
- Magalhães, R., & Iório, M. C. (2011). Avaliação da restrição de participação e de processos cognitivos em idosos antes e após intervenção fonoaudiológica. *Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 23(1), 51-56. **DOI:**10.1590/S2179-64912011000100012.

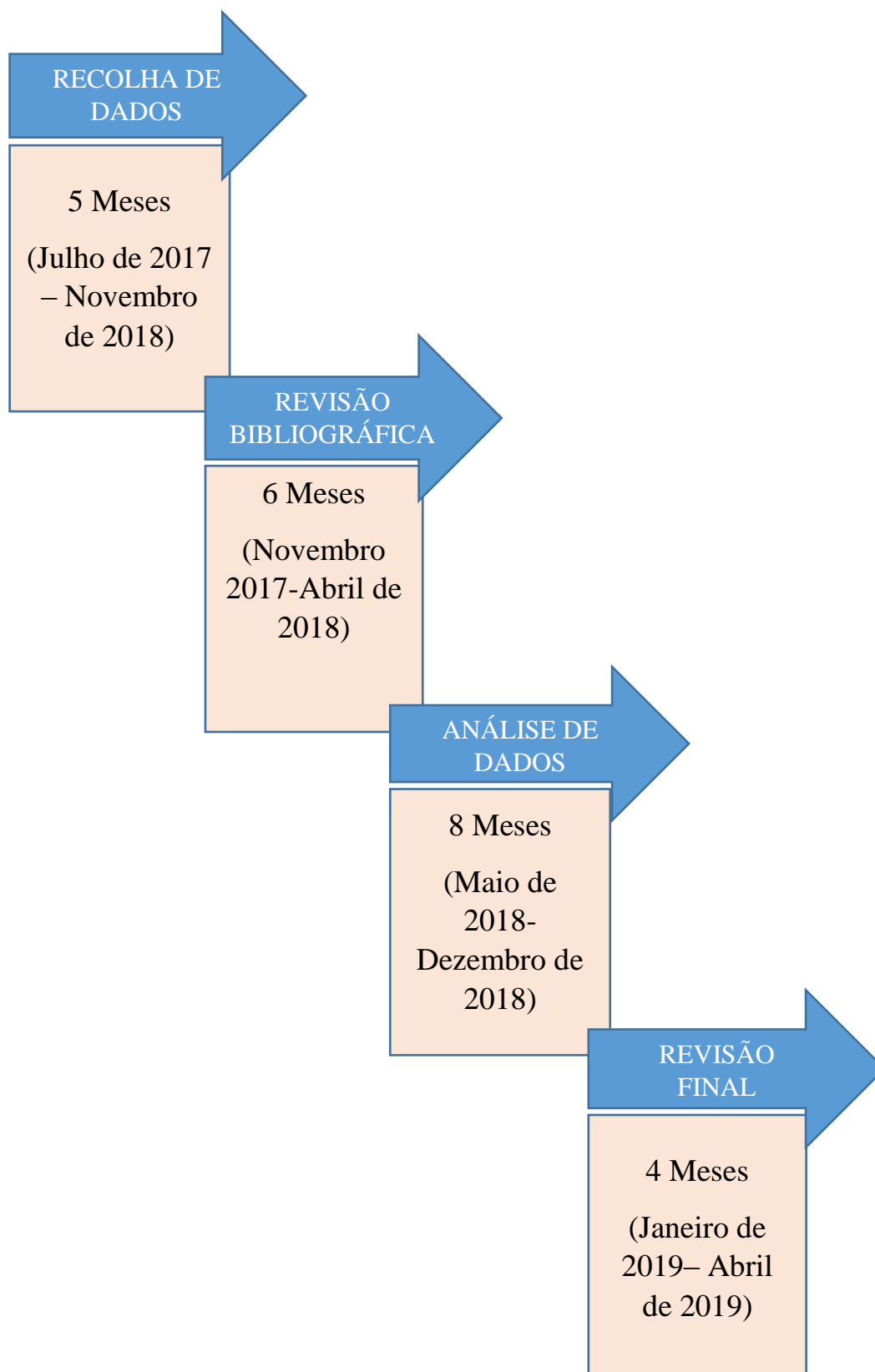
- Maggs-Rapport, F. (2001) Best research practice: in pursuit of methodological rigour, *Journal of Advanced Nursing*, 35(3), 373-383. DOI:10.1046/j.1365-2648.2001.01853.x.
- Mahendran et al. (2017). *Art therapy and music reminiscence activity in the prevention of cognitive decline: study protocol for a randomized controlled trial*. Study protocol.18-324. Disponível em: BioMed Central. DOI 10.1186/s13063-017-2080-7.
- Mauss, I. B., Levenson, R. W., McCarter, L., Wilhelm, F. H. & Gross, J. J. (2005). The tie that binds? Coherence among emotion experience, behavior, and autonomic physiology. *Emotion*, 5(2), 175-190. DOI:10.1037/1528-3542.5.2.175.
- Marchand, H. (2001). *Temas de desenvolvimento psicológico do Adulto e do Idoso*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Mello, B.L.D.; Haddad, M.D.C.L.; Dellaroza, M.S.G. (2011). Avaliação cognitiva de idosos institucionalizados. *Acta Scientiarum. Health Science*, 34(1), 95-102. ISSN 1807-8648. DOI:10.4025/actascihealthsci.v34i1.7974.
- Miranda, C. (2012). *Associação entre Perda Auditiva e Memória de Trabalho em Idosos*. Dissertação de Mestrado no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Consultado a 11.11.2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/37935>
- Mohamad El Haj, Diana Omigie & Sylvain Clément (2014) Music causes deterioration of source memory: Evidence from normal ageing. *The Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 67(12), 2381-2391. DOI:10.1080/17470218.2014.929719.
- Moreira, D. A. (2002) *O Método Fenomenológico na Pesquisa*. São Paulo: Thompson Pioneira.
- Nunes, B. (2011). *Consulta de neurologia - o que é importante saber*. Lisboa: Angelini.
- Osório, A. & Pinto, F.C. (2007). *As pessoas idosas: Contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Padilha, M.C. (2008). *A musicoterapia no tratamento de crianças com perturbação do espectro do autismo*. Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior.
- Papália, D.E., Olds, S. W. & Feldman, R.D. (2006). *Desenvolvimento Humano*. (8.ª ed.). Porto Alegre: Artimed.
- Paúl, C. (2005). A construção de um modelo de envelhecimento humano. In. Paul, C. & Fonseca, A. (coords), *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climpsi.
- Paúl, C. (2012). Tendências Atuais e Desenvolvimentos Futuros da Gerontologia. In. Paúl, C. & Ribeiro, O. (coord), *Manual da Gerontologia* (1-15). Lisboa-Porto: Lidel.
- Paúl, C. & Ribeiro, O. (2009). Predicting loneliness in old people living in the community. *Reviews in Clinical Gerontology*, 19, 53-60.
- Pederiva, P. & Tristão, R. (2006 Nov). Música e Cognição: *Ciências & Cognição* 9, 83-90. Brasília. Acedido a 23 de janeiro de 2017 pelas 23:05 horas. Disponível em <http://www.cienciasecognicao.org.pt>
- Pinheiro, E.M.; Kakehashi, T.Y.; Angelo, M. (2005). O uso de filmagens em pesquisa qualitativas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13 (5), 717-722.
- Pinto, A.C. (2011). *Psicologia da Aprendizagem e Memória*. Porto: Livpsic.
- Pires, TA.C.S.T. (2008). *Efeitos dos videojogos nas funções cognitivas das pessoas idosa*. Tese de Mestrado. Faculdade da Universidade do Porto.
- Pousada, M. & Fluente, J. d. (2007). Memória e Atención. In C. Tridó & F. V. (Coords.), *Psicologia de la Vejez* (pp. 115-240). Madrid: Alianza.
- Prodanov, C. & Freitas, E. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico*. (2.ª ed.). Rio Grande do Sul: Universidade Feevale.
- Quintero-Moreno C., Cuspoca-Orduz A. & Siabato-Barrios J. (2015). *Efecto de la música sobre aspectos cognoscitivos y metabólicos: Implicaciones médicas y psicológicas*.

- Escuela de Medicina de la Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia. Tunja, Colombia: CIMEL. 20(1), 1-5.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L.V., (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (4.^a ed). Lisboa: Gradiva.
- Raimundo, H. (1999). As outras músicas in Freitas, Eduardo & Ferreira, V. M. *Serra do Caldeirão-Roteiro Socio-cultural*. (1.^a ed). Faro: Associação in Loco.
- Ribeirinho, C. (2005). *Concepções Práticas de Intervenção Social em Cuidados Sociais no Domicílio*, Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Instituto Superior de Serviço Social, Lisboa. Consultado a 20/09/2017. Disponível em: <http://www.cpihts.com/PDF02/Concep%C3%A7%C3%B5es%20Pr%C3%A1ticas%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o%20Social%20em%20Cuidados%20Sociais%20no%20Domic%C3%ADlio%20Carla%20Ribeirinho.pdf>
- Ribeiro, O. & Paúl, C. (2011) Envelhecimento Activo. In Ribeiro, O. & Paúl, C. (coord.) – *Manual de envelhecimento activo*. Lisboa. Lidel.
- Rowe, J. & Kahn, R. (1997). Successful aging. *The Gerontologist*; 37 (4), 433-440.
- Rosas, F. (coord.) (1992). *Portugal e o Estado Novo (1930 – 1960)*, Lisboa: Editorial Presença.
- Rose, D. (2008). Análise de imagens em movimento. In: Bauer, M. W. & Gaskell, G. (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. (pp.342-364) Petrópolis: Vozes.
- Sadalla, A. M. & Larocca, P. (2004). Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. *Educação e Pesquisa*, 30 (3), 419-433.
- Samson, S., Dellacherie, D. & Platel, H. (2009). Emotional Power of Music in Patients with Memory Disorders: Clinical Implications of Cognitive Neuroscience. University Lille–Nord de France, Villeneuve d’Ascq, France. *Annals of the New York academy of sciences. Journal Article*, Research support, 116, 245-55. DOI:10.1111/j_1749-6632.2009.04555.x
- Santos, F.; Andrade, V. & Bueno, O. (2009). *Envelhecimento: Um processo multifatorial. Psicologia em estudos*, 14 (1), 3-10.
- Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais – Casos Práticos*. (s/l) Porto: Porto Editora.
- Scherer, C.D.A. (2010). *Musicalização e desenvolvimento infantil: Um estudo com crianças de três a cinco anos*. Dissertação de Mestrado em Educação. Área da concentração: Aprendizagem e acção docente. Universidade estadual de Maringá. UEM.
- Smith, A. (2009) *Ageing in urban neighbourhoods: Place attachment and social exclusion*, Bristol: Policy Press.
- Sousa, A. & Salgado, T. (2005). Memória, aprendizagem, emoções e inteligência, in *Revista Liberato*, 16, 101-220.
- Souza, J.N., & Chaves, E.C., (2005). O efeito do exercício de estimulação da memória e idosos saudáveis. *Revista Escola de Enfermagem USP*. 39 (1), 13-9. Acedido a 12/11/2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v39n1/a02v39n1.pdf>
- Streubert, H. & Carpenter, D. (2002) *Investigação Qualitativa em Enfermagem: Avançando o Imperativo Humanista*. (2.^a ed.). Loures: Lusociências.
- Teles, L. (2008) *Adaptação do Questionário de Reminiscência*, Dissertação de Mestrado em Psicogerontologia, Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Van der Steen, J.T.; Van Soest-Poortvliet, M.C.; Van der Wouden J.C.; Bruinsma, M.S.; Scholten, R.J.P.M. & Vink, A.C. (2017). *Music-based therapeutic interventions for people with dementia*. Acedido a 06/05/2018 em Cochrane Database of Systematic Reviews. DOI:10.1002/14651858.CD003477.pub3.

- Van Manen, M. (1990) *Research lived experience: human science for an action sensitive pedagogy*. State University of New York Press, Albany.
- Vink, A.C.; Bruinsma, M.S. & Scholten, R.J.P.M. (2003). *Music therapy for people with dementia*. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, (Reeditado em 2011) Issue 4. Art. No.: CD003477. **DOI**:10.1002/14651858.CD003477. pub2.
- Von Scheve, C. & Salmela, M. (Eds) (2014). *Collective emotions: Perspectives from Psychology, Philosophy and Sociology*. Oxford: Oxford University Press.
- Wood, S. (2004). *Music therapy: striking a chord with care home residents*. *Nursing Older People*. 16 (7), 24-26. **DOI**:10.7748/nop2004.10.16.7.24.c2333.
- Yanguas, J.J., Leturia, F.J. & Leturia, M. (2002). *Intervención Psicosocial En Gerontología: manual práctico* (2 ed.). Madrid: Cáritas Española.
- Zimmerman, G. (2000). *Velhice, aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Editora Artemed.

APÊNDICES

Apêndice I – Calendarização Prevista na Elaboração do Processo de Investigação



Apêndice II – Declaração da Investigadora

DECLARAÇÃO DA INVESTIGADORA

Eu, Cátia Vanessa Almeida Caro, aluna n.º 56672 do 2.º ano do Mestrado em Gerontologia Social encontro-me a elaborar a dissertação de mestrado sobre o tema “Memórias Musicais nas Pessoas Idosas”, sob a orientação da Professora Doutora Aurízia Anica. Este trabalho tem como objetivo geral conhecer as memórias musicais de pessoas idosas em diferentes momentos do seu percurso de vida, tal como os seus significados. As entrevistas são vídeo gravadas e será garantido o anonimato dos participantes. Declaro para os devidos efeitos que a investigação que se está a realizar destina-se apenas para fins académicos sendo, toda a informação recolhida para o estudo, estritamente confidencial.

Apêndice III – Cartas de Autorização para a Realização do Estudo de Investigação na UATI



PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO



Dirigido à Direção da Universidade do Algarve para a Terceira Idade

Eu, Cátia Almeida Caro, Enfermeira no Centro Hospitalar Universitário do Algarve e Mestranda em Gerontologia Social na Universidade do Algarve, venho por este meio solicitar autorização à Universidade do Algarve para Terceira Idade para proceder à recolha de dados junto dos alunos da Universidade sobre o tema: “Memórias Musicais nas Pessoas Idosas”, no âmbito da Dissertação de Mestrado que me encontro a desenvolver.

Este trabalho tem como objetivo geral conhecer as memórias musicais de pessoas idosas em diferentes momentos do seu percurso de vida, tal como compreender os seus significados.

Os instrumentos utilizados, neste trabalho de investigação, para a recolha de dados são: a aplicação de questionários e a realização de entrevistas, sendo este último instrumento sob a forma de vídeo gravação para permitir uma recolha de dados mais variada não só a nível da comunicação verbal como através da comunicação não verbal dos participantes. Toda a informação resultante dos instrumentos aplicados será utilizada apenas para fins académicos, sendo garantida toda a confidencialidade dos dados.

Grata pela disponibilidade dispensada.

Atenciosamente,

Cátia Almeida Caro.



Apêndice IV – Consentimento Informado para a Realização de Entrevistas (Modelo)



Declaração de Consentimento Informado

TEMA DE ESTUDO: Memórias Musicais nas Pessoas Idosas

Eu, _____

aceito(a) participar de livre e espontânea vontade no estudo de Investigação intitulado "*Memórias Musicais nas Pessoas Idosas*", realizado pela mestranda Cátia Almeida Caro, no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social.

Este trabalho tem como objetivo geral conhecer as memórias musicais de pessoas idosas em diferentes momentos do seu percurso de vida, tal como os seus significados. A entrevista será vídeo gravada para permitir uma recolha de dados mais detalhada. Toda a informação obtida através deste processo será utilizada apenas para fins académicos e será garantida toda a confidencialidade dos dados.

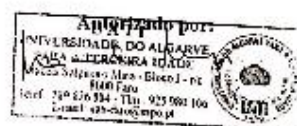
Grata pela sua participação.

Atenciosamente, Cátia Almeida Caro

Entrevistado: _____

Entrevistador: _____

Data: / /



Apêndice V – Consentimento Informado Assinado pelos Participantes



Declaração de Consentimento Informado

TEMA DE ESTUDO: Memórias Musicais nas Pessoas Idosas

Eu, Yávia Gora

aceito(a) participar de livre e espontânea vontade no estudo de Investigação intitulado "*Memórias Musicais na Terceira Idade*", realizado pela mestranda Cátia Almeida Caro, no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social.

Este trabalho tem como objetivo geral conhecer as memórias musicais de pessoas idosas em diferentes momentos do seu percurso de vida, tal como os seus significados. A entrevista será vídeo gravada para permitir uma recolha de dados mais detalhada. Toda a informação obtida através deste processo será utilizada apenas para fins académicos e será garantida toda a confidencialidade dos dados.

Grata pela sua participação.

Atenciosamente, Cátia Almeida Caro

Entrevistado: Yávia Gora

Entrevistador: [Assinatura]

Data 8/5/18



Declaração de Consentimento Informado

TEMA DE ESTUDO: Memórias Musicais nas Pessoas Idosas

Eu, Luís Reis

aceito(a) participar de livre e espontânea vontade no estudo de Investigação intitulado "*Memórias Musicais nas Pessoas Idosas*", realizado pela mestranda Cátia Almeida Caro, no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social.

Este trabalho tem como objetivo geral conhecer as memórias musicais de pessoas idosas em diferentes momentos do seu percurso de vida, tal como os seus significados. A entrevista será vídeo gravada para permitir uma recolha de dados mais detalhada. Toda a informação obtida através deste processo será utilizada apenas para fins académicos e será garantida toda a confidencialidade dos dados.

Grata pela sua participação.

Atenciosamente, Cátia Almeida Caro

Entrevistado: Luís Reis

Entrevistador: [Assinatura]

Data: 8/5/18



Declaração de Consentimento Informado

TEMA DE ESTUDO: Memórias Musicais nas Pessoas Idosas

Eu, José de Sousa Vaz

aceito(a) participar de livre e espontânea vontade no estudo de Investigação intitulado "*Memórias Musicais nas Pessoas Idosas*", realizado pela mestranda Cátia Almeida Caro, no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social.

Este trabalho tem como objetivo geral conhecer as memórias musicais de pessoas idosas em diferentes momentos do seu percurso de vida, tal como os seus significados. A entrevista será vídeo gravada para permitir uma recolha de dados mais detalhada. Toda a informação obtida através deste processo será utilizada apenas para fins académicos e será garantida toda a confidencialidade dos dados.

Grata pela sua participação.

Atenciosamente, Cátia Almeida Caro

Entrevistado:

Entrevistador:

Data: 14/05/18



Declaração de Consentimento Informado

TEMA DE ESTUDO: Memórias Musicais nas Pessoas Idosas

Eu, Manuel Pereira

accio(a) participar de livre e espontânea vontade no estudo de Investigação intitulado "*Memórias Musicais nas Pessoas Idosas*", realizado pela mestranda Cátia Almeida Caro, no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social.

Este trabalho tem como objetivo geral conhecer as memórias musicais de pessoas idosas em diferentes momentos do seu percurso de vida, tal como os seus significados. A entrevista será vídeo gravada para permitir uma recolha de dados mais detalhada. Toda a informação obtida através deste processo será utilizada apenas para fins académicos e será garantida toda a confidencialidade dos dados.

Grata pela sua participação.

Atenciosamente, Cátia Almeida Caro

Entrevistado:

Entrevistador:

Data: 14/8/18



Declaração de Consentimento Informado

TEMA DE ESTUDO: Memórias Musicais nas Pessoas Idosas

Eu, Cátia Catarina Costa Cunha Sequeira
aceito(a) participar de livre e espontânea vontade no estudo de Investigação intitulado
“*Memórias Musicais nas Pessoas Idosas*”, realizado pela mestranda Cátia Almeida Caro,
no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social.

Este trabalho tem como objetivo geral conhecer as memórias musicais de pessoas idosas
em diferentes momentos do seu percurso de vida, tal como os seus significados. A
entrevista será vídeo gravada para permitir uma recolha de dados mais detalhada. Toda a
informação obtida através deste processo será utilizada apenas para fins académicos e
será garantida toda a confidencialidade dos dados.

Grata pela sua participação.

Atenciosamente, Cátia Almeida Caro

Entrevistado: X Cátia Sequeira

Entrevistador: [Assinatura]

Data: 21/5/18



Declaração de Consentimento Informado

TEMA DE ESTUDO: Memórias Musicais nas Pessoas Idosas

Eu, Antónia Franco

aceito(a) participar de livre e espontânea vontade no estudo de Investigação intitulado "*Memórias Musicais nas Pessoas Idosas*", realizado pela mestranda Cátia Almeida Caro, no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social.

Este trabalho tem como objetivo geral conhecer as memórias musicais de pessoas idosas em diferentes momentos do seu percurso de vida, tal como os seus significados. A entrevista será vídeo gravada para permitir uma recolha de dados mais detalhada. Toda a informação obtida através deste processo será utilizada apenas para fins académicos e será garantida toda a confidencialidade dos dados.

Grata pela sua participação.

Atenciosamente, Cátia Almeida Caro

Entrevistado: X Antónia Franco

Entrevistador: [Assinatura]

Data: 26/5/18

Apêndice VI – Guião da Entrevista



GUIÃO DA ENTREVISTA

- MEMÓRIAS MUSICAIS NAS PESSOAS IDOSAS -

Esclarecimentos aos entrevistados

- ❖ Breve explicação sobre o estudo de investigação acerca das “Memórias Musicais”;
- ❖ Esclarecimento de dúvidas sobre como se vai processar a entrevista;
- ❖ Assinatura de consentimento informado;
- ❖ Identificação do entrevistado: Nome e Apelido;
- ❖ Agradecimento ao participante por participar na entrevista;
- ❖ Garantia de confidencialidade da identificação do entrevistado;
- ❖ Recordar o participante que a qualquer momento pode parar a entrevista e que os conteúdos das mesmas serão somente registados para estudos científicos.

Início da entrevista

1. Concorda em **participar** nesta entrevista?
SIM/NÃO (Se a resposta for não, agradecer a sua disponibilidade dispensada em tomar conhecimento sobre o estudo de investigação em “Memórias Musicais nas Pessoas Idosas”)
2. Importa-se de nos dizer o seu **nome** e **idade**?
3. Em que **localidade** reside?
 - a. Há **quantos anos** vive aí?
4. **Com quem vive** na sua residência atual?
5. Tem residido em **outros locais**? SIM/NÃO.
 - a. Se sim, em que local residiu, anteriormente, e por quanto tempo?

- b. O que o/a motivou a deixar esse lugar?
6. A que **atividade principal** dedicou a sua vida?
7. Se teve oportunidade de estudar, diga-nos que **estudos** realizou?
8. Como se dá atualmente com a sua **família**?
9. Mantém, ainda, contactos com os seus **amigos**? SIM/NÃO.
 - a. Se sim, como é a relação que tem com os seus amigos?
10. Poderia dizer-nos como era a **escola** no seu tempo?
11. Poderia dizer-nos, no seu tempo, como eram **educadas as crianças**? Ou seja, qual era o papel da escola e da família na educação?
12. Hoje em dia, fala-se de **trabalho infantil**. Acha que havia trabalho infantil no seu tempo?
 - a. Se sim, poderia dar um exemplo?
13. Quando falamos de educação, escola, família e amigos, isso lembra-lhe alguma **canção ou música** desse tempo? Pode falar um pouco sobre essas músicas?
14. Lembra-se **como era a vida** no seu bairro ou freguesia onde cresceu?
 - a. Tem alguma **história** desse tempo para partilhar connosco?
 - b. Lembra-se de algumas **tradições**?
 - c. Poderia descrever o que sente quando se fala da sua cidade/vila/freguesia?
15. Que diferenças podem existir entre as **famílias** que conheceu no passado e as famílias do presente?
16. Atualmente, existem histórias de **solidão** entre as pessoas mais velhas e é recorrente notícias de filhos que não obedecem aos pais ou que até mesmo que os maltratam. Conhece algum caso deste tipo?
 - a. Se sim, qual a sua opinião acerca deste assunto.
17. Quando se fala destas questões, recorda-se de alguma **música** em particular?

18. Concorda com a ideia de que tem havido grandes **mudanças sociais** relativamente a mudanças na política, na tecnologia, na mentalidade das pessoas e no papel das mulheres na sociedade?
- a. Quando falamos de mudanças sociais, será que se recorda de alguma **música** que represente estas mudanças?
19. Ao longo da vida, certamente teve bons e maus momentos, momentos de sucesso e momentos de fracasso. Consegue descrever um desses **momentos menos bons** e que estratégias arranjou para superar esse acontecimento?
20. Recorda-se de alguma **música** associada a esse momento? Qual?
21. Relativamente aos **bons momentos**, consegue descrever um dos melhores momentos da sua vida?
22. Recorda-se de alguma **música** associada a esse momento? Qual?
23. Como ocupa atualmente o seu **tempo livre**? Conte-nos algumas atividades de que se ocupa no seu dia-a-dia?
24. Encontra diferenças na maneira de usar o tempo livre no seu passado de jovem e no presente dos jovens de hoje?
25. Recorda-se de alguma **música** que gostava de ouvir durante o seu tempo livre de jovem e outra música que gosta de ouvir no seu tempo livre de hoje? Se sim, quais?
26. Tem algum refrão de uma música que gostaria de cantar neste momento?

Final da entrevista

- ❖ Agradecer a disponibilidade e participação do entrevistado;
- ❖ Reforçar a garantia de anonimato dos dados do entrevistado cuja finalidade do uso do conteúdo da entrevista seja apenas para fins científicos.

Apêndice VII – Questionário: Memórias Musicais nas Pessoas Idosas



Memórias Musicais nas Pessoas Idosas

Eu, Cátia Almeida Caro a frequentar o 2.º ano do Mestrado em Gerontologia Social, venho por este meio solicitar a vossa colaboração no preenchimento deste questionário no âmbito de um estudo de investigação que estou a desenvolver sobre as Memórias Musicais nas Pessoas Idosas. A informação é confidencial, asseguramos o anonimato dos participantes e o uso da informação destina-se exclusivamente ao estudo científico da minha dissertação de mestrado.

QUESTIONÁRIO

1. Nome: _____

2. Idade: _____

3. Em que **localidade** reside?

3.1. Há **quantos anos** vive aí?

3.2. **Com quem vive** na sua residência atual?

4. Tem residido em **outros locais**?

SIM NÃO

4.1. Se sim, em que local residiu, anteriormente, e por quanto tempo?

4.2. O que o/a motivou a deixar esse lugar?

5. A que **atividade principal** dedicou a sua vida?

6. Se teve oportunidade de estudar, diga-nos que **estudos** realizou?

7. Como é a relação com a sua **família**?

Boa Razoável Má

8. Mantém, ainda, contactos com os seus **amigos**?

SIM NÃO

8.1. Se sim, como é a relação que tem com os seus amigos?

Boa Razoável Má

9. Poderia dizer-nos, no seu tempo, como eram **educadas as crianças**? Ou seja, qual era o papel da escola e da família na educação?

10. Hoje em dia, fala-se de **trabalho infantil**. Acha que havia trabalho infantil no seu tempo?

SIM NÃO

10.1. Se sim, poderia dar um exemplo breve de trabalho infantil nesse tempo?

11. Quando falamos de educação, escola, família e amigos, isso lembra-lhe alguma **canção** ou **música** desse tempo?

SIM NÃO

11.1. Refira quais eram essas músicas e que sentimentos lhe causam?

12. Lembra-se **como era a vida** no local onde cresceu?

SIM NÃO

12.1. O que sente quando se fala desse local?

Saudade Tristeza Alegria Indiferença

13. Existem diferenças entre as **famílias** que conheceu no passado e as famílias do presente? Assinale características das famílias de antigamente:

- Famílias liberais
- Famílias conservadoras
- Maior nível de escolaridade
- Menor nível de escolaridade
- Maior respeito das crianças e pelos Adultos
- Maior responsabilidade dos seus elementos
- Menor responsabilidade dos seus elementos
- Independência financeira dos cônjuges
- Dependência financeira dos cônjuges
- Independência financeira dos filhos
- Independência financeira tardia dos filhos
- Outra

Qual?

14. Quando se fala destas questões, relativas às famílias de outro tempo, recorda-se de alguma **música** em particular? Se sim, qual?

15. Concorda com a ideia de que tem havido grandes **mudanças sociais** relativamente a mudanças na política, na tecnologia, na mentalidade das pessoas e no papel das mulheres na sociedade?

SIM NÃO

15.1. Quando falamos de mudanças sociais, será que se recorda de alguma **música** que represente estas mudanças? Se sim, qual?

16. Ao longo da vida, certamente teve bons e maus momentos, momentos de sucesso e momentos de fracasso. Recorda-se de alguma **música** associada a um bom momento?

SIM NÃO

16.1. Se sim, qual é a música e a que momento específico está associada?

17. Como ocupa o seu **tempo livre**? Conte-nos algumas atividades de que se ocupa no seu dia-a-dia?

- Leitura
- Escrita
- Tecnologia
- Pintura
- Renda/ *Crochet*
- Exercício físico

- Convívio com os amigo
- Voluntariado
- Outra

Qual?

18. Nomeie **uma grande diferença** entre a maneira de usar o tempo livre no seu passado de jovem e no presente dos jovens de hoje?

19. Recorda-se de alguma **música** que gostava de ouvir durante o seu tempo livre de jovem? Por exemplo: Quando brincava na rua com as outras crianças, quando ajudava a sua mãe nas lides domésticas, quando ia aos bailes com os pais e amigos?

20. Recorda-se de alguma **música** que gosta de ouvir no seu tempo livre, hoje em dia ?

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

Cátia Almeida Caro
Mestranda em Gerontologia Social

Apêndice VIII – Transcrição das Entrevistas

ENTREVISTA 1

E1: Olá, muito bom dia, Sr. D. (0)⁴. Estamos aqui hoje, no sentido de realizar a nossa entrevista sobre o tema Memórias Musicais nas Pessoas Idosas, inserido no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social.

Como sabe, sou mestranda do 2.º ano e agradeço imenso a sua disponibilidade para estar aqui e para colaborar comigo nesta 1.ª entrevista.

e1: Não tem de agradecer, é de boa vontade.

E1: Obrigada. Como sabe, todos os dados recolhidos desta entrevista são estritamente confidenciais e usados apenas para uso em estudos académicos, neste âmbito de investigação do mestrado. Pode interromper ou desistir da entrevista a qualquer momento. Vou necessitar que assine o consentimento informado, para podermos iniciar esta mesma entrevista, que disponibilizo de imediato aqui. ((Apresentando o consentimento informado para o entrevistado ler e assinar, dado que anteriormente referiu que participava de boa vontade))¹

e1: Portanto... (.)²

E1: Portanto, é uma declaração de consentimento informado.

e1: É uma rúbrica?

E1: Sim, é uma rúbrica. ((Enquanto o entrevistado assina o consentimento informado e mostra ao entrevistador para que o mesmo veja se está a assinar no local correto))¹

E1: Exatamente. Ok, está certo!

e1: O resto colocada a... (.)² [Cátia].³

E1: [Cátia]³

E1: Assim sendo, vamos dar início à nossa entrevista.

Concorda em participar nesta entrevista? É de livre e espontânea vontade?

e1: Com certeza!

E1: Importa-se de dizer o seu nome e a sua idade?

e1: Sim, L. (0)⁴

Tenho 72 anos de idade.

E1: Ok. Com quem vive na sua residência atual?

e1: A... (.) Atualmente com a minha esposa, só. Tenho um filho mas já voou, já voou,⁵ de maneira que já foi à vida dele.

E1: Tem residido em outros locais?

e1: Olhe é assim, eu tenho uma casa aqui em Faro, que praticamente habito aqui no inverno, a partir de Outubro ou Novembro. Tenho outra na zona de Monte Gordo, Freguesia de Vila Real de Santo António onde, onde⁵ passo mais o tempo de verão. Ou seja, a partir de agora, de Junho, vou para essa casa onde estou Outubro/ Novembro, conforme o tempo. Depois venho outra vez.

E1: Após as Férias da UATI?!

e1: Exatamente. Depois venho outra vez para a Universidade da UATI.

E1: Para iniciar o ano letivo novo?!

e1: ((Acena com a cabeça no sentido afirmativo))¹ Vivi, também, mesmo em Vila Real de Santo António, aqui já há muitos anos, vivi lá trinta e tal anos. Mas, mas⁵ se... (.)² não sei se já faz parte desta entrevista, a parte de onde morava? (.)²

Eu vivi em muitos lados, porque eu vivi desde o Minho até ao Algarve e Ilhas e Africa, porque não foi residência própria permanente. Mas era temporária na medida em que a minha vida profissional assim o exigia. Então, eu trabalhava em telecomunicações e podia estar no Minho, como no Algarve ou nas Ilhas e Africa, onde estive também. Pronto, isto era só para lhe dizer que em termos de residência própria e permanente foi num sítio, e ambulante foi em vários lugares, derivado à minha profissão ser de montagem de estações de telecomunicações.

E1: O que o motivou a deixar esses locais?

e1: Não. Ahh⁷, os locais próprios de residência permanente? Pronto, foi assim, eu vivi alguns anos em Vila Real de Santo António. A minha mulher trabalhava na Telecom® era lá que ela, que ela tinha o trabalho dela e como eu andava ambulando de um lado para o outro, pensámos em residir ali precisamente para que ela não, não⁵ ... (.)²

Ela era daqui do Algarve, eu sou alentejano. (.)²

Ela ainda esteve algum tempo em Lisboa mas não se adaptou aquela vida de Lisboa e então preferi ficar aqui. Então, era eu que fazia esta movimentação de, do Minho para o ... para o Algarve, e do Algarve por outros lados e assim sucessivamente. (.)² Foi esse o motivo que me fez viver algum tempo em Vila Real e principalmente no Algarve. >⁸Estou em Faro, estou em Vila Real, estou em Vila Real, estou em Faro.<⁸ (.)² Isto depois de casado, não é?! Quando era solteiro vivia na casa no Alentejo.

E1: Na casa dos pais?

e1: A minha terra é Santiago do Escoural, concelho de Montemor-o-Novo distrito de Évora, foi aí que eu nasci. Portanto, foi aí que eu vivi até entrar. (.)²

Porque eu era para ter sido comerciante. Os meus pais eram, os meus avós eram comerciantes, o meu pai era comerciante, portanto em principio era para ter sido comerciante. Então, quando fiz a 4.^a classe fui ... (.)² O meu pai (dizia)⁹ “Ah e tal vai estudar” e, então, fui fazer o exame de admissão e fiz. Mas depois sabe, antigamente, as distâncias eram pequenas mas eram grandes para quem tinha poucos... (.)² ((Fica sem encontrar a palavra certa e a movimentar-se na cadeira))¹

E1: Recursos?!

e1: Não era recursos, por acaso tínhamos recursos. Não havia uma mobilidade muito grande em termos de transportes para nos podermos deslocar. Portanto, ela ficava a 30 km. Nós hoje falamos em 30 km como quem fala em 2 ou 3 porque hoje os transportes estão mais acessíveis e há de tudo, mas nessa altura havia dificuldade. Então, fiquei por ali e era para ter sido comerciante mas depois apareceu outra oportunidade e enveredei por outro caminho que foi as telecomunicações. Fiz vários cursos, fiz várias equivalências e pronto cheguei a técnico de telecomunicações onde trabalhei praticamente sempre.

E1: Portanto, foi a essa atividade que se dedicou a maior parte da sua vida?

e1: Sim, foi. Apesar de ter tido alguns anitos de comércio e essa coisa toda. Nunca é de mais sabermos as coisas e isso deu-me algum traquejo para outras coisas. Depois o meu pai era correspondente bancário e eu também já fazia, eu era moço mas já fazia a escrita que ele ensina e tal ... (.)² E eu ia fazendo e pronto e é esta, esta⁵ (.)²

E1: Como é que se dá atualmente com sua família?

e1: Bem.

E1: Tem uma boa relação?

e1: Sim, tenho um relação normal, não é... (.)²

Pronto, todos nós temos altos e baixos na vida e na família ()¹⁰ e essa situação é normal. Apesar de que derivado à minha vida profissional foi a minha mulher que ao fim e ao cabo deu educação praticamente ao meu filho, não é?!

E1: Estava mais presente?

e1: Porque ... (.)² Porque⁵, ela foi mãe e foi pai. Ela é que o educou e pronto hoje é engenheiro mecânico e trabalha aqui nas águas do Algarve e pronto... É a minha vida de casado e de família que constituí e portanto vivemos mais ou menos uma família normal.

E1: E com os amigos como é que é a relação? Mantém o contacto?

e1: Ohh¹¹, sim. Portanto, vamos lá ver... (.)²

Há amigos de infância e esses praticamente, esses amigos, nunca se esquecem mas, mas⁵ (.)²

E1: Perdeu o contacto?

e1: Não, não perdi não, mas houve um tempo que derivado também à minha vida, que também já lhe contei, e à vida de cada um deles, também – ¹²

(.)² Não é, que ... Sabe que o Alentejo teve, teve⁵ uma certa altura de expansão em que principalmente na minha terra havia minas, havia ... Então aquilo... (.)²

A minha terra chegou a ter 4 mil pessoas, que é muito para uma freguesia do concelho de Montemor-o-Novo, porque havia minas. E foi isso, os meus avós eram beirões vieram

para o Alentejo e passaram a fazer um pequeno comércio, eram padeiros e tal tal⁵, porque havia muita venda e muita gente, muita gente^{5,6} e onde há muita gente, vende-se muito e há transação de tudo.

A partir de uma certa altura aquilo começou a cair e os alentejanos começaram a ir para a cintura industrial de Lisboa e o comércio ressentiu-se, porque (antes)⁹ havia muito comércio, porque havia muita gente, não é?! E daí não haver a continuidade de comércio e dessas coisas. Mas, estava-me a perguntar, (2.5)¹³ desculpe lá?

E1: Estava a perguntar se mantém, ainda, a rede de contacto com os amigos? Sejam eles os amigos de infância ou os amigos realizados em idade adulta.

e1: Sim, pronto... Os amigos mantem-se; quando me reformei, eles também se foram reformando e foram regressando à terra, Santiago do Escoural. Eu vivo aqui no Algarve mas vou lá e encontro-me com eles e fazemos uns jantares ou almoços de convívio. Era com aqueles que nós jogávamos ao berlinde ou jogamos ao pião. Pronto, todas aquelas coisinhas que fazíamos em criança mas que agora está um pouco ultrapassado, mas que nós era com o que brincávamos e com o que -¹²

>⁸Os brinquedos que tínhamos eram esses.<⁸

E1: Mantém a rede de amigos, então?

e1: Completamente.

E1: Poderia nos dizer como era a escola no seu tempo?

e1: A escola no meu tempo era uma escola exigente, muito exigente. Estou a falar, por exemplo, das pessoas que só faziam a 4.^a classe, era muito exigente. E, daí para a frente também, fazia-se até ao 7.^o ano naquela altura e depois havia a escola industrial e profissional também. E, e⁵ então as professoras do primário eram muito exigente. Eu costumo dizer, sem desprimor de quem tem o 12.^o ano ou tenha outros estudos, que a exigência da 4.^a classe, que se chama agora 4.^o ano, era uma exigência quase do agora 12.^o ano. É que tínhamos de saber tudo⁶.

E1: Tinham exames?

e1: Tínhamos exames. (.)² É que tínhamos mesmo exames com dois ou três professores a vigiar as provas e a verem como é que era. Tínhamos de saber aquilo tudo na ponta da língua. Agora, claro como você sabe, já não é preciso saber a tabuada porque vai-se lá ao telemóvelzinho e está lá a tabuada, pois. Agora e tal, tu sabes a tabuada?! ((aponta como se fosse questionar alguém))¹ Ah não (.)² Dois vez dois? Não sei quanto é, tal, tal (.)² E nós tínhamos de saber aquilo tudo. E quem não sabia era um bocado, um bocado (.)² sacrificado perante determinados professores que para além da exigência depois eram muito duros para com os alunos. Ahhh, levavam porrada, reguadas, ponteiradas com um ponteiro que eles tinham de cana. Aquela com que eu levei e todos levaram eram canas chamadas canas da índia que batiam nas pernas e tal, tal. Era um bocado duro de mais. Então, jogava-se ao pião, havia os recreios, jogava-se ao pião, às escondidas, ao berlinde e havia uma (2.5)¹³ está a ver. Na minha terra havia duas escolas, uma para raparigas e outra para rapazes e havia na minha escola 4 salas de aula e cada professora tinha para cima de 30 alunos, cada professora. Portanto, está a ver? Quatro salas a 30 alunos por professor então eram 120 mocinhos que por ali andavam naquela roda. Portanto, foi bom, foi bom nessa altura apesar de isto agora ser diferente. Não quer dizer que é mau, é diferente! E no meu tempo era assim. Você é uma mocinha nova, mas lê e sabe o que se passava nesse tempo. Mas isto é o que se passou diretamente comigo, não é?!

E1: Claro, é a sua experiência pessoal.

e1: Exatamente, mas foi bom! Foi bom⁵, porque tive uma boa educação.

E1: Poderia dizer-nos, no seu tempo, como é que as crianças eram educadas, seja pela escola, seja pela família?

e1: (2.5)¹³

E1: Ou seja, qual era o papel da escola e da família, em si, na educação e na formação?

e1: As crianças eram educadas em casa. A escola era para aprender, porque educação acho eu e acha toda a gente deve ser dada em casa. Os pais devem transmitir às crianças aquilo que eles acham que deve ser uma criança educada, uma criança... (.)² Claro que nós sabemos que uma criança tem de ter a sua liberdade e tem de ter o seu espaço para se mover (.)² mas dentro dessas circunstâncias a criança tinha, tinha que realmente ter essas

condições para ser criança. Nós quando somos criança, somos criança⁶, pulamos, saltamos e brincamos e tal... Mas a educação era dada com rigor.

E1: Era ríspida?

e1: Sim, sempre tendo em conta as pessoas de mais idade. Portanto, nós e os nossos pais entendiam que havia os avós e havia outros que não eram avós e não era da nossa família mas eram pessoa de idade e diziam: “olha que àquele senhor não respondes mal, olha que...”

E1: Como por exemplo os vizinhos?

e1: Os vizinhos e não só. (.)² Havia muito respeito, muito respeito⁵ que pronto, era assim naquela altura. Não quer dizer que não haja respeito agora também e que as pessoa não digam aos filhos não faças isto ou aquilo, mas naquela altura era mesmo para se respeitar aqueles que principalmente eram mais velhos. E se tinham só um pouco mais de idade acima de nós já havia algum respeito, quanto mais a família e os avós e isso tudo. (...) ¹⁴

E1: Hoje em dia fala-se muito do trabalho infantil. Acha que havia trabalho infantil no seu tempo?

e1: Havia, havia⁵.

E1: Consegue dar alguns exemplos?

e1: Sim, sim⁵. Sabe que antigamente muitas... (.)² Isso passou-se comigo. Lá na minha terra, comigo propriamente não, porque felizmente eu até tinha uma vida um pouco diferente de algumas pessoas. Já sabe que quem tem um comércio é diferente de quem não tem. E as pessoas, (.)² aquilo é uma zona agrícola, não é?! E não havia nada, embora em tempo remotos tivesse havido lá essas tais minas, etc. e uma certa expansão. Mas houve um período em que começou a ir abaixo e não há trabalho e as pessoas começam à procura em outro lado e foram embora... (.)² Desculpe lá, agora perdi-me um bocadinho.

E1: Recorda-se de haver trabalho infantil? Consigo ou com algum amigo? Consegue dizer com precisão com que idade os seus amigos começaram a trabalhar?

e1: Tive amigos que não vinham à escola porque tinham de ir guardar gado ou porque viviam longe, apesar de naquela altura haver escolas em quase todo o lado. Mesmo na serra havia lá escola mas nem todos, às vezes, iam. E, então, principalmente as pessoas que faziam a 4.^a classe ou que não faziam mas andaram algum tempo na escola iam trabalhar ou para sapateiros com 12 ou 13 anos ou para, para⁵ o campo mondar.

E1: Com que idades?

e1: Com uns 12 ou 13 anitos iam trabalhar, iam a guardar gado ou outros, eh pá...outros trabalhinhos que podiam fazer de alguma maneira e que era o princípio da vida deles. Alguns iam para... (.)² Havia lá ferreiros, estou a falar em ferreiros porque arranjavam aquelas carroças que haviam antigamente e que ainda há algumas. Antigamente, como você sabe, não havia carros começou a aparecerem carros lá para 1918 ou lá o que foi, praí assim... Havia pessoas que eram os abugões que faziam os carros, as rodas, o carro completo pronto. Faziam aquilo e por vezes iam para lá para começar a aprender uma profissão ou era de abugão ou de serralheiro e assim que saiam da escola iam trabalhar, porque tinham de auxiliar de alguma maneira os pais. Às vezes nem ganhavam nada, iam só para, de alguma maneira, se profissionalizarem, não é?! Era essa a ideia, portanto...tá a ver que o trabalho infantil existia.

E1: Recorda-se de alguma música desse tempo que o faça recordar a escola, a educação a família, os amigos quando brincavam na rua?

e1: Sim, claro. Recordo, com certeza (.)² e até gostava muito de cantar e ainda hoje gosto, ando aqui no grupo coral da UATI. Fui sempre amigo de cantar e gostava eu naquele tempo cantava muito, mas já foi um pouco mais tarde, até fiz um pequeno apontamento... ouvia o António Mourão que cantava: “Oh tempo volta para trás ...“; Madalena Iglésias, também. Mas mais para trás, ainda mais de meninice, o que é que nós cantávamos na escola?! Era o... “Trevo”, era...era...aquelas cantigas infantis que se cantavam na escola e depois havia a parte da Mocidade Portuguesa, também, e eles nos ensinavam. Eu nunca fiz parte da Mocidade Portuguesa porque aquilo lá era um centro muito pequeno e nunca fiz parte disso, mas cantava lá o Hino da Mocidade Portuguesa ((e começa a cantar, de olhos semicerrados e com fâcies de felicidade))¹

*“lá vamos, cantando e rindo,
lavados, levados, levados sim,*

pela voz do S. tremendo,

das tubas clamor sem fim...

Lá vamos, que o sonho é lindo,

torres e torres erguendo”...

((continua a tentar trotar a letra da música, balançando o corpo))¹

E1: Essa desconhecia!

e1: Desconhecia? É o hino da mocidade portuguesa. Eu tinha uma professora da 2.^a classe que tinha um piano e levava-nos lá para casa dela, meia dúzia, os que entendia que deveria levar e metia-se a tocar ao piano e tal e nós íamos troteando algumas musiquinhas também para fazermos uns pequenos teatros. Tínhamos lá uma coletividade onde onde onde⁵ a parte da escola tinha também a sua parte de teatro e então fazia pelo Natal aquelas récitas e nós íamos cantar (.)² e divertíamo-nos. Agora.... não estou bem haver quem eram os tipos de cantigas... ((fica com ar interrogativo e a refletir. Faz movimento com a cabeça negando recordar-se))¹

E1: Também já referiu, já precisou algumas... (.)²

Lembra-se como era a vida no seu bairro ou na freguesia onde cresceu durante a sua infância?

e1: Portanto, a minha freguesia já lhe disse que era concelho de Montemor-o-Novo, Santiago do Escoural.

E1: Tem alguma história desse tempo?

e1: Tenho. Pronto, nesse tempo de meninice? Estamos a falar da parte de meninice?! Pronto, é como lhe disse, era uma velha freguesia rural em que não havia ... (nada)⁹ Nós é que tínhamos de fazer praticamente o nosso divertimentos. Apesar de eu entrar num grupo de teatro que fizemos e, portanto, apresentámos nessa coletividade esse... (.)² Essa recita, digamos assim, e divertíamo-nos. Como lhe disse, sabe que no Alentejo nós íamos, por exemplos, aos grilos, aos ninhos de passarinhos, que hoje acho que não se deve tirar mas naquela altura achávamos graça aos ninhos dos passarinhos e íamos tirar os ninhos.

E1: Era uma brincadeira?!

e1: Não, não era uma brincadeira...Íamos, também, à ribeira apanhar peixe que naquela altura chovia muito antigamente, chovia quase 3 meses sem parar e havia dificuldades em (...)² as pessoas irem trabalhar nessas alturas, está a ver?! Portanto, trabalhavam no ramo agrícola, agrícola⁵ e no ramo agrícola é sempre ao rigor do tempo, do sol, da chuva e tudo mais. Mas divertíamo-nos assim e brincávamos, apesar dos nossos pais dizerem: “Eh pá e tal não vais para a ribeira, está lá não sei quanto...e podes-te afogar”. Era uma prevenção que eles tinham connosco como qualquer mãe ou com qualquer pai hoje também tem. Mas foi boa, foi uma meninice boa, apesar de não termos aquela liberdade que hoje parece que há mais. Mas, também, enquanto que hoje as crianças estão mais agarradas a uma máquina, nós não tínhamos nada disso e tínhamos de arranjar a nossa própria máquina. E a nossa própria máquina era nós fazermos os nossos próprios carrinhos. Eu tive sempre habilidade de mãos e fazia com arame os carrinhos. Eu ia a um sapateiro e ele arranjava-me aqueles carrinhos das linhas de cozer os sapatos. ((Sorriso))¹

E1: Criavam os próprios brinquedos, as próprias crianças?!

e1: Sim, porque o dinheiro também não abundava...Por exemplo, das latas de conserva fazíamos uns furinhos e púnhamos umas rodas com umas caricas e depois com um... coiso ((faz o gesto de esticar um fio))¹ puxávamos e era uma brincadeira. Depois fazia-se essas coisas de arame com volante e tal. Mas para imitar uma bicicleta, também, púnhamos um arame para imitar o guiador.

E1: Tinha de haver criatividade?!

e1: Exatamente, havia criatividade para criamos os nossos brinquedos.

E1: Recorda-se de alguma tradição deste tempo da terra onde cresceu, onde viveu? Uma tradição que o tenha marcado naquele tempo.

e1: Naquele tempo não havia assim muitas tradições. ((responde de forma pensativa e a olhar para o teto))¹. A tradição era a feira, a feira anual⁵ onde havia ...(.)² onde havia⁵ um carrossel e depois começou a vir uma pista de carros. Eram as festas da igreja, uma tradição.

E1: Por exemplo na Páscoa?

e1: Na Páscoa, por exemplo, os meus pais tinham padaria e as pessoas pela Páscoa iam lá pôr os assados, porque os fornos que havia eram os das padarias. E as pessoas o que faziam? Faziam o seu assadinho de borrego, sabe que no Alentejo é muito pela carne de borrego ou de porco.

E1: Ainda hoje se faz?

e1: Ainda hoje se faz. Então, eu achava graça porque ainda era moço e o meu pai e irmão, que é mais velho, é que iam tratar desses assuntos e iam pôr os assados no forno e tomavam conta daquilo e tal, tal...Uma tradição! Pelo Carnaval, faziam-se as filhoses, não se faziam filhoses em qualquer altura, era só pelo Carnaval. Também se matava um galo ou uma galinha ou pela Páscoa ou pelo Carnaval ou assim...

(...)¹⁴

E1: Poderia descrever o que é que se sente quando fala da sua cidade, da sua vila, da sua freguesia de tudo aquilo que estava a recordar agora? O que é que se sente?

e1: Pronto, recordo-me de muita coisa, houve coisas boas, coisas menos boas e sabe que... ((fica perdido na resposta e a refletir sobre esta questão))¹

E1: Quais são os sentimentos que tem? Saudade, tristeza...

e1: Sim, tenho sentimentos e lembro-me muito dos tempos que lá passei e felizmente tive uma boa vida, normal, depois de sair de lá mas que (.)² recordo muito. Sabe que nós quando vamos para uma certa idade parece que se cria uma amizade maior “regado” mais as nossas raízes e as nossas raízes estão onde a gente nasceu, onde fomos criados, onde brincámos e epá foi dentro desse espírito que realmente nós, eu (repete) eu principalmente e toda a gente fomos criados. ((em tom baixo refere saudade))⁹

E1: Os costumes e tradições acabam por formar a pessoa?

e1: Exatamente. (...) ¹⁴

e1: A nossa terra é sempre a nossa terra e quando estamos muito tempo fora é quando parece que sentimos mais saudades. ((Refere esta afirmação de forma muito determinada tanto na entoação como no linguagem não verbal ao minuto 2:58))¹

E1: Quais são as diferenças que parece que podem existir entre as famílias que conheceu no passado e as famílias do presente? Nota alguma diferença grande entre as famílias do antigamente e as famílias de hoje em dia?

e1: Ahhh¹¹, as famílias...Bom está um pouco diferente, diferente⁵. Está diferente e porquê? A Cátia hoje está aqui e o seu trabalho hoje está aqui, mas se não houver tem de ir para outro lado. ((abana a cabeça no sentido de receber aprovação da entrevistadora))¹

E1: Com certeza!

e1: As famílias dispersam-se. As famílias atuais dispersam-se um pouco. (...) ¹⁴

E1: Relativamente ao tema da solidão, sabe que atualmente existem muitas histórias de solidão entre as pessoas mais velhas e por vezes é recorrente notícias de filhos que não obedecem aos pais, que abandonam os pais ou que maltratam os pais. Conhece algum caso deste tipo?

e1: Ora bem...(.)² ((fica apreensivo em dar uma resposta demonstrando-se bastante pensativo e preocupado))¹.

e1:Alguns casos...

(...) ¹⁴

E1: Vem há memória alguma música mais relacionada com o envelhecimento e com estas questões todas que agora estamos aqui a debater?

e1: Está a falar de... ((demonstra pela expressão facial estar um pouco confuso))¹

E1: Estou a falar deste processo de envelhecimento e da solidão, em si. (...) ¹⁴

e1: A música? A mim distrai-me muito, a musica. (.)²

Eu penso que para as outras pessoas é a mesma coisa, distrai. As pessoas entram em casa, ligam o rádio e a televisão e faz reviver. Aqueles tempos antigos “Oh tempo volta para trás”; outras de António Mourão: “Quem eu quero não me quer”... Há muitos casos destes não é?! (Risadas) “Dá tempo ao tempo”, “Quando, quando⁵ vou para o Ribatejo” (Tentando cantarolar)⁹

E1: Recorda-se de alguma mudança particular que tenha ocorrido no seu tempo? Alguma mudança assim muito significa na sociedade?

e1: O 25 Abril foi uma mudança muito grande. (...) ¹⁴

E1: Recorda-se de alguma música do 25 de Abril ou dessa época? Dado que é um marco importante do seu tempo? Recorda-se de alguma música ou refrão?

e1: A partir do 25 de Abril, é mais aquelas músicas de intervenção. ((Fica nervoso e de forma não verbal transmite que não se recorda de nenhuma música em particular)) ¹ (...) ¹⁴

E1: Certamente tem bons e maus momentos, momentos de sucesso, momentos de fracasso como todos nós. Consegue escrever um momento menos bom e a forma como o conseguiu superar na sua vida?

e1: Bom?

E1: Menos bom.

e1: Do menos bom, olhe e foi de momento talvez dos mais difíceis, naquela altura. (.) ² Tive uma irmã que faleceu aos 32 anos e não é fácil ultrapassar essa situação. (...) ¹⁴

e1: Ela até cantava esta da Madalena Inglesias. - ¹²

E1: Recorda-se de alguma música associada a esse momento? Qual?

e1: Ela [irmã] (.) ² cantava-se muito músicas desta Madalena Iglésias. Esta Madalena Inglesia ⁵ morreu agora há pouco tempo com 80 e tal anos...

E1: Ela cantava várias músicas dela?

e1: Cantava várias músicas. E (.) ² e ⁵ estava a ver se me lembrava de uma que eu até troteava muito bem. Tarararararara... tarararararara ... ((De olhos fechados e com um sorriso no rosto tenta recordar a letra da música)) ¹

e1: Não sei bem a letra dela, peço desculpa. Pode ser que me recorde de outra...

E1: Relativamente a bons momentos, tem algum momento importante da sua vida que queira partilhar connosco?

e1: Devido à minha vida profissional, tenho muitos bons momentos.

E1: mm¹⁵

E1: Tem algum momento que o tenha marcado mais? Recorda-se de alguma música?

e1: Olhe da primeira vez que andei de avião, vou lhe contar esta! A primeira vez que andei de avião tinha 24 anos e fiz logo uma viagem daqui para Moçambique, 11 horas de avião. Foi uma sensação, uma sensação⁵ eh¹⁶ ((Fácies de satisfação))¹ Nunca tinha andado de avião, quando entrei de avião pensei: “mas para onde é que tu vais, pá, para Moçambique?! Ia lá em trabalho e foi isso que alterou um pouco a minha vida, em termos monetários. (...)”¹⁴

E1: Contactou com esse povo? Recorda-se de alguma música?

e1: Sabe que aquelas músicas eram... eram⁵... ((abre com algum secretismo uma pasta pessoal))¹

E1: Música Africana?

e1: Músicas Africanas, sim. Até trago umas fotografias com africanos. Estou a mostrar-lhe isto mas não é por nada....

E1: Quando houve música Africana recorda-se bastante desta experiência e destes momentos?

e1: Sim, gostei muito de lá estar. Apesar de haver lá aquela guerra colonial e nós estarmos sujeitos a sermos também bombardeados. (...)”¹⁴

E1: Como ocupa o seu tempo livre? Quais são as suas atividades?

e1: A minha atividade, embora reformado, agora é não ficar inativo. Venho aqui para a Universidade. Para quê? Para ocupar parte do meu tempo, para ter um horário e fazer a mim próprio esse horário. (...)”¹⁴

E1: Quais são as atividades que ocupa aqui? Canto, aulas?

e1: É de canto e vou a lições: à lição de Português, lição de Geografia que gosto muito. Depois vou à lição de guitarra, andamos a aprender... Agora temos um professor de guitarra e temos feito uns concertozitos.

E1: Portanto, está muito ligado à música?

e1: Muito ligado à música, eu gosto muito de música⁶. E então estou no grupo coral e estou na guitarra. Vamos fazendo uns passeios e uns divertimentos, o grupo coral já foi ao Seixal cantar, foi... -¹²

E1: Dedicar-se também à escrita e à leitura?

e1: Gosto de ler, gosto de ler⁵ ... Sou um pouco preguiçoso para ler, sou um pouco preguiçoso⁵. Gosto de escrever, gosto de escrever⁵, também. Às vezes, ponho-me no computador para não perder, porque a gente dá erros de estar tanto tempo sem escrever. (...) ¹⁴

E1: Encontra diferenças na maneira de usar o tempo livre no seu passado de jovem e no presente dos jovens de hoje?

e1: (...) ¹⁴ Estas tecnologias vieram alterar um pouco a vivência das pessoas de certa maneira. -¹²

E1: Estamos quase a finalizar.

e1: Olhe se calhar falei de mais!

E1: Não, nada disso. Olhe recorda-se de alguma música que gostava de ouvir no seu tempo livre de jovem ?

e1: (...) ¹⁴ Há, há sempre músicas que se recordam. Mas ... (.)² ((Fica com olhar vago, pensativo e hesita))¹

E1: Desde à música popular, a fado, qualquer o tipo de música? Nem precisa nomear a música.

e1: Havia música já de baile, dançava-se o tango, dançava-se a valsa e havia o baile da pinha. (...) ¹⁴

E1: Há alguma música que gosta de cantar, hoje em dia, no seu tempo livre?

e1: Gosto... Gosto ⁵ de fados.

E1: Gosta de ouvir e de cantar?

e1: Gosto de ouvir e gosto de cantar. Até posso cantar aqui um bocadinho.

E1: Então para finalizar pode cantar um pouco?

e1: (...) ¹⁴

*“É tão bom ser pequenino,
Ter pai,
Ter mãe,
Ter avós,
Ter esperança no destino e
Ter quem goste de nós...”*

((o entrevistado canta parte do refrão de olhos fechados e com um fâcies de grande felicidade)) ¹ (...) ¹⁴

E1: Oh, Sr. L. (0) ⁴ foi um gosto da nossa parte, ter estado connosco.

e1: Gostei muito de estar com vocês. (...) ¹⁴

E1: Como sabe a informação é confidencial e vai ser apenas utilizada para uso estritamente acadêmico.

Glossário:

E1: 1.º Entrevistador

e1: 1.º Entrevistado

¹ (()) Descrição de uma atividade não verbal;

² (.) Micro-pausa;

³ [] Falas sobrepostas;

-
- ⁴ (0) Ocultado dados pessoais/garantia de anonimato;
- ⁵ Repetição de uma palavra;
- ⁶ Sublinhar a palavra que se deseja dar Ênfase;
- ⁷ Inspiração (Duração: h, hh, hhh);
- ⁸ > < Fala acelerada;
- ⁹ (conteúdo escrito) Transcrição alternativa de um segmento pouco audível;
- ¹⁰ () Segmento Inaudível não transcrito;
- ¹¹ Expiração (Duração h, hh, hhh);
- ¹² - Corte abrupto;
- ¹³ (2.5) Pausa (em segundos);
- ¹⁴ (...) Segmento do vídeo não transcrito por resposta desadequada ao tema;
- ¹⁵ mm (Retorno do ouvinte).

ENTREVISTA 2

E1: Olá, muito bom dia. Estamos aqui hoje na UATI para fazer a nossa entrevista sobre o tema: Memórias Musicais nas Pessoas Idosas, que está inserido no âmbito do mestrado em Gerontologia Social.

Como sabe, o meu nome é Cátia Caro e sou mestranda do 2.º ano. Gostaria só de reforçar que toda a informação que conseguimos obter através desta entrevista é estritamente confidencial, garantimos o anonimato e os dados vão ser apenas utilizado para fins estritamente académicos. Temos aqui uma declaração de consentimento informado em que eu agradecia que autorizasse para que se fizesse esta gravação.

e2: Nome completo ou rúbrica?

E1: Pode ser rúbrica. (.)² Esta entrevista pode ser interrompida a qualquer momento que sinta necessidade. Se decidir desistir da entrevista está sempre no seu direito.

E1: Concorda em participar nesta entrevista?

e2: Claro.

E1: Importa-se nos dizer o seu nome e a sua idade?

e2: M.(0)¹, sou mais conhecida só por F.(0)¹. A minha idade são 72 anos de idade.

E1: Em que localidade reside?

e2: Presentemente no Montenegro.

E1: Com quem reside atualmente?

e2: Sozinha.

E1: Já residiu em outros locais?

e2: Já.

E1: Sabe precisar quais locais e por quanto tempo passou nessas áreas de residência?

e2: Durante a minha meninice, portanto a primária, residi numa aldeia do Alentejo chamada Selmes. Depois quando comecei a estudar fui para o colégio da Vidigueira, o colégio de São José. Depois fui acabar os estudos, embora só fizesse o 5.º ano, fui fazer o 5.º ano nas Doroteias em Évora. Depois acabei o 5.º ano lá e concorri para os correios e fiz os estágios em Évora.

E1: Em Évora residiu quanto tempo?

e2: Dois anos.

E1: O que a motivou a ter deixado esse local?

e2: Foi o final do estágio. Porque, eu concorri para o Baixo Alentejo mas consegui fazer o estágio pelo Alto e por isso é que fui para Évora fazer o estágio.

E1: A que se dedicou, na sua atividade principal, ao longo da sua vida?

e2: Hã?

E1: Qual foi assim a sua atividade principal?

e2: Funcionária dos CTT – Operadora.

E1: Teve oportunidade de estudar?

e2: Felizmente, sim. Embora fosse de uma família que tinha 5 irmãos e nem todos estudaram, porque alguns não tinham capacidade intelectual para isso. (.)² Tenho um irmão com dificuldades... ((Fica com um fâcies mais entristecido))³ Dois, aliás. Um outro foi para o liceu de Beja, mas ia jogar à bola para a estrada, perdeu o ano e disse que não queria estudar mais e não estudou. Eu fiz até ao 5.º ano, porque nessa altura o 5.º ano era tão oneroso e tão difícil como fazer.. (.)² ir hoje para a Universidade. Eu pagava nessa altura cento e tal euros. Até tenho um episódio engraçado em relação a isso.

E1: Pagavam tipo uma propina?

e2: Não, não era propina porque eu não andei em Liceu, andei em colégio particular, porque uma menina não ia para um quarto numa cidade sozinha. Isso nessa altura não se usava. E, então, tive de ir para um colégio particular e ia e vinha todos os dias. (...)⁴

E1: Como é que se dá atualmente com a sua família? Tem boa relação, mantém contato?

e2: Tenho boa relação, mas tenho uma família muito curta. Tenho só um irmão que é casado e não tem filhos e mora nessa mesma aldeia de Selmes. Os meus pais já morreram. Dos outros dois irmãos, um vive aqui no Algarve e o outro está internado.

E1: E com os amigos? Com a sua rede de amigos da infância e amigos do presente?

e2: Tenho muitos amigos... Da localidades onde nasci tenho poucos, porque saí de lá cedo. Da localidade onde estudei, portanto da Vidigueira, e depois onde me empreguei, tenho alguns.

E1: Ainda mantém o contato e ainda fala com eles?

e2: Ainda fui recuperar esses contatos agora com a internet. (...) ⁴

E1: Poderia dizer-nos como é que era a escola no seu tempo? Ou seja, como é que as crianças eram educadas? Como é que era na escola? Como é que era na família?

e2: (.) ²

E1: Como é que era feita a educação? Como é que você foi educada? Como é que era feita a educação nesse tempo?

e2: Com muito pouco tempo livre dos meus pais para mim, isto em casa, porque tinha vários irmãos e os meus pais tinham uma mercearia, onde se vendia tudo. A mercearia não tinha horário, portanto, podia fechar à meia-noite. (...) ⁴

E1: E na escola a educação era como? Recorda-se?

e2: Recorda-me. (.) ² Recorda-me ⁵ de levar reguadas na 3.^a classe. A professora era de Beja e era muito mazinha (Sorri) ³. Recorda-me na 1.^a classe, a professora era muito pobre, era uma regente escolar, como os meus pais...E tinha um filho com 14 anos e um marido que era bêbado. Então, era eu que praticamente dava de comer à professora, porque como os meus pais tinham a mercearia e faziam matanças de porcos, vendiam essa carne na mercearia e eu estava sempre a repartir com ela. (...) ⁴

E1: Acha que havia trabalho infantil no seu tempo?

e2: Havia. ((Movimenta a cabeça no sentido vertical, reforçando o que disse))³

E1: E no quê? Consegue dar um exemplo?

e2: Nos ofícios que tinham de aprender. Os que não estudavam, acabavam a 4.^a classe e o que iam fazer? Iam aprender a ferreiros, iam aprender a... alguns a guardar gado, sei lá...Várias profissões. Sapateiros, carpinteiros e começavam logo a seguir à 4.^a classe.

E1: Eram os afazeres que os pais faziam?

e2: Exatamente. O que os pais faziam e não só...

E1: Com que idade?

e2: Com 12, com 13 anos, com 14, sei lá por aí fora. Assim que acabavam a 4.^a classe.

E1: Mas nessa altura não se falava em trabalho infantil?! Agora é que é considerado trabalho infantil.

e2: Era muito importante esse trabalho, porque era aí que eles começavam a aprender a ser homens. Aprendiam um ofício, que era desse ofício que depois se faziam valer durante a sua vida toda. Os que estudavam eram os menos. Os que estudavam eram os menos!^{5,6}

(...)⁴

E1: Recorda-se de alguma música?

e2: *“As pombinhas da Catrina, que andavam de mão em mão (...)”*

Na infância cantávamos essa e não só...

*“Lá vai o comboio,
lá vai, lá vai (...)”*

Íamos fazendo rodas e passando as mãos (faz os gestos para exemplificar o movimento).

“Indo eu, indo eu a caminho de Viseu (...)”

Fazíamos rodinhas no recreio e cantávamos estas músicas.

E1: Muito giro.

E1: Lembra-se como era a vida no seu bairro, na sua aldeia onde cresceu?

e2: (.)² ((Fica pensativa))³

E1: Recorda-se?

e2: Recordo.

E1: Recorda-se de alguma história que se tenha passado na sua meninice? Alguma que lhe venha à memória agora?

e2: No verão sentávamo-nos em cadeirinhas baixas à porta e íamos contando histórias umas para as outras. No inverno era à lareira.

(...)⁴

E1: Lembra-se de alguma tradição da sua terra, da sua vila? Uma coisa que a tenha marcado.

e2: Na Páscoa, (.)² no sábado de aleluia, as chocalhadas que se faziam. Vinham os rapazes todos com chocalhos ao peito e depois chegavam ao pé das portas, mexiam os chocalhos e as pessoas repartiam com eles. Repartiam⁵ bolos, filhoses, ou atiravam amêndoas, rebocados para a rua... E eles apanhavam. Era uma tradição muito comum no Alentejo.

(...)⁴

E1: O que sente quando fala da sua cidade, da sua vila onde cresceu? O que sente?

e2: Saudades dessas tradições. Saudades dessas tradições^{5,6} que já não existem, praticamente. Mesmo na aldeia acho que metade dessas coisas já não fazem.

E1: O que acha que marca uma grande diferença entre as famílias que conheceu no passado e as famílias do presente?

e2: (.)² ((Fica a refletir sobre o assunto))³

E1: São como? Mais unidas, mais independentes?

e2: No passado eram mais unidas do que agora no presente. Agora as pessoas até nem é só nas famílias até mesmo na vizinhança. Mesmo que fosse uma Vila ou uma cidade conheciam-se todos e falavam-se. Hoje ninguém se cumprimenta. As pessoas vivem num prédio e não se falam, não conhecem as pessoas do prédio. Não falam umas para as outras.

(...)⁴

E1: Fala-se muito de solidão nos idosos e existem muitas histórias de solidão entre as pessoas mais velhas. É recorrente até notícias de filhos que não obedecem ao pais e até maltratam os pais. Conhece alguma caso desses?

e2: Não, mas sei que há. Eu de perto não conheço.

E1: Casos que houve falar na televisão, o que achas?

e2: Choca-me. Choca-me muito⁵. Antigamente, mesmo que fossem pobres dava-se sempre valor aos mais velhos de uma maneira diferente que hoje não se dá, era o avô e respeitava-se. Hoje, não há grande respeito dos mais novos para com os mais velhos. (.)² ((Refere com tristeza e desilusão e ficámos uns minutos em silêncio))³

E1: Quando se fala destes assuntos do envelhecimento, do respeito pelos mais velhos, da solidão que hoje em dia os idosos sentem e das questões do abandono recorda-se de alguma música?

e2: Não vivi muito esse tipo de solidão. A minha casa era uma casa aberta onde se estava sempre a receber gente.

E1: Tem alguma música sobre esta temática que se recorde agora?

e2: ((Fica a refletir e nega recordar-se de músicas neste momento da sua vida.))³

(.)² Há uma... até cantavam muito no Alentejo. Recorda um pouco a solidão.

*“Abalei para lisboa,
Porque a vida cá é má
À busca de coisa boa
Por muito não encontro cá” (...)*
Esta música recorda a solidão.

E1: Recorda-se ou tem alguma mudança social?

e2: Recordo-me de duas. A seguir ao industrialismo na Europa, as mulheres adquiriram o direito ao voto. Recordo-me do 25 de Abril que foi o que mais marcou o nosso País. Foram dois grandes marcos sociais!

E1: Desse tema, há alguma música que acha que representa essa viragem?

e2: Do 25 Abril, as de Zeca Afonso e as do Fausto. Era tudo música de revolução.

E1: Ao longo da sua vida certamente, como todas as pessoas, tive bons e maus momentos. Momentos de sucesso, momentos de fracasso, momentos bons e momentos menos bons. Tem algum momento menos bom que tenha vivido e que queira partilhar?

e2: Menos bom... do meu divórcio. Porque, sempre me dei muito bem com o meu marido e nunca esperei ter um divórcio ao fim de 4 anos. Tive dificuldade de saber o porquê. Ele não era homem de andar com mulheres no sentido sexual. ((Fica emocionada))²

E1: Foi um grande choque?

e2: Foi para mim um grande choque e afetou muito o meu sistema nervoso. Foi difícil de recuperar, isso foi um mau momento.

Um bom momento, todo o tempo de namoro e do casamento. Esses foram sempre bons.

E1: Tem alguma música que associe a esse mau momento e a esse bom momentos? Músicas que ouvisse nesse tempo ?

e2: Do namoro recordo os bailes (que ía)⁷ em que estava a orquestra Pax Júlia, não é do seu tempo, muito conhecida. Havia uma outra de Portel muito conhecida e tocavam as músicas do Marine Marine⁵. Essas músicas recordam-me a minha juventude, o meu namoro... (.)² ((Sorriso))³

E1: Relativamente ao mau momento há alguma música que associe?

e2: Nessa altura fui mais para música clássica. Eu separo um pouco as músicas consoante o estado de espírito. Se estou mais para o triste sou capaz de ouvir mais música clássica. Se estiver mais alegre é mais música popular ou música normal.

E1: A música influencia muito o nosso estado de espírito?

e2: Muito! ((Postura corporal reveladora de segurança do que estava a afirmar))³

(...)⁴

e2: Em bons momentos gostava muito de ouvir as músicas dos Abba. Gostava muito de uma música francesa "*l'amore e se l'amore*". Eu gostava muito dessa música⁶, era muito conhecida. Recordam-me "*os olhos castanhos*", recordam-me⁵ quando era mais miúda. (.)²

E1: Havia muitas e boas músicas nesse tempo?

e2: Havia e com letras muito bonitas. Recorda-me quando era estudante, que eu andava a estudar, ia o cinema ambulante à aldeia. Eu ia estudar à Vidigueira, mas vivia em Selmes, então ia lá o cinema ambulante. E o meu pai tinha um terreno, uma tapada depois da nossa casa. Eu ia para essa tapada, metia-me em cima de um tronco ((Sussurra sons))³, nem me equilibrava porque balançava assim, ((Simula o balançar))³ porque aí chegava o som que vinha dos megafones que eles tinham para anunciar o cinema. Sabe o que eu ia ouvir? ((Questiona com fâcias de entusiasmos e alegria))³. O António mourão. O António Mourão⁵ e a Amália. Eu ia para a praia no verão para Sines e havia na praia uma casinha pequenina onde havia discos pedidos. Depois ouvia-se... foi pedido pelo senhor tal para a sua namorada e depois diziam o nome “*o arroz está cru*”; “*barco negro*” essas músicas assim. ((Gargalhadas))³ O Maxi, também, tinha muitas músicas engraçadas. Nessa altura, eu tinha para aí os meus 13 anos.

E1: Como ocupa o seu tempo livre?

e2: Não tenho tempo livre. O meu tempo está todo ocupado. ((Sorriso))³

E1: Então como ocupa o seu tempo?

e2: De manhã, só tenho um dia em que venho aqui para a Universidade da Terceira Idade que é o dia de fazermos ginástica. Este ano até passaram para a parte da tarde. Antes ia para o canto coral mas deixei o canto coral. Venho todas as tardes para aqui e de manhã é para fazer as minhas coisas em casa. Quando saio daqui. Se o tempo permitir, vou ainda caminhar. (...) ⁴

E1: Acha que você na sua juventude ocupava o tempo livre de maneira diferente em relação à maneira como os jovens ocupam o seu tempo livre agora?

e2: Não sei bem como é que eles hoje em dia ocupam o tempo livre deles. Nós, não tínhamos muitas atividades que fossem culturais. Ocupávamos em conversas uns com os outros e com brincadeira. Hoje, não sei se eles são mais culturais. Hoje, têm os computadores e é tudo só computadores.

E1: Acha que tem coisas boas ou coisas más?

e2: São melhores por um lado e piores por outro. Não sei fazer uma avaliação de uma coisa em relação à outra. Nessa altura fazíamos os bordadinhos e a costura. (...)⁴

E1: Recorda-se de alguma música que gostava de ouvir durante o seu tempo livre de jovem?

((O entrevistado aparenta não entender a pergunta e o entrevistador explica novamente a questão))³

e2: Talvez... “*os olhos Castanhos*”. (...)⁴

e2: Tive o atrevimento de fazer uma canção e de a cantar de despedida ao meu chefe, que eu gostava muito. ((Conta com imenso entusiasmo))³

A canção chamava-se: “*Saudade*”

*“Saudade era palavra nossa,
Palavra de português,
Palavra que nós sentimos,
Cada hora e em cada mês,
Palavra que nós sentimos,
Cada hora e em cada mês.”*

E1: Agradecemos a sua disponibilidade em estar aqui e em partilhar connosco as suas experiências, as suas memórias, as suas recordações e memórias musicais. Sabe que garantimos o anonimato e a sua confidencialidade.

e2: Não tem problema partilhar.

E1: Toda a informação recolhida nesta entrevista vai ser utilizada apenas para estudos científicos, neste caso para a minha dissertação sobre os tema: Memórias Musicais.

e2: Tudo de bom para si . Obrigada. ((A senhora agradece o convite com um ar feliz e após ser desligada a câmara oferece umas rosas vermelhas elaboradas por si em papel, tradicionais das festas da terra onde nasceu)).

Glossário:

E1: 1.º Entrevistador

e2: 2.º Entrevistado

¹ (0) Ocultado dados pessoais/garantia de anonimato;

² (.) Micro-pausa;

³ (()) Descrição de uma atividade não verbal;

⁴ (...) Segmento do vídeo não transcrito por resposta desadequada ao tema;

⁵ Repetição de uma palavra;

⁶ Sublinhar a palavra que se deseja dar Ênfase;

⁷ (conteúdo escrito) Transcrição alternativa de um segmento pouco audível;

ENTREVISTA 3

E1: Olá, muito bom dia.

e3: Bom dia.

E1: Estamos aqui hoje para realizar a entrevista, tal como combinado entre nós, sobre o tema das Memórias Musicais nas Pessoas Idosas, no contexto da Dissertação do Mestrado em Gerontologia Social. O meu nome é Cátia Caro e sou aluna de mestrado do 2.º ano. Gostaria de recordar que todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais e serão apenas utilizados para fins científicos na Universidade do Algarve.

Gostaria de agradecer a sua participação neste estudo de investigação. Garantimos a confidencialidade dos dados, o anonimato do mesmo, e recordar que a qualquer momento que queira parar a entrevista está no direito de a poder interromper. Posto isso, gostaria apenas que lesse e assinasse o consentimento informado que explica tudo isto que referimos inicialmente.

e3: ((O entrevistado lê o consentimento informado e procura o local para poder assinar))¹

E1: Tem de preencher apenas o nome... Após ler, tem de assinar no local da cruzinha.

e3: ((O entrevistado assina))¹

E1: Muto bem. São os protocolos habituais. (...) ²

E1: Concorda em participar nesta entrevista?

e3: Sim.

E1: Importa-se de nos dizer o seu nome e a sua idade?

e3: Nome: J. (0) ³ Idade: 73.

E1: OK. Em que localidade reside atualmente?

e3: Faro.

E1: Há quantos anos vive aí?

e3: 15 anos.

E1: Com quem reside, na sua residência atual?

e3: Com a minha mulher.

E1: Sr. João, já tem residido em outros locais?

e3: Sim.

E1: Em que local residiu anteriormente e por quanto tempo?

e3: Inicialmente, residi em Lisboa que é o meu local de nascimento até aos ...ehh⁴ 43 anos. Depois vim para o Algarve, para Olhão, onde residi durante 11 anos, até mudar para Faro.

E1: O que é que motivou deixar esse local?

e3: Foi a mudança de vida. (.)⁵

E1: Foi ... questões profissionais?

e3: Não, pessoais.

E1: A que atividade principal dedicou a sua vida?

e3: Comunicações e eletrónica.

E1: Teve oportunidade de estudar?

e3: Sim, tive. Estudei nos Estados Unidos e posso dizer que tenho uma licenciatura na matéria, ainda que não seja uma licenciatura. Digamos, tenho estudos nos Estados Unidos que seria o equivalente a uma licenciatura em Portugal.

E1: Como se dá atualmente com sua família? Tem uma boa relação?

e3: Sim, normalmente.

E1: ainda mantém contacto com os seus amigos?

e3: Ehh⁴, sim. (.)⁵

E1: Se sim, qual é a relação que tem com os seus amigos? É uma boa relação, mantém a comunicação?

e3: Ahhh⁶, sobre esse tema.... (.)⁵ Ao longo da minha vida, por determinadas circunstâncias, depois mais a frente falo disso... (.)⁵ Nunca, digamos, me inseri porque estive inicialmente...(.)⁵ Fui nos primeiros anos de vida, até aos 17 anos, estive no colégio interno. Portanto, tinha muito pouco contato com o mundo exterior, só na altura das férias. E, depois disso, enfim o grupo de pessoas e de amigos que que⁷ estavam no mesmo colégio, depois, cada um foi para seu lado e ao longo da vida nunca me inseri. Não tive aquele grupo de amigos normal da escolinha primária.

E1: Também não residiu sempre no mesmo local?!

e3: Exatamente. Portanto, nunca tive assim um chamado grupo de amigos que se vão acompanhando ao longo da vida, vão crescendo, vão casando etc... Portanto, digamos que os poucos amigos que tenho, o relacionamento é normal.

E1: Poderia dizer-nos como é que era a escola no seu tempo?

e3: Era muito exigente e muito disciplinadora.

E1: Poderia dizer-nos, no seu tempo, como é que as crianças eram educadas? Ou seja qual era o papel da escola e o papel da família na educação?

e3: Humm... (.)⁵

E1: Se era igual ou se havia alguma diferença? Qual era o papel da escola e o da família? Como é que cada um atuava...

e3: Como referi, anteriormente, fui educado num colégio, mas num colégio interno, mas era mais ou menos... Professavam mais ou menos os mesmos princípios que eram os valores éticos e morais da sociedade atual⁹, da sociedade vigente sobre os princípios judaico-cristãos que influenciam a nossa sociedade. E que influenciam Portugal.

E1: Hoje em dia fala-se muito de trabalho infantil. Acha que no seu tempo havia trabalho infantil?

e3: Sim e muito, bastante.

E1: Consegue dar, pelo menos um exemplo? O que é que seria o trabalho infantil nesse tempo?

e3: Nesse tempo as crianças terminavam, as que terminavam, a 4.^a classe; a instrução primária se eram, se pertenciam ao mundo rural iam ajudar nos trabalhos do campo. Se viviam nas cidades, normalmente, iam trabalhar para oficinas, começando como aprendizes e fundamentalmente era isso. Os filhos da classe média, ao tempo que havia, esses continuavam os estudos e iam para o Liceu e iam constituir depois as elites, que ainda hoje alguns desses exemplares nos governam ou desgovernam...

E1: Quando falamos da educação, da escola, da família, dos amigos em si... Lembra-lhe alguma música ou alguma canção desse tempo?

e3: Lembra-me uma que nunca me esqueci, pela... e que hoje até foi recuperada por um grupo Rock, Chutos e Pontapés. Julgo que qualquer pessoa da minha geração deve utilizar esse exemplo. Porque, é uma música que apregoa à pobreza, aos valores da pobreza, das pessoas não terem grandes grandes⁷, não pensarem em grandes voos, grandes horizontes, serem limitadas e que ao fim e ao cabo o título da canção é "*A minha casinha*". Era uma música do regime, podemos dizer como já referi, que enaltecia a pobreza, a sobriedade. Bastava ter uma casinha! "*que saudades que eu já tenho da minha alegre casinha tão modesta quanto eu*"... Logo aí... tão modesta quanto eu, e é isso. Portanto, acho que esta música "*a minha casinha*", caracteriza isso perfeitamente. Ora nem mais!

E1: Lembra-se como era a vida no seu bairro ou na freguesia onde cresceu?

e3: Não muito, porque como já lhe disse fui educado num colégio interno e perdi esse contato. O contato ao longo do ano era só na altura das férias. Depois nas férias de Verão transitávamos... (.)⁵ O colégio tinha também, no Estoril, instalações onde íamos fazer a parte do Verão. Portanto, íamos passar lá as férias de Verão para o Estoril, de maneira que... Agora chamam ATL naquela altura as nossas ocupações de tempos livres era ir para

a praia, jogar à bola, aquelas brincadeiras de criança mas, não tinha uma componente de estudo. Nessa altura era mesmo férias!

E1: Tem alguma história desse tempo relacionada com a sua freguesia ou com a sua infância, neste caso do colégio, que gostaria de partilhar connosco? ((o entrevistado fica a pensar e o entrevistador reforça a questão))²

E1: Há alguma história caricata que gostaria de partilhar?

e3: Se há? (.)⁵ Haverá certamente, mas não, não me recordo.

E1: Não há assim nenhuma que marque especificamente?

e3: Não, não há nem pela negativa nem pela positiva. Mas não, não me recordo assim... (.)⁵ Como digo, nós íamos depois, nós íamos⁷ depois para essa colónia de férias e não me recordo assim de nenhum... É natural que tenha havido, mas não me recordo. Não houve nada que marcasse nem pela negativa nem pela positiva. As vezes há nestes grupos de crianças... (.)⁵ Por vezes há acidentes, alguns até trágicos, mas no meu caso felizmente não aconteceu nada disso.

E1: Lembra-se de algumas tradições que tivessem realizado ou que acompanhasse nesse tempo?

e3: Ahh⁶ as tradições no colégio tinham a ver um pouco com ...

E1: Relacionado, por exemplo, com o Natal ou com a Páscoa?

e3: Sim, nós tínhamos algumas praxes. Enfim, ainda que fosse um colégio para adolescentes até aos 18 anos, não é?! Alguns terminaram mais cedo a⁷ escolaridade da altura, o 7.º ano ou um curso de formação. (.)⁵ A escola oferecia, o colégio oferecia o Liceu naquele tempo até ao 7.º ano e oferecia cursos de formação, curso industrial, curso comercial. (.)⁵ Tínhamos algumas brincadeiras como mandar aos caloiros medir o campo de futebol com pau de fósforo mas nada que envolvesse violência física.

(...)²

e3: Quanto a tradições do colégio eram essas praxes e depois havia as festas mais impactantes. Da Páscoa não tenho ideia que houvesse alguma coisa, mas no Natal havia, havia⁷ sempre uma festa com aquelas peças infantis. O colégio tinha um grupo coral, tinha um grupo musical de... (.)⁵ Tinha um pequeno conjunto de violinos, que havia a partir de uma certa idade, quem quisesse optar pela música tinha a hipótese de frequentar a aula e o instrumento era o violino (.)⁵ e portanto fazíamos assim umas festinhas mas dentro daquele contexto normal que existia em outros lados, das festinhas com o Pai Natal era essas coisas, nada de especial.

E1: Poderia descrever o que sente quando fala, neste caso, da cidade, da Vila, da Freguesia, e no seu caso do colégio em si? O que sente quando recorda esses tempos, quando fala desses momentos que passou lá?

e3: Tenho boas, como em tudo na vida. Tenho umas boas, algumas menos boas. E, ultimamente, tenho ido a alguns... todos os anos há um almoço de confraternização do próprio colégio e a primeira vez que fui, foi há uns 10 anos, tive uma sensação muito curiosa. (.)⁵ Julgo que isto faz parte, qualquer pessoa sentirá isso. (.)⁵ Que foi, quando revi os meus colegas, que não via há 40 anos, foi como se o tempo tivesse parado e acabasse de os ter visto no dia anterior com a idade que tínhamos há 40 e tal anos. Parecia que o tempo não tinha passado. Tivemos, tivemos⁷ conversas e brincadeira que tínhamos quando eramos miúdos. Portanto, é assim... (.)⁵ ((A comunicação não verbal manifesta que o entrevistado recorda este momento com felicidade e saudade))¹

E1: Reconheceram-se automaticamente?

e3: Nem todos ((sorri))¹, alguns. Houve um, houve um⁷... (.)⁵ Portanto, eu pratiquei desporto nessa altura e nessa altura a mocidade portuguesa, que era uma organização do estado novo, organizava torneios entre as escolas e colégios a nível nacional. Torneios de futebol, de andebol, basquete por aí fora... (.)⁵ os desportos principais. Eu, participei num, fazia parte da equipa de andebol e um colega meu dessa equipa reconheci imediatamente porque a cara dele não tinha alterado. Apresentava as marcas do tempo, mas a expressão era aquela expressão... parecia que não tinha mudado muito. Também me reconheceram alguns, outros nem por isso. Outros tinham mudado, tinham mudado muito⁸.

E1: Quanto às famílias, o que lhe parece que seja a maior diferença que distingue as famílias que conheceu no passado e as famílias do presente? Há uma grande diferença entre as famílias do agora e as famílias do antigamente?

e3: Oh são tantas....

E1: Qual é a diferença ou as diferenças principais?

e3: Muitas diferenças desde o tipo parental, não é?! Hoje em dia a família, a família⁷ clássica, digamos o pai e a mãe, o núcleo, a tradicional, está alterada porque há famílias monoparentais. Bom, no meu tempo também haveria, porque havia pessoas que se separavam. Agora é mais a questão da (.)⁵ a questão⁷ dos casais do mesmo sexo terem a possibilidade de... eu não questiono valores, eu não estou habituado a isso mas de facto tem de haver necessariamente uma diferença. (.)⁵

(...)²

e3: Hoje em dia tenho a sensação, não interprete mal o que vou dizer, que os pais comportam-se mais, em relação ao filhos, como amigos do que como pais. E um pai é pai. É evidente que ser amigo é gostar, amar um filho mas não é a mesma coisa que... ser amigo. Eu sou amigo de uma pessoa, (.)⁵ sou amigo de um jovem que não me é nada, e sou amigo dos meus filhos e mais nada. Portanto, esse tipo de amizade, esse tipo de relacionamento acaba por ignorar a crítica que deve ser feita, o alinhamento ou chamadas de atenção que não são feitas. Portanto, tenho a sensação que assim é em muitos casos e aliás não é invenção da minha cabeça, vou falando com pessoas de facto.

E1: São experiências que tem tido?

e3: Exato. (...)²

E1: Quanto à questão da solidão, atualmente sabe que existem muitas histórias de solidão entre as pessoas mais velhas e até por vezes é recorrente a notícia de filhos que não obedecem aos pais e até alguns que os maltratam. Conhece algum caso deste tipo?

e3: Eu, pessoalmente, nunca conheci nenhum.... Pessoalmente, mesmo! Mas foi-me transmitido, não há muito tempo, o seguinte (.)⁵: havia um senhor, já faleceu recentemente, que participava na UATI. Não era aluno, mas participava e tocava uma guitarra. O senhor,

na altura dos seus 80 e muitos anos, (haveria)⁹ conhecimento que o senhor era viúvo, tinha uma pensão e que o filho ... os filhos lhe batiam para lhe tirarem a pensão, não sei se é verdade... Portanto, eu não conhecia o senhor, mas falaram nisso. O senhor faleceu recentemente.

(...)²

e3: Isso reprovado totalmente.

E1: Relativamente a esta questão da solidão, há assim alguma música que se recorde relacionada com esta temática toda que temos estado a abordar?

e3: Da solidão... não me recorde de nenhum, em particular de nenhum título, mas isso tinha uma expressão muito grande no meu tempo... (.)⁵ Tinha uma expressão muito grande no chamado Fado, porque haviam letras de fado que eram absolutamente dramáticas

(...)²

e3: Havia umas figuras... De facto os tempos mudaram e bem!! Eram, não sei se alguém já relatou isto, que era um cego, normalmente, era um cego⁷ que era acompanhado por uma pessoa que não era cega, que o ouvia e que o acompanhava e que se colocavam numa rua, numa esquina e não se quê... (.)⁵ O cego tocava... normalmente era um acordeãozinho, toca acordeão ou uma guitarrita. O acompanhante ou a acompanhante cantava os tais fados da desgraça e depois tinha as folhinhas com o fado que vendia. A troco de uma esmola davam-nos... (.)⁵ ((Faz o gesto de dar algo em mão))¹

(...)²

E1: Quando falamos em mudanças sociais recorda-se de algum marco importante e de alguma música que representa essa mudança social?

e3: Lembro-me das músicas, acho... acho⁷ que a cultura hippie-americana... (.)⁵ acho que teve uma uma⁷ importância muito forte na alteração de mentalidades aliada depois ao aparecimento da pílula que permitiu, digamos, a libertação da mulher em todos os sentidos. Ahh⁶ e e⁷ acho que foi um marco e a todas essas músicas do... da Joan Baez. Que é a minha cantora de eleição.

(...)²

e3: É uma cantora, ainda hoje, de intervenção entre outras coisas... Ela cantou, canta e cantava outras coisas, mas que se manifestou contra a guerra do Vietname, participou em manifestações e... (.)⁵

e3: E de facto, julgo que a partir daí, a música, quer dizer, tudo mudou. Mudou os comportamentos, mudou a música e o estilo de música. A música do... (.)⁵ quando apareceu o *Rock and Roll*, que é de origem negra, mas depois com o Elvis aquilo parecia quase uma música satânica para as pessoas da altura. O tipo, a forma como se mexia, os gritos e tal... (.)⁵ Foi a partir daí e com o avanço tecnológico que permitiu (...)²

E1: Agora vamos falar um pouco sobre bons e maus momentos. Ao longo da vida certamente teve bons e, também, teve maus momentos. Momentos de sucesso, momentos de fracasso como toda a gente tem tido... Consegue escrever um desses momentos menos bons e qual foi as suas estratégias para superar esse acontecimento?

e3: É muito difícil falar sobre isto, sobre este ponto? Porque de facto...é... (.)⁵

E1: Pode passar à frente se assim o entender.

e3: Isto tem a ver com... (.)⁵ não com a minha vida digamos, no geral, num contexto muito particular que... teve a ver com relacionamentos que eu tive. Tive dois e só para abreviar a coisa, eu casei muito jovem do primeiro casamento em que me divorciei. Depois voltei-me a casar e voltei-me a divorciar, porque das duas vezes o casamento não foi por vocação foi por obrigação e a coisa, obviamente, não correu bem. E eu não guardo, não guardo⁷ bons... Não tive a oportunidade de ter grandes vivências, porque fiz sempre vidas paralelas e por aqui me fico. (.)⁵ Portanto, essas vidas paralelas não estavam de acordo aos compromissos que eu tinha assumido, mas que assumi por obrigação e não por devoção, e do qual resultaram dois filhos e enfim...Portanto, isto é um tema que é muito complicado falar sobre ele... ((Notavelmente desconfortável))²

E1: Ok, ok. Só mesmo uma última questão relativamente a estes momentos menos bons. Tem alguma música que recorde esses momentos menos bons que passou ou que ouvisse mais nesses momentos e que lhe ficasse na memória? Ou passamos à frente esta questão?

e3: Havia... Havia⁷ uma música que é ((risos))¹ ao fim e ao cabo uma música que faz parte do 25 de Abril que é “*Depois do adeus*”, essa música tinha alguma, tinha alguma⁷ (.)⁵ em determinadas situações da minha vida, ao tempo, estamos a falar dos anos 70... Teve alguma coisa a ver, eu identificava-me com algumas, com algumas⁷ coisas. Longe de saber que ia fazer parte da... (.)⁵ ((O entrevistado fica emocionado e muito pensativo))¹ da...

E1: Sua história?!

e3: Exatamente.

E1: Ok. Relativamente aos bons momentos. Consegue descrever assim qual foi um dos melhores momentos da sua vida?

e3: Olhe ah... Um dos melhores momentos da minha vida foi talvez o período que tive nos Estados Unidos, que me permitiu conhecer.

(...)²

E1: Recorda-se de alguma música relacionada com estes momentos? Com a sua experiência nos Estados Unidos, da Universidade... Há assim alguma música relacionada com os bons momentos da sua vida?

e3: Eram as músicas do tempo, tamos a falar agora... tamos a falar⁷ dos anos, anos⁷ 90 .

E1: Era o quê? Música clássica?

e3: Não, não. (.)⁵ Era música Disco Sound, as músicas daquela editora Mountain, era uma editora de Chicago que lançou aquelas grandes cantoras (como)⁹ Gloria Gerner , a ... (.)⁵ epá hoje a minha cabeça não está boa. Aquela que ainda hoje, como é que ela se chama... (.)⁵ ((o entrevistado fica bloqueado sem se recordar dos nomes de outras músicas e nome de outros músicos que gostava de ouvir))¹

E1: A música americana era das suas músicas favoritas?

e3: Sim, sim, sim. O Disco Sound, os Queen, os Abba. Ainda hoje quando ouço algumas músicas dos Abba fico, fico⁷ extasiado.

(...)²

e3: No princípio dos anos 60, os Beatles vão beber à música americana.

E1: Consegue-me dizer como é que ocupa atualmente o seu tempo livre? Conte-nos algumas das suas atividades do dia-a-dia?

e3: No meu dia-a-dia faço algum exercício físico, faço... (.)⁵ Agora por acaso suspendi o ginásio porque fiz uma cirurgia a um olho.

E1: E vem para a UATI?

e3: Depois comecei a frequentar a UATI, onde, para além de aluno, pontualmente também tenho alguma intervenção.

(...)²

E1: Encontra alguma diferença sobre a maneira como se usa o tempo livre nos dias de hoje e no passado? Relativamente aos jovens como é que era usado o tempo livre no antigamente e hoje em dia?

e3: Ahh⁶ antigamente, o que se fazia tinha tudo a ver com ação e movimento, quer dizer havia uma atividade permanente. Havia jogos de rua e havia jogos de futebol, eu sei isso pelos meus amigos que não estavam no colégio.

E1: Eram atividades mais ao ar livre?

e3: Eram atividades. Havia jogos de futebol, eram os carrinhos de esferas, era o jogo da carica, já alguém lhe falou do jogo da carica?

E1: Sim, sim. (...)²

E1: Hoje em dia, é de uma passividade total. Aliás, isso manifesta-se até pela questão da obesidade, para além da alimentação de plástico. Hoje em dia, os jovens tão em casa agarrados ao computador, a uma consola de jogos. (...)²

E1: Consegue partilhar connosco duas músicas? Uma associada aos tempos livres do seu tempo de juventude e outra música que goste de ouvir no seu tempo livre de hoje em dia?⁷

/O entrevistador repete a questão de forma a clarificar a mesma/¹⁰

e3: Quando jogávamos à bola não havia música... (.)⁵ Naquele tempo primeiro apareceram os Walkman[®], mas já foi muito mais tarde.

E1: Havia assim alguma música que marque esse momento?

e3: A música do tempo que era a música que passava, que era música⁷... (.)⁵ mas não era toda porque também havia a censura. Era a música portuguesa, a chamada... Depois acabou por ser caracterizada, ao tempo não, era mais uma música... (.)⁵ não era dirigida ao nosso escalão etário, havia uma série de cantores românticos como o Tony de Matos, a Maria de Lurdes Resende, mas já era mais para os adultos. Sempre numa linha um bocado romântica.

E1: E depois todas as outras bandas que referiu ainda há pouco?!

e3: Exatamente. Depois a minha música preferida era era⁷, como já disse as da Joan Baez, ela tem várias boas, mas gosto de uma que é ... Diamonds and rust, diamantes e ferrugem traduzido assim à letra.

e3: Considero, para mim, a melhor música dos últimos 30 anos, talvez da “música chamada ligeira” ((entre aspas))¹ que é... “Do teu poema” que é uma música que acaba com... para além de ter versos muito fortes e que acaba e que acaba⁷...

E1: Se quiser pode cantar um pouco?

e3: Diz assim mais ou menos... não, eu não vou cantar. Vou-lhe ler.

*“No teu poema existe a esperança acesa atrás do muro,
Existe tudo mais que ainda me escapa,
E um verso em branco à espera do futuro.”*

É assim que a canção acaba, gosto muito! Também gosto muito de uma canção que eu canto, também, mal mas canto... É cantado na UATI e que é de um cantor que eu não gosto, particularmente, mas que é cantado em duo com outro cantor que eu gosto muito e que é o Camané. Um é o Pedro Abrunhosa, que é um excelente letrista, aliás o Abrunhosa que tem formação musical. Ele era professor de educação musical, é um excelente letrista, faz boa música mas a cantar, canta pior do que eu... De qualquer forma tem por título “Nos braços de minha mãe”, que é uma canção relativamente recente não sei se conhece? É cantada com Camané e valoriza muito a música, porque tem uma excelente voz.

E1: É uma música emotiva?

e3: Sim, sim, sim.

E1: Ok, Sr. J. (0)³ e assim terminamos a nossa entrevista. Gostaria muito de agradecer a sua disponibilidade em participar. Gostaria de reforçar que garantimos o anonimato dos dados do entrevistado e que o uso do conteúdo da entrevista é apenas para uso académico e científico.

e3: Só tenho pena de... (.)⁵ TINA TURNER, agora lembrei-me (.)⁵ A Tina Turner é o expoente da Disco Sound.

Glossário:

E1: 1.º Entrevistador

e3: 3.º Entrevistado

¹ (()) Descrição de uma atividade não verbal;

² (...) Segmento do vídeo não transcrito por resposta desadequada ao tema; (.)

³ (0) Ocultado dados pessoais/garantia de anonimato;

⁴ Expiração (Duração h, hh, hhh);

⁵ (.) Micro-pausa;

⁶ Inspiração (Duração: h, hh, hhh);

⁷ Repetição de uma palavra;

⁸ Sublinhar o palavra que se deseja dar Ênfase;

⁹ (conteúdo escrito) Transcrição alternativa de um segmento pouco audível;

¹⁰ /descrição complementar/

ENTREVISTA 4

E1: Olá, muito bom dia. O meu nome é Cátia Caro, sou aluna do Mestrado de Gerontologia Social, a frequentar o 2.º ano. No contexto da tese de dissertação de Mestrado sobre o tema Memórias Musicais das Pessoas Idosas, tornou-se pertinente realizar entrevistas vídeo-gravadas sobre o tema, no sentido de conseguir assim recolher dados sobre a vossa experiência ao nível das memórias musicais. Para tal, torna-se pertinente que seja feita a leitura e a autorização do consentimento informado.

Gostaria de referir que garantimos a confidencialidade dos dados e que a qualquer momento, o participante pode mandar parar a entrevista e pode desistir a qualquer momento da mesma. Todos esses conteúdos serão apenas utilizados para estudos científicos no contexto da dissertação de mestrado em gerontologia social na Universidade do Algarve. ((o entrevistado realiza a leitura do consentimento informado)).¹ Podemos, então, passar à assinatura do consentimento informado, se assim consentir, e assim iniciarmos a entrevista. /Decorre a assinatura do consentimento informado/³

E1: Concorda em participar nesta entrevista?

e4: Sim.

E1: Importa-se de dizer o seu nome e a sua idade?

e4: M. (0)² Sete três, 73. /refere a idade da forma como esta escrito/³

E1: Em que localidade reside atualmente?

e4: Em Faro.

E1: Há quantos anos vive cá?

e4: Viver viver, uns 15, 16 anos.

E1: Com quem vive na sua residência atual?

e4: Com a minha companheira e um filho dela.

E1: Já residiu em outros locais?

e4: Eu nasci no norte em Vila do Conde mais propriamente nas Caxinas. Vivi em Matosinhos, em Lisboa, em Vila Nova de Gaia na freguesia de Vila do Conde. Atualmente estou a viver cá.

E1: Não sabe precisar há quanto tempo residiu nesses locais?

e4: Nesses locais... pronto nasci lá, nasci lá⁴ e vivi até aos meus 18 anos. Depois estive na tropa em Angola, depois fui para Moçambique trabalhar... (.)⁵ Antes do 25 de Abril voltei para Portugal, fui trabalhar para Lisboa mas antes trabalhei no Porto. Tive uma vida muito rica... (.)⁵

E1: Em experiências?

e4: Muito, muito.

E1: Consegue precisar desses locais onde residiu mais tempo?

e4: (.)⁵

E1: De todos esses locais, aquele onde residiu mais tempo? O que é que o motivou a mudar para cá?/O entrevistado fica em silêncio e a refletir. O entrevistador recoloca a questão/

E1: Qual foi o principal motivo que o fez vir até Faro?

e4: Faro? (.)⁵ A reforma. Reformei-me, zona quente, e vim passar as minhas férias finais aqui no Algarve.

E1: Ao que é que se dedicou? Qual a sua atividade principal ao longo da sua vida?

e4: Ao longo da minha vida, primeiro bancário e depois engenheiro civil.

E1: Portanto, teve oportunidade de estudar?

e4: Perfeitamente. Para ser engenheiro foi muito difícil estudar na Faculdade de engenharia da faculdade do Porto.

E1: Como é que se dá atualmente com a sua família? Mantem um relacionamento? É um bom relacionamento? Como é que o caracteriza?

e4: Sim, tanto com a atual como com a anterior, muito bem.

E1: Com os amigos, mantém o contacto com os seus amigos de infância e de todas essas terras por onde passou?

e4: Ahhh⁶ sim, sim, sim, sim⁴. Muitas boas recordações⁷. Há pouco tempo fiz, organizei um jantar dos meus amigos da 4.^a classe. A 4.^a classe foi no tempo do Dom Afonso Henrique, isso já há muito tempo e apareceram lá bastantes. (.)⁵ Convidamos a professora que ainda era... que ainda era⁴ e está viva. Julgo que ainda está, julgo que sim... (.)⁵ Mas ela diz que não vai a nenhum jantar, mas fizemos isso...

E1: Poderia dizer-nos como era a escola no seu tempo? Ou seja, poderia dizer-nos no seu tempo como é que as crianças eram educadas. Qual era o papel da escola, em si, na educação das crianças e da família, em si, na educação das crianças?

e4: Menina, eu não sei como é que é na sua terra. Não sei... Na minha terra era o seguinte, as crianças educavam-se na rua. Jogávamos à bola, partíamos vidros e jogávamos na rua, andávamos à pedrada, andávamos à pancada nas brincadeiras. A escola era uma chatice, (.)⁵ levávamos pancada da professora. Portanto, a nossa educação era familiar e era na rua, chegávamos a casa direitinhos. Na escola tínhamos que nos portar bem, porque se não nos portássemos bem, levávamos reguadas da professora e ainda por cima levávamos dos pais.

E1: Portanto, era muito rígida?!

e4: Muito, muito, muito⁴ (.)⁵ muito difícil⁷. A vida naquele tempo, para mim, não era fácil, muito difícil. Comia-se quando havia, quando não havia aguentava-se. Não era fácil, não foi fácil.⁷

E1: Ainda assim, o Sr. M. (0)² conseguiu estudar?

e4: Estudar? Os meus pais foram excelentes, deram-me possibilidade de estudar até ao 7.^o, antigo 7.^o ano. Para a Universidade não havia dinheiro, mas até ao 7.^o ano fui estudar por um mero acaso. Normalmente as pessoas lá na minha terra, chamado Caxinas, ninguém estuda e eu fui o primeiro a estudar, por mera mera coincidência. Qual foi a razão fundamental? /Questiona o entrevistado e responde de imediato/³ Quis ser padre, então como queria ser padre... (.)⁵ Bom... perguntavam: “tu queres ser padre?” /O entrevistado

respondia³ Quero ser padre. Então, vai ali para o colégio esperar que venha a chamada de Braga para tu ires. Cheguei lá, ao colégio, estive lá (.)⁵ (...) ⁸

e4: Fui estudar, mas nas férias ia para o mar. Os meus pais eram pescadores e eu ia para o mar.

E1: Com que idade?

e4: 7 anos, 8 anos, 9 anos.

E1: Por exemplo, hoje em dia fala-se muito em trabalho infantil. Acha que havia trabalho infantil no seu tempo?

e4: Naquele tempo não era considerado trabalho infantil. O trabalho era uma honra. (...) ⁸

E1: Recorda-se de alguma músicas ou de uma canção que recorde esses tempos de família, de brincadeiras na rua, da escola? Desse seu processo de educação?

e4: Sim. Portanto, como eu tinha uma educação nada fácil, diferente. Eu vivi à base de quê? De fado, a minha mãe cantava muito bem, da da⁴ música popular dos ranchos, que eu dançava com a minha mãe era eu menino pequeno.

E1: A sua mãe estava sempre ligada à música?

e4: Gostava imenso, gostava muito^{4,7}. Era muito alegre, muito divertida, muito comunicativa. (...) ⁸

E1: Lembra-se como é que era a vida no seu bairro, onde cresceu? Ou seja, tem alguma história desse tempo?

e4: Ahhh

E1: Assim alguma história que o tenha marcado e que goste de partilhar connosco? Relacionado com o seu bairro, com o sitio onde cresceu?

e4: Eu tenho! Tenho várias histórias. Eu pelo Natal, fazíamos brincadeiras de rapazes, a tal ginástica para ter fome no Natal. (...) ⁸

e4: E se não fizermos isso o Natal não prestava. ((Risos))¹

E1: Portanto, é mesmo uma tradição de família e da vossa região e do sítio onde cresceu?!

e4: É da região, da região⁴.

E1: Poderia descrever o que é que sente quando fala da sua cidade, da sua vila, dessas histórias e dessas tradições tão enraizadas. O que é que sente?

e4: Eu sinto muita falta, transporta-me para esse lado da minha juventude e daquelas traquinices que a gente fazia.

E1: Mas sente tristeza, saudade, nostalgia...O que é que sente?

e4: Não, apesar de isso tudo, sinto saudade. (...) ⁸

E1: Consegue dizer a principal diferença ou as diversas diferenças que podem existir entre as famílias que conheceu no passado e as famílias que conhece hoje em dia?

e4: Ahh⁶... (.)⁵

E1: Existem diferenças?

e4: O mundo é diferente, cada região tem as suas tradições, os seus costumes, os seus hábitos...

E1: Então e comparando na sua região as famílias do antigamente com as famílias de hoje em dia?

e4: Tenho que aceitar a diversidade. Tenho que conseguir adaptar-me à nova situação.

E1: Mas existem muitas diferenças?

e4: Muitas diferenças, porque aquele lado onde eu vivi e nasci não era fácil... Ninguém quer.(.)⁵ O que há hoje é uma evolução muito grande, positivamente. (...) ⁸

E1: Conhece algum caso de solidão ou de maltratos nos idosos?

e4: Não. Nem lá e nem cá.

E1: Quando ouve essas notícias na televisão, qual é a sua opinião?

e4: É muito mau, muito mau^{4,7}. Infelizmente é... acho que é verdade. Não tenho dúvidas que isso acontece, mas é muito mau. Tenho casos na minha família, casos entre cunhados, cunhadas e outros familiares deles... Portanto, não é ligado diretamente à minha família que (esses)⁹ também são bem tratados, bem cuidados, dentro do possível.

E1: Quando falamos destas questões do envelhecimento, da solidão, do trato que há dentro da família de uns para com os outros e de todo este processo familiar, recorda-se assim de alguma música que gostasse de partilhar? (...) ⁸/o entrevistado fica a refletir em silêncio e o entrevistador reformula a questão/³

e4: Juventude, família... O fado, recorda-me da minha mãe.(.)⁵

E1: Tudo o que está relacionado com a família imediatamente recorda-lhe o fado e a música popular pelo que foi dito, anteriormente?

e4: Sim, sim, sim⁴. Fora disso, não tenho assim nenhum, assim nada de especial... (.)⁵

E1: Não tem assim nenhum tipo de música, nenhuma música em especial?

e4: Ahh⁶ fora isso no liceu havia influência da da⁴ Literatura, da música Francesa, antes... (.)⁴ Depois, foi a norte americana, inglesa... Mas primeiramente era francesa e, portanto, havia aqueles cantores franceses, Françoise Hardy e outros. (...) ⁸

E1: Concorda com a ideia que tem havido grandes mudanças sociais, quer a nível de política, de tecnologia e até da mentalidade das pessoas e do papel da mulher, em si, na sociedade. Concorda que tem havido grandes mudanças?

e4: Eu acho que sim, eu acho que sim⁴. Mas, na minha terra mantém-se a mesma situação. (...) ⁸Ela é que é a economista, a dona financiadora. Portanto, é uma sociedade diferente do resto... E isto mantém-se, mantém-se^{4,7}. Estou a recordar-me dos meus irmãos em que é a mulher que controla isso tudo. Uma boa casa, se não tiver uma boa mulher vai ao charco! /Afirma de forma determinada/³ (...) ³

E1: Existe alguma música que associe a essa questão social que se vivia e que ainda se mantém?

e4: (...) ⁸ Lembro-me da evolução da música - música *Country* norte-americana que eu gostava imenso. (...) ⁸

E1: Associa algum tipo de música a uma mudança social que tenha sido um marco na sociedade cá em Portugal?

e4: Portanto, logo após o 25 de Abril houve uma mudança enorme que foi a música do do ⁴.... Seguiu-se a música do... como se chama?!

E1: Zeca Afonso?

e4: Esse e do José Mário Branco, daquele moço de Matosinhos, daquele padre de Fanhões e de outros. Tudo... tudo ⁴ aquela música, música que mudou, varreu tudo. (...) ⁵ A música popular, a música de fado e tal... (...) ⁵ Depois voltou tudo ao mesmo, voltou outra vez ao que é hoje a música que nós temos como Portuguesa. Essa música depois do 25 de Abril foi muito importante, marcante na nossa sociedade e isso, também, acompanhou a música inglesa e a música norte-americana. (...) ⁸ A música era censurada. A música, a música ⁴ do Zeca Afonso, muitas músicas do Zeca Afonso ⁷. Eu conheci o Zeca Afonso antes do 25 de Abril, nessa altura estava em Lisboa e conheci o Zeca Afonso lá. Muitas músicas dele eram proibidas em Portugal, porque não eram de acordo com as normas que há, internas, porque obrigavam a pensar um bocadinho mais e eram proibidas. (...) ⁸

E1: Consegue descrever um momento, se assim o entender, menos bom e qual foi a estratégia que arranjou para superar esse acontecimento?

e4: Acontecimento menos bom?

E1: Sim. E o que fez para superar esse acontecimento? Qual foi a estratégia que adotou?

e4: Ahhh ⁶, a gente quando trabalha tem uma meta, tem um projeto.... (...) ⁸

e4: Quando a gente aplica todos os esforços e não é reconhecido o esforço é um desconsolo. Depois pergunto: “O que estou aqui a fazer?”

E1: O que fazia para superar esse sentimento de injustiça?

e4: Olha, pedi a demissão, vim-me embora.... (...) ⁵ E fui tirar o curso de engenharia. (...) ⁸

E1: Recorda-se de alguma música que ouvia nesses momentos?

e4: Não, acima de tudo música revolucionária Portuguesa. (.)⁵ Acima de tudo...

E1: Ajudava-o a ter força e a lutar?

e4: Sim, mas música americana para mim era a melhor. Essa movimentava-me, essa empurrava-nos e mexia connosco. (.)⁵ Libertava-nos, ficávamos libertos de muita coisa... E acho que nós não devemos ser pequeninos nas coisas, pequenas coisas e ir fazendo... Nós, temos de ser... em vez de atingir os 100 metros em meia hora devemos atingir os 100 metros em 5 segundos. Fazer as coisas com perfeição. (...) ⁸

E1: Relativamente aos bons momento, consegue descrever qual foi assim dos melhores momentos da sua vida? E a música que o transporta para esses momentos?

e4: Eu, olhe... um momento que eu, que eu⁴ recordo com saudade foi... (.)⁵ na altura em que andava no Liceu e conheci o padre lá da minha terra. Um moço jovem e ele ensinou-me música, deu-me ehhh⁶ não era CD's eram aqueles...

E1: Vinis??

e4: Vinil grande com música clássica. Lembro-me que não gostava muito, mas ouvia uma vez, duas vezes, vinte vezes, mil vezes e hoje adoro. Lembro-me disso e nunca mais me esqueço disso... (.)⁵ Ouvia e hoje ouço essa música com agrado e transporta-me para lá!!! e eu gosto imenso.

E1: A música tem esse poder?

e4: Ahhh⁶ impulsiona-nos, agrada-me muito.

E1: Sr. M. (0)² como é que ocupa atualmente o seu tempo livre? Conte-nos algumas das suas atividades que faz no seu dia-a-dia. /O entrevistado fica pensativo/³

E1: Depois de acordar como é que ocupa os seus dias? (...) ⁸

e4: Vou ao *facebook*[®] e tal ... mensagens para os meus amigos e as minhas amigas e tal. Fora disso, procuro desviar-me disso... É uma droga! (...) ⁸

e4: Leio, ouço música, ouço música sempre que possível.

E1: Encontra alguma diferença ou algumas diferenças entre a maneira como ocupavam o tempo livre no passado dos jovens e no presente dos jovens? Nota diferenças?

e4: Não tenho conhecimento dos jovens de hoje. (...) ⁸

e4: O filho da minha companheira, esse... está sempre no quarto sozinho no telemóvel.

E1: Antigamente isso não se passava, pelo que já testemunhou?

e4: oh meu tempo, tomara eu fugir de casa e ir para a rua. (...) ⁸

E1: Recorda-se de alguma música que gostava de ouvir no seu tempo de jovem? (...) ⁸

e4: Eu gostava de ouvir música do meu rancho, da minha terra, música popular e dançar. (...) ⁸ Numa linha um bocado romântica.

E1: Hoje em dia, tem alguma música que goste especialmente de ouvir no seu tempo livre? Que goste de sentar no sofá a ouvir?

e4: Olha uma música que me marcou muito naquele momento de solidão, naquela altura que... era do Nelson, Nelson Ned.

*“O que você vai fazer,
Domingo à tarde.
Passear por aí,
Numa rua qualquer da cidade.”* (...) ⁸

E1: Existe algum refrão de alguma música que gostaria de cantar neste momento, embora o tenha acabado de fazer?

e4: Também gosto de ouvir música clássica. Refrão não me estou a recordar. (...) ⁸

E1: Gostaria de agradecer muito a sua disponibilidade em participar e em partilhar connosco estes momentos, estas memórias... Gostaria de reforçar que garantimos o anonimato dos dados do entrevistado e (referir que) ⁹ o uso do conteúdo da entrevista é apenas para estudos científicos no contexto da dissertação que já mencionamos da Universidade do Algarve.

e4: Espero que sirva para alguma coisa. Espero que ajude, que ajude⁴. Não sei como poderia ajudar mais. (...)⁸

E1: 1.º Entrevistador

e4: 4.º Entrevistado

¹ (()) Descrição de uma atividade não verbal;

² (0) Ocultado dados pessoais/garantia de anonimato;

³ /descrição complementar/

⁴ Repetição de uma palavra;

⁵ (.) Micro-pausa;

⁶ Inspiração (Duração: h, hh, hhh);

⁷ Sublinhar o palavra que se deseja dar Ênfase;

⁸ (...) Segmento do vídeo não transcrito por resposta desadequada ao tema;

⁹ (conteúdo escrito) Transcrição alternativa de um segmento pouco audível.

ENTREVISTA 5

E1: Olá, muito boa tarde. Estamos aqui hoje para realizar mais uma das entrevistas, no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social. Como sabe sou aluna do 2.º ano e estou a fazer uma dissertação de mestrado sobre o tema Memórias Musicais nas Pessoas Idosas. Como sabe, esta entrevista vai ser realizada, pode interromper quando quiser e tem total autonomia para poder responder às perguntas que achar pertinente. Tenho aqui uma declaração de consentimento informado onde a senhora vai assinar, se assim entender que autoriza a gravação destas imagens. Tem aqui então para poder ler e assinar se assim entender. /A entrevistadora apresenta o consentimento informado para o entrevistado ler, o entrevistado aponta para onde poderá assinar e o entrevistador explica/¹

E1: É aqui no local da Cruzinha.

e5: Assino aqui?

E1: /O entrevistador acena com a cabeça no sentido afirmativo/¹ Se assim entender que autoriza a gravação destas imagens.

e5: Só a rúbrica ou o nome todo?

E1: É como quiser. Pode ser apenas uma rúbrica. /O entrevistado assina o documento/¹

e5: Está bom?

E1: Muito bem. Está ótimo. Como sabe, estas gravações são estritamente confidenciais e serão apenas utilizadas para fins académicos. Ora muito bem, gostaria que me dissesse se concorda em participar nesta entrevista?

e5: Sim.

E1: Importa-se de nos dizer o seu nome?

e5: A.(0)²

E1: E a idade?

e5: 78 anos.

E1: Em que localidade reside?

e5: Na Póvoa de São Miguel, mas às vezes, também venho para Faro.

E1: Vive em qual desses locais?

e5: Vivo na Póvoa de São Miguel desde que nasci e agora tenho os filhos, tenho os netos e, de vez em quando, aí há uns 4, 5 anos tenho vindo, já de vez em quando para Faro.

E1: Passa temporadas lá, outras temporadas cá, devido a essa situação?

e5: Venho e vou fazer umas visitinhas e demoro por lá uns dias.

E1: Com quem reside na sua residência habitual?

e5: Com o meu marido.

E1: Portanto, confirma então que já tem residido em outros locais? Referiu que passa temporadas no Algarve e outras no Alentejo.

e5: Sim, Na maior parte na Póvoa de São Miguel, no Alentejo. (.)³ Póvoa de São Miguel - Moura, de vez em quando vimos até Faro.

E1: O que é que motivou a sua mudança de lá para cá?

e5: O motivo é os filhos e os netos. Temos saudades e vimos cá passar uma temporada.

E1: Diga-me então a que atividade principal dedicou a sua vida?

e5: Ora atividades... (.)³ a fazer as lides de casa. A gente começava logo novinha a aprender o que os pais e as mães faziam.

E1: A gestão da casa e dos filhos?

e5: Sim.

E1: Teve oportunidade de estudar ao longo da sua vida?

e5: Naquele tempo o máximo era a 4.^a classe. A 3.^a e 4.^a classe, fazíamos exame nessa altura. Não era por anos, era por classe.

E1: E concluiu ?

e5: A 4.^a classe. (.)³ É o que tenho hoje.

E1: Como se dá com a sua família? Como é a relação?

e5: Muito bem.

E1: E com os amigos do seu tempo, mantém ainda o contato? Tem uma boa relação?

e5: Com aqueles que, ainda às vezes convivo, temos um contato bom uns com os outros.

E1: Ok e poderia dizer-nos como é que era a escola no seu tempo, antigamente?

e5: Era muito exigente, porque a gente respeitava muito os professores e a gente ia para a escola para aprender a ler e a escrever. E fora isso aprendia-se a fazer as lides de casa.

E1: Poderia dizer-nos, no seu tempo, como eram educadas as crianças? Ou seja, qual era, por um lado o papel da escola na educação e por outro lado o papel da família na educação? Há aqui dois polos opostos? /O entrevistado fica a refletir e o entrevistador reformula a questão./¹

E1: Qual o papel da escola na educação das crianças?

e5: ((o entrevistado fica com um fâcies de confusão))⁴

E1: Primeiro o papel da escola... Como é que a escola interagia na educação? Qual era o papel da escola?

e5: Era aprender a ler e a escrever na escola.

E1: E em casa?

e5: Em casa, a gente já começava a aprender coisas de casa com os... com a mãe. O serviço de casa, lavava chão, caiava paredes, embora fosse mal feito.

E1: Aquilo que os adultos faziam?

e5: Exatamente.

E1: E hoje em dia, fala-se de trabalho infantil. Certamente que antigamente não se falava de tal acontecimento. Acha que havia trabalho infantil no seu tempo?

e5: Sim. As raparigas aprendiam a fazer os serviço de casa com as suas mães. Os rapazes os do campo com os pais.

E1: Com que idade essas crianças faziam estas tarefas?

e5: Ora... (.)³ essas crianças, como eu, a gente com 9 ou 10 anos já começava a mexer naquelas coisas, e assim aprendeu. Amassava-se o pão em casa e a gente ia a experimentar. Fazia vestidos para as bonecas, eh⁵... (.)³

E1: O que os adultos faziam?

e5: O que eles faziam e nós íamos aprendendo a fazer essas coisinhas e assim começou.

E1: Quando falamos destas questões todas da educação, da aprendizagem na escola, em casa, da família e dos amigos, isso faz-lhe lembrar alguma canção ou alguma música do seu tempo ?

e5: Ai tantas⁶, tantas, tantas⁷.

E1: Gostaria de partilhar connosco?

e5: Ainda me recordo de algumas. Gostava muito de cantar, por exemplo certas músicas... (.)³ chamava-lhe a gente cantigas nesse tempo. ((Sorri))⁴

“Dá-me uma gotinha de água,

Dessa que eu ouço correr.”

E a rosa branca desmaiada e outras assim... O manjerico da janela.

E1: São músicas que fazem recordar esses tempos?

e5: Sim. Fazíamos à porta da escola rodas de bailes, umas com as outras. E era o pavão... ((Sorri))⁴ uma ia para o meio e as outras cantava “*oh pavão, lindo pavão...*” e era assim.

E1: Lembra-se como era a vida no seu bairro ou na freguesia onde cresceu?

e5: Ora nós andávamos na rua a brincar sem medo, nesse tempo. Íamos a casa comer quando tínhamos fome e a beber e voltávamos para a rua a brincar.

E1: Passavam muito tempo na rua?

e5: ((Abana a cabeça a dizer que sim e acrescenta))⁴ À vontade, sem medo nenhum.

E1: Tem alguma história, desse tempo, que gostasse de partilhar connosco? Uma historia engraçada que a tivesse marcado.

e5: aí... (.)³ Lembro-me de uma muito engraçada. ((Risadas))⁴ Por exemplo, fui eu mesmo que quis aprender a andar de bicicleta e havia um primo meu que tinha nesse tempo uma bicicleta e uns óculos de sol. ((Risadas))⁴

E1: Que idade é que tinha?

e5: Aí, devia ter aí os meus 13, 14 anos. 13, 14 anos? Não... tinha mais e fui montar-me na bicicleta mas cá logo, não consegui. Mas na altura, chamava-lhe a gente, passou à rua um retratista ((Risadas))⁴ Daqueles que metia a cabeça num pano escuro e nós aproveitamos e chamámos o retratista e tirámos uma foto, nesse tempo ter um retrato... (.)³

E1: Ficou para a vida?!

e5: E ainda lá a tenho de recordação... Eu de óculos escuros, montada na bicicleta e lá tenho a fotografia. Os meus filhos e os meus netos adoravam a fotografia, acham-na muito engraçada. Isto há 60 e tal anos, quase 70.

E5: Lembra-se de algumas tradições da sua freguesia, do local onde cresceu, que gostasse de partilhar connosco ?

e5: Uma ou duas. (.)³ Olhe, por exemplo na Páscoa, a gente rapazes estávamos desejando que chegasse a Páscoa para se fazerem os bolos da Páscoa que era só quando se comiam bolos, era na Páscoa. Durante o ano não se comiam bolos, a não ser em algum casamento.

E a gente nessa altura, as mães faziam os bolos em casa e nos fornos. Havia 1, 2, 3, 4 fornos pela aldeia e a gente, ainda rapazes, íamos com os tabuleiros na mão levar os bolos ao forno. Aquilo para nós era uma festa. Certo dia, aconteceu que íamos todos com os bolos, encalhei numa pedra, que as ruas não tinham paralelos, e caí. Os bolos foram todos para o chão. ((Risadas))⁴

E1: Uma tradição com história, ficou para recordar.

e5: Foi uma alegria. Ficou na história.

E1: Como se sente ao falar da sua terra, da sua freguesia e de todas estas histórias que marcaram esse tempo?

e5: Olhe, sinto saudades desse tempo e dessas coisas porque era as festas que a gente, por acaso, tinha. Era isso... Hoje recorda e gosta de falar nelas, mas não gosta que voltem muito as coisas para trás.

E1: Eram tempos difíceis?

e5: O tempo de agora... (.)³ Por exemplo, os bolos? A gente só comia bolos na Páscoa ou nos casamentos e agora há bolos todos os dias. Nesse tempo... não havia.

E1: O tempo agora é mais facilitado.

e5: Pois, nesse tempo não havia.

E1: Relativamente ao tema das famílias, que diferença lhe parece existir entre as famílias que conheceu no passado, como eram antigamente, e as famílias do presente? Qual é a diferença que nota?

e5: Antigamente, a gente tinha muito respeito pelas pessoas mais velhas, respeitávamos muito e fazíamos tudo o que elas mandavam. Hoje, já não é assim, cada um faz o que quer. E mesmo que os pais os mandem fazer outra coisa eles fazem como querem, não obedecem. E nesse tempo, a gente não faltava ao respeito dos pais.

E1: Há menos respeito então?!

e5: A gente obedecia a tudo.

E1: Relativamente ao tema da solidão. Sabe que, atualmente, existem histórias de solidão entre as pessoas mais velhas. Por vezes, é recorrente notícias de filhos que não obedecem aos pais e até há filhos que os maltratam. Conhece algum caso relacionado com este tema?

e5: Sim.

E1: Gostaria de dar a sua opinião acerca deste assunto? Quando se fala deste assunto o que é que pensa?

e5: É triste haver este... (.)³ certas solidões. ((Refere com imensa tristeza))⁴. É triste!
A gente tem pena...

E1: Quando se fala destas questões, recorda-se de alguma música em particular que faça lembrar esta questão de... das famílias, do envelhecimento, da solidão? Há alguma música que queira partilhar connosco?

e5: Recordo. (.)³ Olhe, por exemplo, havia uma que eu gostava muito. *Era “oh tempo, volta para trás”*. Eu gostava muito dessa música e até a sabia cantar muito bem.

E1: Agora já não se recorda tão bem?

e5: Posso tentar ((risadas))⁴, ainda há coisas que me recordo, outras... Isto já foi há muito tempo. (.)³

E1: E só um bocadinho do refrão?

e5: “*Oh tempo volta para trás,
mata a minha esperanças bem (...)*” era assim.

E1: Concorda com a ideia que tem havido grandes mudanças sociais? Relativamente a mudanças políticas, da tecnologia, da mentalidade das pessoas, do papel das mulheres na sociedade. Concorda que tem havido mudanças sociais que marcaram os seus tempos?

e5: Olhe, no meu tempo de rapariga, quando andava na escola recordo-me do Estado Novo e agora mais tarde o 25 de Abril.

E1: E relativamente a estas mudanças, principalmente das que falou recorda-se de alguma música relacionada com essas mudanças?

e5: No Estado Novo não me recordo de músicas, só me lembro de se ouvir falar do Estado Novo. Agora desta mais nova que foi o 25 de Abril é a música do Zeca Afonso: “Grândola Vila Morena”; “Os Cravos vermelhos” e assim.

E1: Muito bem. Ao longo da vida, certamente, teve bons momentos, teve maus momentos, momentos de sucesso e momentos de fracasso. Consegue escrever um momento menos bom que passou e quais as estratégias que arranjou para superar essa situação, esse acontecimento?

e5: Olhe, nesse tempo eu ainda era novinha mas a perda do meu avô materno que vivia em casa connosco.... aí para mim senti um bocado. (.)³ Foi a coisa assim que me marcou assim mais (.)³ e que tenho assim mais marcado. Eu tinha 16 anos na altura, mas senti muito a perda dele.

E1: O que fez para conseguir ultrapassar?

e5: Pronto e com o tempo, com os anos, tudo vai passando e assim foi indo até agora... Pronto, já há outros mais novos, mas esse foi o mais idoso. /O entrevistado refere-se a outras perdas, a outros lutos/¹

E1: Recorda-se alguma música associada a este momento? Se sim, qual?

e5: Ora... música? (.)³

E1: Relacionada com este momento menos bom que passou? Com esses tempos, essa época?

e5: Ora as músicas desse tempo... (.)³

E1: Relacionada com um momento menos bom?

e5: Menos bom? Aí essa não tenho agora... ehh⁸.

E1: Pronto, quando se recordar já diz.

e5. Pois.

E1: Relativamente aos bons momentos, consegue descrever um dos melhores momentos da sua vida?

e5: Os momentos...

E1: Um momentos que tenha marcado positivamente a sua vida?

e5: Ora os meus tempos da mocidade. Os tempos em que eu namorava com o meu marido e ainda hoje estamos juntos. Esses tempos nunca me esquecem Gostei muito de de⁷ pronto, tive sorte... tive sorte⁶ no namoro, tive sorte no casamento e recorde. ((Sorri))⁴ De vez em quando recorde e conto até aos meus filhos e aos meus netos.

E1: Tem alguma música que marque esse momento? Falou ainda agora do namoro.

e5: Sim, tenho. Olha tenho: *O meu Lírio roxo do Campo*, *O manjerico da janela*, *Camponesa*, *camponesa* e músicas assim, que era mesmo da minha mocidade.

E1: Relativamente a uma música sobre esse momento menos bom e dessa perda que falou, ()⁹ não se recorda de nenhuma música associada a esse momento, dessa perda desse avô?

e5: Depois recorde-me de uma que era: *Nem às paredes confesso*, gostava muito dessa música.

E1: Relativamente ao tema dos tempos livres poderia dizer-nos como é que ocupa atualmente o seu tempo livre, o que é que faz?

e5: Ora hoje ainda faço muita coisa, mesmo com esta idade. ((Risadas))⁴

E5: Como por exemplo?

e5: Costura, crochê, ando na hidroginástica que também adoro. Comecei nesta idade e gosto muito. Cantava, dançava e ensinava jogos aos filhos e aos netos, jogos do meu tempo.

E5: Já não canta e já não dança?

e5: Ainda. Quando posso, ainda. E passear, também, gosto muito de passear. (.)³ Vou, também, muito a excursões. Adoro muito ir passear e ir a excursões, aí já vou mais o meu marido.

E5: Encontra diferenças na maneira como os jovens ocupam o tempo livre atualmente e como ocupavam o tempo livre no passado? Há diferenças?

e5: No passado?

E5: Como se fazia antigamente? E como se faz hoje em dia?

e5: No passado, brincar era na rua, fazíamos jogos e coisas assim do género... Ahh⁵, os jovens hoje não sabem brincar nem na rua e nem uns com os outros. É só computador, escola e... estão em casa e na rua não se vê crianças a brincar, nem sabem...

E5: O convívio... acha que o convívio é menor?

e5: Pois, não é igual. No nosso tempo era mais bonito, no nosso tempo era mais bonito.^{6,7}

E5: Recorda-se de alguma música que gostaria de ouvir durante o seu tempo livre de jovem, e outra que gosta de ouvir nos dias de hoje? Ouvir ou cantar?

e5: Ora, as músicas de antigamente... Olhe: *Dá-me uma gotinha d'água; Rosa branca desmaiada; O meu Lírio roxo do campo*, essa... era umas das músicas que eu cantava muito.

E5: Estamos mesmo a terminar a nossa entrevista. Gostaria de saber se tem algum refrão de uma música de gostaria de cantar neste momento, para encerrarmos a nossa entrevista?

e5: Ahh⁵, posso cantar o *Lírio roxo do campo*.

E5: Então, vamos cantar.

e5: Se gostar ((Risos))⁴.

E5: Sim... Vamos embora. ((Sorriso))⁴

e5: “*Meu Lírio roxo do Campo*,

*Criado na primavera,
Desejávamos saber, aí aí,
A tua intenção qual era,
A tua intenção qual era,
Desejávamos saber,
Criados na primavera, aí, aí,
Quem te pudesse escolher (...)*”

e5: Vai-me faltando a voz... (.)³

E5: Muito obrigada. Gostou desta entrevista?

e5: Aí muito, muito^{6,7}. Adorei, adorei^{6,7}, estou a gostar muito... Devia haver mais coisas assim. A gente já com a nossa idade, está a gostar de recordar o passado.

E5: Isso, mesmo... Olhe gostaria de agradecer a sua disponibilidade para estar aqui connosco e para realizarmos esta entrevista. Gostaria de reforçar que todos os dados que foram aqui recolhidos a nível de áudio e imagem são confidenciais E serão apenas utilizados para fins estritamente académicos e científicos.

e5: Tudo lhe corra bem.

E5: Muito obrigada.

e5: E eu fiz o que pode.

E5: Uma boa tarde.

e5: E respondi o que pode.

E5: Obrigada.

Glossário:

E1: 1.º Entrevistador

E5: 5.º Entrevistado

¹ /Descrição complementar/

²(0) Ocultado dados pessoais/ garantia de anonimato;

³ (.) Micro-pausa;

⁴ (()) Descrição de uma atividade não verbal;

⁵ Inspiração (Duração: h, hh, hhh);

⁶ Sublinhar a palavra que se deseja dar Ênfase;

⁷ Repetição de uma palavra;

⁸ Expiração (Duração h, hh, hhh);

⁹ () Segmento não audível;

ENTREVISTA 6

E1: Olá, muito boa tarde. Estamos aqui hoje para realizar uma entrevista no âmbito da tese de Mestrado em Gerontologia Social. O meu nome é Cátia, sou aluna do 2.º ano e estamos aqui para colher alguns dados sobre o tema das Memórias Musicais nas Pessoas Idosas. Pode, a qualquer momento, interromper esta entrevista e pode, também, optar por não responder a algumas perguntas. Vamos ler e assinar o consentimento informado se, assim, entender que deseja participar nesta entrevista.

/A entrevistada assina o consentimento informado e mostra para ver se está tudo correto e a entrevistadora assina também./¹

E1: Gostaria só de reforçar que garantimos a confidencialidade dos dados, sendo apenas utilizado para fins estritamente académicos e científicos. Posto isto, vamos dar início à nossa entrevista.

E1: Concorda em participar nesta entrevista?

e6: Concordo.

E1: Importa-se de nos dizer o seu nome e a idade?

e6: O meu nome é C. (0)² e tenho 71 anos.

E1: Muito obrigada. Em que localidade reside?

e6: Atualmente, resido em Faro, no Algarve.

E1: E há quantos anos vive aqui?

e6: Vivo aqui há 25 anos.

E1: Com quem vive na sua residência atual?

e6: Com o meu marido.

E1: Já residiu em outros locais?

e6: Sim, sou natural de Campo Maior, onde residi até à idade dos 38 anos. Depois fui para o norte, para o Minho, Cabeceira de Bastos. O pai dos meus filhos é professor e depois daí ele veio trabalhar para o Barreiro onde vivi também aí uns anos. Depois voltei para a minha terra, para Campo Maior. Entretanto, nós separamo-nos e fiz o meu segundo casamento e vim viver para Faro.

E1: Portanto, o que é que a motivou a deixar esse último lugar, Campo Maior?

e6: Vim para aqui porque o meu marido atual é polícia e era aqui que ele residia. Nessa altura eu, também, estava numa fase de desemprego e vim para aqui e casei e vim viver para Faro.

E1: E ao que se dedicou na sua atividade principal ao longo da vida?

e6: A minha atividade principal foi sempre... Eu trabalhei sempre desde os 16 anos e trabalhei sempre na área do comércio.

E1: Teve oportunidade de estudar? Estudou ou frequentou a escola?

e6: Frequentei a escola até aos 12 anos, depois os meus pais não tinham possibilidade de me pagar um colégio porque em Campo Maior eram 500 escudos ((Sorri))³. E, nós, embora fossemos umas pessoas que vivíamos relativamente bem para a época... mas vivíamos daquilo que tínhamos. Portanto, não havia um ordenado fixo, o meu pai era proprietário e vivíamos daquilo que ele semeava e só tínhamos (.)⁴ só havia dinheiro quando se vendia o azeite, o vinho, quando se vendia a uva, aquilo que ele semeava. E então não era um ordenado fixo, todos os meses o ordenado era do meu pai.

A minha mãe nunca trabalhou, trabalhou em casa e criou os filhos e pessoas que trabalhavam para nós lá em casa. Ela cuidava das pessoas, fazia as refeições para essas pessoas que trabalhavam connosco e então não havia um ordenado propriamente fixo. Eu, aí fui para um convento que existe em Campo Maior, o das concecionistas Franciscanas e estive aí até aos 16 anos, onde apanhei uma educação muito boa, religiosa e uma boa moral.

Entre os 16-17 anos precisava de ganhar mais, eu já ganhava bordando, bordava para fora como se diz. E depois surgiu um emprego no comércio e passei a ir para o comércio e

continuava a trabalhar em bordados, em casa e com as freiras, nunca me desliguei até hoje... E continuei sempre a trabalhar na área do comércio.

E1: Ok. E...

e6: Desculpe ter interrompido a entrevista, mas queria deixar aqui uma achega quanto à pergunta... se tive oportunidade de estudar? Não tive oportunidade de estudar nessa idade, mas quando eu casei com 22 anos fui estudar à noite, por que eu queria e gostava muito de de⁵... estudar e aprender. Então, depois estava a trabalhar de dia, não é ... (.)⁴ no emprego e a estudar à noite.

E1: O esposo apoiava?

e6: Sim, sim⁵, ele era professor. Ele até me incentivava. E ainda fiz até ao 8.º, 9.º ano, 9.º ano⁵.

E1: Como se dá, atualmente, com a sua família? Tem uma boa relação?

e6: Sim, sim, sim⁵. Muito boa relação. Pena é estarmos longe, porque a minha família vive toda em Campo Maior e Portalegre - Alto Alentejo e eu estou aqui... Mas de qualquer das maneiras estamos sempre presentes na vida uns dos outros. (.)⁴

E1: E ainda mantém contacto com os seus amigos? /O entrevistado fica a refletir e o entrevistador acrescenta/¹ Sejam eles os que fez no Alentejo, nos locais por onde passou, ou até mesmo aqui em Faro?

e6: Sim, sim, sim⁵.

E1: Mantém uma boa relação com eles?

e6: Muito boa relação.

E1: Poder-nos-ia dizer como era a escola no seu tempo, ou seja, como é que as crianças eram educadas? Qual era o papel da escola na educação e o papel da família? O que é que se fazia em cada um destes sítios relativamente à educação?

e6: Eu nas escola só tenho boas recordações. Primeiro, porque eu ia de barriga cheia para a escola, o que infelizmente hoje passados tantos anos, ainda ouvimos dizer nas nossas notícias que há crianças que vão de barriga vazia para a escola.

Eu nunca vivi uma situação dessas pois na casa dos meus pais fomos sempre 3 irmãs, e 3 irmãs felizes, primeiro porque tínhamos a barriga cheia, graças a Deus, e vivíamos numa vila que já tinha hábitos citadinos, porque fica a 8 km da grande cidade de Badajoz. Por isso, considero-me uma pessoa, uma raiana de gema. E na escola, eu também tive sorte, diga-se de passagem... (.)⁴ Talvez tivesse tido sorte, então nunca me apercebi de maltratos nas escola. Tive uma professora excelente e ela... (.)⁴ O lema principal, na verdade, como se costuma dizer e sei que era verdade, era só para nos ensinarem na escola mas eu não tive essa, essa⁵ má sorte. Tive uma boa sorte em ter uma professora que nos dava... (.)⁴ que nos ensinava a ler e a escrever e nos dava educação, porque ela era também muito educada. Ela era muito querida!

E1: Não é muito comum na vossa geração. Geralmente separavam sempre a educação para a escola ao nível (das aprendizagens)⁶ de ler e escrever e a educação a nível de valores e princípios era em casa.

e6: Pois, mas eu... lá está, talvez nessa altura, seria sorte... mas eu achava que era assim e pensava que era assim em todas as escolas, porque ela era uma pessoa que eu tive contacto com ela até há uns 5 ou 6 anos. Ela morreu com 90 e tal quase 100 anos. Morreu praí há 5 anos e tive sempre contacto com essa professora, porque eu vivia em Campo Maior e ela depois de se reformar, reformou-se em Campo Maior e foi viver para Elvas; Elvas fica a 18km de Campo Maior. (.)⁴ Ela manteve sempre contato com essas alunas que teve em Campo Maior, portanto logo aí ... se revela que foi uma pessoa extraordinária e que marcou muito. Não era a professora que batia com aquelas réguas, ponteiros (.)⁴ que batiam, não... Eu não, não vivi ... (.)⁴ Nunca esse problema foi meu, foi uma infância muito feliz!

E1: Hoje em dia fala-se em trabalho infantil, acha que havia trabalho infantil no seu tempo?

e6: Havia, eu sei que havia, embora eu não tivesse vivido.

E1: Consegue dar um exemplo? Pode ser de histórias de outras amigas ou coisas que se passavam na sua terra.

e6: É o que eu digo, Campo Maior tem sido uma terra sempre abastada, se possa dizer assim, porque temos lá o comendador Rui Nabeiro que dá alma aquela terra. E... eu quando abri os olhos e comecei a ser gente, aos 7 ou 8 anos, convivi com o senhor Rui Nabeiro. Eu morava na mesma rua, moravam os pais dele e a mãe dele que era muito amiga da minha mãe e da minha família... (.)⁴ Eu vivi sempre entre a casa dos meus pais e a casa do Sr. Rui Nabeiro. Eu ia para a torrefação onde ele já fazia as torras do café Camelo[®] na altura. E, e sabia que havia lá, havia lá portanto crianças, não talvez da minha idade. Da minha idade não me lembro... dos 12, 13, 14 anos, não. Portanto, propriamente aquele trabalho infantil, mesmo na fábrica que era... e dava trabalho logo ali ao pessoal, não me lembro de haver crianças lá a trabalhar. Agora jovens já nos seus 16, 17 a partir dos 16, 17 anos talvez já estivessem lá a trabalhar. Mas vi sempre um ambiente... continuo a dizer em Campo Maior, na minha família e nesse trabalho que eu acompanhei mais, não. (.)⁴ Porque o trabalho do campo e assim eu não acompanhei... não posso dizer. Não sei se haveria pessoas, crianças a trabalhar no campo mas não me lembro, não me lembro de ouvir falar nisso naquela vila. (...) ⁷

E1: Há assim alguma música que a tenha marcado e que queira partilhar sobre esses momentos?

e6: Na escola, mesmo a professora que já falei, ensinava-nos sempre a cantar as “ saias”, que nós cantávamos no dia que fazíamos a passagem de classe. Nós íamos pela rua, o grupo que tinha feito a prova, porque fazíamos a prova para passarmos da 1.^a para a 2.^a classe... Agora é o 1.^o ano, 2.^o ano, antes era a 1.^a classe, 2.^a classe, 3.^a classe e 4.^a classe. E nós íamos a casa das colegas e ia o grupo todo. Os pais tinham lá um lanche e nos íamos cantando pela rua: *As saias de Campo Maior*, que a professora nos ensinava e fazíamos umas quadras alusivas à professora por nos ter passado de classe.

E1: Então era uma música que era criada, inventada por vocês?

e6: Não, não. A música já era da música das saias de Campo Maior, do folclore de Campo Maior. A professora fazia era umas quadras em relação a nós termos passado de classe. Viva à nossa professora, que é a melhor professora... Agora não me lembro de uma quadra

propriamente dita, mas era sempre “VIVAS” à professora mas cantando a música das saias.

E1: Lembra-se como é que era a vida no seu bairro, na freguesia onde cresceu? Recordasse?

e6: Ahh⁸, sim. (.)⁴ A nossa, a nossa⁵ vida é assim, nós... Portanto na idade escolar ou já depois da, da⁵ idade escolar?

E1: Como é que funcionava lá na vila? Tem alguma história que queira partilhar connosco? Uma história engraçada, caricata que se recorde desse tempo.

e6: Olhe era assim... eu (.)⁴ da parte quando era criança, era uma vida, a minha vida era muito pacata porque nós não íamos... não saíamos da Vila. Íamos, fazíamos no máximo 18 km que era Elvas. Havia um autocarro que fazia ali várias viagens Campo Maior-Elvas e vice versa e se tínhamos algum problema para resolver em Elvas era já um dia de festa, como se fosse hoje quando vão de avião a França ou à Bélgica. Nós íamos a Elvas a 18km num autocarro era um dia de festa. Era um dia de festa⁹! Mas, portanto, nessa parte da idade escolar não digo tanto ...porque íamos à escola, vínhamos para casa, a minha mãe era sempre quem me fazia os trabalhos de casa. Depois como a casa da minha mãe era uma casa muito grande, as amigas que viviam na mesma rua, onde morávamos, que eram 4 ou 5 que estávamos ali, iam todas para minha casa e então depois brincávamos, íamos brincar no quintal, fazia-nos o lanche e brincávamos até à noite. Muitas vezes de noite íamos para a rua brincar, também. Andávamos por ali, rua a baixo, corríamos umas com as outras e cantávamos. Essencialmente cantávamos, principalmente, era o cantar, cantávamos “as saias” .

E1: Eu agora ia perguntar... se ainda se lembra de alguma tradição do local aonde cresceu relativo ao Natal, à Páscoa ou a outra época que se recorde.

e6: Humm...

E1: Alguma tradição específica de lá e que a faça recordar?

e6: Sim, recordo-me porque as tradições dessa época (.)⁴ (...) ⁷

e6: A principal de todas, a nossa Festa das Flores. Que é (...) hoje chama-se as festas do povo e que são conhecidas já em todo o mundo. Agora neste preciso momento, em que estamos a falar, está um grupo de pessoas no Japão (.)⁴ foram lá ornamentar... foram lá fazer duas ruas iguais à que fazem em Campo Maior com a estrutura feita de madeira e as flores de papel para a inauguração de um pavilhão que eles inauguraram agora no japão. (...)⁷

E1: Poderia descrever o que é que sente quando fala da sua freguesia, da sua vila, onde cresceu? O que é que é que sente?

e6: Pois, o que eu sinto... Eu não sinto, eu estou vivendo, eu estou vendo todas as árvores, todas as pedras, todas as portas, todas as casas, todas as caras...

E1: Como se estivesse lá?

e6: Igual... Não sei, (.)⁴ emoção?! Não, não⁵ é de emoção, porque eu graças a Deus tenho a oportunidade de ir lá sempre que me apetece e de de⁵ ir lá... que não tenho problemas. Ahh⁸ mas pronto... eu não posso descrever o que é que sinto. Mas de qualquer das maneira sinto-me muito bem, não é?!

E1: São bons sentimentos?

e6: Sempre.

E1: Nós agora vamos falar sobre o tema das famílias. Que diferença lhe parece poder existir entre as famílias que existem hoje em dia e as do passado? As principais diferenças? Consegue assim, distinguir algumas diferenças?

e6: Pois, as diferenças aqui... antigamente as pessoas primeiro que tudo não se espalhavam como se espalham agora. Ficavam! Os filhos ficavam trabalhando junto dos pais ou muito perto dos pais, isto até ao 25 de Abril. Depois, daí tudo mudou e hoje já não digo os filhos, já falo nos netos que já não têm tempo, acabou o tempo... Nós tínhamos tempo, eu tive os meus pais comigo até Deus os levar e hoje não há tempo nem tão pouco para os ir levar ao lar. Já não digo de os ir lá visitar, de os ir lá levar. Pegam no telemóvel e chamam a ambulância (olhe)⁶ (.)⁴ vão levar os meus pais ao lar que eu quando puder vou lá vê-los, e isso marca-me muito...

E1: Preocupa-lhe muito?

e6: Muito, muito, muito⁵. (...) ⁷

E1: Relativamente a outro tema, também delicado, sobre a solidão existem várias histórias de solidão entre os idosos e não só. Sabe que existem pessoas mais velhas que passam muito tempo sozinhas e que é recorrente nem terem notícias dos filhos. Outros em que os filhos não obedecem aos pais e outros até que são maltratados pelos próprios filhos. Conhece algum caso deste tipo de solidão, de abandono ou de maus tratos?

e6: Não, felizmente, não conheço. Ainda bem que não conheço... porque eu não suportava.

E1: E quando ouve na televisão estes relatos, qual é a sua opinião acerca do assunto?

e6: Não, não, não⁵ suporto. Eu penso que as pessoas que fazem isso e que abandonam também, devem ter sérios problemas. Têm de ter problemas dentro deles mal resolvidos para eles fazerem uma coisa dessas aos pais. Mas, existe. Infelizmente, existe...

E1: É verdade. E quando se fala destas questões da solidão, do abandono. Tem alguma música que se recorde, particularmente e que faça lembrar esta questão do abandono nos idosos ou da solidão em si?

e6: (...) ⁷ Cantavam nos cruzamentos das ruas que era para as pessoas se juntarem. Começavam a cantar e as pessoas ouviam e ia tudo ouvir a cantar o fado. Mas o engraçado é que eles cantavam fado, mas cantavam sempre dando uma notícia. (...) ⁴ Aquela letra dos fados que eles cantavam era uma notícia do que se estava a passar. Mas como nessa altura havia a censura, as notícias tinham censura e não podiam dar certas notícias na rádio porque eram censuradas e cortavam. E eles, cantando, transmitiam o que se estava a passar que é o que se está passando hoje. O que é que nós dizíamos? “Aí mãe...” eu dizia para a minha: “mãe vamos ouvir os fados do senhor que vem cantar, aquela do desgraçadinho. Aquele fado do desgraçadinho, vamos lá ver se ele sempre matou a mãe, se a mãe matou o filho...” que eram sempre histórias e que é o que se passa hoje. (...) ⁷

E1: Quais são as mudanças sociais, principalmente, da sua época e da sua geração? Relativamente a mudanças quer sejam políticas, tecnológicas, na mentalidade das pessoas,

do papel das mulheres na sociedade. Quando falamos de mudanças sociais qual é a mudança que acha que marcou a sua época?

e6: Olhe foi dar um bocadinho mais de poder às mulheres porque, nós estávamos nessa altura, antes do 25 de Abril nem votar se podia votar. E quando se falava em política era tudo em silêncio. Em certos sítios nem entravam, em repartições públicas. (...) ⁷

E1: Relativamente a este tema, têm alguma música que associe a mudanças sociais, que marcaram grandes mudanças sociais?

e6: Ah ⁸ pois, eu para mim, eu para mim ⁵ foi a Grândola Vila Morena. Ainda hoje aquilo foi um passaporte, como digo, foi um passaporte ⁹.

E1: Ainda se recorda de quem é que cantava?

e6: Ahh ⁸, quem cantava a Grândola Vila Morena? Era o Zeca Afonso. Eram as canções dele, aquilo foi um passaporte...

E1: Transmitia sempre uma ideia revolucionária?

e6: Sim, e a Catarina Eufémia que foi uma vencedora.

E1: Ao longo da vida, certamente teve bons e maus momentos. Momentos de sucesso, momentos de fracasso. Tem algum momento menos bom que gostaria de partilhar? E a forma como superou essa situação, (ou seja), as estratégias que arranjou para superar?

e6: Ah ⁹, sim. Assim menos bom mas, também, não foi das piores... (.) ⁴ Foi a separação com o pai dos meus filhos, foi uma separação, nem sei classificar. Não houve, sei lá. (.) ⁴ Como vou explicar...

E1: Um motivo?!

e6: Não houve um motivo de ódio, de discussões, de fazer sofrer os filhos. Foi as circunstâncias da vida, em que uns... estávamos trabalhando separados. Ele estava dando aulas em... próximo de Castelo Branco e eu trabalhava em Campo Maior. E, ele, arranjou-se lá com outra pessoa e pronto. Não houve grandes problemas, nem grandes discussões. Pois, eu aí, sofri não é? E tinha de sofrer, era o pai dos meus filhos... Mas segui em frente

e ele seguiu em frente e ele continuou sempre a ser um bom pai, até hoje, e eu uma boa mãe. Hoje temos uma relação, aliás nunca deixámos de ter, por causa dos filhos. Quando os filhos tinham algum problema, era partilhado esse problema até hoje. E foi a... que me marcou aí um bocado.

E1: Nesse tempo, conseguir ultrapassar e manter essa relação, também, foi uma grande vitória?

e6: Sim, sim⁵. E isto já lá vão 30 anos.

E1: Tem, assim alguma música que associe a esse momento menos bom? Que ouvisse mais nessa altura ou que a faça recordar esse episódio?!

e6: Não, não⁵... porque eu nessa altura, digamos, dediquei-me ao trabalho. Eu trabalhava e era o trabalho e era os meus filhos. (...) ⁷

E1: Relativamente a bons momentos, consegue descrever um dos melhores momentos da sua vida?

e6: Olhe, um dos momentos bons, mesmo bons, da vida⁹, quando eu era mais nova... (.)⁴ ahh⁸, eram as festas. O teatro que fazíamos todos os anos lá no convento com as freiras, isso para mim, foi praí logo o pouquinho que eu tinha do teatro, do cantar, de ... (.)⁴ Se eu pudesse ter estudado nessa altura e seguir artes era para onde eu ia. (...) ⁷

E1: Recorda-se de alguma música que nessas preparações de peças de teatro cantassem todas lá no convento?

e6: Tínhamos o Hino de Santa Beatriz da Silva, que a Santa Beatriz da Silva nasceu em Campo Maior. (...) ⁷

E1: Como ocupa, atualmente, o seu tempo livre? Conte-nos o que faz nas suas horas vagas?

e6: Não sei quando são as minhas horas vagas... ((Sorri))³ Ainda não parei, ainda não parei⁵. Onde ocupo as minhas horas vagas é a fazer flores de papel, não há dúvida nenhuma. (...)

E1: Encontra alguma diferença entre a forma como o tempo livre é ocupado hoje em dia pelos jovens e no passado?

e6: No passado havia tempo livre para brincarmos, passearmos e irmos ao jardim com os colegas. Agora... (.)⁴

E1: Era passado muito tempo na rua? E agora?

e6: Agora não. Passam no sofá com os telemóveis e as consolas. Não há tempo nem para dar um beijo, à tia ou à avó, não há tempo. Deixa estar, deixa estar⁵ que a gente logo fala. Mas nunca chega o tempo...

E1: Recorda-se de alguma música que gostaria de ouvir no seu tempo livre de jovem?

e6: aí aí⁵... ((Fica a refletir))³

E1: Uma música que ouvisse muito ou que cantasse muito?

e6: Oi, oi⁵, não sei. Hoje é uma e amanhã é outra, assim especificamente, sei lá. Mas “as saias” estão sempre presentes. “As saias de campo Maior” estão sempre presentes⁹.

E1: E o Hino que falou?

e6: Exatamente.

E1: E hoje em dia há, assim, alguma música que goste de ouvir ou de cantar?

e6: Olhe eu sou muito fã do Marco Paulo. (...) ⁷

e6: Gosto muito da, da Nossa Senhora. Lá está a ligação à Nossa Senhora, à fé, ao cristianismo...

E1: Tem algum refrão de alguma música que gostaria de cantar neste momento? /O entrevistado fica em silêncio/¹

E1: Um refrãozito?

e6: Olhe, esta do Marco Paulo, que é bem bonita...

*“Nossa senhora nos dê
Do meu destino a mão,
Cuida do meu coração,
Da minha vida,
Do meu destino,
Do meu destino,
Cuida de mim” (...)*

E1: Obrigada, D. C. (0)² ((Sorri))³ Olhe chegámos ao fim desta entrevista. (.)⁴ Gostaria muito de agradecer a sua participação e a sua colaboração neste projeto. É de salientar que toda a informação que aqui recolhida damos garantia de anonimato e é apenas utilizado para fins académicos e científicos. Muito obrigada.

e6: Espero que sirva para o seu currículo, que seja bom e que tenha uma boa nota e que continue a ser uma boa menina.

E1: Obrigada.

Glossário:

E1: 1.º Entrevistador

E6: 6.º Entrevistado

¹ /Descrição complementar/

²(0) Ocultado dados pessoais/garantia de anonimato;

³(()) Descrição de uma atividade não verbal;

⁴(.) Micro-pausa;

⁵ Repetição de uma palavra;

⁶ (conteúdo escrito) Transcrição alternativa de um segmento pouco audível;

⁷(...) Segmento do vídeo não transcrito por resposta desadequada ao tema;

⁸ Inspiração (Duração: h, hh, hhh);

⁹ Sublinhar a palavra que se deseja dar Ênfase

Apêndice IX – Listagem de Memórias Musicais de Todos os Participantes

Tabela I

Memórias musicais e sentimentos relativos ao percurso educacional, escolar e familiar

Participantes	Tema: Percurso educacional (familiar e escolar)
Q1	Música Popular; Cante Alentejano (no geral).
Q2	Hino Nacional: “A Portuguesa”, 1890.
Q3	Fado de Coimbra, de Alberto Ribeiro, 1952; Músicas do “Pátio das Cantigas”, filme de 1942.
Q4	Músicas infantis e românticas (no geral).
Q5	Música popular (no geral). Música folclórica (no geral).
Q6	Fado: “Vou dar de beber à alegria” de Hermínia Silva, 1981.
Q7	Música clássica/erudita (Séc. IX, no geral). Música ligeira (no geral). Música - “Canção de embalar” de José Afonso, 1968
Q8	Música ligeira (no geral); Música Folclórica (corridinho do Algarve). Músicas de danças de salão.
Q9	Música Popular: “Apita o comboio”.
Q10	“Música no coração”, do filme de <i>Robert Wise</i> , 1965.
Q11	Música popular para crianças: “Fui ao jardim da Celeste”.
Q12	Música popular para crianças (no geral). Música espanhola (no geral). Música brasileira (no geral).
Q13	Hino Nacional, “A Portuguesa”, 1890.
Q14	Música popular para crianças: “A loja do mestre André”.
Q15	Música - “Canção de embalar” de José Afonso, 1968.
Q16	Música popular para crianças: “Mora à beirinha do charco”. “Num Palácio encantado.”.

Q17	Músicas popular para crianças: “A loja do mestre André”.
Q18	Música: “Gaiyota Voava, Voava”, também conhecida por “Somos Livres” de Ermelinda Duarte, 1974.
Q19	Música popular para crianças: “A loja do mestre André”.
Q20=E2	Q20: Música: “Pomba Branca” cantada por Beatriz Conceição e Max, 1973. E2: Música popular para crianças: “As pombinhas da Catrina”; “Lá vai o comboio, lá vai, lá vai”; “Indo eu, indo eu a caminho de Viseu”.
E1	Música romântica: “Oh tempo volta para trás”, de António Mourão, 1965. Música infantil: “Apanhar o Trevo”; Hino da Mocidade Portuguesa, 1937; Músicas de Madalena Iglésias (iniciou-se na música em 1950, dominando a década de 1960).
E3	Música: “A minha casinha” de Xutos e Pontapés, 1988.
E4	Fados (Lisboa, desde o Séc. XIX); (Todas as músicas no geral).
E5	Música popular e música popular para crianças; “Dá-me uma gotinha de água, dessa que eu ouço correr”; “Rosa branca desmaiada”; “Manjerico da janela”; “Ó pavão lindo pavão”.
E6	Música popular e regional: “As saias de Campo Maior”.

Tabela II

Memórias musicais de todos os participantes associadas às famílias do “antigamente”

Participantes	Tema: Dinâmica Familiar
Q1	Música popular. Cante Alentejano (no geral).
Q2	Fado: “Uma casa Portuguesa” de Amália Rodrigues, 1953.
Q3	Hino Nacional, “A Portuguesa”, 1890.
Q4	Fado: “Casa da mariquinhas” de Amália Rodrigues, 1968.
Q5	Fado (no geral).
Q6	Música Clássica (no geral). Tango (Estilo musical e de dança argentina). Música brasileira (no geral). Música espanhola (no geral).
Q7	Hino Nacional, “A Portuguesa”, 1890.
Q8	Música Rock, “ <i>Lets twist again</i> ” de <i>Chubby Checker</i> , 1961.
Q9	Músicas do cantor Luís Piçarra (1917-1999).
Q10	Música do filme <i>A Aldeia da Roupa Branca</i> : “Água fria da ribeira” de Beatriz Costa, 1938.
Q11	Música Ligeira: “Os teus olhos castanhos” de Francisco José, 1951.
Q12	Música Popular: “O mar enrola na areia” e “O vira”. Música Britânica: “ <i>Yellow submarine</i> ” dos <i>Beatles</i> , 1969. Todas as músicas dos <i>Rolling Stones</i> (1962, até ao presente).
Q13	Música do filme - <i>A Aldeia da Roupa Branca</i> : “Água Fria da Ribeira” de Beatriz Costa, 1938.
Q14	Fado: “Uma casa Portuguesa” de Amália Rodrigues, 1953.
Q15	Fado: “Casa da Mariquinhas” de Amália Rodrigues, 1968.
Q16	Fado: “Uma casa Portuguesa” de Amália Rodrigues, 1953.
Q17	Hino Nacional, “A Portuguesa”, 1890.
Q18	Não respondeu.
Q19	Fado: “Uma casa Portuguesa” de Amália Rodrigues, 1953.
Q20=E2	Q20: Música italiana, “ <i>Volare</i> ” de <i>Domenico Modugno</i> , 1958 (Festival Eurovisão da Canção)

Música popular americana do filme: *The Man Who Knew Too Much*, “*Whatever will be, will be*”, referida pelo participante como “*Qui Será, será*” de *Doris Day e James Stewart*, 1956.

E2: Música popular para crianças:

“As pombinhas da Catrina”;

“O comboio, lá vai, lá vai”;

“Indo eu, indo eu a caminho de Viseu”

Cante Alentejano (recorda a família e a solidão)

“Abalei para Lisboa

porque a vida cá é má,

à busca de coisa boa,

Porque muito não há cá (...)”.

- E1 “Oh tempo volta para trás” de António Mourão, 1965.
 “Quem eu quero não me quer” de António Mourão, 1984.
 “Dá tempo ao tempo” de António Mourão.

E3 Fado (no geral).

E4 Fado (no geral).

E5 Música: “Oh tempo volta para trás” de António Mourão, 1965.

E6 Fado (no geral).

Tabela III

Memórias musicais de todos os participantes associadas às mudanças sociais

Participantes	Tema: Mudanças Sociais
Q1	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q2	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q3	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q4	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963. Música: “A Portuguesa” - Hino Nacional, 1890.
Q5	Música: “ <i>Yellow Submarine</i> ” dos <i>Beatles</i> , 1969.
Q6	Música: “Grândola Vila Morena” de José Afonso, 1971.
Q7	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q8	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q9	Música: “Grândola Vila Morena” de José Afonso, 1971.
Q10	Música: “Grândola Vila Morena” de José Afonso, 1971.
Q11	Música: “ <i>Let's Twist Again</i> ” de <i>Chubby Checker</i> , 1961.
Q12	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q13	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q14	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q15	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q16	Música: “Grândola Vila Morena” de José Afonso, 1971.
Q17	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q18	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q19	Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963.
Q20=E2	Q20: Música: “Vampiros” de José Afonso, 1963 E2: Músicas de José Afonso, período musical de 1962 a 1968 com músicas de intervenção; Músicas de Fausto (álbum intitulado <i>Fausto</i> , de 1970, e de outros álbuns do mesmo cantor).
E1	Músicas de intervenção da época alusivas ao 25 de Abril.
E3	Músicas de <i>Joan Baez</i> , 1960 (compositora e intérprete).
E4	Músicas de José Afonso, período musical de intervenção, de 1962 a 1968; Músicas de José Mário Branco (desde 1963 até ao presente); Música Popular (todas as músicas no geral); Fado de Lisboa; Música inglesa (no geral) e norte-americana (no geral).
E5	Música: “Grândola Vila Morena” de José Afonso, 1971.
E6	Música: “Grândola Vila Morena” de José Afonso, 1971.

Tabela IV**Memórias musicais de todos os participantes associadas aos momentos de vida significativos**

Participantes	Tema: Bons momentos
Q1	Não respondeu.
Q2	Música: “Cartas de Amor” de Tony de Matos, 1950. Música romântica associada aos tempos de namoro.
Q3	Não respondeu.
Q4	Música: “Rosinha dos Limões” de Francisco José, 1962. Música: “ <i>Yellow Submarine</i> ” dos <i>Beatles</i> , 1969. Música Popular e <i>Rock and Roll</i> , no geral. Músicas associadas aos tempos de juventude.
Q5	Não respondeu.
Q6	Músicas dos anos 50 (no geral). Músicas associadas aos tempos de juventude.
Q7	Músicas de José Afonso (no geral). Músicas de revolução alusivas ao 25 de Abril.
Q8	Música Clássica (no geral). Valsas (no geral). Tangos (no geral). Música Rock, “ <i>Lets twist again</i> ”, de Chubby Checker, 1961. Músicas associadas à juventude e convívios.
Q9	Música: “Grândola Vila Morena” de José Afonso, 1971. Músicas de intervenção associadas a grandes conquistas e vitórias.
Q10	Música: “Eu tenho dois amores” de Marco Paulo, 1980. Música romântica associadas à juventude.
Q11	Não respondeu.
Q12	Músicas de filmes de “Joselito” de José Fernandez, 1943. Músicas associadas aos tempos de juventude.
Q13	Não respondeu.
Q14	Música: “Cartas de Amor” de Tony de Matos, 1950. Músicas romântica associada aos tempos de namoro.

Q15	Música: “Maravilhoso Coração” de Marco Paulo, 1991. Música romântica associada a momento da infância. Recorda com saudade o amor pela mãe.
Q16	Não respondeu.
Q17	Não respondeu.
Q18	Música: “Oh tempo volta para trás” de António Mourão, 1965. Música ligeira associada aos tempos de juventude.
Q19	Música: “Gaivota voava, voava”, também conhecida por “Somos livres” de Ermelinda Duarte, 1974. Músicas Popular associadas à infância e ao pós 25 de Abril.
Q20=E2	Q20: Música: “Je t’aime moi non plus” de <i>Jane Birkin e Serge Gainsbourg</i> , 1976. E2: Músicas de Marine Marine. Músicas de António Mourão, mais conhecido desde 1965 após gravação do tema: “Oh tempo volta para trás”; Música: “Barco negro” de Amália Rodrigues, 1954, versão original gravada em 1978, após a revolução de 25 de Abril de 1974. Música: “O arroz está cru” de Júlia Babo e Isabel Wolmar; Música: “ <i>C’est l’amour, c’est l’amour</i> ”, de <i>Edith Piaf</i> . Músicas romântica francesas associadas ao amor.
E1	Música Africana (no geral).
E3	Música <i>Disco Sound</i> - Músicas da editorial <i>Mountain</i> que lançou <i>Glória Gerner</i> , <i>Queen</i> (1970) e <i>Abba</i> (1972). Música dos <i>Beatles</i> , 1969.
E4	Música Clássica (no geral).
E5	Música Popular: “Lírio roxo do campo”; “O manjerico da janela”; “Camponesa, camponesa”
E6	Hino de Santa Beatriz da Silva de Campo Maior

Tabela V

Memórias musicais associadas aos momentos de vida negativos

Participantes	Tema: Pior momento
E1	Fado (no geral); Músicas de Madalena Iglésias (iniciou-se na música em 1950, dominando a década de 1960).
E2	Música Clássica (no geral).
E3	Músicas associadas ao 25 de Abril: “Depois do adeus” de Paulo de Carvalho, 1974.
E4	Música revolucionária portuguesa.
E5	Música: “Nem às paredes confesso”, na versão de Amália Rodrigues.
E6	Sem memórias musicais.

Nos questionários não foi possível obter dados relativamente a memórias musicais associadas ao pior momento da vida dos participantes, visto ser um tema que não desejavam abordar e aos quais não associavam memórias musicais.

Tabela VI – Memórias musicais de todos os participantes relativas aos tempos livres no passado

Participantes	Tema: Tempo livre da juventude
Q1	Música: “Rosinha dos limões”, de Francisco José, 1962.
Q2	Música: “Lisboa menina e moça” de Carlos do Carmo, 1976.
Q3	Música: “Oh tempo volta para trás” de António Mourão, 1965.
Q4	Música: “Nem às paredes confesso”; de Amália Rodrigues, 1954. Música: “Barco negro” de Amália Rodrigues, 1954 (versão original gravada em 1978, após a revolução de 25 de Abril de 1974). Música: “Beija-me muito” de Francisco José, 1962.
Q5	Música Popular (no geral).
Q6	Não respondeu.
Q7	Não respondeu.
Q8	Folclore (no geral).
Q9	Música: “Rosinha dos limões”, de Francisco José, 1962.
Q10	Não respondeu.
Q11	Música: <i>Rock and Roll</i> (em geral), nomeadamente dos Beatles, 1960.
Q12	Música Popular (no geral).
Q13	Música Popular: Dançar nos bailes a música “Apita o comboio”.
Q14	Música: “Rosinha dos limões”, de Francisco José, 1962.
Q15	Música: “Rosinha dos limões”, de Francisco José, 1962.
Q16	Não responde.
Q17	Não responde.
Q18	Música: “Beija-me muito” de Francisco José, 1962.
Q19	Folclore (em geral).
Q20=E2	Q20: Música popular infantil: “Indo eu, indo eu a caminho de Viseu...”, “As pombinhas da Catrina”. E2: Música Ligeira: “Os teus olhos castanhos” de Francisco José, 1951.
E1	Tango (música e dança com origem na Argentina); Valsa (música e dança na Áustria e Alemanha, meados séc. XIX); Música popular (em geral).
E3	Músicas de Tony de Matos (Gravação do seu primeiro disco, 1950); Músicas de Maria de Lurdes Resende (estudou-se na emissão nacional em 1945 e alcançou maior popularidade em 1960 a 1970).
E4	Música Popular e Folclore português (em geral). “O que você vai fazer, domingo à tarde (...), de Nelson Ned, 1969.
E5	Cante Alentejano e Música Popular: “Dá-me uma gotinha de água”; “Rosa Branca desmaiada”; “O Lírio roxo do campo”.
E6	Música Popular (em geral).

Tabela VII

Memórias musicais de todos os participantes relativas aos tempos livres atuais

Participantes	Tema: Tempo livre atualmente
Q1	Música: “Desfolhada Portuguesa” de Simone de Oliveira, 1969.
Q2	Música Clássica (no geral); Fado (no geral).
Q3	Fado de Coimbra (Coimbra, desde o séc. XIX).
Q4	Música: “Uma casa Portuguesa” de Amália Rodrigues, 1953.
Q5	Música Clássica (no geral). Música Country (Música popular do Sul dos Estados Unidos, 1920).
Q6	Tango (Estilo musical e de dança com origem na Argentina, séc. XIX). Música espanhola (no geral).
Q7	Música Clássica (no geral).
Q8	Tango (Estilo musical e de dança com origem na Argentina). Valsa (Estilo musical e de dança na Áustria e Alemanha, séc. XIX).
Q9	Música: “Amar pelos dois” de Salvador Sobral, 2017.
Q10	Música Ligeira (no geral).
Q11	Música <i>Rock and Roll</i> dos Beatles, 1960.
Q12	Fado (no geral). Música: “Amar pelos Dois” de Salvador Sobral, 2017. Música Country (Música popular do Sul dos Estados Unidos, 1920).
Q13	Não respondeu.
Q14	Música: “Desfolhada Portuguesa” de Simone de Oliveira, 1969.
Q15	Música: “Oh tempo volta para trás” de Tony de Matos, 1965.
Q16	Música: “Eu tenho dois amores” de Marco Paulo, 1980.
Q17	Música: “Amar pelos dois” de Salvador Sobral, 2017.
Q18	Música Ligeira, Brasil - 1990 (no geral).
Q19	Folclore (no geral).
Q20=E2	Q20: Música dos anos 60 (no geral). Música Pop / Rock: (Beatles, 1960 e Abba, 1972). E2: A música desenvolvida pela entrevistada em homenagem ao local de trabalho, designada: “Saudade”.
E1	Fado (no geral) e “É tão bom ser pequenino, ter pai, ter mãe...” de Alfredo Marceneiro (em 1924 participa na 1.ª festa de fado e é consagrado o rei do fado em 1948. Gravou o 1.º álbum nos anos 60).
E3	Músicas de Joan Baez (compositora e intérprete). Música “Diamonds and rust” de Joan Baez, 1975.
E4	Música Clássica- Não se recorda de uma música em especial.
E5	Música Popular. Canto Alentejano. Música: “Lírio roxo do Campo”.
E6	Música: “Nossa Senhora de Fátima” de Marco Paulo, 2001.

ANEXOS

Anexo I – Guião de Entrevista Aplicado no Estudo de Investigação em Andaluzia

- Lembra-se da **vida do seu bairro ou da sua cidade ou da sua freguesia**? Pode contar-nos alguma história/anedota sobre como as pessoas viviam antes? [Vida na comunidade]
- Lembra-se de algumas **tradições**? Importa-se de descrever algumas dessas tradições? [Tradições]
- Fala-se muito de (e) ou (i)**migrantes** e questões de integração, incluindo incidentes de violência, mas também manifestações a favor da integração. **Teve alguma experiência relacionada com problemas de (e)ou(i)migração**? [Experiência Integração]
- Quer dar algum **conselho ou ideia à sociedade atual e futura que possa ajudar a resolver esses problemas de integração dos migrantes**? [Solução integração]
- **Sente-se muito ligado à sua cidade/vila/freguesia**? (Isso é, sente-se parte integrante do seu ambiente, identificado com a sua cidade/vila/freguesia?)
- Poderia descrever-nos o que sente quando se fala de sua cidade/vila/freguesia? [Sentimento de pertença]
- [No caso de ter sido emigrante] **Quando emigrou, poderia descrever-nos os seus sentimentos em relação a novos locais de residência**?
- **Depois de emigrar, a que lugar sentiu que pertencia**? [Sensações da mudança]
- **Quando falamos de convivência, de vida nas aldeias, de imigração, de emigração, de integração, etc., isso faz-lhe lembrar alguma canção ou música**? Se assim for, pode dizer-me qual é ou de que tipo é? [Música sobre o aspeto social]

- Se não se importa, vamos abordar uma questão que tem a ver com as relações com a família e amigos.
- **O que acha de como são as famílias agora**? [Famílias atuais]
- **Que diferenças lhe parece que podem existir entre as famílias que conheceu no passado e as famílias do presente**? [Comparação entre famílias do passado e do presente]
- Neste âmbito, surgem notícias de que há filhos que não obedecem aos pais ou até mesmo de que os maltratam. Outra coisa negativa parece ser a **solidão de algumas pessoas mais velhas que não têm amigos ou contato com as suas famílias. Conhece alguma situação deste tipo**?
- Se conhece algum caso deste tipo, poderia dizer-nos qual a sua **opinião sobre essa situação ou descrever um caso que conheça desse tipo**? [Famílias negativos]
- Do seu ponto de vista, **como se poderiam resolver ou aliviar esses problemas**? [Solução para problemas de famílias negativas]
- **Quando se fala sobre estas questões, vem-lhe à memória alguma canção ou peça de música em particular**? [Música sobre Família]

- **Vamos falar agora sobre outras questões. É comum ouvir-se que nas últimas décadas tem havido grandes mudanças sociais, incluindo mudanças na política, na ideologia/mentalidade, no papel das mulheres na sociedade, na tecnologia, etc. Se concorda com a ideia de que tem havida uma mudança acelerada, em que aspetos acha que tem havido mais mudanças**?
- Poderia descrever algum evento ou anedota que sirva como exemplo dessas **mudanças**? [Mudanças sociais]

Modelo de entrevista
Projeto Memória Música

- Vamos começar a entrevista com [nome e apelidos]. Na entrevista falamos com o sr/sra sobre a sua vida, as suas ideias, as suas histórias e memórias, sobre o que se lembra, sobre algum tipo de música ou canções ou peças musicais. Primeiro que tudo, agradecemos a sua participação. Lembramos que a qualquer momento é possível concluir a entrevista e que todas as informações recolhidas serão somente registadas para estudos científicos. Portanto, **os seus dados pessoais serão salvaguardados** e em nenhum caso serão tornados públicos. Somente os resultados da pesquisa poderão ser publicados, sendo sempre assegurado o anonimato.
- **Concorda em participar nesta entrevista?** [SIM / NÃO] (no caso de dizer não, agradece-se a participação e termina a entrevista).
- **Importa-se de nos dizer o seu nome e idade?** [Idade] (homem ou mulher)
- **A que atividade dedicou a sua vida, principalmente?** [Ocupação principal]
- **Se teve oportunidade de estudar, pode-nos dizer que estudos realizou?** [Nível educacional]
- **Onde mora atualmente?** [Residência atual]
- **Há quanto tempo vive aí?** [Tempo de residência habitual].
- **Com quem vive na sua residência atual?** [Quem reside com ele/ela]
- **Como se dá com a família?** [Relações familiares]
- **Tem contacto com os seus amigos?** [Contacto com amigos]
- **Importa-se de definir a relação que tem com os seus amigos?** [Relação com os amigos]
- **Tem residido em outras localidades, para além desta?** [Residência em outros lugares]
- **Se assim for, pode dizer-nos em que locais residiu e por quanto tempo?** [lugares e tempo de residência prévia]
- **Se viveu em outros lugares, o que o motivou a deixar esses lugares?** [Razões do movimento]
- **Como avalia a sua situação económica?** [situação económica]

- Poderia dizer-nos **como era a escola** no tempo em que a frequentou? [Escola]
- No passado, poderia dizer-nos **como as crianças eram criadas?** Quer dizer, como eram educadas, quem eram os responsáveis pela sua educação, que papel lhe parece que tinha a escola e a família, etc. [Educação]
- Hoje em dia, fala-se às vezes do **trabalho infantil**. **Havia trabalho infantil na sua infância?** [Existência de trabalho infantil]. Se havia trabalho infantil, poderia **descrevê-lo** ou dar um exemplo desse trabalho? [Características do trabalho infantil]
- **O que lhe parece agora essa realidade que conheceu?** [Opinião sobre o trabalho infantil]
- Quando falamos de **educação, escola, família, trabalho infantil**, isso lembra-lhe **alguma canção ou música?** Se assim for, pode dizer-nos alguma coisa sobre essa canção ou música e de que tipo é? [Música relativa a educação]

- Nos últimos anos, tem-se dado uma ênfase especial à igualdade entre os cidadãos, especialmente entre homens e mulheres. O que acha sobre este aspeto? [Opinião Género]
- O que recomendaria à sociedade futura sobre as relações entre homens e mulheres? [Dicas género]
- A nível político e ideológico, como descreveria a situação de há várias décadas atrás, comparando-a com o presente? [mudanças ideológicas]
- Também observou mudanças na religião? Se observou mudanças na religião, poderia descrevê-las? [Alterações religiosas]
- Quando estamos a falar de mudanças sociais, será que lhe vem à mente algum tipo de memória que se lhe refira ou alguma música? [Música sobre Mudanças]

- Ao longo da sua vida, certamente teve momentos bons e maus momentos, momentos de sucesso e momentos de fracasso, e, claro, momentos de incerteza em que teve de se arriscar. Poderia contar-me alguns destes momentos? [Tempo de enfrentamento]
- Em momentos difíceis como os superou? Pode descrever uma situação e como a viveu pessoalmente? [Superação de fracasso]
- A um jovem da geração atual, o que lhe recomendaria para enfrentar os maus momentos? [Recomendações para enfrentar maus momentos]
- Lembra-se de algum tipo de música associada a esses maus momentos? [Música maus momentos]
- Que música lhe vem à mente quando se lembra dos momentos de sucesso? [Música sobre sucesso]
- Quase a terminar, gostaríamos de saber como no seu tempo de jovem se desfrutava do tempo livre, o que se fazia nesse tempo livre e quando se podia tê-lo? [Tempo livre]
- Encontra diferenças na maneira de usar o tempo livre no passado e agora? Quais? [Diferenças no lazer]
- Que recomendação faria à juventude de agora para utilizar mais ou melhor o seu tempo livre? [Recomendações de lazer]
- Que tipo de música costumava ouvir no seu tempo livre e que tipo de música costuma ouvir agora? [Música Entertentimento]

- Finalmente, pode contar-nos, brevemente, o melhor momento da sua vida? [O melhor momento]
- Existe alguma música ou canção que te lhe faça lembrar esse momento? Qual? [Música relativa ao melhor momento]

Anexo II – Convenções de Transcrição de Jefferson, Traduzido e Adaptado por Schnack, Pisoni e Ostermann

7. ANEXO - *Convenções de transcrição* (adapt. Jefferson, 2004)

Monospaced' Font: New Courier / Tamanho da fonte: 10 (*salvo indicação)

Símbolo	Fenómeno
.	Entoação descendente
?	Entoação ascendente
.	Entoação continua
: / :: / :::	Prolongamento do som (diferentes durações)
↑	Som mais agudo *Tamanho da fonte: 8 [1-Transcrever no ELAN (/) → 2-Converter na transcrição final: (↑)]
↓	Som mais grave *Tamanho da fonte: 8 [1-Transcrever no ELAN (\) → 2-Converter na transcrição final: (↓)]
-	Corte abrupto
<u>fala</u>	Ênfase [1-Transcrever no ELAN (fa"l_a_") → 2-Converter na transcrição final: (<u>fala</u>)]
FAla	Volume mais alto
fala	Volume mais baixo
>fala<	Fala acelerada *Tamanho da fonte: 8 [1-Transcrever no ELAN (»fala«) → 2-Converter na transcrição final: (>fala<)]
<fala>	Fala desacelerada *Tamanho da fonte: 8 [1-Transcrever no ELAN («fala») → 2-Converter na transcrição final: (<fala>)]
[] []	Falas sobrepostas
()	Micro-pausa (igual ou inferior a dois décimos de segundo)
(2.5)	Pausa (em segundos e décimos de segundos)
eh	Pausa cheia
mm	Sinal de retorno do ouvinte
h / hh / hhh	Inspiração (diferentes durações)
h / hh / hhh	Expiração (diferentes durações)
th	Estalar de lingua
...=	Turnos contíguos (ausência de pausa interturnos)
=...	
=	Ausência de uma micropausa intraturno (entre duas palavras)
()	Segmento inaudível não transcrito
(fala)	Segmento pouco audível de transcrição duvidosa
(fala/fama)	Transcrições alternativas de um segmento pouco audível
((escreve))	Descrição de uma actividade não verbal

GITD-CL UNL

Anexo III – Certificados de Formações Realizadas

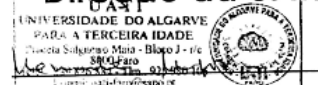


Cátia Almeida Caro

Apresentou a 23 de Outubro de 2017 o projeto: "*Memórias Musicais nas Pessoas Idosas*", no contexto da *Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social*, na Universidade do Algarve para a Terceira Idade, num total de 2 horas.

23 de Outubro de 2017

Direção da UATI

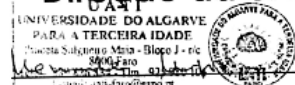


Cátia Almeida Caro

Realizou o Seminário "*Hipertensão Arterial na Terceira Idade: Um problema atual? Uma realidade a mudar!*" na Universidade do Algarve para a Terceira Idade, no dia 2 de Fevereiro de 2018 num total de 2 horas.

23 Fevereiro de 2018

Direção da UATI

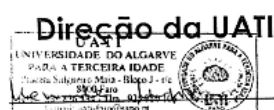




Cátia Almeida Caro

Realizou o seminário: "*Diabetes Mellitus Tipo 2 – Fatores de Risco. Cuidados a ter!*", na Universidade do Algarve para a Terceira Idade, no dia 26 de Fevereiro de 2018 num total de 2 horas.

5 Março de 2018



Cátia Almeida Caro

Realizou o seminário: "*Artrite Gotosa no envelhecimento*" na Universidade do Algarve para a Terceira Idade, no dia 3 de Abril de 2018 num total de 2 horas.

3 Abril de 2018



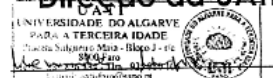


Cátia Almeida Caro

Realizou o seminário: "A doença de Alzheimer", na Universidade do Algarve para a Terceira Idade, no dia 21 de Maio de 2018 num total de 2 horas.

5 Junho de 2018

Direção da UATI



Cátia Almeida Caro

Realizou em Fevereiro de 2018 dinâmicas de grupo com a designação: "Oficina da Memória" no contexto do tema "Memórias Musicais nas Pessoas Idosas" a alunos da Universidade do Algarve para a Terceira Idade, no contexto da Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social, num total de 10 horas.

15 Abril de 2018

A direção do Mestrado, Dr^a. Aurízia Anica.

